



Antonia Simone Coelho Gomes

Álbuns de Pesquisa:

*Práticas de escrita como expressão da escolarização da
infância (1930-1950)*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

2008

Antonia Simone Coelho Gomes

Álbuns de Pesquisa:

***Práticas de escrita como expressão da escolarização da
infância (1930-1950)***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Soares de Gouvêa

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2008

Dedico essa tese àqueles que me ensinaram os caminhos a percorrer e depois tornaram-se luz: meus pais Arnaldo e Maria do Rosário; Fausto e Conceição.

Aos amigos que preenchem de luz o meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e determinação para continuar a caminhada.

Agradeço de forma especial à minha orientadora Maria Cristina Soares de Gouvêa que conduziu com competência e segurança o processo de construção dessa tese. Sua generosidade e a forma como sempre me incentivou foram fatores determinantes para o exercício de uma escrita madura.

Às professoras Diana Gonçalves Vidal, Ana Maria de Oliveira Galvão pelas contribuições importantes por ocasião do exame de qualificação. Meu carinho e admiração às mestres.

À professora Cynthia Greive Veiga que desde o parecer do projeto de pesquisa do doutorado mostrou disponibilidade a contribuir com indicações preciosas. Obrigada por ter aceito ao convite para participar da banca de defesa da tese.

À Ana Chrystina Mignot, quem me apresentou os caminhos da pesquisa em História da Educação, presença marcante nos meus saltos acadêmicos. Obrigada por ter aceito o convite para participar da banca de defesa da tese.

Aos professores do Programa de Pós Graduação da UFMG, em especial a Thaís Nívia de Lima Fonseca e Luciano Mendes Faria Filho por apresentarem sugestões de leituras e pela oportunidade de compartilhar conhecimentos.

A meus filhos Carolina e Fernando agradeço a compreensão das constantes ausências, pelos dias de tensão, principalmente, no período final da tese. Fiquem certos que estaremos compartilhando dias memoráveis!

À minha família: tia Auridéa, aos primos-irmãos Conceição, Liana, Fausto e Sonia. A meu irmão Arnaldo que mesmo longe\perto se faz presença em minha vida.

Aos amigos e participantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação (GEPHE- FAE/UFMG). Marileide Lopes dos Santos, Cecília Vieira do Nascimento, Aline Choucair Vaz, Obrigada pela acolhida em Belo Horizonte.

À Maria Cristina Robert Boechat, amiga que se dispôs a fazer a leitura da tese em formato preliminar.

A André Stroppa; Maria Evangelista Martins e Welerson Pereira da Silva que me acompanham no processo de crescimento pessoal.

À Ivete Monteiro pela cuidadosa revisão.

Agradeço a delicadeza de D. Djanira Vaz, Marília Imbelloni Hosken, Ladyr Cancela, Emília Rita Fraga Pinheiro, Rogério Carelli e D. Antonieta Pacheco por terem disponibilizado informações ou material para essa pesquisa.

Agradeço à diretora da Escola Estadual Melo Viana, Aparecida Borges Finotti pelo apoio e por ter me facilitado o acesso aos documentos do acervo da escola.

Aos amigos presentes nessa caminhada, próximos ou não, simplesmente por existirem distribuindo sorrisos e amizade sincera. Um agradecimento especial a Fernanda Resende quem, gentilmente, me acolheu em sua casa durante o primeiro semestre de 2004. Toda minha gratidão!

A Fabiana da Silva Viana e Mônica Yumi Jinzenji amigas que fizeram minha estada na capital mineira menos solitária.

As amigas Cláudia Bacan, Janet Nagib, Milene Millen, Fabiana Alves de Melo, Hélien Queiroz, Elaine Azevedo, Luana Siqueira e Andréa Caruso por serem amigas do coração, nunca deixaram de estar próximas.

A amiga Maria Aparecida Titonelli Freitas e Felix Rodrigues por serem companheiros de caminhadas em Juiz de Fora.

A Marcos Antonio Pereira e João Fábio do Carmo pela produção gráfica.

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG que possibilitou recursos para a participação em alguns congressos.

À FAPEMIG, Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, cuja bolsa foi muito importante para a realização do doutorado.

A todos que torceram e torcem por mim e que de uma forma ou de outra me deram força para vencer barreiras e conseguir realizar mais esse sonho.

“Devíamos poder preparar os nossos sonhos, como artistas, as suas composições. Com a matéria sutil da noite e da nossa alma, devíamos poder construir essas pequenas obras-primas incomunicáveis, que ainda menos que a rosa, duram apenas o instante em que vão sendo sonhadas, e logo se apagam sem outro vestígio que a nossa memória”(Cecília Meireles).

SUMÁRIO

Apresentação

1.1 O início dessa história.....	14
1.2 A construção do objeto de estudo.....	17
1.3 Os álbuns de pesquisa: artefato de uma cultura material escolar.....	27
1.4 A organização das fontes.....	33
1.5 Um pouco mais sobre as questões metodológicas.....	43

Capítulo 1.

O contexto de produção dos álbuns de pesquisa

1.1 A Escola Nova em Minas Gerais: anos 1930.....	47
1.2 O Grupo Escolar Melo Viana.....	54
1.3 As Instituições Escolares na consolidação de um projeto pedagógico.....	56
1.4 <i>Clube de Leitura</i> e a invenção de uma nova ordem: os álbuns de pesquisa.....	66
1.5 Os álbuns de pesquisa como objeto cultural.....	73
1.6 Os sujeitos da escrita.....	76

Capítulo 2.

A materialidade dos álbuns, uma abordagem através dos exercícios

2.1 As atividades escolares.....	87
2.2 As práticas de escrita escolar.....	88
2.2.1 As práticas escriturais em lições e cópias.....	92
2.2.2 As composições escolares: histórias, cartas e bilhetes	96
2.3 Por entre recortes e colagens; jornais e revistas;cópias e composições.....	110
2.4 Os álbuns em diferentes tipologias.....	112
2.5 As atividades de recortes como tarefas escolares.....	113
2.5.1 Álbum tipo Livro-Revista.....	114
2.5.2 Livro- Revista com textos escritos.....	121
2.5.3 Livro-Revista de Orientação feminina.....	122
2.6 Exercícios de escrita e o Livro Enciclopédico.....	125
2.6.1 Álbum tipo Livro de Poesias.....	128
2.6.2 Compêndio de Civilidades, testemunho de bons comportamentos.....	130
2.7 Atividades artísticas como expressão de talentos.....	132
2.7.1 Trabalhos manuais.....	134

Capítulo 3.

Nos álbuns de pesquisa a criança se fez aluno

3.1 Em cena o currículo escolar.....	137
3.2 A identidade nacional: a formação do aluno cívico-patriótico.....	140
3.3 As espacialidades, a urbanidade e a formação de “mineiridade”.....	149
3.4 Língua Pátria, Língua mãe, berço do aluno leitor\escritor.....	155
3.5 Álbuns de Ciências: o investimento no sujeito saudável.....	162

Capítulo 4.

A narrativa das crianças em composições escolares

4.1 Por entre os caminhos das composições escolares	171
4.2 O mundo das crianças expresso nas composições escolares.....	176
4.3 Os lugares sociais da infância.....	182
4.4 A brincadeira de roda, o pique, o chicotinho queimado: o brincar como expressão da infância.....	190
4.5 As composições retratam elementos da estruturação infantil.....	197
4.5.1 O, investimento no cultivo dos modelos exemplares.....	197
4.5.2 O processo de auto-regulação como estruturador da infância.....	199

Conclusão.....	203
-----------------------	------------

Referências.....	207
-------------------------	------------

Apêndice 1.

1.Ficha catalográfica 216

Apêndice 2.

2. Panorama dos temas 217

Apêndice 3.

3.Lista das composições 219

Apêndice 4.

4. Lista das Poesias 223

Apêndice 5.

5. Tabela de organização dos álbuns por tipologias 225

Anexo 1.

. Mapa de frequência 226

. Livro de matrícula 227

RESUMO

Essa pesquisa toma como objeto de investigação 50 álbuns de pesquisa, um tipo de caderno de pesquisa escolar que reúne cópias de lições, poesias, ditados, composições e recortes de jornais cujo objetivo é proporcionar aos alunos investimentos nas práticas de escrituração. Esses artefatos materiais expressam a proposta educativa pautada nos princípios da Escola Nova, foram produzidos pelos alunos, sob orientação da professora como atividades dos *Clubes de Leitura* do Grupo Escolar Melo Viana, no período de 1930 a 1950. Os álbuns de pesquisa se distinguem por duas peculiaridades: é um artefato que agrupa a escrita de diversos alunos, o que lhe imprime um caráter de produção coletiva e apresenta-se com uma organização que reúne os mais variados assuntos em um mesmo artefato. A análise desse material permitiu não só a visualização simultânea das diferenças caligráficas individuais como também a percepção das continuidades e descontinuidades na escrituração e nos diferentes tipos de exercícios escolares. Essa tarefa impôs apreender as práticas neles envolvidas investigando os conteúdos e os aspectos tipográficos dessa escrita. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como as práticas de escrita operaram como instrumento de produção de uma infância escolarizada, promovendo um deslocamento do lugar social de criança. Para compreender esse processo procedi à análise das fontes primárias, os álbuns de pesquisa, confrontadas com o conteúdo prescrito pelos dispositivos legais, o Regulamento e o Programa de Ensino Primário de Minas Gerais de 1927. Recorri à *Revista de Ensino*, impresso oficial de formação de professores que estava a serviço de difundir as recomendações oficiais para a formação do aluno. Foram realizadas entrevistas com ex-alunos e com uma ex-professora com o intuito de compreender o contexto de produção e perceber as especificidades dos sujeitos dessa escrita. O acesso à escrituração administrativa escolar permitiu encontrar os pertencimentos sociais daqueles que participaram desse processo. O percurso da pesquisa se estruturou em quatro capítulos. No primeiro, buscou-se contextualizar a emergência das *Instituições Escolares* como práticas complementares da escola tendo em vista a formação dos alunos identificados com os princípios cívicos e morais. Uma dessas práticas, os *Clubes de Leitura*, se caracterizava por difundir a boa leitura, mas no Grupo Escolar Melo Viana promovia a confecção de um artefato escritural. Foram discutidas as formas de participação diferenciada dos alunos nessa produção, ficando caracterizadas as hierarquizações estabelecidas pela escola que disseminavam os fatores de distinção. Essa reflexão sinalizou uma preocupação em desenvolver o senso estético na criança porque, os álbuns atendiam, de modo mais completo, às exigências de dar publicidade ao que fora ensinado na escola. No segundo capítulo buscou-se perceber as estratégias pedagógicas utilizadas pelos alunos na realização dos exercícios como também, identificar como os exercícios inscritos imprimiam tipologias aos álbuns. Trabalhar nessa direção envolveu uma interpretação acerca de como o objeto se constituiu em sua materialidade, o que significou perceber como os elementos gráficos assumiam diferentes formas na composição da página e agiam como dispositivos de disciplinarização. As modalidades de escrita escolar se apresentaram como marco da escolarização da infância. O terceiro capítulo envolveu o enquadramento dos álbuns por conteúdos curriculares. Ficou constatado que os conhecimentos desenvolvidos nessa prática escolar tinham firmes propósitos de formar o cidadão cívico-patriótico, conjugado aos princípios regionalistas que nutriam um sentimento de mineiridade. O investimento na literatura sinalizou para os princípios valorativos de caráter moral e religioso. As preocupações com a saúde demandou um sujeito sintonizado com as práticas higiênicas, amplamente difundidas nessas escritas. No quarto e último capítulo a atenção foi direcionada para as composições escolares com o objetivo de perceber as marcas das vivências desses alunos associadas em maior ou menor grau pelo direcionamento das ilustrações. As representações produzidas apareceram sob forma de papéis sociais, questões de gênero e de classe. A pesquisa mostrou que os álbuns de pesquisa escolar foram utilizados como instrumentos de consolidação do projeto pedagógico de base escolanovista que firmava a concepção do aluno através da escrita exemplar.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette recherche c'est comprendre comme le Groupe Écolier Melo Viana, dans la période de 1930 jusqu'à 1950, à travers les activités déployées dans les Clubs de Lecture, ont géré des pratiques d'écriture réunies en albums de recherche écolier, qui ont opéré le passage de l'enfant à l'élève. Les albums de recherche analysés c'est un type de cahier écolier collectif, lequel réuni des copies de leçons, des poésies, des dictés, des compositions et des découpages de journaux dont l'objectif c'est proportionner aux élèves des investissements dans les pratiques d'écriture. Cet objet d'écriture exprime la proposition éducative basée sur les principes de la Nouvelle École et ils signalent la manière comme telles réalisations donnent une place sociale à l'enfant, dans l'exercice du rôle d'élève, à travers le déploiement de sensibilités et compétences dans l'intérieur de l'espace écolier. Pour comprendre ce processus j'ai utilisé le contenu prescrit par les dispositifs légaux : le Règlement et le Programme d'Enseignement Primaire de Minas de 1927, parce que tous les deux déterminaient les recommandations officielles pour la formation de l'élève. J'ai eu recours à la *Revue d'Enseignement*, un document officiel de formation d'instituteurs qui était à service de la diffusion du discours officiel des Réformes de l'Enseignement de Minas Gerais. Des interviews ont été faites avec les sujets qui ont pris part à cette production. Les sources ramassées ont été croisées dans le but d'établir une corrélation dynamique aux pratiques d'écriture des albums, de façon à apercevoir comme quelques éléments des textes produisaient de sens et ouvraient des possibilités de construction de représentations d'une enfance spécifique. La recherche s'est orientée vers la direction de comprendre le contexte et les agents de cette production, ce travail a exigé qu'on avait recours à l'écriture administrative écolière, j'y ai pu trouvé les appartenances sociales des élèves. Le texte est partagé en quatre chapitres. Au premier chapitre, on cherche à contextualiser l'émergence des Institutions Écolières comme des pratiques complémentaires de l'école ayant en vue la formation des élèves identifiée aux principes civiques et moraux. L'une de ces institutions écolières. Les *Clubs de Lecture*, se caractérisait pour être une pratique qui avait l'objectif de diffuser la bonne lecture, mais dans le Groupe Écolier Melo Viana se caractérisait pour promouvoir la confection d'un objet d'écriture. On a discuté les formes de participation différenciée des élèves dans cette production, en restant caractérisées les hiérarchisations établies par l'école qui disséminent les facteurs de distinction. Cette réflexion a signalé une préoccupation de l'école en déployer le sens esthétique chez l'enfant car les albums répondaient, de façon la plus complète, aux exigences de faire la publicité à ce qui avait été enseigné à l'école. Au deuxième chapitre, on cherche non seulement d'apercevoir les stratégies pédagogiques utilisées par les élèves dans la réalisation des exercices, mais aussi identifier de quelle manière les exercices inscrits impriment des typologies aux albums. Travailler vers cette direction a englobé une interprétation au sujet de comme l'objet se constitue dans sa matérialité, en recherchant les aspects typographiques de cette écriture. Cette analyse se soutient dans l'étude de la « typologies de la présentation », ce qu'il a signifié comprendre comme les éléments graphiques acceptent des différentes formes dans la composition de la page et ils agissent comme dispositifs disciplinaires. Le troisième chapitre s'agit de l'encadrement des albums par les contenus curriculaires, cette analyse a permis de saisir les représentations qui impriment une (con)formation à l'élève. Dans ce chapitre j'ai cherché à poser des questions qui ont montré comme les différentes modalités des exercices écoliers mettent en évidence la manière comme les élèves expriment leurs habilités et comme les albums de recherche produisent une normalisation à travers une pratique d'écriture. Au quatrième et dernier chapitre, l'attention a été dirigée vers les compositions, où il a été possible percevoir les bornes des expériences de ces élèves associés en plus ou moins degré par les directions des illustrations. Les représentations produites se sont manifestés sous la forme de rôles sociaux, des questions de genre et de classe. La recherche a montré que les albums de recherche écolière ont été utilisés comme des instruments de consolidation du projet pédagogique basé sur la Nouvelle École qui renforçait la conception de l'élève à travers l'écriture exemplaire.

*Raspo o mofo de manuscritos
endurecidos de silêncio
Costuro textos inacabados
e horas em retalhos*

*Tecer tecer tecer
Tessituras texturas*

*Reconheço minhas
rugas balzacquianas
em estilhaços de um espelho em pó
e com a escrita
colo em mim “cacos para um vitral”.*

Helen Queiroz, 2007.

1. Apresentação

Essa tese analisa como os álbuns de pesquisa, um artefato material escolar, produzido durante as atividades dos *Clubes de Leitura* do Grupo Escolar Melo Viana, localizado no município de Carangola\MG, expressam as propostas educativas pautadas nos princípios da Escola Nova. Estes geraram práticas de escrita, como as aqui investigadas, que materializaram a modernidade pedagógica de sua época -1930 a 1950, em Minas Gerais. Ao mesmo tempo, esses álbuns sinalizam, também, para o modo como tais realizações conferem um lugar social à criança, no exercício do papel de aluno, através do desenvolvimento de sensibilidades e competências no interior do espaço escolar.

Álbum de pesquisa é um tipo de caderno escolar coletivo, qual reúne cópias de lições, poesias, ditados, composições e recortes de jornais cujo objetivo é proporcionar aos alunos investimentos nas práticas de escrituração. Através da análise desses álbuns foi possível apreender, por um lado, o investimento do projeto pedagógico escolanovista na aprendizagem da escrita, destacando-se a centralidade da aprendizagem da ortografia e o exercício de uma “boa caligrafia”. Por outro, a produção de tal artefato demanda o desenvolvimento de habilidades mais específicas, na confecção de desenhos, ilustrações e trabalhos manuais, voltados para uma cultura imagética escolar. Por fim, através do ato da escrita, tem-se em vista a introjeção pelo aluno de um conjunto de normas e comportamentos, os quais elevam o compromisso da escola para além da instrução, já que atua também, como agente formador de valores para a vida futura.

Em relação aos álbuns, uma das peculiaridades observadas é a possibilidade de se reunir em um mesmo artefato material uma escrita coletiva¹ e em agrupar os conhecimentos, que podem ser lidos de forma não linear. Os álbuns de pesquisa se apresentam fragmentados na organização de seus conteúdos, sendo uma parte referente à História, outra às Ciências Naturais, à Língua Pátria, etc. Essa configuração sugere uma forma de organização que reúne os mais variados assuntos em um mesmo artefato. O termo *lexias* de Barthes², utilizado para expressar a idéia de como um texto pode ser composto por conteúdos ou fragmentos, que se inter-relacionam, desfaz a idéia de

¹ A denominação escrita coletiva se refere à reunião de escrita de diversos alunos em um mesmo artefato material. Como variação encontra-se a escrita de diferentes alunos na mesma página.

² BARTHES, 1987.

concepção textual como uma unidade rígida entre suas partes e é apropriado para explicar a peculiaridade desses álbuns. Neles, os conteúdos se apresentam de forma modular, o que permite a passagem de um assunto para outro, bem como o fácil manuseio do material, sem ter que seguir a seqüência das folhas, diferenciando-se da organização curricular da escola primária do período.

Outra particularidade desses álbuns é agrupar a escrita de diferentes alunos e turmas, ao longo de duas décadas, o que permite não só a visualização simultânea das diferenças caligráficas individuais e da escrita coletiva, como também a percepção das continuidades e descontinuidades na escrituração e nos tipos de exercícios escolares, no decorrer do período.

A questão central se volta para a compreensão de como a escola operou por meio desse artefato, utilizando as práticas de escrita como instrumento de construção do ofício do aluno, promovendo um deslocamento do lugar social de criança. Essa tarefa impôs apreender as práticas nele envolvidas e trabalhar a interpretação acerca de como o objeto se constituiu em sua materialidade, investigando os conteúdos e os aspectos tipográficos dessa escrita. Essa análise envolveu um estudo da “*tipologia de apresentação*”, o que, para Hébrard³ significa o estudo de como os elementos gráficos assumem diferentes formas na composição da página. De acordo com esse enfoque, as margens cumprem a função de delimitar e circunscrever a escrita em determinados espaços; o tipo, o tamanho e o traçado das letras falam de uma estética caligráfica. Os títulos desempenham o papel de anunciar o texto e de demarcar os cânones da escrita. Esses elementos, juntos, garantem uma organização estrutural que implica não apenas assimilar as relações subjacentes entre os tipos de atividades desenvolvidas, bem como a articulação com as principais questões acerca da organização e sistematização das práticas escriturárias.

Em outra perspectiva, a construção do objeto de estudo requer que se explore a materialidade e perceba como estes elementos agiam como dispositivos que produziam uma subjetivação do aluno voltada para a auto-regulação. Havia, também, o ideário de infância representado pelas ilustrações e os conteúdos com ênfase na formação moral, apresentando prescrições de comportamentos e padrões de sociabilidade. Trabalhar nessa intercessão permitiu a compreensão dos caminhos através dos quais os alunos, sob coordenação dos professores, produziram as representações sobre a infância.

³ HEBRARD, 2001, p.116-141.

Assim, o fato de eleger os álbuns de pesquisa como objeto dessa investigação se deu, sobretudo, por se tratar de um artefato escriturário, potencialmente rico no que se refere às questões educacionais que envolviam a produção de representações sobre a infância e, principalmente, por ser uma fonte pouco comum que oportunizaria a investigação em torno das práticas de escrita infantil. O recorte temporal: 1930 a 1950 definiu-se em função de haver uma maior concentração destes álbuns no período. Pode-se dizer que este foi um momento emblemático por caracterizar significativas mudanças políticas e sociais marcadas por transformações no setor econômico, as quais contribuíram para o crescimento e a urbanização das cidades. Nesse período a escola emergiu como elemento central no interior de um projeto de nacionalidade. A produção desse material surge, pois, no bojo de sensíveis mudanças educacionais com o propósito de consolidação de um projeto escolanovista em Minas Gerais.

1.1 O início dessa história....

A minha formação acadêmica iniciou-se com a graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1986. Logo depois, ingressei como docente no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Carangola, fui efetivada como psicóloga da Policlínica Municipal, também de Carangola, local onde atuo até hoje, além de ser convidada a assumir o cargo de psicóloga da Apae de Carangola, instituição em que permaneci por quase 12 anos.

O ano de 2001 foi importante para minha carreira acadêmica, pois ingressei na Pós Graduação em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no grupo de Pesquisa “*Escola, memória, cultura escrita*”, coordenado pela professora Ana Chrystina Mignot, momento em que se deu minha aproximação com o campo da História da Educação.

Nessa época, início do curso de mestrado em Educação, fui apresentada à escrita memorialística. Tive os primeiros contatos com os documentos produzidos e guardados por professoras. Foi um processo tímido visto que, autobiografias de professoras, manuais antigos, quadros e álbuns de fotografias antigas, papéis amarelados, velhos documentos, materiais que, para mim, tinham somente um valor afetivo. Mas, a partir da minha inserção na pesquisa, todos esses documentos passaram a fazer parte do meu repertório cotidiano. Fui entendendo, aos poucos, que esses objetos guardavam relações que traduziam práticas escolares e estavam impregnados de sentidos que retratavam

uma época. Os “objetos de memória” passaram a fazer sentido para mim e, trabalhar nessa perspectiva, tornou-se um desafio.

Ao longo da pesquisa, até então, sem objeto de investigação definido, precisei por várias vezes ir à Biblioteca Nacional para garimpar livros que traziam histórias retratadas por professoras, essa tarefa foi sempre marcada por uma grande emoção. As leituras do curso despertaram em mim o interesse por arquivos escolares. Motivada por esse estudo, fui conhecer o acervo escolar da Escola Estadual Melo Viana, no intuito de construir caminhos que me levassem a entender as disputas travadas entre as escolas da cidade, durante as décadas de 1970 e 1980. Pouco a pouco, me aproximei dos documentos escolares e descobri que estava de frente para um universo a ser interpretado: Sinopse Histórica, Regimento Escolar, Livros de Atas das Reuniões Pedagógicas, Livros de Matrículas, além de fotografias. Parti desse repertório e continuei seguindo pistas que me conduziram aos objetos-memória. Compreendi o quanto as fontes tinham a me dizer... Aprendi, timidamente, a problematizá-las, não apenas como “[...] instrumento manipulado pelo pesquisador⁴” mas, como um recurso de investigação científica que remete a questões relacionadas ao campo da História da Educação. A partir dessa incursão, iniciei uma pesquisa com enfoque na memória institucional, tomando os objetos expostos no salão nobre da escola como material a ser investigado, no intuito de compreender as estratégias utilizadas pela instituição para assegurar o lugar de destaque no cenário educacional.

Ao longo do percurso da pesquisa, cresceu em mim o interesse pela escrita que circulava na escola. Acreditava que poderia entender a produção de uma cultura escolar tomando a escrita cotidiana como fonte de análise. Por isso foi necessário reunir material escrito produzido por ex-alunos, o que foi feito através de uma rede de comunicação. Em julho de 2002, coloquei anúncio na rádio local - Rede Minas de Rádio e no *Jornal da Cidade*. Contava aos amigos do meu momento na pesquisa, falava da relevância do material para este estudo e da importância de se desenvolver um trabalho sobre a história da educação por meio dos escritos escolares. Compartilhava com as professoras da escola a minha busca e, assim, aos poucos os contatos iam se fazendo, de maneira que foi possível reunir documentos dispersos: 18 cadernos, 65 provas, 1 caderno de festividades, 2 cadernos de planejamentos de aulas, 4 relicários, mensagens enviadas às professoras. Foram encontrados no fundo de um armário da

⁴ NUNES; CARVALHO, 1993, p.8.

biblioteca da escola 53 álbuns de pesquisa⁵, cadernos de pesquisa produzidos pelos alunos de forma coletiva durante as atividades dos *Clubes de Leitura*⁶. A análise desses e de outros documentos foi fundamental para compreender os aspectos que contribuíram para a construção da imagem da Escola Estadual Melo Viana como uma escola de qualidade na cena da cidade e que deu origem à dissertação de mestrado⁷ *Templo do Saber: a consagração da Escola Estadual Melo Viana em Carangola, Minas Gerais*, defendida em dezembro de 2002⁸.

Ao final da pesquisa, ficou a curiosidade em relação aos álbuns de pesquisa. Interessava-me saber mais sobre aquele artefato produzido pelas próprias crianças, pois dependendo da forma como fosse problematizado, abriria possibilidades de discussões em torno da escolarização da infância naquela época. Questões se apresentavam: De que infância os álbuns de pesquisa estavam falando? A que criança essas práticas de escrita estavam dando visibilidade? Em que contexto deram-se essas produções e com que finalidade? Como era feita a seleção dos temas, a organização dos conteúdos, a escolha das ilustrações? Ter o trabalho como parte dos álbuns obedecia a que critérios?

Ingressei no doutorado da UFMG tomando os álbuns de pesquisa escolar como fonte de investigação com o propósito de discutir algumas questões relativas à produção das representações da infância escolarizada, no período entre 1930 e 1950, em Minas Gerais. A possibilidade de trabalhar com esse material foi fator determinante em minha decisão, por se tratar de um artefato que chamava atenção pela sua estrutura de composição. Além de se apresentar como artefato escolar que permitiria o aprofundamento acerca do processo educativo que, certamente, abriria novas possibilidades para se perceber o processo histórico de escolarização da infância. Principalmente, por ser uma fonte pouco comum que oportunizaria a investigação em torno das práticas de escrita escolar, ao mesmo tempo, que fui impulsionada pelo desejo

⁵ Álbum de pesquisa é um caderno retangular de capa dura medindo 33 cm por 24 cm, composto por folhas de papel presas em um dos lados, nas quais se encontram atividades de escrita, de recorte e de colagem relacionadas às disciplinas História, Geografia, Ciências, Língua Pátria. Essas atividades se apresentam sob a forma de cópias de lições, cópias de poesias, composições, exercícios de aritmética, recortes de jornais e revistas, colagens de palitos, dobraduras e alinhavos em cartões. Esses cadernos de pesquisa foram produzidos pelos alunos sob orientação da professora, confeccionados durante as atividades dos *Clubes de Leitura*, no Grupo Estadual Melo Viana- Carangola, Minas Gerais.

⁶ Os *Clubes de Leitura* eram uma prática que fazia parte do repertório das inovações educacionais propostas pela Reforma Francisco Campos em 1927. Dentre os objetivos, se propunha a “*melhorar a arte de ler dos alunos, despertar-lhes o gosto literário e aperfeiçoar-lhes a linguagem falada e escrita*” (FONSECA, 1959, p.13).

⁷ GOMES, Antonia Simone Coelho. *Templo do Saber: A Consagração da Escola Estadual Melo Viana em Carangola MG*. UERJ, 2002.

⁸ Inaugurado em 21 de abril de 1925, o Grupo Escolar Melo Viana localiza-se em Carangola, cidade do interior de Minas Gerais, região da Zona da Mata.

de (re)tomar as reflexões ligadas à infância, foco de meu interesse, desde o início de minha carreira como psicóloga clínica.

1.2 A construção do objeto de estudo

Por ocasião do doutorado, estabeleci uma aproximação com os álbuns de pesquisa e percebi que esse material, não só trazia os conteúdos que expressavam as concepções político-educacionais privilegiadas nas décadas de 1930-1950 como mantinha semelhanças com as práticas escolares desenvolvidas, ainda hoje, na instituição.

O contato com todo esse material exigiu certa organização, para tanto elaborei uma ficha catalográfica de sistematização dos dados⁹. Parti da identificação que os álbuns traziam na etiqueta colada na capa: o ano de produção, o nome da professora, a série dos alunos. Embora todos os álbuns seguissem uma mesma estrutura que tomava por base a articulação entre textos escritos e as imagens, eles se diferenciavam entre si pelos tipos de exercícios, pela diversificação dos conteúdos e na apresentação estética de configuração das páginas.

Submeter os álbuns de pesquisa à análise enquanto suporte material levou-me a perceber algumas semelhanças e continuidades que se mantiveram ao longo do período. Verifiquei que não houve grandes modificações na formatação e na composição do artefato material no que diz respeito ao número de folhas, em relação às disciplinas privilegiadas, quanto à natureza dos conteúdos veiculados e às formas gráficas de apresentação. Já, como artefato escolar, discutiu-se algumas questões relativas às informações circunstanciadas ao processo educativo, através das mudanças nos tipos de exercícios, ao longo do período estudado, que explicitaram o aluno que a escola pretendia formar. Nessa tessitura foram delineadas as questões teóricas relativas à análise dos álbuns como possibilidade de compreensão das práticas de escrituração escolar, entendida como instrumento operado pela instituição na produção do aluno.

Além de uma descrição dos álbuns produzidos, dois problemas básicos guiaram as análises posteriores: Como a estética de organização e o ordenamento da escrita nos falam de práticas que produzem a representação de uma escrita exemplar? Como os alunos incorporaram essa inscrição?

⁹ O modelo da ficha consta em anexo.

Diante de questões como essas, meu interesse se dirigiu cada vez mais para a relação existente entre a produção dos álbuns de pesquisa e a produção de uma infância escolarizada. Uma discussão nesse âmbito implicaria, por um lado, problematizar as relações que o constituíram como um artefato cultural, suporte material de práticas discursivas inseridas no conjunto das práticas escolares. Por outro, exigia dar visibilidade aos sujeitos dessas práticas, considerando as especificidades de uma dada cultura escolar que traz marcas representativas dos sujeitos que a produziram.

O norteamento da pesquisa exigiu trabalhar com um referencial teórico-metodológico que correspondesse à exploração das fontes em constante diálogo com a teoria, de modo a permitir “[...] a construção, interpretação e recriação do passado¹⁰”. Nessa busca lancei mão do conteúdo prescrito pelos dispositivos legais, o Regulamento e o Programa de Ensino Primário de Minas Gerais de 1927, porque ambos determinavam as recomendações oficiais para a formação do aluno. As prescrições encontradas na *Revista de Ensino*¹¹, impresso oficial de formação de professores de maior circulação em Minas Gerais que estava a serviço de difundir o discurso oficial das Reformas de Ensino de Minas Gerais, estes, foram utilizados por mim, com o intuito de perceber nas recomendações veiculadas nesse periódico, o modo como eram dirigidas aos professores mineiros as práticas escolares, as quais eram direcionadas ao aluno com a finalidade de fazê-lo aprender. Além disso, pretendia também perceber nos discursos pedagógicos as concepções de que a escola se valia para a formação desse aluno. Para isso, estabeleci uma correlação dinâmica com as práticas escriturísticas dos álbuns, de modo a perceber como alguns elementos dos textos produziam sentidos e abriam possibilidades de construção de representações sobre uma determinada infância.

Os álbuns de pesquisa, por si, constituíam uma documentação privilegiada. Analisá-los, se impunha como uma tarefa preliminar. Inicialmente, a aproximação deu-se pela leitura das poesias, pela identificação dos temas das lições, pela leitura das biografias dos vultos célebres e pela observação sistematizada das imagens. Verifiquei, então, a partir das ilustrações de crianças, o modelo de infância que emergia através das cenas que retratavam comportamentos e que reproduziam os hábitos sugeridos. Nas composições em que as crianças assumiam a autoria, haviam marcas das experiências vividas por elas, além de estarem expressos os sentidos por elas atribuídos aos fatos e

¹⁰ NUNES, 1996, p.36.

¹¹A *Revista do Ensino* era um periódico oficial cujo objetivo era estabelecer um diálogo com o professorado mineiro no sentido de informar e formar rapidamente, de maneira eficaz, segundo as novas bases do ensino que estavam ancoradas nas concepções teórico-metodológicas propostas pela Reforma do Ensino. A revista foi reativada sob os auspícios do Governo do Estado de Minas Gerais, no ano de 1925.

aos conhecimentos adquiridos na escola.

Nessa abordagem, pude perceber a reincidência de algumas temáticas, além de me deter em algumas características que, a princípio, indicavam duas tendências: de um lado estava claro que os exercícios atendiam às exigências do currículo oficial; por outro, observei que os trabalhos de alunos se apresentavam sem rasuras ou correções, indícios que me levaram a supor que essas eram práticas que ocupavam um lugar de excelência dentro do contexto escolar. Esse aspecto passou a ser central na pesquisa.

Cada vez mais percebia que poderia me aproximar do entendimento “[...] dos espaços sociais de inserção e conformação da experiência histórica de ser criança¹²” e discutir questões relacionadas às representações sobre a infância ali re-produzidas e retratadas. Caminhei para além do levantamento preliminar das fontes e procurei situar o tema no contexto da produção acadêmica, bem como o levantamento de teses e dissertações que apontassem as matrizes teóricas e os tratamentos metodológicos dados aos materiais escolares, especialmente, as que relacionavam a escrita escolar com a prática de escolarização da infância. Deparei-me com uma produção vasta sobre o processo de aquisição de escrita das crianças¹³. Outros trabalhos versavam sobre a literatura e o letramento do público infantil¹⁴. Encontrei, também, estudos sobre os objetos culturais produzidos pelos adultos para serem utilizados pelas crianças¹⁵, mas, pouco encontrei, no campo da História da Educação, especialmente no levantamento dos trabalhos apresentados nos eventos acadêmicos da área, como o GT de História da Educação da Anped, nos Congressos Luso Brasileiro de História da Educação e referente aos Congressos Brasileiro de História da Educação, produções em que a escrita infantil, escolar ou não, fosse privilegiada como objeto ou fonte de investigação¹⁶.

¹² GOUVÊA, 2005, p.1.

¹³ www.anped.gov.br GT 10 Alfabetização, leitura e Escrita www.fae.ufmg.br/ceale

Dentre outros, destaco os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

ABAURRE, Maria Bernadete (org). *Cenas de aquisição da escrita* o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2001.

¹⁴ Recorrer a PAIVA, Aparecida (org). *Literatura e letramento espaços suportes e interfaces o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil* Gostosuras e bobices. Scipione, 1989. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: histórias e história*. São Paulo: Ática, 1984.

¹⁵ ABRAMOVICH, Fanny. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.

¹⁶ FONSECA, Thaís Nívea. *Da infância ao altar da pátria: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo\SP. 2001.

O impacto da Nova História Cultural sobre os estudos da história da educação é percebido pela redefinição dos focos de interesse do pesquisador com manifestações que privilegiam a investigação das práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos tomados em sua materialidade de objetos culturais.

Nessa investida, vale ressaltar o trabalho de Marco Antonio Edreira¹⁷ que utilizou como fonte de investigação as cartas de leitores infantis e juvenis de Monteiro Lobato arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Nesse estudo o autor analisa, primeiramente, as maneiras como Lobato utilizou seus livros como um instrumento pedagógico com a finalidade de ensinar; a partir daí, desloca sua análise para a forma como se davam as diferentes práticas de leitura, a partir desse material. Nesse movimento foi possível perceber como os sujeitos se apropriavam dessa leitura, deixando os indícios dessas apropriações registradas nas cartas que escreviam à Monteiro Lobato. Edreira caracterizou o corpus documental de forma detalhada buscando associar os aspectos editoriais e textuais dos livros do escritor com as maneiras de ler de seu público.

Após essa investida, debruçei-me sobre as leituras acerca da Escola dos *Annales*, num esforço determinado em entender a perspectiva da Nova História Cultural¹⁸, uma das vertentes interpretativas em que se inscreve um quadro de mudanças de paradigma que redefinem os métodos e os objetos que reconfiguram o campo da pesquisa educacional em História da Educação¹⁹. Esse princípio teórico-metodológico considera a possibilidade de novos objetos se tornarem alvo de interesse das investigações científicas, a partir do recorte de novos temas, de modo que novas interrogações são colocadas diante das fontes e propiciam no campo da História da Educação, “[...] penetrar na caixa preta escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas²⁰”. Esse movimento tem permitido historicizar a escola pela compreensão das práticas culturais e dos agentes que a constituem. A interlocução dos historiadores da educação evidencia-se pela referência que cada vez mais se manifesta por privilegiar como objeto de investigação as práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos, tomados esses últimos, em sua materialidade como objetos culturais²¹. Essas mudanças operadas na historiografia tem posto em evidência o lugar social de onde o historiador problematiza as fontes e produz novas visibilidades. Como observa Carvalho²² “[...] é assim que novos temas ganham a preferência dos historiadores da

¹⁷ EDREIRA, Marco Antonio. *A caça do sentido práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. São Paulo: Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo\SP. 2003.

¹⁸ O impacto da Nova História Cultural sobre os estudos da história da educação é percebido pela redefinição dos focos de interesse do pesquisador com manifestações que privilegiam a investigação das práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos tomados em sua materialidade de objetos culturais.

¹⁹ CARVALHO, 1998.

²⁰ CARVALHO, 1998, p.32.

²¹ NUNES; CARVALHO, 1993, p.37.

²² CARVALHO, 1998, p.33.

educação, dando origem a novos campos de pesquisa, articulados em torno de investigações sobre práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos”. Dessa forma, as fontes não somente registram a história, mas participam dela sendo bens produzidos pelos agentes dessa história²³.

Diante da revisão bibliográfica re-affirmei a contribuição de Chartier²⁴ como fundamental na (re)definição dos rumos da historiografia, especialmente, no que tange aos estudos realizados sobre a história do livro, os usos da escrita e os usos culturais da imprensa em que materiais escritos, impressos ou não, são tomados como produtos de práticas culturais. Compreendi como a materialidade dos dispositivos escriturais contribui para conformar certos modos de visualização dos objetos, e, também, como implica nos diferentes usos que os agentes fazem dos objetos culturais e influencia na forma como as práticas se dão. As concepções defendidas por Chartier (op.cit 1990) tratam as representações²⁵ como formas explicativas que os indivíduos usam para atribuir sentido ao mundo já que, “[...] o indivíduo vive imerso em uma cultura e por meio dela estabelece vínculos e produz sentidos numa íntima correlação entre as práticas²⁶” que, por serem coletivas informam sobre como os indivíduos percebem a realidade.

O mapeamento dos artigos, teses e dissertações acerca do tema em questão foi importante e me levou a constatar como são incipientes as pesquisas na vertente da historiografia que tratam dos objetos escolares, especialmente, da produção escrita infantil como objeto ou fonte de pesquisa científica. No entanto, esse campo vem sendo mobilizado e tem exigido um esforço dos pesquisadores brasileiros que tentam superar os limites quanto ao acesso às fontes e aos acervos escolares com pesquisas que se voltam para o estudo da cultura escolar, conceito que se coloca como foco das práticas constitutivas de uma sociabilidade escolar e dos modos de transmissão cultural ali instituído.

Faria Filho, Gonçalves, Vidal e Paulilo²⁷ mostram que nas últimas décadas houve uma intensificação do diálogo entre os historiadores da área cujos debates

²³ JINZENJI, 2006. _

²⁴ CHARTIER, Roger. 1990, 1996, 2002, 2003.

²⁵ Na virada do século XIX para o século XX, Marcel Mauss e Émile Durkheim, nos domínios da Etnologia e da Antropologia, conferiram destaque às representações, com suas pesquisas sobre os povos primitivos contemporâneos (PESAVENTO, 2004, p.24).

²⁶ CHARTIER, R. 1990.

²⁷ FARIA FILHO, L; GONÇALVES, I.; VIDAL, D., PAULILO, A. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*, Revista Educação e Pesquisa, v.30, nº 1, jan\abr. 2004.

resultantes dessas reflexões geraram um movimento que se consolidou com a emergência dos estudos que enfocam a cultura escolar. Os autores afirmam que os estudos têm se renovado sendo possível perceber esse movimento dos historiadores na busca de dar visibilidade ao modo como os sujeitos produzem práticas e, conseqüentemente, essas práticas passam a ser “[...] produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico²⁸”, definindo assim ações instituidoras da cultura escolar.

Outro aspecto considerado pelos autores refere-se ao vínculo entre a cultura escolar e o processo de escolarização. Nesse levantamento apontam estudos que buscam, na interface com a história da infância, a compreensão da produção da moderna noção de criança com investigações que tratam especificamente, “[...] sobre os processos de transformação de crianças em alunos no âmbito do pensamento educacional brasileiro²⁹”. No interior dessa perspectiva, o estudo dos álbuns de pesquisa delineia caminhos que levam à compreensão de como se produz uma cultura escolar em que os objetos materiais refletem valores e comportamentos de um dado momento histórico e, a escrita escolar é utilizada como instrumento de (con)formação na constituição de subjetividades.

Na busca por ampliar o escopo das fontes, voltei-me para a produção referente à cultura material escolar. Procurei em acervos escolares, materiais que se assemelhassem aos álbuns de pesquisa, no intuito de perceber aproximações nas metodologias adotadas. Foi, daí, que localizei no Museu da Escola em Belo Horizonte, um caderno de escrita escolar semelhante a um álbum, que reunia escrita de alunos no período de alfabetização, mas não se tratava de álbum de pesquisa escolar. Portanto, esse artefato apresentava-se, cada vez mais, como fonte documental que se destacava pelo caráter não convencional: um artefato de escrita escolar composto por diferentes assuntos organizados de forma peculiar, que guardava duas especificidades. Uma, em relação às práticas de escrita que conferiam visibilidade ao conhecimento que era importante à formação dos alunos em um determinado período, outra, em relação à disposição/organização dos elementos constitutivos e ao tipo de escrita que anunciava a produção de sensibilidades. Ambas as especificidades revelavam como através do exercício sistemático da escrita, forja-se uma determinada identidade de criança definida pelo lugar social do aluno. Nessa interface da historiografia pode-se também

²⁸32 FARIA FILHO, GONÇALVES, VIDAL e PAULILO, 2004.

²⁹ Op cit 2004, p.151.

dizer que os álbuns de pesquisa são documentos³⁰ no sentido de expressarem “[...] um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder³¹”.

Os estudos relacionados à cultura material escolar³² sinalizam outra área de pesquisa. Dois trabalhos mais recentes no Brasil exploram o tema. O primeiro texto, produzido em 2002, Veiga³³ situa o estudo da cultura material escolar como uma vertente de pesquisa ainda imprecisa que ganha visibilidade na medida em que entram em cena os artefatos materiais, tomados como fonte de investigação.

O outro texto é uma coletânea dos estudos históricos da cultura material escolar realizada por Souza³⁴ editado no ano de 2007. Nesse levantamento a autora aponta dois recortes temáticos a partir dos quais as pesquisas nessa área vêm se desenvolvendo. No primeiro, o foco se volta para a *História das Instituições*, em que as análises perpassam os aspectos internos da escola e evidenciam o papel desempenhado pelos materiais nos processos educacionais. No segundo eixo temático denominado *A História da Leitura e da Escrita*, são evidenciados os suportes materiais de escrita escolar, tendo em vista que esses artefatos são produtos de trabalho humano e como tal são produções simbólicas, indicadores de mediações que perpassam as relações sociais. A autora chama atenção de que muitos artefatos que são produzidos para uso escolar são apropriados de diferentes maneiras fora desse contexto; da mesma forma que objetos de usos sociais, como o caso dos jornais, o cinema, as revistas em quadrinhos, adentram o universo escolar adquirindo novas significações. Em suas palavras “[...] o que define um objeto como escolar depende da intencionalidade e do uso que se faz dele em determinadas situações e condições históricas³⁵”.

³⁰ Le Goff (1992) apresenta “*documento como monumento*”, noção em que o documento passa a ter a função de armazenamento de informações através do tempo e do espaço e, passa ser instrumento de memorização e registro; além de assegurar a passagem da esfera auditiva à visual. Esse documento caracteriza-se, tanto pelo poder de perpetuação do passado quanto por ser testemunho escrito do grupo que o produziu, ou seja, é também um elemento da memória coletiva.

³¹ LE GOFF, 1992, p.54.

³² “*O uso do termo cultura material escolar é bastante recente no campo educacional. Historicamente os profissionais da educação no Brasil utilizaram o termo materiais escolares para designar o conjunto dos artefatos materiais necessários para o funcionamento das escolas envolvendo mobiliários e acessórios, infra estrutura dos prédios escolares, equipamentos e utensílios destinados ao ensino como cartilhas, livros de leitura, mapas, globos, laboratórios de física e outros*”(SOUZA,2007, p.169).

³³VEIGA, Cynthia G.Cultura Material Escolar no século XIX em Minas Gerais. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2002a, Natal-RN. *Anais História e memória da educação brasileira*. Natal: Ed. UFRN, 2002a.

³⁴ SOUZA, 2007.

³⁵ SOUZA, 2007, p.177.

Tomar os álbuns de pesquisa como objeto de estudo no sentido de delinear algumas questões acerca das práticas de escrita escolar e tomar tais práticas como representações da infância, foi por princípio, considerar a cultura³⁶ como instância central que produz uma rede de significados socialmente estabelecidos que, no interior de uma cultura escolar institui a formação do aluno.

Cada vez mais, a sistematização da pesquisa se deu pela articulação constante entre as especificidades que conferiam uma materialidade ao artefato, os sentidos e os usos que faziam dele. Busquei na “arqueologia do objeto³⁷”, termo utilizado por Chartier que remete à idéia de como se dá esse processo de produção e circulação do artefato, compreender como foi possível produzir uma dada cultura e supor que nos suportes materiais foram veiculadas concepções que sustentam, de forma significativa, uma cultura material escolar. Como assinala Veiga³⁸, o aparecimento, os usos feitos, as transformações e o desaparecimento desses objetos são reveladores de práticas educacionais “[...] seja através dos sentidos atribuídos pelos sujeitos a esse objeto, seja pela identificação das marcas presentes que expressam as múltiplas experiências de produção, negação e apropriação de culturas”.

O movimento de investigação propiciou uma rede de interlocuções que dirigiu meu interesse para a escrita que compõe os álbuns de pesquisa no sentido de reconhecer o caráter das experiências cognitivas que a escola proporcionou e que se deu pela estruturação dos saberes explicitados pelas competências da escrituração. Segundo Gómez³⁹, escrita é um fato cotidiano que tem uso prático, definido por formas diferenciadas. Para o autor, saber as razões por que se faz uso da escrita em cada momento e em cada sociedade, conhecer a distribuição das capacidades de escrever e de ler, a materialidade do escrito, conhecer os distintos lugares, espaços e maneiras as quais têm se experimentado sua recepção e apropriação, enfim, compreender a historicidade das práticas de escrita é uma forma de fazer História Cultural.

Este campo de reflexão permitiu-me analisar as práticas de escrita como centrais na apreensão desse material que disseminava os valores culturais e simbólicos os quais a escola pretendia consolidar nas décadas de 1930-1950 no Grupo Escolar Melo Viana.

³⁶ GEERTZ, 1981.

³⁷ Empreender a *arqueologia dos objetos* proposta por Chartier (1990) é proceder a análise que pretende discernir na materialidade dos impressos, as marcas de sua produção, circulação e uso. Esse recurso delinea um itinerário de investigação multifacetado que recorta e transita por vários campos da pesquisa historiográfica: história das edições; história das políticas educacionais; história da escola, história dos saberes pedagógicos.

³⁸ VEIGA, 2002a, p.3.

³⁹ GÓMEZ, Antonio Castillo, 2003.

Para compreender os modos como as práticas de escrita ganhavam centralidade nesse artefato meu olhar foi conduzido para o contexto de produção, no intuito de compreender como se dava a produção de uma escrita coletiva que envolvia estratégias para a seleção do material, ao mesmo tempo em que envolvia apreender as singularidades das diferentes modalidades de escrita.

Retornando à análise dos textos encontrados nos álbuns de pesquisa, vi que esses, por um lado, sinalizavam para a escrita autorizada a circular na escola, por outro, indicavam as representações e os sentidos produzidos para a escrita escolar que firmaram o ideário de aluno(a). Em meio a isso, o próprio percurso da pesquisa levou-me a tomar os álbuns como objeto à medida que esse artefato foi ganhando centralidade como produção cultural dos *Clubes de Leitura*. Nessa perspectiva o aluno se colocava como agente do conhecimento e produtor de um artefato escritural, que pela sua configuração e função assume um caráter monumental.

Dada a importância das práticas de escrita encontradas nos álbuns, estas passaram a ser o foco de análise. Esse deslocamento comportou uma tensão na medida em que os artefatos que eram tomados como fontes se transformavam em objeto de investigação. Explorar tal tensão supunha ter de deslocar a atenção dos textos para o suporte e levar em conta, numa perspectiva mais ampla, a cultura escolar que promoveu essa prática e suas produções. Para essa compreensão, era necessário considerar não só os temas que foram tratados, mas entender o contexto e a intencionalidade da produção.

Diante disso, foquei minha atenção nas modalidades de escrita e na estruturação dos exercícios com o objetivo de identificar o contexto de produção e os usos que eram feitos de modo a definir com mais precisão como a escrita se apresentava a esses alunos. Nessa articulação, cada vez mais, as tarefas de cópias e as redações ganhavam expressão como elementos passíveis de dar visibilidade às práticas discursivas que circulavam na escola, operando assim, como “[...] dispositivos de escolarização⁴⁰” de uma certa infância.

As leituras de Jean Hebrard⁴¹ e Anne Marie Chartier⁴² subsidiaram esse caminho. Esses autores coordenam um amplo estudo que analisa os materiais de escrita escolar que estruturam o trabalho na escola francesa, bem como os tratam como dispositivo de

⁴⁰ O termo foi utilizado, como o fez Veiga no texto *A escolarização como projeto de civilização*, quando propõe uma resignificação do objeto escola valendo-se de um “dispositivo de escolarização”. *A escolarização, fica assim entendida como uma rede heterogênea de elementos que dá visibilidade e ocultamento às formas discursivas e não discursivas*” (VEIGA, 2002b, p.90-103).

⁴¹ HEBRARD, 2002, 2001, 2000, 1995.

⁴² MARIE CHARTIER, 2005, 2002, 1995,

aculturação de saberes, permitindo avaliar o aluno, o professor e a escola. Uma de suas pesquisas constitui-se da análise de manuais de leitura e cadernos escolares no período de 1880 a 1890, em que foi possível, uma visão dos usos destinados a esses materiais e as formas como se deram as apropriações.

Quanto à natureza do artefato escritural, Sivina Gvirtz⁴³ desenvolveu uma pesquisa na escola primária da Argentina⁴⁴, contemplando o caderno escolar como um produto histórico construído socialmente que se constitui em um campo significativo para observar processos históricos e pedagógicos. Esse dispositivo se revelou como um eficiente meio de reunir dados e informações sobre o ensino, cujo enfoque recai não só no que era dado ao aluno aprender, mas também, no que a escola estava autorizada a ensinar. Ao mesmo tempo, são considerados os processos escolares de escrituração cujo produto e conteúdos sinalizam para o currículo escolar, ou seja, o caderno é visto como um dispositivo escolar passível de desvendar os efeitos de determinados processos escolares. O diálogo com Vidal e Gvirtz⁴⁵ foi de fundamental importância para compreender como se davam as práticas de ensino de leitura e de escrita em que a materialidade participava na construção dos sentidos e passa a ser fator preponderante na constituição de uma cultura escolar. Segundo essas autoras, os artefatos escriturais produzidos durante as práticas pedagógicas trazem representações que expressam, por um lado, as práticas de escrita privilegiadas no Projeto Educacional e apontam para os usos que são feitos delas e por outro, indicam as relações sociais, históricas e culturais que tratam o artefato material como dispositivo escritural.

No intuito de entender a dinâmica presente nas relações estabelecidas entre o suporte escritural e os usos que se fazem deles, recorri como referências complementares, mas não menos importantes aos trabalhos de Ana Galvão⁴⁶ e Antonio

⁴³ GVIRTZ, 2006, 2004, 1997.

⁴⁴ Nessa perspectiva, utilizo como base a pesquisa que a autora desenvolveu na escola primária Argentina, contemplando o caderno escolar como um produto histórico, construído socialmente e que se constitui em um campo significativo para observar processos históricos e pedagógicos. Dentro dessa abordagem baseei-me para proceder à organização estrutural na pesquisa que Camargo (2000) desenvolveu no Brasil com os cadernos de alunas normalistas.

⁴⁵ Tomo como base outros estudos: VIDAL, 2005, 2000; VIDAL;GVIRTZ, 1998.

⁴⁶ GALVÃO, Ana M. *A circulação do Livro escolar no Brasil oitocentista*. Reunião Anual da Anped, 2005. GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antonio Augusto. Manuais escolares e pesquisa em História IN VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívea. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antonio A; KLINKE, Karina. Livros Escolares de Leitura: uma morfologia (1986-1956). *Revista Brasileira de Educação*, maio\jun\jul\ago, nº 20, 2003a; GALVÃO, Ana M. *Ler/Ouvir folhetos de Cordel em Pernambuco (1930-1950)*. UFMG, B. H, 2001. GALVÃO, Ana M. Processo de inserção de analfabetos e semi-analfabetos no mundo da cultura escrita (1930-1950). *Revista Brasileira de Educação*. Jan\Fev\Mar\Abr , Nº 16, 2001.

Augusto Batista⁴⁷, Elomar Tambara⁴⁸, Vera Valdemarin⁴⁹, pesquisadores que, dentre outros projetos, inventariaram e analisaram as possibilidades que os manuais escolares assumem como instrumentos de formação de alunos e professores. Essas leituras foram de suma importância no tratamento metodológico dado aos conteúdos dos álbuns de pesquisa.

1.3 Os álbuns de pesquisa: artefato de uma cultura material escolar

O que leva um(a) pesquisador(a) da História da Educação a se interessar pelo estudo de um artefato material?

A resposta a essa questão está para além da análise do objeto, da forma como é produzido, da sua função ou de como é consumido⁵⁰. O principal argumento é compreender as relações que os sujeitos estabelecem com as coisas e com os objetos em um certo tempo, em um lugar. Logo, para compreender essa relação há de se tomar consciência da materialidade das produções, rever a posição clássica entre as realidades e as representações, entre os fatos que relevam as explicações simbólicas ou intelectuais, o que, para Roche⁵¹ pressupõe refletir sobre a própria noção da cultura material.

Os objetos, as relações físicas e humanas que eles acarretam não podem ser reduzidas a uma simples materialidade, nem a simples instrumentos de comunicação ou de distinção social. A vida material está na imbricação dos contextos sociais de informações e de comunicações que organizam o significado das coisas e dos bens

Nesse sentido, tomar os álbuns de pesquisa como artefato produto de uma cultura material representou estar atenta às mediações estabelecidas entre o objeto e os

⁴⁷ GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antonio A. Manuais escolares e pesquisa em História IN VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívea. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003; GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antonio A; KLINKE, Karina. Livros Escolares de Leitura: uma morfologia (1986-1956). *Revista Brasileira de Educação*, maio\jun\jul\ago, nº 20, 2002.

⁴⁸ TAMBARA, Elomar. Textos de Leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil IN PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (orgs). *Livros escolares e ensino de leitura e da escrita no Brasil*. Pelotas; Seiva, 2003.

⁴⁹ VALDEMARIN, Vera Teresa. Interfaces de pesquisa sobre manuais didáticos In Bencostta, Marcus Levy (org). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

⁵⁰ “O desenvolvimento das ciências humanas, no fim do século XIX, não se concebe fora da corrente evolucionista. A mesma corrente também pertence uma nova arqueologia, cujo desenvolvimento está para muitos na tomada de consciência da cultura material; uma arqueologia que leva em conta, em primeiro lugar, os aspectos materiais das civilizações e neles baseia a própria definição das culturas e sua evolução” (PESEZ, 1998, p.178).

⁵¹ ROCHE, 1999, p.19.

sujeitos dessa produção, com o fito de compreender como as idéias e as práticas se articularam com o mundo social⁵², de modo a produzir significação a esse artefato.

Pela análise do suporte da escrita foi possível conhecer como eram as concepções pedagógicas dessa época as quais imprimiam um projeto para desenvolver as sensibilidades. Tal projeto materializou-se na organização das páginas, na configuração de uma topografia de ordenação⁵³e na configuração estética de apresentação. O discurso iconográfico não se dissociou dos textos na articulação da idéia do que é ser criança, tanto que revelou as representações da infância na proposição de indicadores de hábitos, comportamentos e valores que constituem essas representações.

Se considerarmos, como Chartier⁵⁴ que tais representações são também práticas de ordenamento do mundo social⁵⁵, veremos realçadas as implicações de uma história do cotidiano e das práticas escolares que favorecem o entendimento da produção de uma cultura escolar em que há a transformação da criança em aluno⁵⁶.

Souza⁵⁷ destaca a centralidade da composição material da escola como evidência de uma racionalização que buscou nessa organização um ensino mais produtivo e eficiente e constituiu um aspecto significativo da cultura escolar. Nesse sentido, os estudos que se voltam para análise de uma cultura material escolar têm por objetivo perceber como se dão as articulações que vinculam concepções, práticas e saberes a um determinado objeto escolar que, além de “[...] instituir um discurso e um poder, informam valores e concepções subjacentes à educação⁵⁸”. No contexto escolar sobressaem as possibilidades de compreender a educação tanto por meio das

⁵² Fica entendido que é nas relações sociais que se deve buscar a significação dos fatos materiais, PESEZ, JEAN-MARIE .História da cultura material In LE GOFF, Jaques *A história Nova*. S.P: Martins Fontes, 1998.

⁵³ Esse termo se refere ao trabalho de organização da página em que há o cuidado com o traçado da letra, com a confecção dos títulos, na harmonia da separação dos parágrafos e imprime regras na organização das margens etc, Esses elementos reunidos constituem-se numa composição estética. Esse termo guarda uma aproximação com o que Hébrard denomina de *tipografia de apresentação* (HEBRARD, 2001, p.125)

⁵⁴ CHARTIER,R, 1990.

⁵⁵ Representação, em Chartier, é pensada como algo que permite ver algo ausente.O autor articula esse conceito com três modalidades do mundo social:

* em primeiro lugar, o trabalho de delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais, através dos quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos.

* As práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, significam, simbolicamente, um estatuto e uma posição.

* As formas de institucionalizar graças as quais uns representantes marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. CHARTIER,1990, p. 27-123.

⁵⁶ KUHLMANN JR, 2004.

⁵⁷ SOUZA, 2007.

⁵⁸ Op cit, 2007, p.165.

aproximações dos procedimentos que se apresentam como estáveis na dinâmica no grupo como através das modificações materiais que, postas em evidência, realçam o modo como os agentes dessa ação re-significam o objeto.

O reconhecimento do fato de que a cultura material escolar não pode ser entendida como simples reflexo das relações sociais, aspecto indicado por Veiga⁵⁹ e, que os artefatos escolares fazem parte de um conjunto de elementos que, de forma direta ou indireta, participam da constituição de uma cultura escolar como diz Vinão⁶⁰, tudo isso leva-nos ao entendimento de que o estudo dos suportes materiais insere-se em um conjunto de práticas sociais carregadas de significados que caracteriza a escola como lugar de transmissão de saber. Nesse sentido, pensar a organização da escola mineira em Carangola, no período de 1930 a 1950 é, sobretudo, pensar na constituição e consumo desses bens culturais que podem ser interpretados conforme considera Bucaille; Pesez (1989, p.22) “[...] como tradições reveladoras da cultura⁶¹” escolar que se observa.

É possível, também, estabelecer através dos usos escolares da escrita, sobretudo no ensino primário, as diferentes representações de escrita que circulavam no debate pedagógico, bem como para os diversos valores da aprendizagem do escrever corrente cujo objetivo era uma escrita rápida e eficiente que fosse resposta aos novos ritmos da sociedade moderna.

Estamos diante da difusão e usos da cultura escrita dentro da modalidade escolar que, como uma modalidade social institucionalizada, implica o uso da leitura, da escrita e do cálculo, tendo como finalidade a utilização social dessas habilidades. Diante dessas posições inovadoras, vê-se que os saberes difundidos no Grupo Escolar Melo Viana, em atividades desenvolvidas nos *Clubes de Leitura*, representavam não só a tentativa de consolidação da escola, bem como a produção de uma cultura escolar, essencialmente, centrada na produção escrita do aluno.

Como o suporte material e as práticas de escrita escolar expressas nos álbuns de pesquisa sinalizam para uma cultura material escolar?

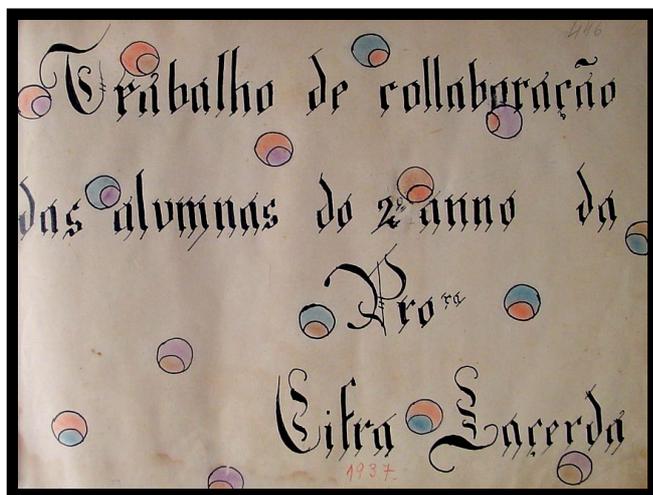
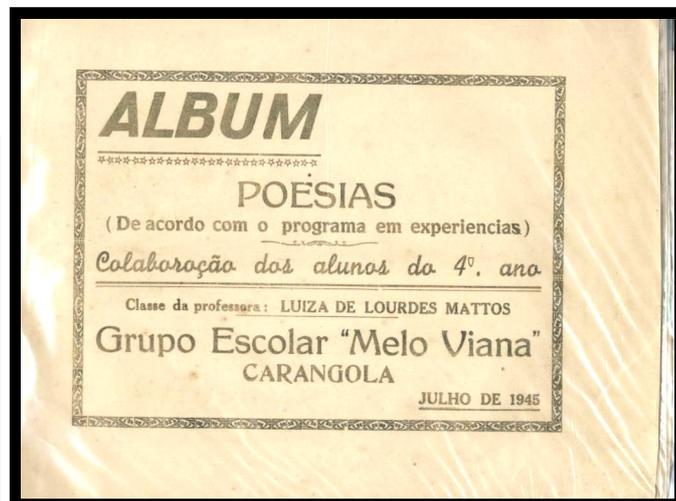
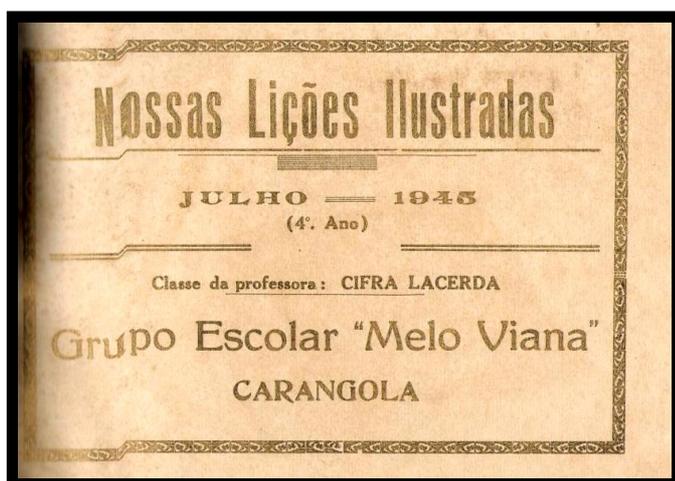
Nesse momento assumo o papel de arqueóloga dos álbuns e passo a interpretar uma rede de dados em sua significação material. Início apontando algumas características desse artefato, que em seu aspecto material aproximam da formatação de um álbum: um conjunto de folhas de papel tamanho ofício, presas por um dos lados,

⁵⁹ VEIGA, 2002a.

⁶⁰ VINÃO, 1995.

⁶¹ BUCAILLE; PESEZ, 1989, p.22.

contendo lições manuscritas que demarcam o caráter pedagógico. A capa é composta por um material duro e resistente. A primeira folha se incumbe de identificar o ano de produção, o nome da professora da turma, a série, embora nem sempre seja explicitado o *Clube de Leitura* ao qual a produção está vinculada.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Geralmente, aparecem inscrições impressas em dourado ou em manuscrito bordado que identificam o contexto de produção ou revelam a finalidade a que o álbum se propunha: *Álbum Comemorativo do Centenário de Machado de Assis*⁶²; *Primeira Semana Florestal*⁶³; *Coletânea de trabalhos de Língua Pátria*⁶⁴. Essas inscrições dirigem, de certa forma, ao sentido que se deve dar à leitura e se configuram, também,

⁶² A.14/1939.

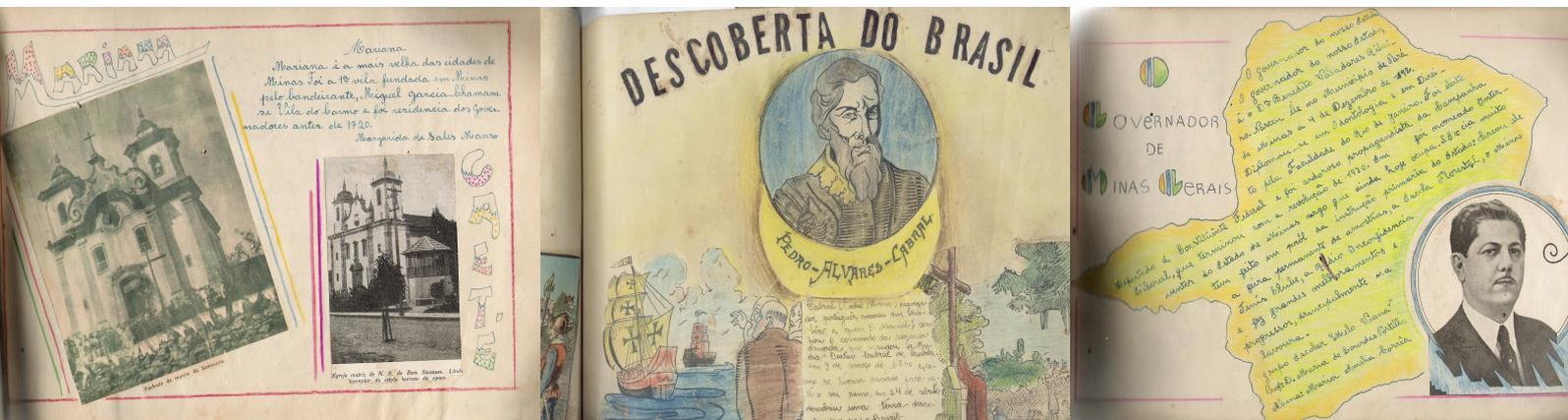
⁶³ A.09/1939.

⁶⁴ A.11/1939.

como pistas inscritas no próprio texto que orientam a leitura. Segundo Chartier⁶⁵ essas inscrições atuam como protocolos de leitura, ou seja, “[...] são elementos que disseminados pelo texto dirigem a leitura do leitor e se constituem em atitudes das práticas de ler”. Seguindo essas pistas, compreendi que tais elementos servem não só para atribuir sentido à leitura, como também para orientar os alunos quanto à constituição material do álbum em torno da escolha “do quê” escrever, quanto ao direcionamento da modalidade ou gênero de escrita que deveriam adotar como também, no auxílio à seleção das ilustrações que compõem o artefato.

O próximo passo constituiu-se em manusear o caderno, atenciosamente, e observar com cuidado sua estrutura material. Percebi que as páginas foram agrupadas uma a uma, de modo que, essa justaposição, permitisse que as atividades fossem fixadas depois de prontas, o que demonstra a clara intenção em produzir uma escrita limpa, sem erros de grafia, que causasse uma boa impressão aos olhos de quem a visse.

As páginas foram compostas de maneira variada e se apresentaram com diferentes configurações: recortes de notícias de jornais e revistas constando imagens, cópias de lições e cópias de poesias, composições de alunos e uma vasta diversidade no que se refere às ilustrações: figuras de pessoas, animais, paisagens.



A € Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana-Álbum 43\1948 tentam em uma História positivista, factual, de exaltação dos vultos célebres e na Língua Pátria, que se compromete a formar o aluno “leitor” de boas obras literárias e “escritor” dos preceitos que refletem uma base educacional em bons princípios. Os conteúdos relacionados aos cuidados com o corpo, os hábitos de higiene e promoção da saúde aparecem sempre associados à ilustração. Isso demonstra que a escola procurava estar sintonizada com os princípios pedagógicos que elegia uma educação através do olhar.

⁶⁵ CHARTIER, R, 1996, p.10.

Sob outra perspectiva, passei a interpretar esses álbuns, a partir, prioritariamente, do ponto de vista do tipo de atividades. Esse esforço me fez perceber que de acordo com os tipos de exercícios, o suporte da escrita mudava de configuração. Isso equivale dizer que os álbuns de pesquisa à medida que se diferenciavam na estrutura, operavam mudanças que interferiam no sentido atribuído ao artefato cultural.

Como se argumentou, aqui, as novas diretrizes educacionais inauguradas pelo Regulamento de Ensino de 1927 ganharam uma feição particular expressas por uma tipologia de álbuns de pesquisa. Nesse sentido, cabe perguntar-nos em que medida os álbuns de pesquisa traziam para o Grupo Escolar Melo Viana modelos de cultura pedagógica distintos daqueles que vinham sendo pautados na instituição? Qual o potencial inovador do modelo proposto pelos álbuns de pesquisa?

Para estabelecer modelos explicativos de como interagi com meu objeto nessa tarefa precisei criar categorias⁶⁶ que me permitissem estabelecer articulações possíveis dentro de uma rede de significados, de modo que tornasse mais visíveis as relações que pretendia estabelecer. Essa tentativa se apoiou, por um lado, nas pesquisas que colocam em voga os exercícios escolares na França num período que vai dos anos 1880 aos anos 1990 e confirmam os princípios pedagógicos sobre os quais os exercícios se baseiam na renovação do ensino em todos os níveis de escolaridade⁶⁷. Por outro, estabeleci um contraponto com a pesquisa de Gvirtz⁶⁸ com os cadernos escolares no intuito de perceber e estruturação do artefato material.

Os álbuns de pesquisa não têm uma estruturação com base nos enunciados dos exercícios, tão pouco explicita algum elemento que determine a forma de realização da tarefa. O que se vê em 70% dos álbuns é uma relação entre a denominação do álbum ou o seu propósito de criação que, geralmente, aparece anunciado na primeira página e os tipos de exercícios que foram desenvolvidos. Essa aproximação ficou clara na medida em que, entendi os protocolos de leitura como uma orientação que conduziu os alunos\agentes produtores dos álbuns, na escrituração desses artefatos. Essa anunciação, de certa forma, interferiu nos tipos de atividades\exercícios desenvolvidos, seja em relação à predominância do gênero literário, como no caso do Álbum de Poesias (De acordo com o programa de experiências)⁶⁹; seja em relação ao tema escolhido, álbum

⁶⁶ NUNES, 1996, p.42.

⁶⁷ GVIRTZ, 1997; HEBRARD, 1995; CHARTIER, 1995; CASPARD, 1992, CHERVEL, 1992.

⁶⁸ GVIRTZ. 1997.

⁶⁹ A.41/1945.

Mártires da República⁷⁰ em que a escrita de biografias de vultos célebres predominaram como exercício escolar ou o álbum Cartas, Histórias e Bilhetes⁷¹ em que a denominação do álbum já adianta o tipo de exercício desenvolvido pelos alunos.

1.4 A organização das fontes

O material analisado para a produção dessa tese é composto por 50 álbuns de pesquisa que foram agrupados e reagrupados, a partir de determinadas categorias, algumas delas sugeridas pela própria natureza do material que se apresenta com algumas identificações, e outras, que foram surgindo determinado pela empiria ou o contato com a bibliografia que despertava, sempre, uma nova possibilidade de articulação dos dados. Cada pergunta que se impunha às fontes exigia um exercício de pensamento que finalizava na elaboração de quadros, na organização de novos agrupamentos, na produção de esquemas ou na tentativa de montagem de tabelas. A intenção não foi trabalhar com os dados quantitativos, no entanto, contemplá-los se apresentou como um recurso imprescindível ao processo de construção da pesquisa.

O conjunto dos álbuns poderia receber diversos tratamentos, tendo em vista as possibilidades de agrupamentos e, conseqüentemente, como problematizá-los. Tanto que em um primeiro momento, identifiquei-os levando em conta a informação contida na etiqueta da capa ou a informação vinda na primeira folha. Alguns traziam o nome do álbum, outros o nome da professora e o ano ou caracterizavam-se somente pelo ano e\ou deixavam pistas sobre a década. Ainda que muitos (14%) não tenham claramente o ano de produção, foi possível, depois de várias incursões às fontes, determinar as datas de uma grande maioria que até então não tinha sido identificado.

Precisei identificar cada um dos álbuns dando-lhes uma numeração. Essa foi uma forma que encontrei para facilitar tantas idas e vindas às fontes. Posteriormente, depois de uma descrição criteriosa dos dados relevantes: título dos álbuns; nome da professora, ano, série, tipo de atividade, gênero do texto, tema discursivo, autor, presença de protocolo e anotação de algumas características que julguei importantes, obtive uma visão mais geral do meu *corpus* documental, que apresento de forma simplificada no quadro a seguir:

⁷⁰ A.08/1939.

⁷¹ A.43/1948.

QUADRO 1

Identificação dos álbuns de pesquisa por numeração

Nº	Ano	Professora	Protocolo	Atividades Predominantes	Série
01	1930	s/ì		Recorte de Poesias	s/ì
02	1936	Cifra Lacerda	Herbário	Colagem de folhas	s/ì
03	1937	Cifra Lacerda		Recorte de jornais	s/ì
04	1937	Cifra Lacerda		Notícias de jornais	s/ì
05	1937	Cifra Lacerda	Dicionário ilustrado	Recortes e colagem	1º ano
06	1937	Cifra Lacerda	Trabalho de colaboração das alunas do 2ºano	Recorte de figuras de cidades Recortes de jornais; mapas	2º ano
07	1938	Cifra Lacerda	Galeria Nacional-Vultos Célebres	Recorte de figuras	4º ano
08	1939	Cifra Lacerda	Mártires da República	Biografias; Recorte de jornais	4º ano
09	1939	Cifra Lacerda	1ª Semana Florestal	Poesias Composições	4º ano
10	1939	Cifra Lacerda	Duque de Caxias	Cópias; Poesias	4º ano
11	1939	Cifra Lacerda	Coletânea de trabalhos de Língua Pátria	Composições	4º ano
12	1939	Cifra Lacerda	Semana da Pátria	Diversas	4º ano
13	1939	Ester Azevedo Morando	Dicionário 1º ano masculino	Recortes e colagem	1º ano
14	1939	Cifra Lacerda	Comemorativo do Centenário de Machado de Assis	Cópias; Recorte de jornais	4º ano
15	1939	Cifra Lacerda	Mãe	Poesias	4º ano
16	Dec 30	Cifra Lacerda	Lembrança do 3º ano	Cópias ilustradas; Postais	3º ano
17	Dec 30	Cifra Lacerda	Picos e Serras	Cópias ilustradas; Poesias	s/ì
18	Dec 30	Cifra Lacerda	A França Altiva	Postais;Recortes de jornais	s/ì
19	1939	Cifra Lacerda	Diversos	Cópias ilustradas	4º ano
20	1942	Cifra Lacerda	Comemorativo da Semana de Caxias de acordo com o Programa de Experiência -Matéria Moral e Cívica	Recorte de jornais Cópias ilustradas	3º ano
21	1939	Cifra Lacerda	Instrução Moral	Cópias ilustradas	4º ano
22	1937	Cifra Lacerda	Dicionário Ilustrado	Recortes e colagem	2º ano
23	Dec 30	s/ì	Pesquisa	Artigos de revista\seção A origem das coisas	s/ì
24	1939	Cifra Lacerda	Pesquisas Diversas	Recorte de figuras; Poesias	4º ano
25	1940	Maria dos Reis		Pesquisas diversas; Poesias	s/ì
26	1940	s/ì		Mapas dos Estados	4º ano
27	1940	Conceição Azevedo	Trabalho de colaboração dos alunos do 4º ano	Cópias ilustradas	4ºano mixto
28	1942	Cifra Lacerda	O cão – Organizado pelo Clube de Leitura Olavo Bilac	Poesias	3º ano
29	1942	Luiza Mattos\Perciliana	-	Pesquisas diversas; Poesias	s/ì
30	1942	Cifra Lacerda	3º Centenário de execução de Tiradentes	Diversas; Poesias	3º ano
31	1942	Adelaide Nolasco e outras	Álbum de trabalhos manuais dos alunos do 1º ano	Cópias de alunos em fase de alfabetização	1º ano

32	1942	Ester Azevedo Morando	Álbum de Ciências Naturais, organizado pelo Clube de Leitura Belmiro Braga	Cópias ilustradas; Composições	3º ano mixto
33	1942	Cifra Lacerda	Comemoração da Semana da árvore		3º ano
34	1942	Cifra Lacerda	Trabalho de meninas do 3º ano	Cópias ilustradas	3º ano
35	1942	Diva Guarinello		Pesquisa	s/vi
36	1943	Cifra Lacerda	Comemorativo do Dia Presidente organizado pelo Clube de Leitura Olavo Bilac	Pesquisas; Cópias ilustradas, Composições	4º ano
37	1943	Maria Lourdes Portilho	-	Biografias de vultos célebres; Cópias ilustradas; mapas	4º ano
38	1943	Ester Azevedo Morando	Álbum de Geografia organizado pelas alunas do IV ano mixto	Cópias ilustradas; mapas	4º ano mixto
39	1945	Hilda Guarinello	Homenagem à diretora Emília Morando	Diversas; Poesias	4º ano
40	1945	s/vi	Pesquisas Diversas	Diversas; Poesias	s/vi
41	1945	Luiza Mattos Cifra Lacerda	Poesias de acordo com Programa de Experiências	Cartões alinhavados; Poesias; retratos 3x4 dos alunos	4º ano
42	1945	Cifra Lacerda	Nossas lições ilustradas Por que fizemos esse álbum?	Diversas	4º ano
43	1948	Maria Teixeira	História, cartas e bilhetes	Composições	2º ano
44	1948	Maria Teixeira	Nossas lições de Geografia e História	Diversas – fala sobre Carangola Recorte de jornais; Postais	2º ano
45	1949	Maria Teixeira	Poesias de Gonçalves Dias	Poesias	3º ano
46	1949	Maria Teixeira	Comemorativo do Centenário de Rui Barbosa	Poesias; Cópias ilustradas; Recortes de Jornais	3º ano
47	Dec 30	s/vi		Recorte de poesias	s/vi
48	Dec 40	Miracy Cardoso	Colaboração dos alunos da 2ª série		2º ano
49	Dec 40	Ana Chedid	Semana Florestal		4º ano
50	1938	Cifra Lacerda		Recorte de Jornais; Cópias ilustradas	4º ano

Síntese da distribuição dos álbuns por ano

		DECADA						DECADA			
--	--	--------	--	--	--	--	--	--------	--	--	--

		DE 30					DE 40						
s\data	1930	1936	1937	1938	1939	1940	1942	1943	1945	1948	1949	s\data	total
05	01	01	05	02	11	03	09	03	04	02	02	02	50

No **QUADRO 1**, pode-se observar que o ano de 1939 sobressai com a marca de onze álbuns (22%) organizados pelos alunos da turma da 4ª série da Professora Cifra Lacerda, seguido do ano de 1942 com o total de nove álbuns, o que equivale a 18% do conjunto. Vale ressaltar, que embora numerosos, os álbuns produzidos em 1939 decorreu de um investimento coletivo em que houve a participação de todos os alunos de uma mesma turma, organizados em grupos distintos.

Com essa amostragem, quis sinalizar a concentração de produção de álbuns de pesquisa em dois momentos bem demarcados e, ainda, chamar atenção para os protocolos de leitura dos álbuns que imprimem “[...] os preceitos do Estado Vargasista que eram difundidos nos materiais didáticos da época e serviam como instrumentos do regime na educação infantil⁷²” e refletem as concepções do período. Assim temos: *Biografias de vultos célebres e mártires da República*, homenagem ao chefe da Nação brasileira, comemoração dos *Cinco Centenários da Execução de Tiradentes*, *Comemorativo do Dia do Presidente*, dentre outros.

Quanto à natureza dos álbuns, tomando-se por análise os tipos de atividades, tem-se um fato curioso. No período de 1930 até 1939, tem-se a produção de vinte álbuns, desses, oito são compostos por recortes de jornais e revistas de onde foram retiradas as poesias, os contos, as notícias sobre o Brasil, além de um tanto de ilustrações de personagens ilustres da nossa história que compõem uma “Galeria Nacional”⁷³.

Nota-se uma mudança significativa nos tipos de atividades a partir de 1939 quando surgem os álbuns com cópias e algumas composições como também, trabalhos manuais de alinhavos em cartões e dobraduras. A mudança de estilo na estruturação dos álbuns é nítida e se destaca no álbum *História Cartas e bilhetes*,⁷⁴ produzido no ano de 1948, no qual se encontra constituído por trinta e seis composições de alunos, o que corresponde a 30,5% do total das composições ao longo dessas duas décadas.

Alguns álbuns têm como proposta dar a conhecer ao leitor, a história de vida de determinados personagens de nossa História, a exemplo do álbum *Centenário de Rui*

⁷² FONSECA T. N.; VAZ, A. C. Festas cívicas no estado novo rituais de poder no imaginário mineiro (1937-1945). *Revista de Iniciação Científica Newton Paiva*, 2000\2001, Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva. 2002. p.153.

⁷³ A.7\1938.

⁷⁴ A.43\1948.

*Barbosa*⁷⁵. A estruturação desse álbum se compõe por uma linha cronológica dos fatos em que a trajetória de vida do ilustre político e poeta inicia-se com a história de sua família de origem, perpassam fatos de sua juventude, o casamento, os feitos políticos e termina com as notícias de seu falecimento e sepultamento retirado de um artigo de jornal.

Machado de Assis⁷⁶ e o Presidente Getúlio Vargas⁷⁷ foram outras duas personalidades contempladas com a edição de um álbum inteiro. A intenção fora homenagear os personagens históricos focando a trajetória de vida e destaque aos feitos de cada um. A estruturação do artefato se compõe por cópias, poesias, composições, bilhetes e cartinhas com uma escrita voltada para o desenvolvimento do sentimento cívico-patriótico. O *Clube de Leitura* da Professora Maria Teixeira homenageou o patrono, Gonçalves Dias, com um álbum⁷⁸, inteiramente, composto por suas poesias no ano de 1949.

Pode-se observar no **QUADRO 1** a frequência de produção dos álbuns ao longo de duas décadas uma nítida divisão que demarca duas tendências. De um lado a produção da década de 1930 que perfaz um total de 25 álbuns (50%), sendo que destes, 21 álbuns pertencem às turmas da professora Cifra Lacerda⁷⁹. Desses, como já dito, 10 álbuns foram produzidos no ano de 1939. A década de 1940 apesar de apresentar um somatório referente a 50% dos álbuns, esse total é dividido entre as doze professoras identificadas, inclusive incluindo as produções da turma da professora Cifra. Esse fato mostra que a prática de confecção de álbuns obteve uma dimensão que aparece revelada através não só do maior envolvimento nessa prática pedagógica, por parte das professoras como, também, abrange um universo infantil mais alargado à medida que aumenta o número de alunos integrantes dessa produção.

Se por um lado, a análise do conjunto desses artefatos aponta para as concepções que consolidam um projeto educativo voltado para a formação do aluno, por outro, diz respeito ao investimento em que os professores estavam dispensando a esse artefato material, como procedimento metodológico adotado. Com base nos dados obtidos, o número de álbuns produzidos pelas turmas da professora Cifra Lacerda é representativo,

⁷⁵ A.46\1949.

⁷⁶ A.14\1939.

⁷⁷ A.36\1943.

⁷⁸ A.45\1949.

⁷⁹ A título de curiosidade; a professora Cifra Lacerda é irmã de Cidilha Lacerda e do Cifrão Lacerda.

totaliza 28 álbuns, o que corresponde a 56% do total da produção. Dados registrados no **QUADRO 2**.

QUADRO 2
Síntese da distribuição dos álbuns por professora

Professora	n°
Cifra Lacerda	28
Ester de Azevedo Morando	3
Maria Teixeira Gomes	4
Luiza Mattos	2
Maria dos Reis	1
Maria de Lourdes Portilho	1
Conceição Azevedo	1
Adelaide Nolasco	1
Hilda Guarinelo	1
Miraci Cardoso	1
Diva Guarinelo	1
Ana Maria Chedid	1
Sem identificação	05
TOTAL	50

Segundo Maciel⁸⁰, as professoras construíam suas práticas pedagógicas tomando como referência os princípios formulados no Programa do Ensino Primário. Adequavam o material didático ao ideário preconizado e criavam novas alternativas metodológicas. Essas iniciativas foram decisivas na adesão de uma nova forma do fazer docente que marcaram de forma relevante o papel atribuído às professoras na reforma de Francisco Campos como também, edificaram as mudanças nas idéias e práticas tradicionais em uso. As discussões envolvendo a adoção ou não do livro didático na alfabetização em Minas Gerais, perpassam a capacitação das professoras na Escola de Aperfeiçoamento⁸¹, com a proposta da criação do pré-livro que, de acordo com Lucia Casasanta, “[...] como o próprio nome diz, é um livro que inicia a criança no aprendizado da leitura, e é também um pré-livro porque ele vai sendo construído pelos alunos⁸²”. Dessa forma, são divulgados métodos de ensino que buscam promover uma ação educativa calcada na

⁸⁰ MACIEL, 2000.

⁸¹ Instituição criada em 1929 dentro do projeto de reformulação educacional firmada por Francisco Campos no intuito de formar uma elite docente que não tardaria a difundir os princípios da escola nova em todo o Estado de Minas Gerais.

⁸² MACIEL, 2000, p.156.

ação, no ativo, no fazer, na experiência com o real, de modo que a escola pudesse promover uma aprendizagem mais próxima da vida cotidiana da criança.

Prates⁸³ discute as representações construídas pelas professoras resultantes do impacto das novas didáticas preconizadas pela Escola de Aperfeiçoamento em Minas Gerais durante os seus 17 anos de funcionamento. A autora busca perceber como o Estado passa a interferir no processo inovador em relação à prática escolar na medida que definia “[...] o papel do professor enquanto mediador de uma passagem gradual e não conflitiva de um regime autocrático para um regime democrático⁸⁴”. Ficando constatado que o propósito inicial do professor era conter os impulsos pessoais da criança e revertê-los em uma força que estimula o seu interesse pelo conhecimento. Ao professor caberia:

estabelecer com os alunos objetivos e metas; trabalhar a disciplina como processo de autocontrole; criar em sala situações que favoreçam o clima de amizade, cooperação e responsabilidade moral compartilhada; interessar-se pela criação de situações problemáticas que levem o aluno a pensar, conceber idéias e explicações, esboçar um plano de ação e executá-lo e, em seguida, avaliá-lo de acordo com o que fora planejado e aprendido⁸⁵.

QUADRO 3

Produção da Professora Cifra Lacerda

1936	1937	1938	1939	1942	1943	1945	S/data
1	05	02	10	04	01	02	03
-	1º e 2º ano	4º ano	4º ano	3º ano	4º ano	4º ano	3º ano

Obs esses álbuns podem ter sido produzidos no ano de 1942 quando a professora ministrava a turma do 3º ano.

⁸³ PRATES, 2000.

⁸⁴ PRATES, 2000, p.68-83.

⁸⁵ PRATES, 2000, p.78.

A frequência com que são produzidos os álbuns pelas turmas da professora Cifra Lacerda, a preocupação com a confecção desse artefato desde o formato da letra, ao preenchimento dos espaços vazios, o investimento efetivo no *Clube de Leitura*, a ênfase na produção estética, tudo isso são indicativos que nos levam a pensar que essa professora se destacava em relação às outras, seja pelo número de álbuns produzidos que significava, nessa época, estar sintonizada aos novos preceitos educacionais, seja pelas ações educativas que evidenciavam um significativo empenho, por parte da professora, na formação do aluno. Consta da *Revista de Ensino* nº.43 editada no ano de 1930 na sessão *Os Nossos Concursos*⁸⁶, cujo intuito era divulgar as experiências das professoras sintonizadas com a proposta das novas práticas propostas pelo Programa de Ensino, o nome da professora Cifra Lacerda. Essa inserção demonstra sua sintonia com as concepções escolanovistas. Além desses dados, tive acesso a dois manuais pertencentes à professora Cifra Lacerda, um deles, *Planos de lição Noções Communs*⁸⁷, o qual traz no índice temas que são reproduzidos nos *Álbuns de Pesquisas Diversas*, essa aproximação entre os títulos das lições e os textos que as crianças reproduziam, leva-me a pensar que, talvez esses manuais tenham sido a principal contribuição para a confecção desse artefato escritural.

O outro manual, *Didática nas escolas primárias*⁸⁸, de autoria de João Toledo – inspetor geral do ensino do estado de São Paulo, apresenta prescrições de como desenvolver as atividades pedagógicas. Os itens do índice abordam formas de como trabalhar os conteúdos programáticos e dá orientações gerais sobre o método do ensino.

O que se percebe é um fazer didático da professora sendo re-criado em atividades na sala de aula que, por sua vez, dá consistência ao projeto educacional do Grupo Escolar Melo Viana. Nesse sentido, vale encaminhar a análise em direção à seguinte reflexão: Em que medida a prática de elaboração dos álbuns de pesquisa produz a representação da professora que está sintonizada com os modelos escolanovistas? Pode-se falar que a Escola Nova projeta o perfil de um(a) professor(a) modelar?

Tendo em vista o material, foco de análise dessa pesquisa, pode-se inferir que as professoras do Grupo Escolar Melo Viana, especialmente a professora Cifra Lacerda,

⁸⁶ Sessão Nossos Concursos. *Revista do Ensino*. Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. nº.43, 1930. p.32 -42.

⁸⁷ TOLEDO, João. *Planos de lição Noções Communs*. São Paulo: livraria Liberdade 1934.

⁸⁸ TOLEDO, João. *Didática nas escolas primárias*. 2ª ed. São Paulo, 1930.

Obs: a 1ª edição deste livro foi de 2600 exemplares em janeiro de 1930 e a 2ª de 5000 exemplares em agosto do mesmo ano.

buscavam colocar o aluno como agente das práticas que projetavam um novo fazer didático e, de certa forma, esse fazer anunciava o espaço de criação das professoras.

Nessa direção, pode-se falar de uma escrita híbrida que se instala na tensão entre uma suposta liberdade dada ao aprendiz e o direcionamento da professora para a execução da tarefa, segundo os princípios que norteiam as novas concepções pedagógicas. Embora a elaboração dos álbuns de pesquisa como artefato material escriturário demande um investimento na escrita, pressupõe também, um intenso investimento na oralidade, a exemplo da utilização dos artigos de jornais e revistas que sinalizam para o exercício da leitura. Outros elementos sinalizam para a prática de exercícios orais que se associam à escrita, constatação possível através da análise das composições cuja produção escrita se deu a partir da leitura de uma determinada história.

É interessante notar, sobretudo, como o material impresso se difunde como recurso didático que associa os conhecimentos cotidianos aos saberes prescritos pelos cânones oficiais, tendo seu uso re-significado dentro de uma prática educativa proposta pela professora.

Outra forma de agrupamento foi possível à medida que reuni os álbuns e realizei um minucioso estudo de seus conteúdos, de forma a estabelecer aproximações, relacionar os temas e distinguir os tipos de atividades, procurando nessa rede de associações, interpretar as predominâncias. É importante salientar que para operar com essa realidade empírica tive que estabelecer algumas relações baseadas no currículo escolar da época. Tendo em vista esse princípio, recorri imensas vezes às propostas que circularam no Regulamento e no Programa de Ensino primário de 1927 para determinar as categorias com que iria trabalhar. Adotando essa perspectiva organizei o **QUADRO 4**.

QUADRO 4

Álbuns por conteúdos

Álbuns	Quantidade	Identificação
Álbum de Pesquisas Diversas	10	(A.23;24;25;27;29;31;35;39;40;50)
Álbum de Poesias	07	(A.01;15;28;41;45;47;49)
Álbum Língua Pátria	03	(A.11;42;43)
Álbum de Ciências	05	(A.02;09;32;33;48)
Álbum de Geografia	06	(A.06;16;17;18;26;38)

Dicionários Ilustrados	04	(A.05;13;19;22)
Álbum de História	15	(A.03;04;07;08;10;12;14;20;21;30;34;36;37;44;46)
TOTAL	50	

Esse quadro informa sobre os pressupostos da racionalização do ensino, entre eles a política de emprego do tempo que aqui pode ser visualizada pela materialização escrita da “[...] distribuição do tempo e do trabalho na escola⁸⁹,” a partir das atividades desenvolvidas nos *Clubes de Leitura*.

Por essa classificação pude perceber que aproximadamente 20% dos álbuns eram denominados de *Álbuns de Pesquisas Diversas*, essa constatação sinalizou a predominância da cópia como prática de escrita que caracterizava uma maneira esquemática de apresentar os conteúdos, sob a forma de lições. A estrutura de organização dos *álbuns de pesquisa* guardava uma semelhança com a proposta de atividades apresentadas nos manuais didáticos.

1.5 Um pouco mais sobre as questões metodológicas

Ao contrário das práticas escriturísticas, em geral, orientadas pelas indicações regulamentares, o Regulamento do Ensino e o Programa de Ensino Primário de Minas Gerais de 1927 e as prescrições encontradas na *Revista de Ensino*, impresso oficial que estava a serviço de difundir o discurso oficial das Reformas de Ensino de Minas Gerais, havia um desconhecimento sobre as condições em que os álbuns foram produzidos, como também, quem eram os sujeitos participantes dessa construção.

A questão que se impunha na direção de indicar quem eram esses alunos, me conduziu a outras fontes que pudessem subsidiar a investigação. Esse percurso implicou um ir e vir às fontes primárias, prioritariamente, os álbuns de pesquisa, confrontadas com o livro de matrícula escolar do período de 1944 a 1950, documento que diz respeito à organização da demanda em idade escolar que faz parte do contingente de sujeitos matriculados na escola em um dado período e em determinada série e se destinam a caracterizar o aluno a partir da família com ênfase em seu pertencimento social.

⁸⁹ VIÑAO, 1998, p.75.

Outras informações foram embasadas nas estatísticas escolares apresentadas no livro de frequência de alunos que cursavam os 3º e 4º anos a partir de 1944 pela razão de ter localizado os alunos-autores integrantes dessas turmas. Adentrei ao intrincado jogo das relações estabelecidas por essa rede de normatização escriturária, na tentativa de apreender essas relações estabelecidas entre as singularidades dos alunos atores dos álbuns de pesquisa e sua vida escolar.

Em outra direção, as informações contidas nas atas de reuniões de professores e duas atas do *Clube de Leitura* Olavo Bilac serviram como instrumentos para dar visibilidade às práticas que eram recomendadas para serem adotadas.

Essa pesquisa possibilitou-me trabalhar com depoimentos de ex-alunas que participaram da confecção dos álbuns, na reconstrução das lembranças do tempo da escola. A entrevista se apresentou como um dos caminhos que favoreceu informações para a contextualização de como foram produzidos os álbuns escolares e possibilitou-me, também, desvendar tensões e/ou constrangimentos presentes em torno dos critérios estabelecidos para terem os trabalhos incluídos nos álbuns.

Assim, buscando uma relação mais direta com os sujeitos que participaram da construção desses álbuns, resolvi, ainda, entrevistar uma ex-professora que estudou no Grupo Escolar Melo Viana no período de 1930 a 1935, e posteriormente, retornou como professora entre os anos de 1959 e 1971. Como estava interessada em saber mais sobre o tempo de permanência dessa prática escolar, seu relato foi fundamental para eu perceber que a confecção dos álbuns de pesquisa continuou até a década de 70, embora havendo mudanças significativas quanto à estruturação dos conteúdos e do suporte material cuja configuração deixou de ter um caráter tão marcadamente modelar.

Ao longo do processo, outros documentos foram incorporados, como os jornais, de forma que, no cruzamento das fontes com os artigos veiculados pela imprensa local, *Gazeta de Carangola* e *A Gazeta* me auxiliaram na compreensão de como a infância era retratada a partir dos eventos escolares, particularmente por ocasião das festas e comemorações do calendário escolar.

A tese estruturou-se em quatro capítulos. No capítulo 1 dei destaque aos *Clubes de Leitura*. Enfatizei a função da prática escolar da leitura dentro de um projeto de inovação pedagógica, cujo objetivo era consolidar o lugar do aluno através de atividades de leitura e de escrita. Procurei contextualizar também, a produção dos álbuns de pesquisa recorrendo às atas dos *Clubes de Leitura* Olavo Bilac e às pistas que os alunos

deixaram em suas escritas, as quais me levaram a perceber os sentidos atribuídos a essa prática escolar. A idéia central, então, foi discutir a função dos *Clubes de Leitura*, uma prática que objetivava difundir a leitura e promovia a confecção de um artefato escritural. Além disso, procurei fazer uma articulação com os princípios propostos pela Escola Nova, os quais imprimem um fazer escolar com enfoque na modernidade do ensino e na consolidação da Escola Pública em que o letramento é privilegiado e estendido a espaços não escolares.

O capítulo 2 tratou da materialidade dos álbuns. A idéia foi perceber como a tipografia de ordenação interfere na constituição e na organização dos álbuns e como os conteúdos escolares demonstram o quanto a organização escolar foi ajustada para contribuir com a formação do aluno. O intuito foi observar não apenas as estratégias pedagógicas empregadas pelos alunos para execução da tarefa, que mostram como os sujeitos operaram na sua execução, mas, também como o tipo de exercício imprimiu uma tipologia aos álbuns e promoveu um sentido a essa determinada infância.

Procurei nas modalidades de escrita as concepções pedagógicas subjacentes ao ensino da escrita que sinalizavam para os dispositivos, os quais constituíam os princípios que regiam o sistema escolar e que captavam nas diferentes práticas, os sentidos dessa escrita. Nessa direção, foquei as práticas de escrita privilegiando as modalidades de escrita escolar encontradas nos álbuns: Cópia de lições; Cópia de poesias; Composição dirigida; História inventada; Meu diário; Cartas; Bilhetes; História muda; Carta enigmática.

No capítulo 3 dei visibilidade aos conteúdos desenvolvidos, buscando uma articulação com o contexto político e cultural do período estudado, a fim de perceber como essa formação exigiu que a escola, além de ensinar, educasse para disciplinar, educasse para a produtividade e educasse para os cuidados com a saúde. Essa reflexão mostrou-me uma preocupação da escola em desenvolver o senso estético na criança, porque os álbuns atendiam, de modo mais completo, às exigências de dar publicidade ao que fora ensinado na escola. Por essa via, busquei o modelo de aluno preconizado pelo projeto pedagógico da escola.

No capítulo 4 tratei, especificamente, das composições produzidas pelos alunos. Procurei construir categorias de análise que me permitiram perceber qual o discurso

sobre a infância era produzido naquele momento histórico, além de me possibilitar fazer uma leitura interpretativa das formas como eram retratadas as crianças, os diferentes modos de percebê-las, os contextos em que apareciam e, verificar como isso se deu naquele momento histórico. O objetivo era perceber como os alunos se expressavam utilizando-se da própria escrita como (con)formadora do lugar reservado a eles pela escola.



1.1 A Escola Nova em Minas Gerais: anos 1930

Com a consolidação da República, a escola ampliou seu papel social e cultural, propiciando a formulação de uma Educação Integral, concepção de educação que não se limitaria a ensinar a ler, escrever e contar, mas que atribuía à escola o papel de propiciar o desenvolvimento social e cultural por meio de uma série de ações que visavam implementar novos hábitos e novas capacidades nas crianças, a fim de consolidar um novo cidadão. Tal direcionamento significava conduzir as práticas educativas no sentido de “[...] desenvolver na criança hábitos sadios, inteligentes e belos⁹⁰”. Essa formulação deveria combinar os “[...] interesses sociais com as aptidões e as capacidades individuais a fim de que pudesse contribuir para a consolidação dos ideais de uma sociedade moderna e democrática⁹¹”. Portanto, da escola não se esperava apenas que

⁹⁰ TEIXEIRA, 1997.

⁹¹ CHAVES, 2001, p.69.

ensinasse a ler e a escrever, mas que instruisse, educasse, introjetasse em seus alunos novos hábitos culturais, a partir do desenvolvimento das suas capacidades individuais.

Esses princípios se baseavam num projeto educacional que visava à formação de sujeitos inteligentes, de comportamentos sociáveis, hábitos sadios, com uma formação social e um corpo com posturas adequadas. A escola, assim, se afirmava como lugar de forjar o cidadão e implantar a civilidade “[...] através do controle das emoções e lapidar as sensibilidades do aluno⁹²”, na busca de “[...] reinventar os sujeitos sociais”, conforme observa Veiga⁹³. Nessa perspectiva, cabia direcionar as tarefas escolares no sentido de incentivar o desenvolvimento e a prática de comportamentos socialmente adequados e sentimentos bons que refletissem e reproduzissem os princípios republicanos de organização da sociedade.

Essa organização da escola primária teve sua ordenação proposta ao final do XIX e início do XX, sob a forma de projeto escolar fundado, para além da instalação do prédio, na classificação de alunos em classes homogêneas, a organização seqüencial de um plano de estudos, a reordenação dos espaços e a reorganização dos tempos escolares. A necessidade de ter constituído novos Regulamentos para o Ensino Primário se impunha a uma re-estruturação no regime republicano pela exigência de um direcionamento para os rumos da educação primária frente os sérios problemas que Minas Gerais enfrentava. João Pinheiro ao assumir a presidência do Estado em 1906 instala uma importante reforma de ensino público primário que “[...] permitiu a constituição de uma nova cultura escolar⁹⁴”, fomentadas a partir de mudanças estruturais do ensino, especialmente, a construção dos Grupos Escolares.⁹⁵

Dando seqüência a este projeto modernizador e radicalizando-o, Francisco Campos⁹⁶ pronuncia seu ponto de vista no termo de apresentação do Regulamento de Ensino Primário que fora submetido à aprovação do Presidente do Estado de Minas Gerais, Antonio Carlos de Andrada em 1927:

⁹² VAGO, 2002, p.213.

⁹³ VEIGA, 2000a.

⁹⁴ FARIA FILHO, L.; VAGO, T. *A Reforma João Pinheiro e a modernidade pedagógica* In FARIA FILHO, PEIXOTO (org). *LIÇÕES DE MINAS: 70 anos da Secretaria de Educação*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000.

⁹⁵ Uma das inspirações da reforma realizada em Minas Gerais foi o modelo escolar paulista instituído com a Reforma Caetano de Campos, de 1892, apenas três anos após a proclamação da República. FARIA FILHO, L.; VAGO, 2000, p.37.

⁹⁶ Documento dirigido ao Presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, p.1200. CAMPOS, Francisco. Termo de apresentação do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. BH, 1927, p.1125. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

[...] a escola como instrumento educativo, não se limita apenas à transmissão passiva, sinão que transmite corrigindo, ratificando, aperfeiçoando e melhorando, de onde a sua influencia sobre a sociedade, cujas tendências e aspirações a escola inculca às creanças não sob a fôrma vaga e impalpável do ideal, sinão sob a forma de hábitos, costumes, regras de vida e disciplina da intelligencia e da vontade. O seu papel educativo não se restringe aos limites da sua auctoridade e, por conseguinte, às paredes de suas classes, mas estende-se ao meio social a que se acha incorporada [...] a escola tem por fim preparar para a vida social, fazendo com que a creança assimile e interiorize a sua ordem moral e intellectual ⁹⁷.

A escola se revelava, pois, como um “[...] espaço reeducador de hábitos e valores, formadora do caráter brasileiro⁹⁸,” com clara intenção de transformar o sujeito infantil num futuro cidadão identificado com os princípios republicanos. A intenção era que a escola se tornasse um meio real de experiências e, uma forma possível de efetivar esse propósito era difundir práticas que permitissem uma aprendizagem integrada à vida.

Em 1924, um pequeno grupo de intelectuais funda, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação. Segundo Carvalho⁹⁹, esse grupo sedimenta-se nos anos 20 com o objetivo de “[...] pensar o Brasil e avaliar a República instituída”. Nessa época, a crença de que educação seria a solução para os problemas sociais do país esteve no cerne das diretrizes do governo. O entusiasmo pela educação condensava expectativas diversas de controle e modernidade social cuja formulação mais completa “[...] se deu no âmbito do nacionalismo que contamina a produção intelectual do período¹⁰⁰”.

Peixoto¹⁰¹ associa a extensão dos avanços da ciência e as novas necessidades do país com a preocupação que o Estado demonstra em dar um sentido à educação escolar. Dessa forma, deveria ser introduzido nas escolas um novo modelo pedagógico abalizado nos princípios da Escola Nova, firmando um ensino que estivesse sintonizado com as mudanças sociais, de forma a produzir uma pedagogia que refletisse os anseios dos políticos em consolidar uma Nação. Para a consecução desse projeto educacional se fez necessário a criação de um sistema nacional de educação sob a condução do Estado.

⁹⁷ Documento dirigido ao Presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. CAMPOS, Francisco. Termo de apresentação do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. BH, 1927, p.1125. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

⁹⁸ VEIGA, 2000a, p.57.

⁹⁹ CARVALHO, 2003.

¹⁰⁰ CARVALHO, 2003, p.13.

¹⁰¹ PEIXOTO, 2004.

Nesse momento, Minas Gerais se destacava no cenário político brasileiro, por profundas mudanças no setor econômico em razão do declínio do modelo agrícola em prol de um acelerado processo de industrialização¹⁰². Essas mudanças anunciavam a necessidade de modernização da sociedade, através da alteração das políticas, das estruturas econômicas e das práticas culturais e, ainda, desencadearam a formação de novos centros urbanos, novas classes sociais, novas pressões sociais, aspectos que repercutiram no campo educacional. A expansão da educação pode ser dimensionada pela implementação do Programa do Ensino Primário promulgado em 1927 sob a ação reformista, do então Secretário do Interior, Francisco Campos¹⁰³, que teve como inspiração, o ideário republicano de caráter nacionalista. Diante da extensão do processo da “[...] escolaridade como instrumento de participação política¹⁰⁴” e a emergência de uma sociedade que caminhava para uma “[...] economia urbano industrial¹⁰⁵”, a implantação do Regulamento do Ensino Primário apresentou-se como importante instrumento de formação coletiva pautado tanto nas inovações pedagógicas que imprimiam uma educação voltada para um conjunto de ações necessárias à formação da criança inculcando-lhe regras e valores quanto atendia aos objetivos sociais da escola.

Francisco Campos no Regulamento do Ensino Primário de 1927, afirmou que a escola não apenas educa as crianças, mas influencia a sociedade que a rodeia, nesse sentido, “[...] é necessário que a escola viva em íntimo contato com a vida exterior, utilizando os processos da vida ordinária na educação da criança, melhorando-a¹⁰⁶”.

Dentre as propostas desenvolvidas em complementação ao Programa de Ensino oficial, têm-se a criação por meio do decreto N.7970-A as *Instituições Complementares da Escola*: os Clubes de Leitura, os Auditoriums, o Pelotão da Saúde, o Escotismo, as Excursões, a Horta, etc, práticas fundadas com o propósito de concretizar os princípios modernos de escolarização, projetando a escola para os espaços urbanos e desenvolvendo a cidadania.

As *Instituições Escolares*, como eram também denominadas, buscavam imprimir uma escola ativa¹⁰⁷ tendo em vista a formação do aluno identificado com os princípios

¹⁰² VEIGA, 2000a, p.50.

¹⁰³ Reforma Educacional Francisco Campos: Regulamento de Ensino Primário. Decreto-lei 7970A de 15/10/1927. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

¹⁰⁴ PEIXOTO, 1983, p.13.

¹⁰⁵ Ibidem.

¹⁰⁶ Minas Gerais. Regulamento do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1128.

¹⁰⁷ Para Anísio Teixeira, aprender significa adquirir um modo de agir a partir da prática. Significa um processo ativo, que implica reagir com curiosidade aos estímulos externos. A educação escolar teria de garantir o equilíbrio entre os elementos do ambiente social e as aptidões individuais, em uma mediação

cívicos e morais, pautada nos valores culturais e intelectuais que desenvolvessem “[...] atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação”. Essas atividades buscavam (re)significar o sentido da escola, a partir de uma nova atmosfera mental por meio do qual se vê uma preocupação em dar um novo sentido à educação escolar que buscava potencializar emoções e servia ao propósito de desenvolver habilidades e potencialidades dos alunos através de uma programação cívico-cultural que se compunha por números de ginástica, declamação de poemas e recitação de versos, apresentação de peças teatrais, canto coral e exposição de trabalhos organizados pelos alunos, com vista à formação de um pequeno cidadão que, desde cedo, era participativo, conhecedor de sua cultura nacional e ciente de seus deveres para com a pátria.

As *Instituições Escolares*¹⁰⁸ foram práticas importantes na consolidação de um projeto pedagógico do Grupo Escolar Melo Viana. Essas atividades desempenharam função tanto de ensinar quanto de educar e, ainda, formar o caráter, além de enfatizar saberes que preparavam os alunos para que fossem, não somente melhor qualificados intelectualmente, como também incorporassem determinados princípios que estavam para além de simplesmente ler, escrever e contar, que, sobretudo contribuíssem para a consolidação dos ideais de uma sociedade afinada com seu tempo.

A escola pública transformou-se em instrumento fundamental da política do estado mineiro para a consecução dos objetivos da modernização, paralelo à garantia da estabilidade e do controle social. Foi, portanto, nesse contexto que remete centralidade e valorização do Estado que o projeto educacional das escolas públicas mineiras foi implantado através da concretização de uma proposta de ensino que faculta, dentre outras diretrizes, a centralidade do aluno no processo educacional com a aprendizagem assentada nos exercícios de observação direta. Segundo determinações encontradas no Regulamento que define uma Política direcionada para o Ensino Primário,

os programas devem ser organizados e executados, não com a preocupação da quantidade de noções e conhecimentos a serem ministrados, mas com o mínimo essencial tendo em vista a qualidade das noções para os usos da vida, a sua organização em torno dos centros de interesse da criança, de maneira que o ensino não seja uma memorização de factos e dados desconexos, mas a compreensão das

entre indivíduo e sociedade (TEIXEIRA, 1934).

¹⁰⁸ Segundo Fernando Azevedo o ensino moderno deveria se pautar em três princípios básicos. 1. O princípio da comunidade que implica que a criança teria que ser formada para a vida em comum. À escola cabia a função de servir de meio total da vida real; 2. O princípio da escola única que determina que a escola deve ser estruturada para atender a todos; 3. O princípio do trabalho no sentido que o ensino deve ser constituído através de diversas atividades a fim de que possa vir a aprender por meio da observação e da experiência. AZEVEDO, sem data, APUD CHAVES, 2001, p.69.

suas relações e da importância e significação de cada um no contexto das lições, experiências e problemas, e mais ainda, que os temas das lições devem ser tirados, sempre que possível, da vida ordinária e expostos em termos da experiência infantil¹⁰⁹.

Dessa forma pode-se compreender como foram construídas as representações de uma educação moderna associadas à idéia de ruptura e a negação das práticas educacionais do passado, em substituição a um novo tempo histórico que gestava a modernidade. Marcava-se o signo de novo, opondo-se aos processos que haviam caracterizado a escola de memorização. A chamada pedagogia da Escola Nova entra em cena, redefinindo a natureza infantil, graças à intervenção da Psicologia que tinha a primazia em fornecer as bases do conhecimento sobre a criança. A higienização foi um dos sustentáculos inseridos no interior de um modelo escolar como dispositivo científico e pedagógico de disciplinarização. Desse modo, foi sendo produzido um novo lugar nas teorias e nas práticas educativas que colocavam o aluno no centro das atividades, num claro esforço de constituição da corporeidade e no desenvolvimento das sensibilidades infantis. Por um lado, cabia às professoras se dedicarem, a fim de colocarem em prática os princípios promulgados pelo Programa de Ensino, de modo a conduzir o aluno através do mundo do conhecimento de forma otimizada. Estes deveriam ser cientes de que os ensinamentos não deveriam ser geridos pelo ponto de vista do adulto, mas sim, do ponto de vista dos aprendizes. Por outro, o ensino deveria se situar em torno dos interesses das crianças procurando relacionar as lições com a vida cotidiana escolar, fosse qual fosse a matéria.

A implementação dessa nova proposta pedagógica acontecia no momento em que os debates em torno das questões relacionadas ao ensino religioso nas escolas públicas, palco de divergências entre os Intelectuais, grupo conhecido como os Pioneiros da Educação, que defendiam uma escola laica, pública, gratuita, universal e o grupo dos Católicos, se acirravam.

Desde 1906, ocasião em que o governador João Pinheiro, adepto dos princípios positivistas, retirou o ensino religioso do currículo das escolas primárias se instala uma tensão entre o Estado e a Igreja. Ainda que a iniciativa de João Pinheiro tenha produzido a insatisfação no grupo dos Católicos, eles mantinham garantida a supremacia no ensino secundário, agora abalada pelas medidas educacionais promulgadas por Campos. A suspensão do reconhecimento oficial do ensino ministrado

¹⁰⁹ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1129.

nas escolas normais particulares, em quase sua totalidade católica, foi o motivo principal para o re-incremento da crise. Como afirma Peixoto¹¹⁰.

Temendo perder o prestígio e o poder conquistados em Minas, graças a um longo e não raro árduo trabalho com a sociedade civil, a Igreja se mobiliza para combater o movimento reformador desencadeado por Campos, antecipando uma luta que se acirra após 1930, quando, no jogo do poder político, católicos e liberais se rivalizam na conquista da hegemonia no processo de socialização da novas gerações.

Esse movimento da Igreja encontra ressonância na sociedade mineira que, por suas ligações com o catolicismo, vê com simpatia a causa do ensino religioso nas escolas primárias. Diante dos acontecimentos, a Igreja se identifica com um ensino renovado que concilia os princípios da fé e os avanços da ciência. Ora, adotar essa perspectiva possibilitou um recuo estratégico naquele momento. A nova postura conciliatória deposita, no método, embasado na socialização, motivos para desenvolver um discurso em defesa do “escolanovismo católico¹¹¹”, capaz de aliar tradição e modernidade.

Minas Gerais, apesar de ser um dos Estados que inicialmente “[...] incorpora o ideário escolanovista no sistema público de educação¹¹²”, adotava uma política de conciliação que determinava, dentre outras coisas, o ensino religioso facultativo, o que iria minimizar o problema e ajudava no processo de consolidação do projeto pedagógico que estaria em consonância com as propostas do Estado¹¹³.

Havia uma preocupação em demonstrar que o novo ideário, tal como era compreendido e implementado pelas escolas mineiras, não se chocava com os propósitos educativos da igreja. Essa perspectiva conciliatória tange a propósitos que se afinam às idéias de uma escola ativa, cuja convergência entre as duas propostas pedagógicas se dava pelo compromisso com a manutenção da ordem social. Nessa perspectiva a socialização ganha ênfase, como instrumento de divulgação de uma moral social que introjetasse valores que informassem a subjetividade da criança.

¹¹⁰ PEIXOTO, 2004, p.274-275.

¹¹¹ PEIXOTO, 2004, p.285.

¹¹² PEIXOTO, Ana M. Casassanta. A reação de Minas ao Manifesto dos pioneiros da educação nova In . XAVIER, M. C. (org). *Manifesto dos pioneiros da educação um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 272.

¹¹³ “Em 1928, diante dos protestos dos católicos ante as medidas de cunho laicizante introduzidas no sistema escolar, Antonio Carlos acalma esse grupo, assinando a Lei nº 1.092\28, que reintroduz o ensino nas escolas oficiais mineiras, retirado desde a Reforma do Ensino de 1906, por João Pinheiro”. PEIXOTO, 2004, p.276.

Nesse contexto de disputas pela hegemonia do processo de socialização entre católicos e liberais, o então governador do Estado de Minas Gerais, Antonio Carlos, se pronuncia como mediador entre as partes e busca uma “harmonização” assinando a lei 1.092/28, que reintroduz o ensino religioso nas escolas oficiais mineiras.

Nesse momento, a *Revista do Ensino* publicava uma série de artigos a respeito de como desenvolver o ofício de ensinar e como tornar as bases da formação da identidade da criança. O artigo, *As grandes diretrizes da Educação*, escrito por Firmino Costa, publicado em 1931 na *Revista do Ensino* nº 62, enuncia os pontos chave da educação com ênfase nas metodologias que colocam “[...] a criança não como ponto de partida da educação, mas no centro do sistema educativo¹¹⁴.” O autor sinaliza a importância de a criança se adaptar às normas sociais e às convenções, de modo a servir como instrumento de contenção dos impulsos que lhe confeririam condições em viver sintonizado à coletividade. Essas concepções levam-nos ver a ação individual como pressuposto que interfere na formação do grupo social, que por sua vez, estrutura uma base de interdependência entre os indivíduos. O autor confere à educação, e por consequência, à escola a intermediação das relações que preparam o aluno\criança para vida futura.

Desse modo, tem-se veiculado um discurso a respeito de “como ensinar” e “o quê ensinar”, forjado em função das novas demandas sociais. Fica explicitado que cabia à escola uma instrução educativa em que não bastava instruir, mas educar.

Nesse capítulo, procuro contextualizar o modo como se dava a organização e a programação dos *Clubes de Leitura*, uma prática cujo objetivo era consolidar o lugar do aluno através de atividades de leitura e promovia a confecção de um artefato escritural, os álbuns de pesquisa. Para isso, recorri a registros encontrados nos próprios álbuns como as atas dos *Clubes de Leitura*, além de pistas que os alunos deixaram em suas escritas, que me levaram a perceber os sentidos atribuídos a essa prática escolar. Procurei, ainda, fazer uma articulação com os princípios propostos pelo Regulamento de Ensino Primário e a fala de quem participou dessas atividades.

1.2 O Grupo Escolar Melo Viana

Os anos 20 foram palco de mudanças significativas no cenário educacional. Fernando de Melo Viana, ao assumir o governo de Minas Gerais em 1924, imprimiu

¹¹⁴ *Revista do Ensino*. Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. nº. 62, 1931, p.75.

como estratégia de atuação política modernizar o Estado através da construção de estradas e ferrovias e assumiu a instrução primária com grande prioridade. Imbuído do entusiasmo pela educação e pelo otimismo pedagógico¹¹⁵, investiu na construção dos Grupos Escolares no interior do Estado.

Inaugurado em 1925, o Grupo Escolar Melo Viana projetado para ser o primeiro da cidade de Carangola¹¹⁶, se instalou com uma arquitetura que imprimia distinção no cenário urbano e anunciava a modernização. No que se refere às inovações pedagógicas, edificou uma nova forma de ensino em substituição às escolas isoladas, implementou a biblioteca escolar e conferiu um novo sentido à educação com a criação do museu escolar e com o investimento nas práticas que iam além das atividades da sala de aula. Despontava com um trabalho que objetivava estar sintonizado com propósitos de um modelo que pautava pela centralidade do desenvolvimento do moderno discurso educacional e, de acordo com Gomes¹¹⁷ “[...] se afirma com um ensino primário de qualidade que se destaca no cenário educacional” numa rede de sociabilidade que o liga à cidade no intuito de forjar um ensino moderno articulado com o cotidiano urbano.

Assim, constituiu-se um edifício-escola de grande porte, projetado e construído no município de Carangola localizado na Zona da Mata mineira, na encosta do Planalto Atlântico, distante da capital do Estado, Belo Horizonte, a 220 Km. A cidade se destaca por apresentar uma geografia extremamente acidentada, predominante montanhosa. Já foi considerado nos anos 30 do século XX, o quinto maior município do Estado em produção agrícola. O artigo publicado no *Jornal da Cidade* em julho de 1995, intitulado *Um Lugar Chamado Carangola* de Francisco Paes Barreto retrata as belezas da cidade, sua história e os costumes de sua gente: “[...] não se consegue falar de Carangola sem trazer essas montanhas, esses vales, esse rio. Montanhas que aparecem acolher nosso espírito em seu regaço. Ondulações cujo contorno forma a grande e bela serra, onde de vários pontos avistamos, majestoso, o Pico da Bandeira”.

¹¹⁵ Ver NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

¹¹⁶ A cidade que foi inaugurada em 07 de janeiro de 1882, logo se transformou em um centro cafeeiro. Neste processo de ascensão econômica a chegada do trem em 1887, meio de transporte mais rápido da época, inaugura um período de desenvolvimento que muda o ritmo das pessoas e do lugar. No início do século XX, Carangola, além da cultura do café, também conheceu a industrialização. Os prédios da fábrica de laticínios Barbosa e Marques e do Grupo Escolar Melo Viana, retratam uma época e servem como símbolos emblemáticos de prestígio apontando em direção ao progresso e modernidade. A reconstituição da história da cidade encontra-se registrado na *Gazeta de Carangola Edição Histórica 1882-1982* (CARANGOLA, 1982, p. 9, 10, 27).

¹¹⁷ GOMES, 2002.

Esse grupo escolar também veio assumir a educação dos filhos dos fazendeiros do café, da elite local e da classe média da época. A intenção era expandir o ensino que consolidava os modelos de educação destinados a promover nos alunos valores centrados no comportamento sociável e no cultivo aos bons sentimentos. O surgimento de novas práticas educativas ganhavam espaço dentro da escola, atendendo ao chamado da concretização de uma proposta de modernização. A valorização da criança com ênfase na participação infantil fez-se em consonância com a proposta de formação do aluno baseada, principalmente, na instrução moral de caráter nacionalista. Cabia à educação escolar difundir as idéias de consolidação da Nação. Nessa direção tem-se uma programação marcada pelas comemorações das datas nacionais e pelas homenagens aos grandes vultos da Pátria.

Diante do momento político que se instalava, o fim da República Velha, nada mais conveniente que desenvolver no aluno um sentimento de amor à pátria e pertencimento à nação que iria se construindo pela participação nas atividades escolares, numa preocupação com o cultivo da identidade nacional aliada à capacidade de autorregulação das ações. Esse investimento teve por base o desenvolvimento das sensibilidades através de algumas ações educativas, a exemplo das festas escolares, dos rituais cívicos, da educação física ritmada, no ensino da música e na literatura. Assim, era produzida uma cultura escolar que objetivava desenvolver na criança a iniciativa e a

participação, contrapondo-se ao modelo ainda anterior fundado no automatismo e na passividade.

1.3 As *Instituições Escolares* na consolidação de um projeto pedagógico

Minha querida colega Valesca,
Saudades.

Recebi ontem a tua cartinha e fiquei contente com as boas notícias que ela me trouxe. Estimei saber que estás adiantada e que em tua casa todos estão bons. Nós também estamos boas.

Em classe temos feito alguma coisa muito mais do que no ano passado. Se cá estivesses havias de gostar de nos ajudar a trabalhar nos álbuns. Estamos realizando a “Semana de Machado de Assis” e vamos terminar os estudos desse grande escritor com um auditório no nosso Clube de Leitura. Já estamos ensaiando tudo. A dramatização está uma beleza. Espero resposta desta. Manda dizer se estás também estudando alguma coisa de Machado de Assis.

Adeus. Tua sincera amiga,
Do Carmo. 25-7-1939¹¹⁸

Esse é um exercício escolar sob a forma de carta, escrito por uma aluna do Grupo Escolar Melo Viana, que está no álbum de pesquisa *Comemorativo do Centenário de Machado de Assis*¹¹⁹. Esse texto joga luz sobre as práticas escolares que estiveram em pauta dentro de um projeto de inovação pedagógica articulado com os princípios propostos pela Escola Nova cujas concepções pedagógicas se expandiam para além da sala de aula, desenvolvendo hábitos e intervindo de maneira radical na construção da individualidade do aluno.

No Grupo Escolar Melo Viana, esse novo modelo de ensino, baseado nos princípios da Escola Nova introduz as *Instituições Escolares* e com elas acontece a criação de artefatos materiais. Esses se apresentam como dispositivos que evidenciam os discursos pedagógicos da época. Por um lado, demarcam os saberes e as práticas inovadoras, por outro, dão visibilidade a esses discursos tanto dentro quanto fora da escola. O objetivo consistia em organizar os aspectos relativos ao bom funcionamento da escola que se voltava para a participação do aluno no processo de aprendizagem.

¹¹⁸ Todos os documentos serão transcritos como no original. Carta de Do Carmo para Valesca A.14\1939.

¹¹⁹ A.14\1939.

Campos¹²⁰ considera que “[...] as preocupações, por parte do governo, com a socialização podem ser atribuídas à importância conferida à escola na disseminação de valores”, amplamente difundidos nas práticas realizadas nas *Instituições Escolares*.

Baseado nessas premissas caberia ao professor a tarefa de “[...] estimular e favorecer o espírito associativo infantil”, através do favorecimento do trabalho coletivo e do desenvolvimento do espírito de cooperação. Ao mesmo tempo, afirmava-se a necessidade de considerar a criança pelo “[...] ponto de vista dos motivos e interesses próprios della, porque a criança tem direito a gozar da infância¹²¹”.

Segundo Campos:

... ministrar conhecimentos que possam ser utilizados nas suas experiências infantis, tendo por principio que só as noções susceptíveis de serem utilizadas nas operações ordinárias da vida se incorporam, efetivamente, como hábitos mentaes, aos seus conhecimentos, e que as matérias que constituem o programma de ensino primário não devem ser ensinadas como se fossem fins em si mesmas, mas como meios de desenvolver o raciocínio, o julgamento e a iniciativa¹²².

Vê-se assim, uma proposta de ensino que tem por base implementar o conhecimento que visa desenvolver as capacidades intelectivas do sujeito, sem perder de vista atender às necessidades das crianças.

Para entender a criação e a expansão das *Instituições Escolares* é preciso levar em conta que, nesse período, houve um esforço considerável em fazer da escola um espaço de construção de uma identidade nacional, de desenvolver um sentimento de pertencimento, de controle das vontades, de garantia da harmonia social. As práticas auxiliares evidenciam um momento que se discutia a implantação no país de uma rede de ensino público, obrigatório e gratuito, como uma rede estratégica que vem balizar a escolarização da infância. No Grupo Escolar Melo Viana pode-se perceber alguns traços da cultura escolar implantados, combinando a instrução e a educação das crianças com repercussões esperadas em sua inserção nas práticas sociais.

Passarei a analisar os contextos de organização dos *Auditórios* e as formas de inserção nos *Clubes de Leitura*. Essas práticas de sociabilidade vão servir como pano

¹²⁰ CAMPOS, Francisco. Termo de apresentação do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. BH, 1927, p.1125. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

¹²¹ CAMPOS, Francisco. Termo de apresentação do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. BH, 1927, p.1125. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

¹²² Documento dirigido ao Presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. CAMPOS, Francisco. Termo de apresentação do Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. BH, 1927, p.1131. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

de fundo de um projeto de promoção da governamentalidade¹²³ da criança voltada para implantar novos comportamentos e fundar novas sensibilidades.

No Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais, os *Auditoriuns*¹²⁴, modalidade pedagógica que visava desenvolver, segundo Fonseca¹²⁵ o “[...] espírito criativo, a responsabilidade, a iniciativa, a confiança em si, a cooperação, a espontaneidade, o respeito às leis, o amor à pátria, à família, à escola, aos amigos”, deveriam estar dentro do interesse e da experiência dos alunos. Quanto aos objetivos, poderiam ser diversos: “[...] tornar mais bem compreendida uma determinada peça literária, desenvolver o gosto e o amor da poesia, da música, tornar conhecidas as melhores composições de autores nacionais, apresentar resultados de projetos ou estudos feitos em classe, motivar novos estudos¹²⁶”.

Como prática escolar pode ser melhor compreendida como um espaço em que o aluno aprende a utilizar no seu cotidiano os conhecimentos estudados em classe, estimulando um ensino mais ativo. Para Fonseca¹²⁷ “[...] é a criança quem planeja, organiza, escolhe, executa, critica e comenta, sem prescindir, entretanto, da orientação da professora, como é razoável etc”.

A programação dos *Auditórios* tomava feições de festividade. Nessas ocasiões eram associados os conhecimentos adquiridos nas lições com a experiência advinda da organização e da participação no evento. Assim, eram forjados os rituais sociais dessa comunidade escolar por meio do hasteamento da bandeira ao som do Hino Nacional, da declamação de poesias em homenagem à pátria, de desfiles cívicos com números preparados para homenagear as figuras ilustres. Essas eram práticas em que se desenvolvia segundo Veiga “[...] uma performance de educação estético-cívica, no claro intuito de despertar as sensibilidades¹²⁸” dos alunos.

¹²³ Ao longo da década de 90 têm-se, a partir da tópica da governamentalidade novas maneiras de pensar as ligações entre o exercício da autoridade e as modalidades de comportamentos exibidos pelos sujeitos. No texto dessa pesquisa, a governamentalidade refere-se, fundamentalmente, às deliberações, estratégias, dispositivos de cálculo e de supervisão empregues pelas autoridades no sentido de governar sempre sem governar diretamente (RAMOS DO Ó, 2003, p.51).

¹²⁴ Os *Auditoriuns* podem ser divididos em dois grupos: auditórios organizados pelas professoras e auditórios organizados pelos alunos. Estes obedecem, geralmente, a um programa variado e têm, algumas vezes caráter solene ou festivo. São subdivididos em auditórios gerais que são organizados com a contribuição de várias classes e incluem os Auditórios comemorativos das grandes datas nacionais, ou dos grandes vultos da pátria, etc. e os auditórios de classe que são desenvolvidos na própria turma. (FONSECA, 1959, p.56).

¹²⁵ FONSECA, 1959, p.56.

¹²⁶ Minas Gerais. Regulamento do Ensino Primário de 15 de outubro de 1927. BH: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

¹²⁷ FONSECA, 1959, p.56.

¹²⁸ VEIGA, 2000b.

Para a realização dessa tarefa educativa, reuniam-se “[...] director, professores, alumnos e pessoas de suas famílias, quando convidadas¹²⁹” num cenário composto por atividades variadas: recitação de versos e poemas, apresentação de peças teatrais, canto coral e exposição de trabalhos organizados pelos alunos. Judith A. Amorim expõe esses aspectos em sua escrita:

Foi muito concorrido o auditório do dia 13 de Maio. Houve sessão cívica em que tomaram parte muitas meninas do turno da manhã e do turno da tarde. Gostei muito do Hino à princesa Izabel e do Hino Nacional, estavam muito bem cantados. Houve também vários números de ginástica ritmada sob a direção de D. Celina. Vieram muitas pessoas de fora assistir ao auditório¹³⁰.

Participar dessas atividades representava, sobretudo, pôr em evidência as habilidades pessoais, num espetáculo em que a escola investia no aprimoramento de hábitos e atitudes que estariam a serviço do desenvolvimento das sensibilidades enquanto forma de expressão das emoções valorizadas pela instituição.

As seções literárias que aconteciam nos *Clubes de Leitura* e a realização dos *Auditórios* podem ser consideradas como estratégias pedagógicas que estiveram bastantes presentes nas escolas reafirmando o papel da educação como defensora dos valores morais.

A partir do final da década de 1930, com o Estado Novo, pode-se presenciar o incremento dos *Clubes de Leitura* com seções de declamação das poesias. Nessas ocasiões, o repertório cultural visava à propagação dos conhecimentos através da literatura de cunho patriótico e moralizante que difundia discursos de exaltação aos homens notáveis da nossa história, desenvolvendo o ufanismo e o respeito pela nação. A propagação de ambientes de sociabilidade e solidariedade, a organização e a disciplina necessária para a participação nessas práticas educativas, certamente, contribuía para a formação do perfil do aluno almejado pela escola.

Chamon¹³¹ discute como as festas cívicas escolares são espaços impregnados de um sentido patriótico e político em que se tem um conjunto de práticas que legitimam posições e discursos que instalam os valores de ordem e culto à nação. Nesses espaços se estabelecem representações num jogo de práticas direcionadas à propagação de

¹²⁹ Minas Gerais, Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. BH, 1927. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial.

¹³⁰ A.11\1939.

¹³¹ CHAMON, 2002.

imagens que colocam em evidência a criança inserida num contexto cultural onde sobressaem as boas condutas e são exaltados os bons hábitos.

Sendo assim, as festas e comemorações escolares se apresentam como práticas que instalam imagens e discursos que atuam na construção e na difusão de representações de nacionalidade e fortalecem significados simbólicos na construção de identidades infantis.

O jornal *Gazeta de Carangola* do dia 1º de maio de 1943 noticia as comemorações por ocasião da passagem do aniversário do Presidente Getúlio Vargas:

O Grupo Escolar Melo Viana, realizou no dia 19, interessante auditório, em que se focalizou a personalidade ímpar do grande orientador da Nação, dedicando-se toda a sessão em pôr em evidência a figura do Dr. Getúlio Vargas, tendo diversos alunos recitado e representado interessantes poesias e números de passagens históricas. Elevado número de pessoas de nossa sociedade esteve presente a esse ato que impressionou vivamente a todos.

O discurso veiculado pela imprensa local nos interessa pelo fato de colocar os *Auditórios* escolares como uma prática cultural de caráter cívico que despertava interesse não só nos membros que faziam parte da comunidade escolar, mas também se projetava para a cidade. Nessas ocasiões alunos e professores se tornavam protagonistas: os alunos eram reconhecidos pela forma magnífica que interpretavam os números, os professores ganhavam o mérito pela organização e pelo êxito alcançado.

Os *Auditórios Gerais* eram organizados pelos alunos, sob a supervisão dos professores, com a finalidade de apresentarem trabalhos e resultados de estudos. O depoimento de Antonieta Pacheco, ex-aluna no período de 1930 a 1935 e professora do mesmo Grupo Escolar entre o ano de 1959 e o ano de 1971, permite que se compreenda as representações acerca do que era participar desses eventos:

Primeiro apresentaram os alunos bonitinhos, enfeitados, assim, assado... e quando os meus alunos subiram... ah! foi uma graça! Todo mundo rindo, todo mundo batendo palmas, outros dando risadas, porque falavam muito bonitinhos. Os alunos simpleszinhos, pretinhos, vestidinhos de uniformes, porque era obrigado o uniforme azul e branco....

e depois um deles foi à frente e disse que: — a maior felicidade de minha vida é subir neste palco e dizer esta poesia para todos vocês! ah, ah, todo mundo achou aquilo muito engraçado, espontaneamente dele. Ele foi valorizado, porque ele nunca imaginava ir ao palco para dizer, recitar uma coisa qualquer. Nós achamos tão engraçadinho ele dizer que sentiu muito feliz de estar ali, engraçado né? ...

A criança se expor e falar o que ele sente, achei isso engraçado....

Em uma primeira perspectiva, destaca-se nesse depoimento, a diferenciação nos graus de participação dos alunos baseado nos critérios definidos e utilizados [pelas escolas] em relação à composição das turmas em busca de um perfil homogeneador e, ao mesmo tempo, distintivo em torno de algumas características.

Segundo Veiga¹³², o processo de estruturação das classes escolares, a partir da década de 20 do século XX, atendia a um princípio que agrupava as crianças de acordo com as aptidões e habilidades detectadas: “[...] os menos aptos para falar, cantar ou recitar podem desenvolver essa aptidão ou colaborar de outra maneira, apresentando desenhos, gráficos, etc [...]”¹³³. Conforme o depoimento acima, pode-se supor que nas condições históricas em que se deram essas práticas, reproduz-se o modelo de branqueamento da escola. Aqui, essa situação fica especificada quando D. Antonieta diz: “[...] Primeiro apresentaram os alunos bonitinhos, enfeitados... e quando os meus alunos subiram.... ah! foi uma graça! [...] Todo mundo batendo palmas, outros dando risadas, porque falavam muito bonitinhos. Os alunos simpleszinhos, pretinhos, vestidinhos de uniformes, porque era obrigado o uniforme azul e branco....”

Como se pode constatar, a participação dos alunos nesses eventos se assentava em duas dimensões: a participação de todos e a distinção de acordo com critérios étnico-raciais. No primeiro, a diferenciação se dava, aparentemente, em função das aptidões e habilidades do aluno, porém, estas eram atravessadas por diferenças sócio-econômicas e étnico-raciais.

A referência a ser “*simpleszinho e pretinho*” é suficiente para exprimir uma relação em termos do desempenho escolar, que não dependia, simplesmente, das habilidades individuais, mas da origem sócio-racial dos alunos como fator de distinção. Assim, deve-se considerar a tese defendida por Bourdieu¹³⁴ que enfatiza a perspectiva da escola no processo de legitimação das desigualdades sociais. Segundo o autor, a avaliação das competências do aluno vai muito além das relações estabelecidas pela aprendizagem formal.

É importante perceber, ainda, que o nível de hierarquizações estabelecido pela escola, determina que “*o aluno pretinho*”, teria um lugar, mesmo que de coadjuvante.

¹³² VEIGA, 2000c, p.143.

¹³³ Minas Gerais. Publicações da Secretaria da Educação. B.H: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial 1959.

¹³⁴ BOURDIEU, 1987.

Ele não imaginaria assumir um papel social que lhe conduzisse a subir ao palco para declamar para o público presente durante as festividades escolares. Assim é que a escola, ao mesmo tempo em que inclui, diferencia, reproduzindo o modelo social vigente.

Essas questões direcionam à Veiga¹³⁵ que instiga uma reflexão em torno de como os princípios de integração social daquele período eram influenciados pelo ideário eugênico. A autora analisa que, nas práticas e no ideário escolanovista, a educação é assumida como um direito biológico, “[...] as intenções dos adeptos do escolanovismo de querer desfazer-se dos critérios dos privilégios econômicos para centrar-se nas aptidões individuais das crianças acabaram por oficializar as desigualdades raciais e sociais¹³⁶”.

Esse aspecto revelador diz respeito à reação dos espectadores frente à manifestação do aluno que diz: “[...] a maior felicidade de minha vida é subir neste palco e dizer esta poesia para todos vocês!”, o que nos leva, novamente à reflexão sobre o contexto em que se davam esses eventos. Nessas ocasiões, a escola definia padrões hierárquicos que acabavam por sustentar atributos de qualificação. Dessa forma fica institucionalizado, segundo Veiga (Ibid.) “[...] não a pluralidade cultural instituidora de qualquer sociedade, mas os níveis hierarquizados de inclusão dos sujeitos nos diferentes espaços sociais, institucionalizando, também, a existência de cidadãos de segunda categoria¹³⁷”. Daí poder se falar da reprodução instalada na escola ao produzir critérios de diferenciação, relacionadas a aptidões psicológicas.

Na produção dos álbuns de pesquisa, construídos coletivamente, a participação era diferenciada, segundo as habilidades de cada aluno. Uns se destinavam a pesquisar o material e a selecionar o que seria aproveitado para o trabalho; outros se envolviam com a escrita. Os que tinham dotes artísticos ficavam incumbidos de ilustrar os textos ou dar o retoque final com desenhos de arabescos e de flores. A confecção desses cadernos obrigava a criança a desenvolver um esforço pessoal. Porém, o propósito final era a execução do trabalho de forma cooperativa e coletiva. Os alunos com menor destreza, possivelmente, participavam na recolha de figuras e de imagens. E a escolha das melhores composições ficava a cargo da professora.

¹³⁵ VEIGA, 2000c.

¹³⁶ VEIGA, 2000a, p.146.

¹³⁷ VEIGA, 2000c, p.146.

Esses aspectos podem ser conferidos pelo relato de Marília Imbelonni, em entrevista cedida em setembro de 2005. Diante de sua escrita no álbum de pesquisa da turma no ano de 1948 na classe da professora Maria dos Reis Teixeira, afloram as lembranças da escola, a qual transcende ao tempo e retoma, de forma significativa, às relações estabelecidas naquela época.

Toda semana um dia era reservado para as atividades do Clube. Toda turma tinha seu Clube. No princípio a professora escolhia os membros da diretoria entre os melhores alunos – os que tinham letra bonita. Depois, a diretoria passou a ser composta por eleição, era uma forma mais democrática. Todos queriam participar da diretoria do Clube de Leitura, essa escolha fazia com que para alguns fosse estímulo, mas para outros, com dificuldades, servia para inibi-los mais.

O Clube de Leitura servia para incentivar a leitura e quando havia as comemorações, os auditórios, havia apresentação do que se fez em classe.

A professora escolhia os alunos que recitariam as poesias, definia os alunos que elaborariam os álbuns com a cópia das poesias. Alguns ficavam responsáveis pela recolha das ilustrações e os que participavam dos auditórios também.

Cada membro do Clube colaborava com uma pequena quantia que era usada na confecção dos álbuns ou por ocasião de aniversário de algum colega mais carente, quando a professora usava desse dinheiro para providenciar um bolinho de aniversário com suco. Na época refrigerante era coisa rara!

O relato da ex-aluna do Grupo Escolar Melo Viana, no período de 1946 a 1950, sinaliza para a forma como os álbuns vão se constituindo como práticas escolares que reforçam as singularidades que atendem a um projeto de aluno exemplar. Em seu relato fica evidenciado a importância de integrar a diretoria dos Clubes e o procedimento adotado pela professora na escolha dos membros para fazerem parte da diretoria: “[...] todos queriam participar da diretoria do *Clube de Leitura*”.

Embora evidencie a perspectiva democrática de participação fundada no ideário escolanovista: todos participavam da confecção dos álbuns, o grau de participação era definido pelo professor, de acordo com o domínio das competências escolares, o que pode ser percebido pela passagem que diz: “[...] a professora escolhia os membros da diretoria entre os melhores alunos – os que tinham letra bonita”.

Marília expressa o caráter de individuação do aluno, que é demarcado em torno de habilidades: “[...] A professora escolhia os alunos que recitariam as poesias, definia os alunos que elaborariam os álbuns com a cópia das poesias. Alguns ficavam responsáveis pela recolha das ilustrações e os que participavam dos auditórios também”.

Ainda que a escola tenha uma proposta de ensino centrada no aluno, ela define a participação a partir das competências individuais diferenciadas, tomadas como naturais. No entanto, não passou despercebido para a ex-aluna, como essa prática era significada de maneira ambivalente: “[...] essa escolha fazia com que para alguns fosse um estímulo, mas para outros, com dificuldades servia para inibi-los mais”.

Esses dados demonstram que em diferentes momentos através de diferentes práticas, a distinção dos alunos atravessava a estruturação de uma cultura escolar. Uma questão se apresenta diante desses dados: como a escola na sua organização interna opera como fator de distinção?

Marília ao trazer uma versão de como funcionava o *Clube de Leitura* assinala também, como as competências aparecem associadas ao nível sócio-econômico, o que reafirma o depoimento de Antonieta Pacheco no que tange às diferenças sócio-raciais dos alunos: “[...] Cada membro do Clube colaborava com uma pequena quantia que era usada na confecção dos álbuns ou por ocasião de aniversário de algum colega mais carente”.

A atribuição de papéis diferenciados é testemunhada pelo registro das atas 16ª e 17ª do *Clube de Leitura* Olavo Bilac, encontradas no álbum *Comemorativo do Centenário de Machado de Assis* em que evidencia a dinâmica de participação dos alunos nos eventos festivos da escola. A 16ª reunião se deu em 21 de julho de 1939 e tratava da organização dos preparativos para as comemorações do Centenário de Machado de Assis. Nesse tipo de escrita aparecem indícios de como o *Clube de Leitura* propiciava o estabelecimento de redes de sociabilidades em torno da leitura, especialmente, pela produção dos álbuns de pesquisa, prática cultural que materializava e monumentalizava os saberes escolares. Assim, algumas alunas ficariam encarregadas da tarefa de pesquisar sobre a vida do escritor, outras procurariam imagens em revistas, outras estariam a serviço de confeccionar os convites. Aos poucos a programação do *Auditório* ia se definindo através das designações das tarefas para produção do álbum de pesquisa e para a apresentação dos números culturais e artísticos¹³⁸.

O sistema de trabalho escolar se impõe pela definição de tarefas a serem cumpridas em que alguns recitam, outros escrevem e tem os que auxiliam na busca de material. Dentro dessa trama os álbuns vão cumprir o papel tanto de organização

¹³⁸ Judith Amorim: Versos; Marta Portes: leitura de A Holanda; Geny Novais: Exposição A França; Judith Amorim: Sonetos; Luzia Rocha: Poesia; Iolanda Gonçalves: Soneto; Encerramento da sessão. Interessante notar que nessa prática só aparecem meninas. Esse fato estaria sinalizando uma relação de gênero reforçada pela escola?

institucional como de selecionar os que fariam parte dos eventos, assim estabelecendo uma hierarquização dos alunos.

Como os sujeitos usaram de diferentes estratégias para participarem da fabricação dos álbuns? Como os álbuns de pesquisa facultaram uma normalização aos alunos através de práticas de escrita modelar? Como possibilitar a participação de alunos com graus de empenho e habilidades diferentes?

Essas são questões que emergiram ao longo do processo investigativo e que, de certa forma, serviram como norteadoras do caminho a ser percorrido.

Em meio aos exercícios escolares que integram os álbuns, a carta de Júlia à amiga Oni nos dá mais uma pista de como era tratada a escrita tanto pelo caráter democrático e coletivo quanto pretendia um projeto de distinção dos melhores, uma vez que todos os alunos deveriam participar da execução da atividade, contudo, somente a melhor composição seria escolhida, o que mostra como as competências dos alunos vão sendo significadas como distinção no grupo.

Querida amiguinha Oni

Mando-lhe um forte abraço e muitas recomendações para seus pais e irmãos. Aqui em casa estamos bem graças a Deus. Como vai você? Tem estudado muito e a Maria também?

Eu tenho aprendido muita coisa. Para amanhã a minha professora marcou para nós fazermos em casa o exercício seguinte: contar a história do Dia do Fico. A que escrever melhor passará o trabalho para o álbum da Independência. Estou pensando que o meu vai ser bom. E a sua professora tem ensinado muito? Espero suas notícias. Adeus.

Sua amiga que gosta muito de você, Júlia¹³⁹.

Como diz a aluna Júlia, a professora marca o exercício de escrita com finalidade de garantir a internalização do conhecimento que foi estudado em classe. Por essa prática entende-se que a escola outorga uma autonomia aos alunos e confere uma legitimidade ao *Clube de Leitura*, ainda que os professores sugerissem temas e conduzissem de alguma forma a participação, mas de acordo com as habilidades e competências diferenciadas. Dentre essas competências destacam-se as capacidades relacionadas à prática de escrita, letra bonita e quem melhor se expressar sobre o conteúdo estudado em classe. A aluna explicita o critério usado pela professora para proceder à escolha “[...] a que escrever melhor passará o trabalho para o álbum da Independência”. No entanto, há de se ressaltar que essa própria composição não atende

¹³⁹ A.12\1939.

a determinação da professora. Como visto acima, Julia não escreve sobre a lição do “Dia do Fico”, porém, sua composição fez parte do álbum.

1.4 *Clube de Leitura* e a invenção de uma nova ordem: os álbuns de pesquisa

Segunda-feira, 4 de setembro

Estou muito alegre porque estamos na semana da Pátria.

Temos comemorado os feitos de D. Pedro em grandes festas.

O nosso Clube de Leitura tem dado sessões e as meninas têm recitado que é uma beleza. A Mariazinha e a Geni falavam tão bem que até pareceu que D. Pedro estava dizendo: “Si é para o bem de todos e felicidade geral da Nação diga ao povo que fico”.

Idalina Araújo¹⁴⁰

Implementado pelo *Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais*, o *Clube de Leitura*¹⁴¹, destinava-se ao investimento pedagógico dos alunos de terceiro e quarto ano. Os objetivos dos *Clubes de Leitura* são especificados no Art. 199 em um repertório conjugado de valores e normas voltados para o desenvolvimento das habilidades de leitura.

O club terá por fim estimular a leitura de bons livros e favorecer o desenvolvimento do gosto na escolha das obras; promover leitura em voz alta e a audição inteligente por parte do auditório infantil que assistir a leitura; desenvolver aptidões de expressão por exposições orais que farão os alumnos, aumentar a biblioteca escolar e zelar pelos livros escolares, conservando-os e encadernando-os.

Ler melhor, ler mais, ler para adquirir mais conhecimentos, ler de uma forma prazerosa, essas eram algumas preocupações, em relação à leitura escolar, que aparecem sinalizadas no programa de Ensino¹⁴². Estes aspectos garantem a intencionalidade de criação da biblioteca infantil composta pelos cânones de uma boa leitura. Dentre as indicações temos: *Porque me ufano de meu paiz* de Affonso Celso, *O Guarany*, de José de Alencar; *Pela terra e pelo ar*, de Virginia de Almeida além das poesias de Gonçalves Dias e de Olavo Bilac e as obras completas de Castro Alves.

Essas indicações demonstram que os *Clubes de Leitura* como prática cultural incentivavam uma leitura autorizada cujo repertório visava à propagação dos conhecimentos através da literatura de cunho patriótico e moralizante que difundia

¹⁴⁰ A.12\1939.

¹⁴¹ Minas Gerais. Decreto nº 7970-A de 15 de outubro de 1927. BH: Oficinas Gráficas de Imprensa Oficial, 1927.

¹⁴² Minas Gerais. Programa do Ensino. BH: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1927.

discursos de exaltação aos homens notáveis da nossa história, o ufanismo e o respeito pela nação. Por outro lado, a propagação de ambientes de sociabilidade e solidariedade, a organização e a disciplina necessária para a participação dessas práticas educativas, certamente contribuía para a formação do perfil de aluno almejado pela escola. No entanto, é importante ressaltar à luz de Chartier¹⁴³ que tanto as idéias, como as obras de arte etc não possuem um sentido intrínseco que é captado por seu criador. Como um produto histórico, resultante da ação de múltiplos sujeitos, esses objetos só adquirem sentidos através da multiplicidade de interpretações produzidas pelo leitor.

É interessante, também, retratar as relações em torno das experiências vividas nos *Clubes de Leitura*, do ponto de vista de quem participou dessa prática pedagógica como docente:

D. Antonieta: Cada professora tinha um Clube de Leitura e se desenvolvia tudo sobre o patrono do Clube. Eu me lembro bem que primeiro meu foi Castro Alves. Os meninos arrumavam, organizavam, iam à biblioteca para ver as poesias, os poemas de Castro Alves, tudo organizadinho!

Traziam as figuras para organizar, lá na biblioteca fornecia o livro.....

A biblioteca escolar, como lugar de memória e depósito de patrimônio bibliográfico orientado para a difusão da “boa leitura”, assume um papel privilegiado no “[...] movimento de (re)ordenação da leitura na escola pública¹⁴⁴,” incrementado pelas atividades dos *Clubes de Leitura*. Percebe-se, ainda que no processo de produção dos álbuns de pesquisa o propósito acabava sendo, não somente introduzir o aluno ao universo literário como, também, servia como mecanismo que encaminhava o aluno para a biblioteca: “[...] ahi formará o alumno a sua vida intellectual, fazendo leitura diária como verdadeira refeição para o seu espírito, augmentando dia a dia por meio dos livros o valor de sua intelligencia¹⁴⁵”.

A professora continua o relato realçando o papel da bibliotecária:

Eles, [os alunos] iam procurar o assunto e geralmente tinha lá a bibliotecária, ela ajudava os alunos na biblioteca.

Tínhamos uma biblioteca boa no Melo Viana.....

Então, tinha uma coleção da história de Minas Gerais que era uma coisa fantástica! Eu lecionava no terceiro ano, era sempre Minas Gerais. A história de Minas Gerais entrava na cabeça deles. Eu não

¹⁴³ CHARTIER, Roger, 1996.

¹⁴⁴ PERES, 2000, p.376.

¹⁴⁵ Minas Gerais. Programa do Ensino de Minas Gerais. BH, 1927. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial. p.1583.

sei se ainda hoje há, acho que não. Não vejo mais nada disso, é muito diferente! Quarto ano era o Brasil. No quarto ano nós passamos a conhecer o Brasil e depois o mundo todo. Tem meninos que sabiam os maiores rios do mundo inteiro, os maiores países....

Como visto, as bibliotecas passaram a ser espaços de sociabilidades e de promoção da cultura. De um lado, dispoño dos livros enciclopédicos para a realização das pesquisas, por outro, pelo acesso mais amplo com a literatura indicada. Os(as) bibliotecários(as), acabavam por definir uma política institucional, cuja finalidade era servirem como mediadores do uso e circulação da leitura. Além de que a feitura dos álbuns de pesquisa ampliava o trabalho na biblioteca para além da leitura dos manuais e dos livros didáticos, colocava o aluno também em contato com o repertório discursivo de jornais, periódicos e revistas infantis.

O *Clube de Leitura* entendido como prática pedagógica, deliberava sobre uma atividade cujo caráter prioritário era incentivar a leitura, mas no Grupo Escolar Melo Viana essa prática escolar passa a gerir um espaço de produção efetiva do exercício da escrita pela confecção dos álbuns de pesquisas. O artefato escritural é composto por atividades que condensam, em suas páginas, um testemunho vivo dos métodos pedagógicos, da ideologia moral, política e social que a escola desejava incutir em sua comunidade escolar¹⁴⁶.

Mais uma vez a fala de Antonieta Pacheco auxilia na compreensão de como os álbuns vão se constituindo como objeto cultural e material de pesquisa escolar.

Eles eram feitos em cadernos grandes e depois mandava-se botar capa, o que a gente fala encadernar, com as capas mais bonitas possíveis, de acordo com as datas históricas.

Todo aluno tinha que colaborar com figuras e com as histórias escritas, principalmente História do Brasil. Quem queria, partia para a Geografia, falava sobre um país da América. Estudava-se o continente. Se estudava, principalmente, o Estado de Minas...

O tema era definido de acordo com o Programa de Ensino. Se você estivesse, por exemplo, em abril, seria sobre a Inconfidência Mineira. Dia 19 de Abril, que é o dia do Índio, não sei se é também o dia Pan-Americano, mas a preferência era a Inconfidência Mineira¹⁴⁷.

¹⁴⁶ CATANI; BASTOS, 1997.

¹⁴⁷ Entrevista cedida por Antonieta Pacheco em maio de 2005. Maria Antonieta Pacheco nasceu em 28/11/1923, estudou no Grupo Melo Viana de 1930 a 1935. Iniciou sua atuação como professora no Melo Viana em 08/02/1959 e saiu em 1971.

A dinâmica de “*fabricação*”¹⁴⁸ desses artefatos demarcava a representatividade de uma coletividade escolar. A confecção demandava um investimento coletivo, um empenho comum, em que as práticas de escrita assumiam centralidade. Os alunos faziam pesquisas sobre o tema, concentravam-se nas cópias de lições, traziam figuras. A professora selecionava as poesias e as melhores redações. Aos poucos esse suporte de escrita coletiva ia ganhando forma de álbum. O capricho com a letra, o cuidado com os contornos, o preenchimento dos espaços vazios com desenhos e/ou ilustrações iam desenvolvendo sensibilidades para a organização estética.

As autoridades da escola atribuem sentido às práticas de escrita como legitimadoras do ofício do aluno, reconhecem e valorizam os esforços dos alunos para atingirem o modelo esperado. A escola se incumbem de promover o lugar da distinção por meio de dispositivos que regulam comportamentos, definem modelos de organização social e produzem representações “do quê” deve ser introjetado no sujeito. Essa relação fica explicitada na carta que Geni Novais escreve em 1939 à madrinha contando da premiação.

Hoje tivemos a agradável notícia da classificação do nosso álbum sobre a “Independência dos Países Americanos”. Na minha classe está uma alegria geral. Até o nosso bondoso diretor veio nos dar parabéns. A Snr^a não pôde imaginar como estamos satisfeitos com o premio.

Só em março de 1939 é que vamos retirar o dinheiro para a compra de livros. Estamos aprendendo juro e eu já aprendi todos os casos e já sei quanto vai render nosso dinheiro. Adeus! Dindinha.

Lembranças da afilhada

Geni Novais ¹⁴⁹.

Fica evidenciado o processo adotado pela escola que dissemina a competitividade dos talentos através da expressão de um ideário meritocrático. A dimensão pedagógica da premiação revela uma educação da infância escolarizada que envolve a razão, as sensibilidades e, induz os alunos ao refinamento das atitudes. O trecho “[...] Até o nosso bondoso diretor veio nos dar parabéns. A Snr^a não pôde imaginar como estamos satisfeitos com o premio”, mostra a satisfação em ter atendido às expectativas.

Os álbuns devem ser entendidos como um meio de comunicação legitimado por toda a comunidade escolar que, pelo seu caráter modelar, objetivava atingir o alvo que

¹⁴⁸ Gómez (2003), utiliza o termo fabricar, para denominar a criação de um produto de cultura escrita para chamar atenção sobre a intencionalidade política que se oculta por detrás de certos usos da escrita motivados pela vontade de transmitir uma determinada ideologia.

¹⁴⁹ A.11\1939.

era o de expressar e divulgar os feitos da escola. Durante as festividades escolares os trabalhos dos alunos deveriam ficar em exposição para serem examinados pelas outras classes, pelos pais dos alunos e pelos visitantes. Pode-se dizer, então, que os álbuns têm um sentido emblemático, pois atendiam ao propósito de dar visibilidade e publicidade às aprendizagens escolares e, ainda, de acordo com Chaves; “[...] reveste de certa autoridade pedagógica reconhecida pela escola como um veículo legítimo de divulgação de suas idéias¹⁵⁰” e se impõe por ser um dos poucos materiais escolares que se concretizam em práticas de escrita produzidas coletivamente pelos alunos.

Prestando atenção aos detalhes, aparentemente pequenos, percebe-se o significado político atribuído a esses artefatos, “[...] que são verdadeiros atos de poder, um poder consumado por meio da escrita¹⁵¹”. Diante disso, passa-se a entender, então, a dinâmica instaurada, em que a escrita modelar opera sobre o processo de subjetivação de uma infância escolarizada. Foucault¹⁵² coloca em discussão as formas de normatização, vistas como um equipamento, que a instituição [escolar] cria com a intenção de desenvolver as capacidades e as potencialidades dos sujeitos, como processos auto-reguladores.

Pode-se dizer, que esse objeto cultural cumpria o papel de dar visibilidade ao que a escola produzia de melhor, ou seja, eram os escolhidos para a monumentalização da escola, através da escrituração dos álbuns. Isso mostra que participar da confecção dos álbuns é um acontecimento escolar que estava relacionado à noção de pertencimento do aluno à comunidade escolar, na medida em que ele passa a ser um representante da sua escola. De forma que, ter o trabalho inserido no álbum representava uma distinção atribuída ao ato da escrita e na figura de quem escreve.

A partir das inscrições tidas nos álbuns deparei-me com três *Clubes de Leitura*, porém, depois das incursões feitas pelos livros de frequência em que apareciam também anotações das professoras sobre as atividades desenvolvidas visando ao incremento da leitura, identifiquei a existência de mais oito *Clubes de Leitura*, atuantes durante esse período. Esse dado leva-nos a levantar algumas hipóteses acerca da execução dessa prática no interior da escola. A primeira, nem todas as turmas que tinham *Clubes de Leitura* tomavam como investimento a confecção de álbuns de pesquisa. Outra hipótese, levando-se em conta a limitação das informações, pode-se inferir que alguns álbuns,

¹⁵⁰ CHAVES, 2001, p.98.

¹⁵¹ GÓMEZ, 2003, p.119.

¹⁵² FOUCAULT, 2007, 1986.

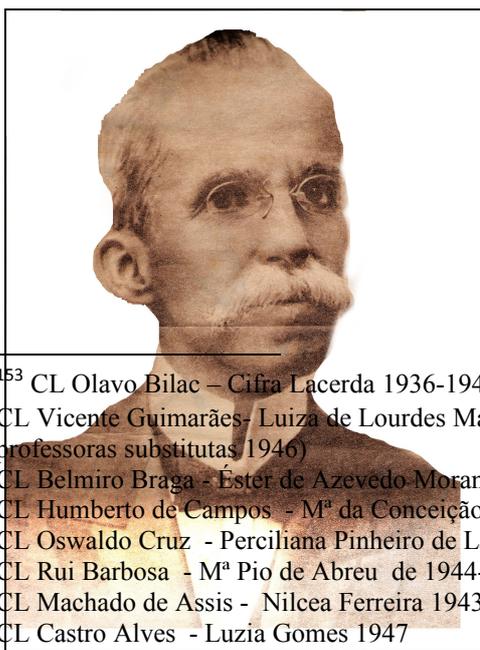
cujas professoras não foram identificadas, podem ser fruto de produção de um desses outros *Clubes de Leitura* que aparecem nessa escrituração. Ainda a respeito dos dados revelados temos que levar em conta que, por certo, os álbuns localizados não correspondem ao número total de álbuns produzidos na escola. Os que foram guardados, provavelmente, tinham a função de monumentalizar o passado da escola. Portanto, o que se apresenta é um panorama parcial que leva a crê que o investimento nos *Clubes de Leitura* era significativo dentro do espectro das práticas educativas da escola.¹⁵³

De maneira a compreender a importância dada à produção de um artefato recorri às atas das reuniões pedagógicas da Escola Estadual Melo Viana onde encontrei na 11ª Ata da Reunião Pedagógica que ocorreu no dia 06 de agosto de 1949, “[...] ... a seguir a diretora passou a ler o aviso do Superintendente do Departamento da Educação Sr Emílio Guimarães Moura, publicado no Diário de Minas Gerais sobre as comemorações do centenário de nascimento de duas grandes figuras de nossa história: Joaquim Nabuco e Rui Barbosa”. Após os avisos sobre as comemorações a diretora sugere “[...] que sejam realizados trabalhos ressaltando a importância dessas figuras ilustres”.

O álbum comemorativo do *Centenário de Rui Barbosa* produzido pelas alunas da Professora Maria Teixeira, no ano de 1949 pode ser tomado como exemplo para demonstrar como a produção desse material escritural atendia aos propósitos pedagógicos

da escola que procurava estar sintonizada com as demandas educacionais estabelecidas pelo Estado.

Em outra reunião de professores acontecida no dia 17 de setembro de 1949, a



¹⁵³ CL Olavo Bilac – Cifra Lacerda 1936-1943

CL Vicente Guimarães- Luiza de Lourdes Mattos 1945 a 1949 (Norma Carneiro e Stella Menezes Leite professoras substitutas 1946)

CL Belmiro Braga - Éster de Azevedo Morando 1946 a 1949

CL Humberto de Campos - Mª da Conceição Baião Azevedo 1945

CL Oswaldo Cruz - Perciliana Pinheiro de Lacerda 1945 a 1947

CL Rui Barbosa - Mª Pio de Abreu de 1944-1945 / Norma Carneiro 1947

CL Machado de Assis - Nilcea Ferreira 1943/ Hilda Guarinello 1948

CL Castro Alves - Luzia Gomes 1947

CL Henrique Coelho Neto - Emília Moysés Leite 1944-1950

CL Monteiro Lobato – Lucília de Faria Brêtas 1945 a 1949

recomendação da elaboração de um álbum de pesquisa para comemorar a entrada da primavera aparece de forma mais explícita.

Rui Barbosa retratado no álbum nº 46\Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Aberta a sessão, foi lida a ata da reunião anterior pela professora Luiza Matos, a qual posta em discussão foi aprovada. A seguir foi dada a palavra a professora Hida Guarinello que leu um trabalho da Revista do Ensino, intitulado Exercícios ou deveres – sua organização psicológica e pedagógica, de autoria de Lenilda Montadon, que foi muito apreciado. [...] Em prosseguimento aos trabalhos a presidente leu os avisos baixados pelo superintendente do Departamento de Educação publicado no *Minas Gerais*, recomendando festejarmos a entrada da primavera. A diretora sugeriu a confecção de um álbum de pesquisa para selar a comemoração....

Vê-se a organização do ensino de certas temáticas vinculados às determinações sociais. As comemorações da chegada da Primavera aparecem como determinação do Departamento de Educação de Minas Gerais. Por sua vez, é importante observar como em função desses limites, a escola organiza, de modo particular, seus recursos e se re-estrutura dando destaque às novas práticas escolares.

1.5 Os álbuns de pesquisa como objeto cultural

A partir de 1945, esse artefato escritural passa a ser um instrumento legitimado pelas autoridades escolares para veicular a comunicação com a cidade em uma de suas principais festividades, a Exposição Agropecuária de Carangola. Esse fato pode ser constatado no registro de escrita encontrado na primeira página do álbum *Nossas Lições Ilustradas*, álbum confeccionado pelos alunos do 4º ano da professora Cifra Lacerda.



Vou dizer por que nós fizemos este álbum. Depois que voltamos das férias de junho a nossa querida Diretora, D. Emilia Morando veio à nossa sala e nos disse que ia nos dar uma notícia. Então nos falou que em Carangola ia haver uma exposição. Leu para nós um ofício da comissão convidando o nosso Grupo "Melo Viana" para tomar parte no certame. Depois que a diretora saiu da classe a nossa professora nos disse que íamos fazer alguns trabalhos também. Ficamos alegres, mas e a letra nossa que é feia? Perguntamos. Ela nos respondeu que havíamos de fazer e que íamos aproveitar as lições do mês de julho. Começamos então a aproveitar todos os exercícios feitos em classe. Ai está a razão porque fizemos este álbum¹⁵⁴.

A partir dessa escrita pode-se entender que os alunos desenvolviam estratégias que mostram como internalizaram “o quê” deveriam e “como” convinham apresentar seus trabalhos de escrita, visto que a confecção dos álbuns conferia reconhecimento e prestígio aos alunos. Importa destacar, sobretudo, que esse material era um veículo cultural dentro do projeto pedagógico da escola.

Esse aspecto diz respeito à socialização e exposição dos álbuns aos familiares dos alunos e ao público, isso mostra o envolvimento da comunidade com espaços/tempo escolares e sinaliza para o fato de como o envolvimento nessas produções propiciava uma valorização dos sujeitos destacados como mais aptos pela escola.

Ter os álbuns de pesquisa escolar como artefato cultural exposto na Exposição Agropecuária e Industrial de Carangola, evento considerado, ainda hoje, uma festa tradicional que dá visibilidade à identidade do município é a consolidação da relação escola-cidade, e, mostra, ainda, como as autoridades escolares utilizavam a escrita autorizada que se apresentava nesse suporte material para apresentar à comunidade seu projeto educacional.

¹⁵⁴ A.42/1945. Não tem identificação do autor do texto.

A Exposição Agropecuária é um evento anual que, dentre outras características, serve como atrativo para a realização de negócios que envolvem tanto a representatividade dos recursos da indústria, porém com grande destaque para a produção agrícola, a pecuária de cavalos e o gado leiteiro, oportunidade em que se reúnem grandes e pequenos produtores rurais que expõem seus produtos e dinamizam a economia da região. O álbum 42, *Nossas Lições de Geografia*, tem uma redação em que o aluno(a) traz à tona o sentido da Exposição Agropecuária para os carangolenses:

Nossa exposição

A exposição Agropecuária é uma grande coisa par Carangola porque vamos mostrar tudo o que possuímos de melhor em nossa terra. Parabéns à comissão organizadora. Carangola é uma grande cidade rica em tudo. E mesmo rica e se rivaliza com qualquer outra cidade do Estado. A única coisa que infelizmente ainda não possuímos é uma fábrica de tecidos ¹⁵⁵.

Além de ser uma comemoração que conta com diversas atrações de lazer, reúne as pessoas da localidade numa verdadeira manifestação cultural de valorização da terra e de sua gente. Esse evento tornou-se central na vida das pessoas que esperam ansiosamente as comemorações, até porque, dentre outros sentidos, a Exposição passou a ser um espaço de confraternização dos carangolenses que moram em outras cidades, oportunidade em que aproveitam para retornar à cidade natal com intuito de rever os amigos e familiares. Em outra carta dirigida a uma amiga, a aluna Maria Auxiliadora deixa transparecer a importância desse evento para a comunidade carangolense.

Querida Abria Maria

O fim desta cartinha é convidar-lhe para vir assistir a Exposição Agropecuária de Carangola. Vai começar no dia 15 a 22 de agosto. Vai ser as duas horas da tarde. Imagina você que até o Dr. Milton Campos, Governador de nosso Estado virá aqui. Vem outras pessoas importantes.

Quero que você venha porque a festa vai ser muito boa.

Um abraço da colega

Maria Auxiliadora Pio Graça¹⁵⁶.

Nessa época, uma das atrações desse acontecimento era a exposição de cadernos escolares com as atividades dos alunos. Esse aspecto sobressai na carta da aluna Neise.

¹⁵⁵ A.42/1945.

¹⁵⁶ Maria Auxiliadora Pio Graça A.43/1948.

Querida amiga: saudades

O fim desta é convidar você para assistir a exposição Agropecuária que vai ser domingo proximo.Nós estamos fazendo um álbum muito bonito para a exposição. Nele tem o retrato de Osvaldo Cruz dizendo que ele foi um grande benfeitor da humanidade, tem também o retrato de Carlos Chagas e outros homens ilustres, as principais produções do Estado etc. Vão ter muitas exibições de esportes.Sei que você vai gostar muito. Espero que não falte.
Sua amiga Neise¹⁵⁷

Pouco a pouco, os álbuns de pesquisa conferem uma feição pública à produção escolar dos alunos e servem como marca de um trabalho efetivo da Escola Nova que, dentre outras características, mostrava à comunidade um produto que conferia visibilidade aos saberes escolares. Além dos aspectos citados, os álbuns podem ser considerados um dispositivo escolar, na medida em que reúne um “[...] conjunto de práticas discursivas escolares que se articula de um determinado modo produzindo um efeito¹⁵⁸” que confere reconhecimento aos que participaram na sua produção e tal efeito se estende às professoras que tornam público o trabalho realizado por elas; além de ser um instrumento que possibilitava às diretoras projetarem a escola na cena pública e que, conseqüentemente, buscava imprimir, conforme considera Gomes o “[...] reconhecimento pelo lugar da escola que desenvolve o ensino de qualidade¹⁵⁹”. Outro aspecto a ser considerado é que os álbuns serviam como dispositivo de controle tanto sobre o trabalho docente exercitado através da metodologia que atendia aos cânones de uma educação pautada nos preceitos modernos, quanto um controle sobre o que o aluno desenvolvia na escola dando evidência às competências ortográficas e caligráficas. Por fim, dá visibilidade ao currículo prescrito naquele momento histórico. Resta-nos interrogar, a que aluno esse artefato está dando visibilidade?

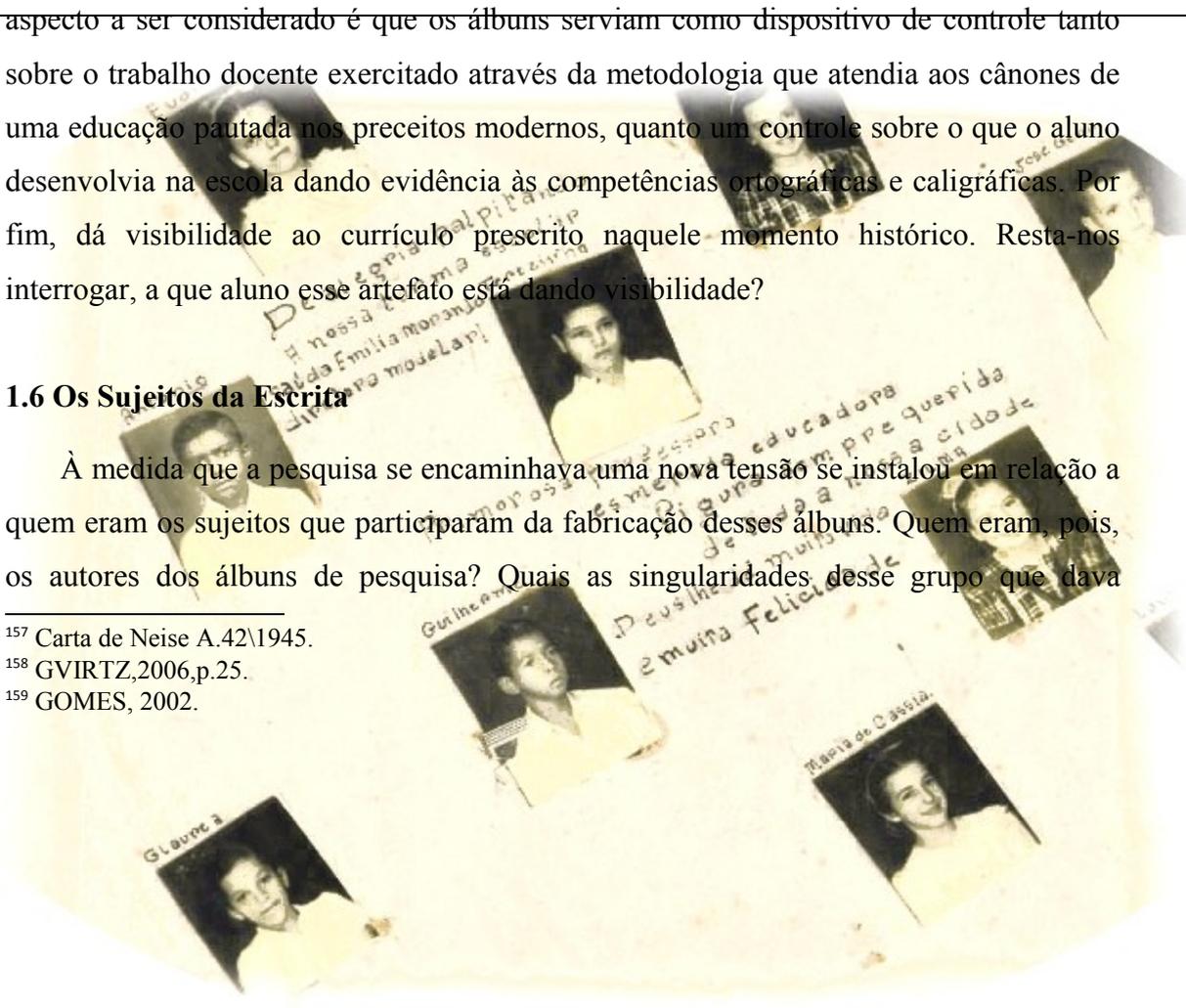
1.6 Os Sujeitos da Escrita

À medida que a pesquisa se encaminhava uma nova tensão se instalou em relação a quem eram os sujeitos que participaram da fabricação desses álbuns. Quem eram, pois, os autores dos álbuns de pesquisa? Quais as singularidades desse grupo que dava

¹⁵⁷ Carta de Neise A.42\1945.

¹⁵⁸ GVIRTZ,2006,p.25.

¹⁵⁹ GOMES, 2002.



representatividade à escola? Por que esses alunos? E os outros, por que não aparecem na composição dos álbuns de pesquisa?

Para dar sentido a esse objeto cultural era necessário saber das singularidades daqueles que se fizeram agentes dessa produção. Percebi que o entrecruzamento das fontes primárias, lançando mão dos dados colhidos a partir da documentação administrativa da escola, abriria um canal de possibilidades de identificação desses alunos.

Vidal, Gouvêa e Veiga¹⁶⁰ situam as práticas escriturárias administrativas como uma das principais estratégias de normatização da infância escolarizada, uma vez que esses documentos – livro de matrícula escolar e livro de frequência de aluno trazem em seu repertório um discurso normativo sobre a criança escolarizada que diz respeito não só a seu desempenho escolar, como também a caracterização familiar do aluno. Desse modo, tem-se na escrituração dessas práticas escolares uma produção simbólica que revela o perfil do aluno.

Voltei às fontes primárias para ver o que elas me diziam sobre os agentes produtores desse artefato e percebi que poderia seguir algumas pistas partindo da assinatura que o aluno deixou nos exercícios. Fazer o mapeamento do livro de matrícula, documento que racionaliza os aspectos identitários do aluno imprimindo-lhe um reconhecimento oficial significou ter acesso, não só ao contingente de sujeitos matriculados nessa época, mas também aos dados que caracterizam sua origem familiar.

¹⁶⁰ VIDAL, 2006;GOUVÊA, 2006;VEIGA, 2005.

Segundo Vidal, ¹⁶¹é desse lugar de escrituração administrativa que são produzidos, socialmente, os alunos.

Segundo determinava o Regulamento de Ensino Art.278, os livros de matrículas traziam as prescrições onde estavam estipuladas as categorias que enquadravam os sujeitos e produziam a representação do aluno preconizado pelo Estado, consoante aos preceitos ditados e sistematizados por normas de homogeneização.

Parapho único. Do livro de matricula constarão os seguintes esclarecimentos relativoa aos alumnos:

- 1º. Número de ordem de matrícula;
- 2º. nome, idade, filiação e naturalidade;
- 3º. profissão do pae, tutor ou responsável;
- 4º. residência, com indicação da rua e do número;
- 5º. matricula primitiva;
- 6º. matricula actual;
- 7º. distancia kilometricada ´sede;
- 8º. frequencia por semestre;
- 9º. ultima escola que freqüentou;
- 10º. si tem meios de subsistencia;
- 11º.observações

Como os álbuns confeccionados entre o ano de 1930 e 1938 foram compostos por artigos de jornais e recortes de revistas, parti, então para os demais álbuns os quais continham os manuscritos. Para dar início a essa tessitura fui aos exercícios assinados¹⁶² e relacionei todos os alunos de acordo com a série, a professora e o ano de produção. O panorama encontrado me levou a constatar a presença maior de meninas em relação aos meninos. Ter visibilidade desse dado provocou questões em torno de como eram estabelecidas as relações na prática de elaboração dos álbuns que definiam a escolha daqueles cuja escrita constituiria os álbuns. Minha intenção era alargar meu campo de atuação e chegar ao pertencimento social desses alunos.

Nessa trajetória tive acesso a dois livros de matrícula: um datado do ano de 1939 e o outro relativo ao período de 1944 a 1957. Fiquei atenta às características dos alunos que são evidenciadas nesse tipo de escrituração, no sentido de perceber algumas singularidades dos autores dos álbuns de pesquisa na inter-relação com a origem social e as práticas de escrituração da escola.

Após uma série de investidas sobre os documentos que tive acesso no “arquivo morto” da escola, fui reconhecendo os alunos-autores. Imediatamente, fiz um inventário

¹⁶¹ Ibidem

¹⁶² Há muitos casos em que a escrita não está identificada pelo agente que a produziu.

que constava do número da matrícula, o nome do aluno, identificação do responsável, profissão e o grupo social. O contato com essa escrita proporcionou uma maior visibilidade às práticas escolares através da categorização das ações administrativas e me fez perceber o modo como a escola produz o lugar social do aluno. Nessa escrituração que tinha em mãos, a escola introduziu uma coluna que definia o pertencimento social que variava em níveis de primeiro ao quinto grupo. A comparação entre a escrituração do livro de matrícula do ano de 1939 e a escrituração do livro de matrícula do ano de 1944 permitiu que fosse observado os modelos de escrita que atravessaram essas décadas. O parâmetro para essa classificação se deu através da identificação da profissão dos pais. É interessante notar como a escola substituiu os elementos que permitiam dar visibilidade ao grau de instrução¹⁶³ segundo a orientação do regulamento do Estado, criando uma nova categorização: a de origem social. O que significava essa substituição?

MATRÍCULA

Seção b) — PÁGINA DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Nome do pai, tutor ou pessoa responsável	RESIDÊNCIA (Para uso facultativo)	PROFISSÃO V. Indicador	Grado de instrução	Grupo Social
Alfredo Guerra	Rua 1.ª de Maio	Negociante	2.º	
Carlos Bigg dos Santos	" " "	Banda	3.º	
Salvino Tomazim	" " "	Negociante	3.º	
Martiniano Antunes da Silva	Zona rural	Analise	4.º	
Benildo Louy da Silva	Rua 5 de Julho	Reduero	3.º	
Agostinho Milton	Rua Antonio Tomi	Negociante	1.º	
João Marques	R. Marshal Prodrore	Fotografo	3.º	
Almeida Soares Pereira	" " "	2.º. Juizal	2.º	
João de Oliveira	R. Loureiro Alvim	Industriale	1.º	
João Marcel	Rua Santa Luzia	"	2.º	
Carlos Magalhães Lourey	R. Marshal Prodrore	"	2.º	
Antônio Lourenço	R. Olegario Mascil	2.º. publico	2.º	
Augusto Afonso Tomelli	R. Ampio Machado	2.º. publico	3.º	
Antonio Paulino	Zona rural	Comradin	3.º	
Antonio Augusto Vagete Sobrinho	Trayngulo	"	3.º	
Antonio Louy Santos	R. 2.º. Trayngote	"	3.º	
João da Cunha Assis	Trayngulo	2.º. publico	3.º	
João Antonio de Almeida	R. Olegario Mascil	Industriale	3.º	
João Antonio de Almeida	Zona rural	Opticario	4.º	
João Francisco de Almeida	R. Olegario Mascil	Comradin	3.º	
João Antonio de Almeida	R. Olegario Mascil	Comradin	3.º	

¹⁶³A orientação quanto à instrução dos pais segue o definido como: analfabeto, instrução primária, instrução secundária (curso ginásial, normal ou equivalente), instrução superior, somente os que possuírem diploma de curso superior. A última coluna ficou destinada aos fatos que não couberem nas colunas apropriadas.

O que se vê nesse caso, é que a escola produziu o deslocamento em relação aos dados desse impresso e introduziu a categoria grupo social em lugar da instrução dos pais. Esse aspecto levou-me ao pensamento de Bourdieu¹⁶⁴ que relaciona a constituição diferenciada dos sujeitos escolares segundo sua origem social e familiar. Visto esse deslocamento, fiz as associações entre a profissão dos pais e o grupo social e foi possível estabelecer algumas relações, apresentadas no quadro abaixo.

QUADRO 05
Profissões e inscrição no grupo social

Grupo Social 1°	Grupo Social 2°	Grupo Social 3°	Grupo Social 4°	Grupo Social 5°
Advogado	Engenheiro Agrônomo	Pedreiro	Pedreiro	Catadeira
Agricultor	Fotografo	Eletricista	Jardineiro	Inválido
Bancário	Bancário	Chouffer	Chouffer	Indigente
Comerciante	Comerciante	Comerciante	Vigia noturno	
Gerente do BB	Escriturário	Operário	Operário	
Fazendeiro	Fazendeiro	Caixeiro	Carpinteiro	
Industrial	Mecânico	Diretor de Grupo	Mecânico	
Médico	Dentista	Comerciário	Garçon	
Prefeito	Viajante	Viajante	Viajante	
	Doméstica	Doméstica	Doméstica	
	Proprietário	Barbeiro	Jornaleiro	
	Pastor	Pastor	Funcionário Público	
	Veterinário	Cozinheira	Cozinheira	
	Lavrador	Lavadeira	Lavadeira	
	Negociante	Relojoeiro	Costureira	
	Capitalista	Soldado	Alfaiate	
	Proprietário	Carroceiro	Catadeira	
	Chefe dep café	Assistente pedreiro	Pintor	
	Fiscal de vendas	Eletricista	Vendedor ambulante	
		Lavrador	Empregado do matadouro	

¹⁶⁴ BOURDIEU, 1987.

No **QUADRO 05** pode-se observar que em alguns casos a mesma profissão aparece relacionada a grupos sociais distintos, como o caso de comerciante; doméstica; operário, fazendeiro; chouffer, dentre outras. Busquei entender quem era esse aluno através de outros indícios que me deixavam pistas acerca do local de moradia ou a distância da residência à escola, já que não obtinha dados como a renda familiar. Será que a definição do grupo social tinha a ver com a ocupação dos pais ou estaria relacionada a outros dados que não aparecem nesse instrumento? Será que os professores lançavam mão de outros critérios como local de moradia para dar significação à categoria de grupo social?

Adotando essa perspectiva, consegui fazer algumas associações, levando em conta que os alunos são, de acordo com Nogueira “[...] atores socialmente constituídos e que trazem em larga medida incorporada uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar¹⁶⁵”. A relação entre o pertencimento familiar e a localização de moradia me direcionou aos elementos passíveis que a escola utilizou para re-significar a mesma profissão em grupos sociais distintos. Ainda que não se constate pela escrituração administrativa, pode-se dizer pelo sobrenome dos alunos, que, os que constavam do grupo social 1º se tratava da representatividade da elite local, garantindo, assim prestígio, distinção para a escola.

Para o historiador não foi fácil entender a lógica que regulou a produção do quadro anterior, se fez necessário, portanto, estreitar um diálogo com a Sociologia da Educação, especialmente, com os trabalhos de Bourdieu¹⁶⁶ que tratam das diferenças escolares em relação à origem social e familiar. Afinal, o que percebi foi que a escola lançou mão de outros aspectos, a exemplo da origem social do aluno, para a determinação do grupo social a qual pertencia.

À medida que foi feita a identificação dos alunos-autores, observei que a definição de quem teria seu trabalho incluído nos álbuns de pesquisa não estava restrito a algum grupo social, pois, foram identificados tanto alunos pertencentes ao 1º grupo social como do 4º grupo social, ainda que não tenha sido encontrado nenhum aluno pertencente ao grupo social 5º.

Não me detive à definição do grupo social, procurei problematizar os indicativos apresentados e suscitar diferentes relações que pudessem dar representatividade ao

¹⁶⁵ NOGUEIRA, C. NOGUEIRA, M.A. 2002, p.2.

¹⁶⁶ BOURDIEU, 1987.

aluno produtor daquela escrita modelar. Afinal, o retrato da vida escolar do aluno poderia servir como justificativa para ausência da participação na confecção dos álbuns.

Depois da constatação, como já dito, que não era a estratificação social o critério que definia a participação dos alunos nos *Clubes de Leitura* e na confecção dos álbuns de pesquisa escolar, ampliei o universo das fontes a serem consultadas e fui em busca dos livros de frequência escolar na intenção de apreender as relações estabelecidas entre as singularidades dos alunos atores dos álbuns de pesquisa, sua origem sócio-racial e sua vida escolar.

Adentrei no intrincado jogo das relações estabelecidas por essa rede de normatização escriturária, analisei o mapa de frequência na tentativa de perceber características que imprimiam caráter ao sujeito aluno: sistematização de presença às aulas e o aproveitamento escolar.

Os livros de frequência escolar como dispositivo legal, definem as categorias que imprimem determinadas categorias: número de matrícula, nome do aluno; sexo; ano do curso, assiduidade, comparecimentos, faltas justificadas e não justificadas; média de aproveitamento e média de comportamento, finalizando com um espaço reservado para as observações. Procurei explorar ao máximo as evidências que esse tipo de escrituração me proporcionava. Segundo Vidal¹⁶⁷, a sistematização desses livros correspondeu “[...] à necessidade de fiscalizar o andamento das aulas” no que diz respeito não só à assiduidade dos alunos às aulas como também quanto ao testemunho das competências em relação ao desempenho exigido pela escola. Esse registro foi de capital importância uma vez que, através dele, foi possível relacionar a participação na elaboração dos álbuns com a competência por meio de notas relativas ao aproveitamento e em relação ao comportamento.

Nesse ponto da pesquisa já tinha por propósito destacar aqueles que eram escolhidos para representar a realidade social pedagógica dos alunos através de uma prática de escrita exemplar. Dessa forma, mais que conhecer os participantes dessas práticas escolares estava diante de uma escrituração administrativa que envolve aspectos que constituem formas de “[...] intervenção do poder¹⁶⁸”. O mapa de frequência, como dispositivo de controle, confere o exercício de poder da administração pública, mas também presta auxílio ao professor(a) na ordenação de saberes e na definição das crianças em sujeitos da educação. Principalmente porque o professor usava esses mapas

¹⁶⁷ VIDAL, 2006.

¹⁶⁸ FOUCAULT, 1986.

como forma de conhecer melhor os alunos com quem estavam trabalhando, além de que, ao final da escrituração mensal havia identificação do número de alunos que não alcançaram a média naquele mês e, além disso, esses mapas informavam quanto a condição de ser repetente na série escolar.

Depois de ter conseguido localizar alguns livros de frequência das turmas que produziram alguns álbuns de pesquisa, iniciei uma verdadeira trama de interpretação que me levou ao entendimento do nível de participação do aluno. Nessa rede intrincada entre a autoria dos álbuns, os livros de matrícula escolar e um tanto de livros de frequência dos alunos, consegui localizar a turma do 3º ano da Professora Cifra Lacerda no ano de 1942 e a turma do 4º ano, referente ao ano de 1943.

Parti do registro de frequência da turma do 3º ano professora Cifra Lacerda em setembro de 1942. Verifiquei que a turma se compunha por 27 alunos, dos quais 13 meninos e 14 meninas. Identifiquei dentre os alunos da turma, integrantes nos álbuns nº28\1942; nº30\1942 e nº33\1942 e, no álbum nº 34\1942, denominado trabalho das meninas do 3º ano, reconheci as alunas colaboradoras na escrituração do mapa de frequência.

Dos 08 álbuns de pesquisa produzidos no ano de 1942, 04 deles (50%) pertenciam aos alunos da professora Cifra Lacerda, dos quais, três alunos e duas alunas tiveram trabalhos incluídos em três álbuns. O número de participantes entre meninos e meninas era equilibrado, mesmo que em todos tenha aparecido, sempre, uma menina a mais, em relação ao número de meninos. Esses dados me levaram a uma primeira constatação: havia uma participação equilibrada entre os alunos de sexo masculino e feminino na feitura dos álbuns de pesquisa, seja qual fosse o pertencimento social.

Prossegui a análise, tomando a documentação que incluía a lista dos colaboradores do álbum nº 42\1945 da turma da professora Cifra Lacerda, parti para fazer algumas inter-relações. A turma constituída de 23 alunos 12 meninos e 11 meninas. Do total dos alunos 30% pertencem ao 4º grupo social; 65% pertencem ao 3º grupo social, 4% dos alunos têm seu pertencimento social ao grupo social 2º e não teve alunos enquadrados no 1º grupo social. Com exceção de dois alunos, todos os outros que aparecem no mapa de frequência do 4º ano fazem parte da lista. Ao investigar o pertencimento social desses dois alunos, são do sexo masculino e o sobrenome é de família tradicional da época.

No ano de 1939 aparecem 10 álbuns confeccionados pelos alunos da turma do 4º ano da professora Cifra Lacerda (álbuns:08;09;10;11;12;14;15;19;21;24). No tratamento

dos dados, percebi que os alunos foram distribuídos em diferentes grupos, de modo que no final, todos os alunos participaram. Esse dado elucida uma estratégia de produção coletiva que se dava, nesse caso, pela divisão da classe em grupos. Como no livro de matrícula referente ao ano de 1939 não localizei os alunos relacionados à turma do 4º ano, esse fato impediu de conhecer o grupo social em que a escola os enquadrava. Ficou a incerteza, pois não foi possível saber se eram as notas das avaliações e de conceito os fatores definidores da inserção dos trabalhos nos álbuns. Outra questão permaneceu em aberto, os alunos repetentes produziam álbuns de pesquisa?

A turma do 4º ano da professora Luiza de Lourdes Mattos em 1945, encontra-se 21 alunos inscritos no mapa de frequência. Desses, 10 eram meninos e somente três deles participaram da fabricação do álbum nº 41\1945. Das 11 meninas integrantes da turma, 07 aparecem fazendo parte desse álbum. Deparei-me com o nome de 05 alunas participantes do álbum, mas não contém o nome delas na lista dos alunos da turma da professora Luiza Mattos.

Fui mais além na problematização dos livros de frequência escolar e detive meu olhar na coluna dos alunos repetentes. Esse deslocamento me levou a perceber que havia turmas inteiras constituídas por esses alunos. Nessas turmas, todos os alunos se inseriam na classificação de 3º e 4º grupos sociais. As idades giravam em torno de 14 a 19 anos, estando, pois, acima da média da idade dos alunos de outras turmas da mesma série. Diante do visto, procurei, atentamente, uma lista de nomes para me certificar se algum deles tinha participado na feitura dos álbuns de pesquisa. Não encontrei nenhum vestígio que me levasse a crer nessa possibilidade. Inclusive, não encontrei nenhum registro feito pelas professoras responsáveis por essas turmas em relação ao funcionamento dos *Clubes de Leitura*.

Será que o fato de a professora Cifra Lacerda trabalhar com a turma de alunos, na sua maioria, que apresentavam desempenho nas avaliações escolares acima da média exigida pela escola, pertencentes a um grupo social representativo da sociedade carangolense, já seria um fator de representatividade da escola que direcionou o processo de confecção dos álbuns? Esse grupo de alunos corresponderia ao que a escola pretendia imprimir como padrão de aluno? Esse coletivo representava o aluno que a escola pretendia formar?

Por outro lado, a inexistência desta produção por parte dos alunos repetentes é talvez, um apagamento desses sujeitos pela instituição?

É certo que a inserção nesse material de escrituração administrativa mostrou como a escola constitui os lugares aos quais os alunos pertencem, como também, foi visível a preocupação do Estado em gerenciar e controlar a administração pública através do registro da classe do professor, das competências e dos desempenhos dos alunos. É fato que essa produção estatística, pensada como elemento de uma cultura escolar, aponta para as estratégias de implementação de iniciativas que projetam ações que subsidiam as políticas educacionais. Há, no entanto, de se pensar que nenhum documento pode ser tomado como expressão direta da realidade, se por um lado esses dados estatísticos atestam as necessidades das escolas, eles também podem ser forjados para atender aos interesses administrativos. Cabe desenvolver um olhar revelador, crítico e interpretativo, o que significa ir para além de sua objetividade, partindo do princípio que, segundo Gouvêa “[...] todo documento ao mesmo tempo em que revela, silencia, sinaliza, torna opacas outras expressões. Assim, a autoria do documento, seu *locus* de produção, destinatários, o pano de fundo de sua produção e circulação são elementos tão importantes quanto o estudo do texto ali expresso¹⁶⁹”.

Como destacado, os álbuns de pesquisa serviram como objeto cultural que imprimia publicidade aos saberes produzidos no Grupo Escolar Melo Viana. A forma como foi dado destaque aos álbuns de pesquisa escolar serviu, por um lado à difusão do projeto pedagógico sintonizado à uma proposta inovadora de ensino, de outro deu visibilidade às habilidades individuais projetadas pelo projeto de formação do aluno sintonizado com os saberes e fazeres da época.

Vê-se também que havia uma reprodução da origem social do aluno, mas os indícios apontam que o fator que direcionava a participação dos alunos na confecção dos álbuns está relacionado à produção escolar. Sendo assim, tem-se claro que os álbuns se apresentam como artefatos escriturais que demarcam o lugar social/escolar do aluno e, podem também ser vistos como dispositivos de poder que imprimem distinção pelo caráter modelar que a escrita assume.

¹⁶⁹ GOUVÊA, 2005, p.6.

CAPÍTULO 2

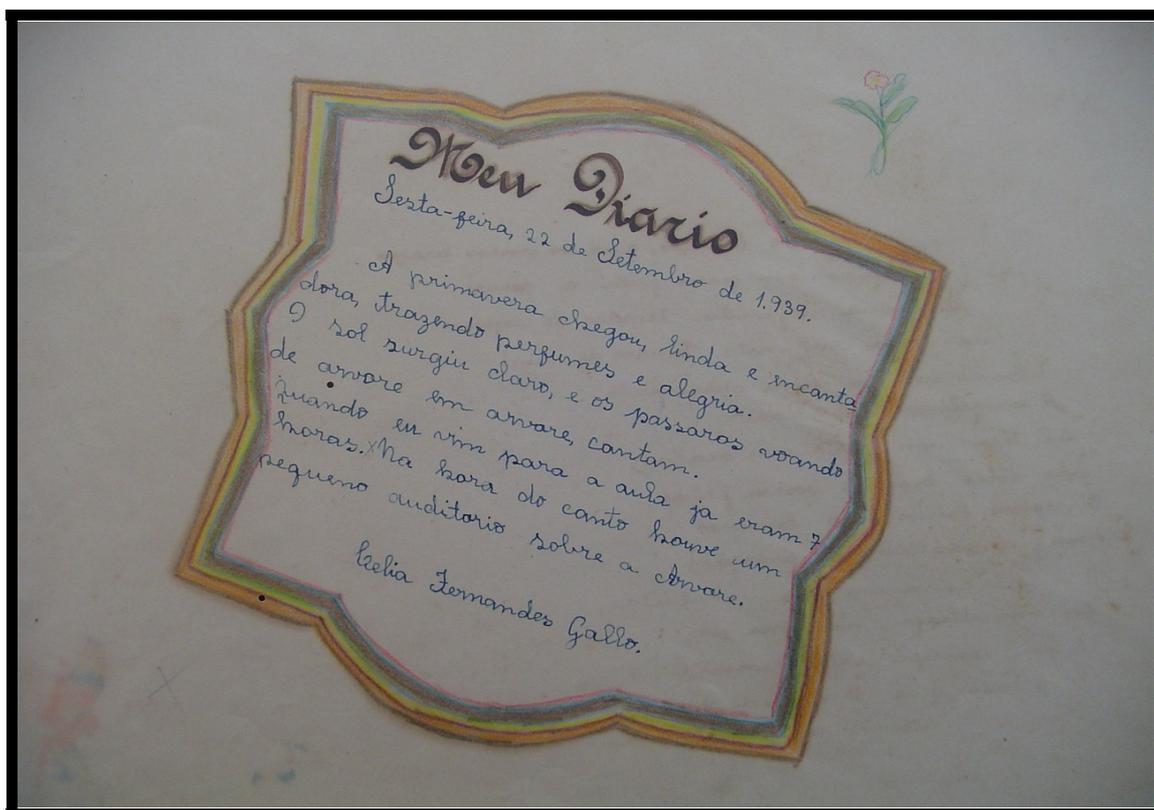
IRADENTES

A materialidade dos álbuns, uma abordagem através dos exercícios



"o Iridentes", nasceu em S. João d'El-Rei em 1746.
 Homem bom, inteligente e de regular cultura. Exerceu várias profissões: de costureiro, vendedor ambulante e curandeiro. Conterdida Também de miseração, que tentou sem resultado. Compreendedor, como era, veio ao Rio de Janeiro e apresentou ao vice-rei D. Luiz de Vasconcelos um plano de captação das águas dos rios Aradaraí e Maracaonã, obra que mais tarde foi realizada. Era alferes do regimento de dragões da capitania de Minas e tornou a figura mais entusiasta da desconfiança Mineira, a ponto de propagar suas idéias em toda a parte, e em nenhuma disfarce. Chegou ao Rio de Janeiro (em uma casa da rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias), procurou atrair para si toda responsabilidade da conjuração e, por isso mesmo, não mereceu a atenção do governo português: foi enforcado no Rio de Janeiro a 27 de Abril de 1792. Seu corpo esquartejado foi sepultado e os pedaços trazidos para Minas afim de serem expostos nos pontos em que fizera propaganda do movimento. Sua memória foi declarada infame, mas a posteridade lhe fez justiça e o protomartir da independência é considerado hoje ao lado de José Bonifácio e Benjamin Constant, um dos três maiores cultos da história Brasileira.
 Maria do Carmo Costa.

2.1 As atividades escolares



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Meu Diário

Sexta Feira, 22 de setembro de 1939

A primavera chegou, linda e encantadora, trazendo perfumes e alegria. O sol surgiu claro, e os pássaros voando de árvore em árvore, cantam. Quando eu vim para a aula já eram 7 horas. Na hora do canto houve um pequeno auditório sobre a Arvore.

Celia Fernandes Gallo

Cartas, composições, bilhetes, cópias e exercícios de aritmética estão dentre os exercícios que ganharam forma nos álbuns de pesquisa como testemunhos do currículo escolar. Na execução das tarefas escolares são muitos os signos através dos quais a escrita se manifesta e se impõe como uma maneira privilegiada de expressão “[...] no qual o próprio ato de escrever parece ter, senão mais, importância que a coisa escrita¹⁷⁰”. Partir do modo de estruturação dos exercícios, envolveu uma discussão sobre o tipo de organização didático-pedagógica da escola e, observando o tipo de formatação que definiu a tipologia dos álbuns, fez-se necessária uma análise que focasse finalidades do uso da escrita e os meios utilizados para sua racionalização. Esse processo implicou em uma arqueologia da materialidade do artefato.

Neste capítulo procurei levantar questões que mostraram como as diferentes modalidades de tarefas escolares sinalizaram para a forma como os alunos expressaram suas habilidades e, como os álbuns de pesquisa facultam uma normalização através de uma prática de escrita. A intenção foi mostrar como esses álbuns de pesquisa se constituem não só como veículo da atividade do aluno, mas também como um instrumento, fruto do trabalho escolar realizado coletivamente, onde são definidas hierarquizações. Dessa forma, a análise da própria materialidade do artefato tornou-se temática central e sua produção se assentou como um dos recursos didáticos que apontaram para uma renovação pedagógica que acontecia nos idos dos anos 30 e sinalizou as tensões que marcaram o processo de (con)formação do aluno.

2.2 As práticas de escrita escolar

O termo cultura escrita se circunscreve na segunda metade da década de 90, quando começa a se configurar como campo de investigação científica. Essa nova abordagem de estudos amplia os debates em torno das relações que se estabelecem em diversas situações históricas entre os sistemas de escritura, as formas gráficas, os processos de produção escrita e as maneiras e práticas que elaboram, utilizam e manipulam os produtos escriturais como produtos culturais.

¹⁷⁰ FABRE, 1997

O artigo de Antonio Castillo Gómez¹⁷¹, aponta as perspectivas em que a cultura escrita adquire valor como categoria de análise histórica lançando luz sobre os processos de implementação e compreensão do código escrito.

Gómez e Cohen¹⁷² ressaltam que o uso da escrita se dá, também, em função da utilidade que a sociedade lhe impõe e, as necessidades sociais da escrita acabam por condicionar as leis históricas do seu desenvolvimento. Dessa forma, compreende-se que a cultura escrita enquanto prática social pode ser reconstruída a partir dos próprios testemunhos escritos. Estabelece-se, assim, uma nova forma de investigação que põe em destaque as práticas de escrituração e requer que se ultrapasse a pura descrição técnica dos objetos escritos para ocupar-se das motivações que regem a produção textual. A mudança de perspectiva, segundo Gómez, constitui-se como a determinação do sentido implícito na materialidade do escrito que deve ser interpretada, para esse autor “[...] a partir do contexto de produção e recepção, valorizando as estratégias culturais e ideológicas que se faz portador¹⁷³.”

As práticas de escrita desenvolvidas no âmbito escolar não somente levam em conta as aprendizagens e significados produzidos pelas crianças, como dão visibilidade aos cânones gráficos da escrita que dão, também acesso às práticas sociais exteriores à escola. De um modo geral, as práticas de escrita assumem lugar central no processo de escolarização da infância e, genericamente, oportunizam situações em que a criança é posta como um ator, que no processo de desenvolvimento do saber escolarizado produz escrituras. São várias as estratégias utilizadas pela escola para incentivar a escrita do aluno: cópias, redações, ditados, cartas, bilhetes, apólogos e pesquisas escolares. Esses modelos procuravam preparar o sujeito, conforme considera Vidal e Esteves¹⁷⁴ para a “[...] expressão do pensamento e o controle cotidiano das tarefas” exigidas por uma sociedade moderna. Isso quer dizer que, a escrita de cartas e bilhetes, por exemplo, servia tanto como atividades cuja finalidade era desenvolver os conhecimentos ortográficos ou gramaticais como para evidenciar os usos sociais da escrita.

O ditado, a gramática, os exercícios de aritmética foram modalidades de exercícios pouco empregadas. No entanto, deve-se ter em mente que, certamente os álbuns não refletem os conteúdos priorizados na ação cotidiana escolar, mas àqueles que atendem à

¹⁷¹ GÓMEZ, Antonio Castillo. *Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, jan/jul. Campinas: Autores Associados, 2003.

¹⁷² COHEN, Marcel APUD GÓMEZ, 2003, p.99.

¹⁷³ GÓMEZ, 2003, p.104.

¹⁷⁴ VIDAL; ESTEVES, 2003, p.135.

finalidade de publicização e monumentalização, e que os exercícios, da mesma forma, vão corresponder ao que seja mais atrativo ou que seja adequado a um álbum que será exposto.

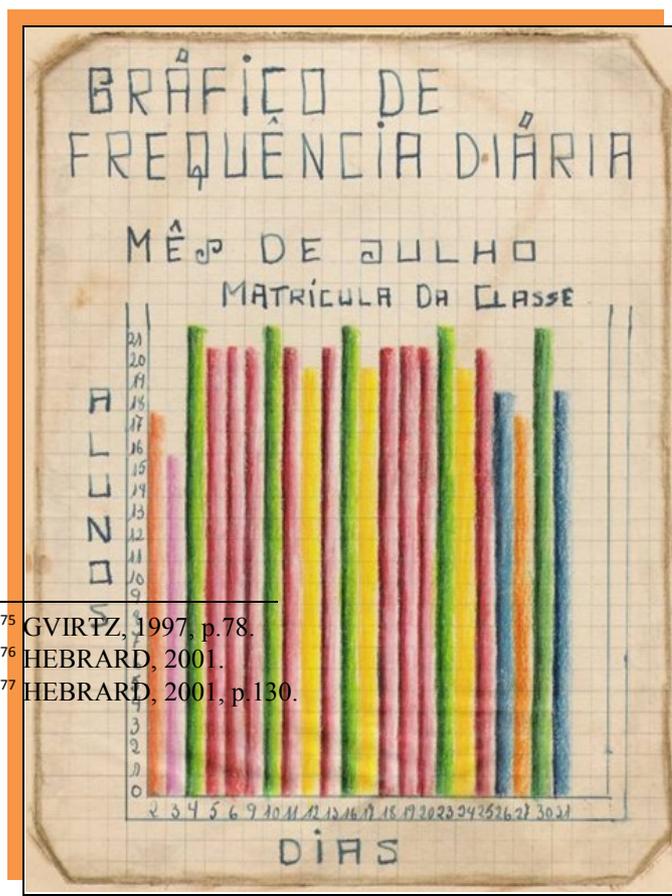
É importante salientar que o ditado, de acordo com Gvirtz¹⁷⁵, é um “[...] tipo de atividade que se centra nas formas corretas de escrituração alfabética” e requer a transferência de uma linguagem oral em linguagem escrita. É uma prática de escrita escolar coletiva em que o professor conduz a tarefa de forma oral e o aluno a responde de forma escrita. Somente um exercício dessa modalidade, feito pela aluna Myriam de Fátima foi escolhido para compor um dos álbuns.

Vê-se que também os problemas de aritmética repousam sobre exigências gráficas. Tanto objetivam os cálculos numéricos como, igualmente, à organização espacial da escrita. As operações matemáticas: as somas, as subtrações, os juros, as despesas, as distâncias mesclam-se a temas relativos às outras disciplinas. Nos álbuns a escrita convive com os números em outra forma de organizar o espaço da folha. Primeiramente, aparece o enunciado do problema e, em seguida, o espaço destinado aos cálculos e à solução do problema, cujo resultado vem descrito no final. Essa organização gráfica pode se dar em termos de linha ou colunas.

Nas listas e tabelas, por exemplo, a escrita se encarrega de uma nova função¹⁷⁶. Nos exercícios de Geometria, na constituição das tabelas e nos gráficos, o objetivo do exercício, propriamente, é dar visibilidade a um resultado alcançado ou a uma forma de organização de dados e as palavras escritas, as frases ou pequeno texto dão suporte à

informação iconográfica. “[...] Neste sentido, as palavras oferecem-se ao trabalho específico de uma aculturação escrita: elas não falam mais, tornam-se objetos do saber¹⁷⁷”.

Há, portanto, a necessidade de organizar a escrita de acordo com o tipo de atividade proposta. Mais uma vez, percebe-se nessa forma de organizar as atividades,



¹⁷⁵ GVIRTZ, 1997, p. 78.

¹⁷⁶ HEBRARD, 2001.

¹⁷⁷ HEBRARD, 2001, p. 130.

a versão escolar do ensino da escrita. Tais exercícios constituem como um tipo de atividade do álbum de pesquisa que aparece em pequena quantidade, o que nos leva a pensar que esses cadernos de pesquisa escolar não reproduzem, exatamente, a repartição das disciplinas no tempo cotidiano da aula e sua hierarquização em relação às disciplinas escolares.

O estudo das práticas escolares que orientam os fazeres e os saberes escolares, permite hoje, desvelar os sentidos atribuídos às ações cotidianas e produz uma aproximação do que se considera os fazeres ordinários da escola. Foi necessário superar as dificuldades materiais de acesso à escrita para que se fixasse o “[...] modelo escolar moderno”¹⁷⁸. No que se refere aos suportes de escrita, a escola assistiu a uma passagem marcada por diferenças efetivas na forma de escrever, até que a escrita se tornasse um recurso usual na escola. As práticas de escrita envolveram um percurso das mesas de areia com uso do dedo no desenho das letras, à utilização das lousas individuais de ardósia para, finalmente, chegar ao caderno como instrumento de interiorização da lógica espacial, linear e temporal da escrita que se expande no século XX. Para Vidal; Gvirtz¹⁷⁹ essas modificações foram possíveis à medida que a escola desenvolveu aparatos metodológicos e didáticos que consistiam não somente em organizar seu funcionamento, mas também, tinha por finalidade desenvolver de forma eficiente a escrita. Os debates sobre os modelos caligráficos ocorreram tanto para disciplinar o corpo em resposta aos discursos higienistas que assumiam um lugar importante na reorganização da escola nesse momento histórico, quanto pela busca de uma forma correta e eficiente para escrever.

Vê-se o ensino da escrita produzindo um campo disciplinar escolarizando a língua falada e construindo uma representação da língua nacional, bem como pela produção das novas representações para o professor e para o aluno. O que se apreende sobre a escrita escolar é que, ao longo de dois séculos, passou-se da idéia de uma escrita caligráfica perfeita, gradativamente abandonada, dando lugar a uma escrita ordinária, informal que, dentre outros aspectos, aceitava uma escrita mais livre, desde que a execução incorresse em uma letra clara, legível, limpa e que proporcionasse ao sujeito uma escrita rápida, sem perder a elegância, fruto da regularidade e da ordem e que ainda primasse por um estilo pessoal¹⁸⁰.

¹⁷⁸ NÓVOA, 1991.

¹⁷⁹ VIDAL; GVIRTZ, 1998.

¹⁸⁰ VINÃO, 2001.

Certamente, a busca da boa postura para a execução das tarefas exigia competência frente aos diferentes modelos caligráficos a serem seguidos, que aparecem por uma racionalização da escrita em busca da forma arredondada da letra, na adequação dos traços nos contornos das ilustrações ou em relação ao texto escrito. E, para que a escrita do aluno passasse a integrar o álbum precisaria se adequar ao que, no projeto pedagógico da escola, era tido como boa escrita, aquela que atendia aos princípios da grafia correta, da ortografia perfeita e das habilidades de desenho.

Pensar o contexto de produção desse artefato material é também se voltar para as tensões que giravam em torno da execução das tarefas escriturárias, uma vez que, estas demandavam operar com as especificidades de cada exercício e o esforço necessário para desempenhá-lo. Esse aspecto é o que vamos passar a ver agora.

2.2.1 As práticas escriturais em lições e cópias

As práticas de escrita tomam a cena e se instalam como marco da escolarização na infância nesses artefatos materiais. Os exercícios de cópia são tidos como primordiais para execução das tarefas educativas que possibilitam a prática da escrita ortográfica e a familiaridade com os gêneros discursivos diversificados, de maneira que influenciam não só a ampliação do repertório textual, mas também, o estilo de escrita quando os alunos escrevem seus próprios textos. A cópia como exercício escolar possibilita também a ampliação do vocabulário e o reforço da memorização.

A cópia como atividade pedagógica privilegiada opera como dispositivo de reprodução, no sentido de “tomar posse” de um certo conhecimento, através da produção de outros textos, a partir do que foi transcrito. Essa modalidade de escrita traz implícito alguns preceitos pedagógicos: atende tanto à finalidade de informar sobre um determinado assunto e garantir um saber enciclopédico, como a finalidade de o aluno aprofundar seu conhecimento sobre o tema para que mais tarde venha (re)escrever sobre ele. Para Hébrard¹⁸¹, a cópia, “[...] se impõe por ela mesma, então, como último traço da atividade do aluno, mais condicionada pelo suporte que pelo projeto instrutivo”; se apresenta como modalidade de escrita que está no centro da alfabetização, tanto auxilia no ensino da leitura e da execução da escrita pelo manuseio hábil do lápis ou da caneta, como propicia à apreensão dos princípios ortográficos.

¹⁸¹ HEBRARD, 2001, p.126.

A cópia como prática escriturária, largamente adotada pela escola desde meados do século XIX, é defendida por se apresentar como uma prática que atende às necessidades do aluno aprendiz, pois desenvolve nele tanto as habilidades cognitivas, quanto a atenção e a percepção, ao mesmo tempo em que atende ao propósito de desenvolver uma ortografia correta, habilidades necessárias para o desenvolvimento de uma escrita fluente com domínio da letra. Além desses aspectos, a cópia, muitas vezes, é/era destinada ao treino ortográfico ou/e usada como exercício de caligrafia, devendo o ensino da técnica, proporcionar ao aluno hábitos de ordem, asseio e disciplina. Para Vidal¹⁸² “[...] a importância de desenvolver a boa escrita era realçada pelo imperativo de formar o senso estético da criança, precioso à sua educação sentimental”.

Embora os exercícios de caligrafia não sejam objeto de práticas de escrita presentes nos álbuns de pesquisa, vê-se uma clara influência desse saber aplicado na composição estética da escrita e na sua organização na folha. Porém, sabe-se que as escritas caligráficas conviveram, nem sempre em plena harmonia, com a busca do efeito estético do produto da escrita.

Correlato a esses modelos caligráficos¹⁸³ verifica-se que a postura no ato da escrita se constituiu, por muito tempo, em alvo de debates cuja preocupação enfocada era a saúde do aluno. O que se apreende é um progressivo deslocamento no conceito de escrita, que sustentaria por algumas décadas a discussão em torno do duplo desafio: a dificuldade do aprendizado do traço da letra e da expressão do pensamento e a realidade de que os ritmos de aquisição e domínio dessas competências variavam entre os alunos. Percebe-se, com isso, como o ato de escrever esteve no bojo das discussões que remetem à escolarização da infância.

À cópia foi atribuído um sentido de tarefa que primasse por uma forma correta de escrever a qual se instala na legibilidade da letra e imprime uma estética de escrita como meio de prescrever o bom posicionamento do corpo. Cumpre observar, no discurso escolanovista que a cópia é criticada quando utilizada no exercício de reprodução monótono e automático, por limitar as oportunidades da criança, uma vez que não permite que elas a utilizem como forma de expressão do pensamento, e, que por

¹⁸² VIDAL, 1998, p.2.

¹⁸³ Entre os anos de 1910 e 1920, o debate acerca dos modelos caligráficos no Brasil, se deu sobre a inclinação da letra (vertical ou inclinada para a direita); entre os anos de 1920 e 1930, ampliou-se para uma discussão em torno de uma inclinação da letra também para a esquerda e sobre o talhe. Mais detalhes ver VIDAL, 2003, p.118.

se tratar de um exercício automatizado, desconsidera os diferentes ritmos que variam entre os alunos¹⁸⁴.

Independente das discussões, o que se percebe, ao longo dos tempos, é o exercício da cópia como primazia da atividade escolar. Essa modalidade de escrita cumpre em si um propósito didático: garantir a transcrição de um conteúdo e atender aos princípios da ortografia com as máximas: iniciar o texto com o uso da letra maiúscula e terminar com ponto final. Por esses princípios perpassa o ensino da gramática, pois o aluno ao se deparar com o término da linha e o tamanho da palavra deverá recorrer à separação das sílabas.

A cópia como modalidade que desencadeia uma série de discussões¹⁸⁵ em torno das práticas de escrita e das estratégias a serem adotadas para o ensino da letra, traz à tona questões ligadas à racionalização da escolarização. Esse debate perpassa o campo da pedagogia, da fisiologia e dos teóricos higienistas que abordam as discussões centradas, ora em torno dos efeitos do ensino da escrita sobre a postura do corpo, ora colocando em pauta as normatizações das práticas de escrita como homogeneizadoras de um modelo caligráfico apresentado como moderno e civilizador.

Na escola primária, as lições ilustradas, além de difundir a proposta educativa prescrita pelo Programa de Ensino Primário, se voltam para a sensibilização do aluno aos assuntos tratados por meio de ilustração, evidenciando, de forma fácil e atraente, o conteúdo programático. Isso demarca as concepções escolanovistas cuja proposta pedagógica traduz a influência das novas pedagogias¹⁸⁶ de alfabetização, propondo uma didática com inovações metodológicas que difunde uma educação através do olhar e a participação efetiva do aluno no centro das atividades.

Esses cadernos de pesquisas se compõem de uma multiplicidade de lições que versam sobre variados temas, tratam de conhecimentos úteis, curiosidades, contendo uma quantidade enorme de figuras que agem como uma narrativa visual que acompanha o texto. As cópias de lições aparecem escrituradas a lápis ou à caneta; letra uniforme,

¹⁸⁴ VINÃO, 2001.

¹⁸⁵ Para saber mais sobre os debates acerca dos tipos de escrita aconselháveis à aprendizagem do aluno, confrontar estudos de: VIÑAO, A. 2001; VIDAL, D; GVIRTZ, S.,1998; VIDAL,D, 1998;; FARIA FILHO, L.M, 1998.

¹⁸⁶ O movimento de confronto com a escola tradicional ganha destaque no final da década de 20 do século XX. As discussões giram em torno do método utilizado para a alfabetização das crianças .Em Minas Gerais, Lúcia Casasanta foi a grande responsável pela divulgação do método global de contos.que tem como base a alfabetização a partir da linguagem escrita, tal como se apresenta, do todo para as partes. Mai detalhes Ver Maciel,F.Alfabetização em Minas Gerais: Adesão e resistência ao método global. Lições de Minas: 70 anos da Secretaria da Educação. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000.

arredondada, feita com capricho. Não tem sinal de rasura ou borrado, o que manifesta uma preocupação com o aspecto formal da escrita, que atende aos princípios de desenvolvimento da boa letra e que não apresenta erros de ortografia¹⁸⁷. Essa atividade, certamente, foi corrigida e passada a limpo, com o intuito de deixar o registro de uma atividade modelar. O objetivo desse exercício é a reprodução exata do texto modelo, essa natureza transcritiva da cópia cujo princípio é manter a identidade dos dois textos também reitera de forma considerável as especificidades caligráficas dentro de um padrão esperado pelos princípios que regem a “boa escrita”: letra legível, limpa, e precisa. Essa modalidade é utilizada como estratégia de escrita pautada no direcionamento do processo pedagógico, em que o texto copiado é definido, *à priori*, pelo professor, ficando o aluno como elemento que participa dessa prática, alguém que recebe o conhecimento e cumpre tarefas¹⁸⁸.

Em torno da modalidade escrita de poesias traçam-se as preocupações dos agentes educativos em aproximar os textos dos alunos do gênero literário. O conjunto das poesias transcritas nos álbuns mostra a natureza do que a escola concebia como uma boa leitura. O artigo *Ensino da Poesia* de Eunice Vale Correa e Alcina Salina Lama publicado na *Revista do Ensino* no ano de 1946, recomenda para o ensino da leitura e da escrita o trabalho com poesias como “[...] a mais apurada forma de expressão”. Entretanto, para que possa concorrer para esse fim não deve ser dada apenas, como decoração,

é necessário que sejam estudadas com a classe, isto é, o seu conteúdo deve ser bem compreendido através da interpretação do assunto e análise do sentido de certas expressões e devem ser postos em evidência os seus valores literários: a beleza das expressões a graça das idéias, o vocabulário, etc¹⁸⁹

O texto é claro quanto a uma indicação metodológica que busca colocar o aluno em contato com um repertório literário. Nesse sentido é possível assegurar dois aspectos quanto à relação didática da literatura na escola. Primeiro, leva-se em conta a natureza do conteúdo, principalmente, quando se trata de um discurso impregnado de sentido valorativo relativo a bons sentimentos e comportamentos exemplares. Segundo dá para pressupor o uso que a escola pretendia fazer da literatura destinada às crianças. Nessa perspectiva os autores se tornam peças chaves para compreendermos as concepções subjacentes à escrita.

¹⁸⁷ A.33/1942.

¹⁸⁸ FONSECA, 2003, p.59.

¹⁸⁹ *Revista do Ensino*. Secretaria do Estado de Minas Gerais. n ° 183,1946. p.37.

A análise dos títulos e de outros quesitos implícitos ou explícitos nos textos se impõe ao tipo de discurso e mostra como a transcrição das poesias, sem dúvida, imprimiu elementos figurativos ao imaginário infantil. Reproduzo alguns títulos para ilustrar esses aspectos: *O escravo Fiel* de Mário de Lima; *Oração da Pátria* de Valdemar Tavares; *O trabalho* de Olavo Bilac; *Sou Brasileiro* de Benedita do Amaral; *Minha Terra e Brasil, ditosa Pátria* de Djalma Andrade; *A infância* de Olavo Bilac; *A voz dos apóstolos* de Aquiles Alves e muitas outras.

2.2.2 As composições escolares: histórias, cartas e bilhetes

A despeito dos exercícios de escrita escolar, as composições escolares podem ser consideradas um tipo de atividade que explicita os padrões de escrita ensinados na escola e que norteia a produção de uma subjetividade definida por um contexto que traz, ao mesmo tempo, a expressão do que o aluno apreendeu em diálogo com os elementos sociais e culturais do qual faz parte. Além desse aspecto, as composições demonstram que a escola procurava preparar o discente para a expressão do pensamento e o controle cotidiano das tarefas, seja pela escrita de diários íntimos e cartas, seja pela anotação dos afazeres a cumprir, como agendas pessoais, pequenos bilhetes, listas de compras, etc

Através da análise das composições que aparecem em 16 álbuns específicos, pude perceber como a escola sistematiza as práticas de escrita e convencionava tipos de escrituração que atendem às práticas sociais. Embora as composições que constituem os álbuns de pesquisa sejam atividades dirigidas pela escola, uma leitura mais apurada nos faz perceber que os alunos se colocam como agente da escrita através das experiências vividas, e ao mesmo tempo, enfoca os contextos e as redes de sociabilidades, além de revelar as estratégias utilizadas pelas crianças para lidarem com as situações do dia-a-dia.

Segundo as prescrições do Programa de Ensino Primário de Minas Gerais quanto à produção da escrita, tem-se:

É necessario que os alumnos, ao concluirem o curso primario, saibam escrever uma carta de modo correcto e claro, e isto somente poderão conseguir por meio de exercicios de redacção. Si o professor puzer inteira solícitude em ensinal-os, terá effectuado um trabalho consciencioso e de real utilidade¹⁹⁰.

¹⁹⁰ Minas Gerais. Programa do Ensino. BH: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1927, p.2585.

Dentro desses princípios, a escola ensina normas “do quê” poderia ou “não” ser escrito nas composições escolares; o “como” escrever, definindo padrões para o exercício do ofício do aluno. Nesse sentido, o mérito individual não é medido por uma nota numérica, mas ao sentido atribuído nesse contexto de produção que distingue a melhor composição e faz com que a escrita do aluno seja referenciada.

Quanto ao conjunto das composições realizadas pelos alunos, percebe-se, claramente, a preocupação, por parte da professora, em selecionar algumas redações para fazerem parte dos álbuns. Contudo, não basta trazer à tona a escrita em si, mas analisar as condições em que foram produzidas e as relações que perpassam as práticas escriturárias desenvolvidas na escola.

Há que se considerar que na produção das composições, os alunos deixam marcas do seu processo de escolarização, através do vocabulário utilizado, sinal dos valores que povoam o universo infantil no universo escolar. Esses aspectos podem ser percebidos na estruturação do texto quando aparece explicitado o que pensam sobre determinado fato ou situação; nas descrições das experiências vividas, no dia-a-dia da escola, quando revelam a rotina das práticas escolares e quando narram a maneira como apreenderam determinado conteúdo disciplinar.

Percebe-se, ainda, pelos exercícios de composição como a escola sistematiza as práticas de escrita e convencionam os tipos de escrituração que atendem às práticas sociais.

Para realização das composições escolares, o aluno necessita lançar mão de diferentes estratégias que permitam dialogar com elementos que estão inscritos na cultura e trazer para/pela escrita escolar uma forma de interpretar o mundo, (re) significando-o.

Na verdade, dentre as inúmeras indagações pedagógicas que acompanham a escrita das redações escolares, destaca-se a supremacia de escrita, o que corresponde à uma redução das formas orais da língua para os moldes de racionalidade escrita. Faria Filho¹⁹¹ define essa racionalidade como parte constitutiva da cultura escolar que foi se constituindo em “[...] estratégias no ensino da língua pátria de forma que se tornasse atraente e despertasse a atenção das crianças”. Por um lado, as diferentes modalidades servem como instrumentos didáticos efetivos para incorporação da escrita. Agem tanto no que diz respeito à expressão da imaginação e criatividade quanto põe à prova o aprendido evidenciando o que foi apreendido das lições. Por outro lado, as diferentes

¹⁹¹ FARIA FILHO, 2002, p.197.

modalidades de escrita asseguram a participação do aluno nos diferentes níveis de produção: redações a partir da gravura, produção de redações a partir do título dado pela professora e a produção de redações com temas livre, escrita de cartas e de bilhetes os quais expõem os acontecimentos da cidade e a rotina da escola, vinculada na modalidade “meu diário”.

Embora a História inventada seja um enunciado para a elaboração de algumas composições, é fato, que a escrita foi inspirada na gravura que aparece ao lado do texto. A tarefa se desenvolve pela análise e pela descrição do conjunto de elementos que montam a cena. O título produz sentido de forma que a conduta do protagonista se direciona para a identificação. Os padrões de escrita das composições recomendam que se identifique o personagem nomeando-o e qualificando-o.

A análise dessas composições mostra como foi necessário ao aluno, colocar através da escrita formal, a maneira como ele apreende a realidade a partir da leitura que ele faz dos elementos que estão inscritos na gravura. Isso demonstra a capacidade que o aluno teve em traduzir, com base no repertório estudado, o mundo que está à sua volta. Sem dizer, que é, também, a oportunidade que o aluno tem de colocar a criatividade a serviço da imaginação, se expressar de forma mais livre e deixar suas marcas, ainda que seja em um exercício orientado e dirigido pela professora.



História inventada

Era uma vez um menino muito vadio. Foi à casa de sua avó passear. Sua mãe recomendou-lhe que não fosse ao quintal. Sua avó havia ganho um cachorro grande e muito bravo, que chama Leão.

A avó de Luiz deu-lhe uma gaita que lhe tinha comprado. Luiz muito contente assentou-se na varanda e começou a tocar a gaita. O menino que tocava distraidamente a gaita não viu o cão que veio para ali perto e ficou distraído ouvindo-o. Luiz quando viu o cão assustou-se e parou de tocar a gaita. Leão foi saindo e o menino ficou horrorizado despediu-se da avó e foi. Chegando em casa contou a mãe o que havia acontecido.

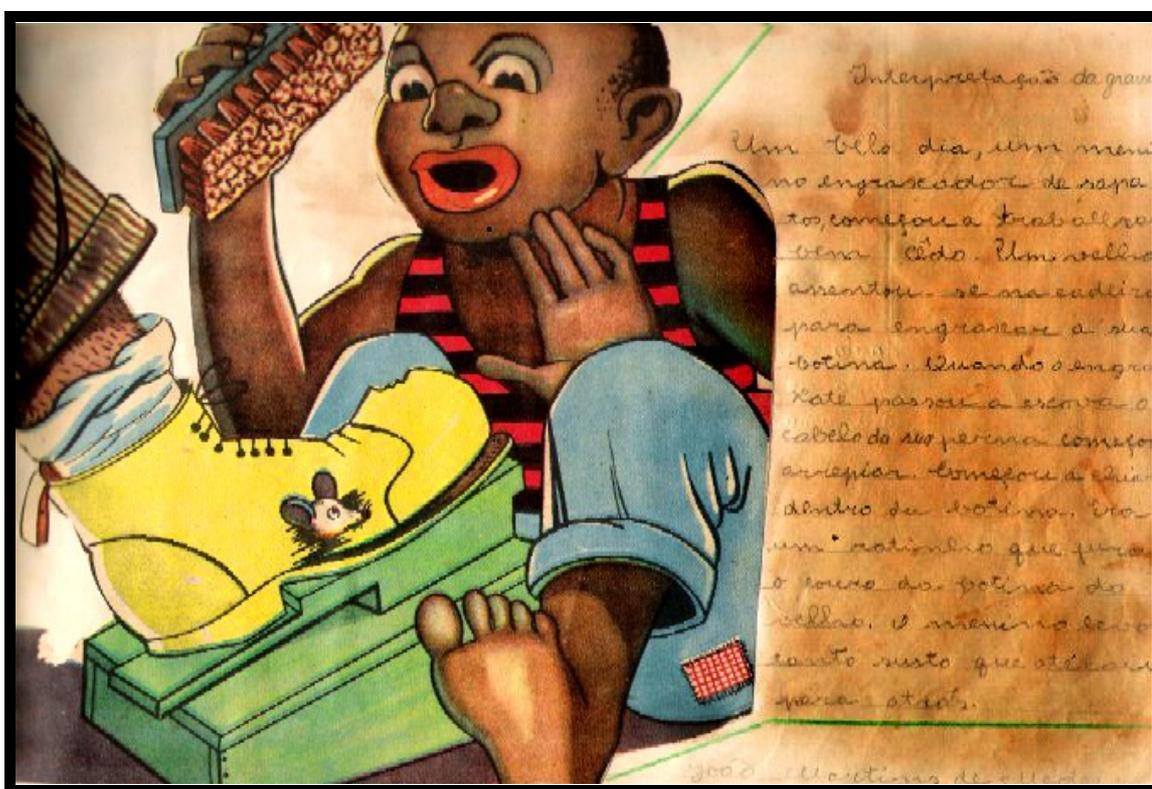
Ressalta-se que nas prescrições do Programa de Ensino quanto às orientações para a confecção de composições está a orientação para que a escrita inicial da criança, seja feita a partir da descrição das gravuras, fator que serve como incremento da imaginação na produção da história. Partindo dessa orientação e levando em conta um conjunto de aspectos que sobressaem na forma de estruturação dos álbuns de pesquisa, pode-se dizer que a escola tentava tornar suas atividades pedagógicas mais agradáveis. Por um lado a composição se apresenta como tarefa escolar que permite aos alunos se expressarem através da escrita, por outro exige que o aluno tenha se apropriado de um montante de elementos que corresponda às normas para a elaboração dessa modalidade de escrita

O artigo intitulado *O Ensino da Leitura* de Filocelina Almeida posto em circulação na *Revista de Ensino* nº 59 do ano de 1931, evidencia a utilização da gravura como recurso pedagógico no ensino da leitura: “[...] interpretada a gravura, a criança lerá facilmente, pois terá antecipação das idéias¹⁹²”. Da mesma forma, assinala que o uso da gravura nas atividades desenvolvidas na disciplina Língua Pátria “[...] serve para motivar as lições” e despertar a curiosidade das crianças. Sendo assim, fica implícito que o uso de gravuras em atividades escolares esteve diretamente relacionado às formas de expressão.

Foi possível distinguir dentre as atividades de composição, aquelas que foram inventadas a partir de uma ilustração, pois, vê-se na narrativa, traços que mostram a mediação feita pela gravura. Nesse tipo de escrita, a produção do sentido está encarnado

¹⁹² *Revista do Ensino*. Secretaria do Estado de Minas Gerais. nº 59 a 61, 1931, p. 105.

na gravura, normalmente, a idéia central fica presa à percepção da imagem, predominando a descrição do que está explícito. Estabelece-se, assim, uma relação entre o imagético/ visual e o gráfico/ escrito na produção do texto. Aprender a mensagem da gravura é também submeter o direcionamento da história aos padrões de comportamentos convencionais. As gravuras, a partir das quais muitas composições são inspiradas, definem o lugar social da infância pela classe social ou pela etnia e conduzem a aprendizagens dos lugares sociais remetidos às crianças. Na composição O engraxate, este aspecto fica declarado:



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana -Álbum 43

Um belo dia um menino engraxador de sapatos, começou a trabalhar bem cedo. Um velho assentou-se na cadeira para engraxar a sua botina. Quando o engraxate passou a escova o cabelo da sua perna começou a arripiar. Começou a chiar dentro da botina. Era um ratinho que furou o couro da botina do velho. O menino levou tanto susto que até caiu pra trás¹⁹³.

Nesse exercício, o aluno é chamado a descrever a cena tal como estabelecido pela ilustração, o que implica recorrer às inferências do texto¹⁹⁴ que determina o lugar

¹⁹³ João Martins de Medeiros A.43/1948.

¹⁹⁴ ECO, 1994.

social do menino negro, engraxate, imposto pela interpretação da gravura. Dessa maneira, ficam sancionados os comportamentos e os papéis que devem ser assumidos na coletividade, as maneiras, os estilos, enfim, uma gama de representações infantis que são “sugeridas” pela/na ilustração, a exemplo da redação acima. As representações estão transpassadas pela posição social e econômica ocupada pelas crianças e podem ser aprendidas nas nomeações que lhes são dadas pelos discursos dos diferentes universos culturais.

Outro exemplo da modalidade História inventada que utiliza a gravura como elemento inspirador. Vê-se aqui que a ilustração direciona o contexto da história, definindo papéis sociais:



Fonte:Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana -Álbum 43\1948

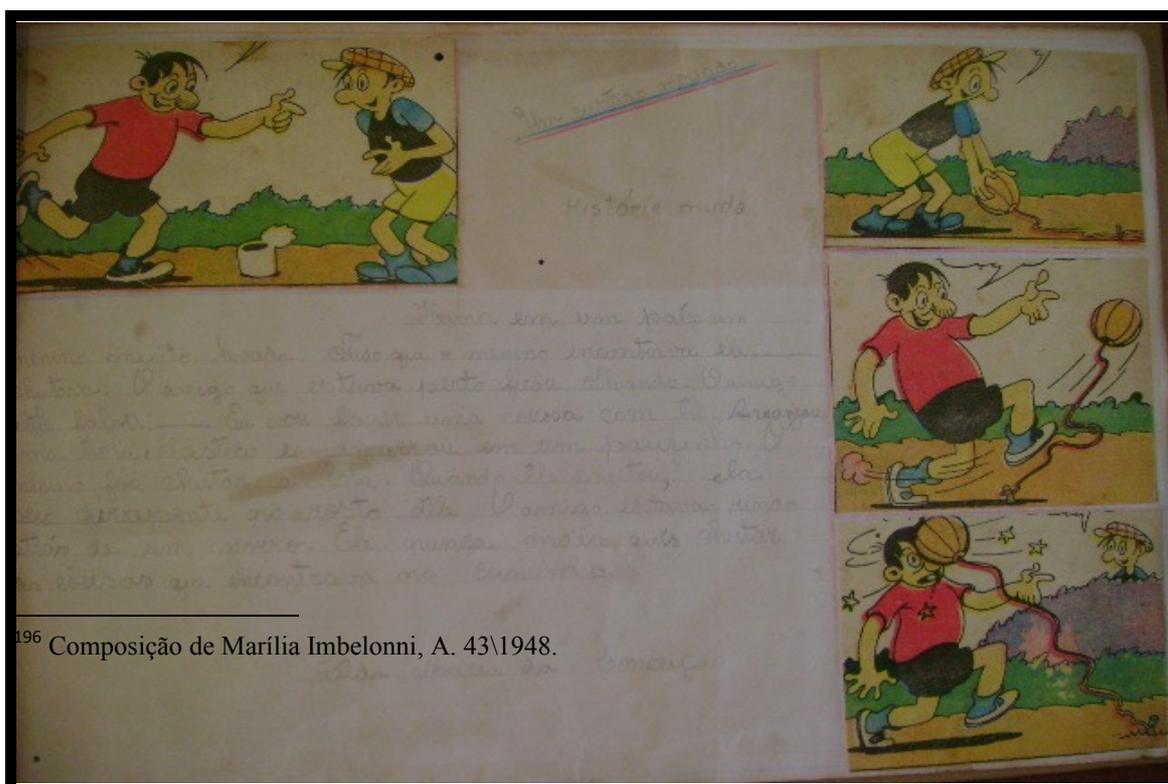
Os dois impicantes (gravura)

Havia em uma cidade um menino cujo pai era muito rico. Eles tinham uma empregada que tinha dois filhos muito impicantes. Um dia, Paulinho e Felix estavam no carrinho que o cachorrinho puchava e Joãozinho o filho do homem rico estava andando de velocípede. Os dois impicantes começaram a fazer caretas para o Joãozinho. Joãozinho contou a mãe dos dois impicantes e ela deu uma sova nos impicantes¹⁹⁵”.

¹⁹⁵ Mario Lucio Salgado A. 43\1948

Na composição intitulada *Os dois implicantes*, além da narrativa que define “[...] um menino cujo pai era muito rico e a empregada que tinha dois filhos muito implicantes”, os elementos que demarcam a classe social ficam explicitados pela ilustração. Observa-se que a gravura atribui sentidos aos personagens, define o lugar social da infância e remete à aprendizagens de papéis sociais. Vê-se as diferenças de classe pelos trajés, na postura dos corpos e nos gestos, nos objetos e brinquedos que as crianças possuem. A escrita é conduzida pela imagem que trava uma relação entre a classe social, filho da empregada, com a etnia, criança negra. No entanto essa questão ficou silenciada no texto. Em outra composição a aluna Marília Imbelonni assinala através da escrita alguns aspectos que caracterizam a distinção de classe: “[...] eram crianças muito pobres e não tinham pais. Um dia de Natal, eles foram ver as vitrines de brinquedos. Chegando lá viram muitos pais comprando brinquedos para os filhos. Maria desejava tanto uma boneca que estava dependurada na vitrine...¹⁹⁶”. Como visto, as questões ligadas à classe social aparecem no momento da escrita em que a autora do texto se reporta a um lugar social que a diferencia dos personagens da história. Novamente, a ilustração ocupa lugar importante na construção das representações que são re-significadas através da escrita e afirma uma cultura escolar.

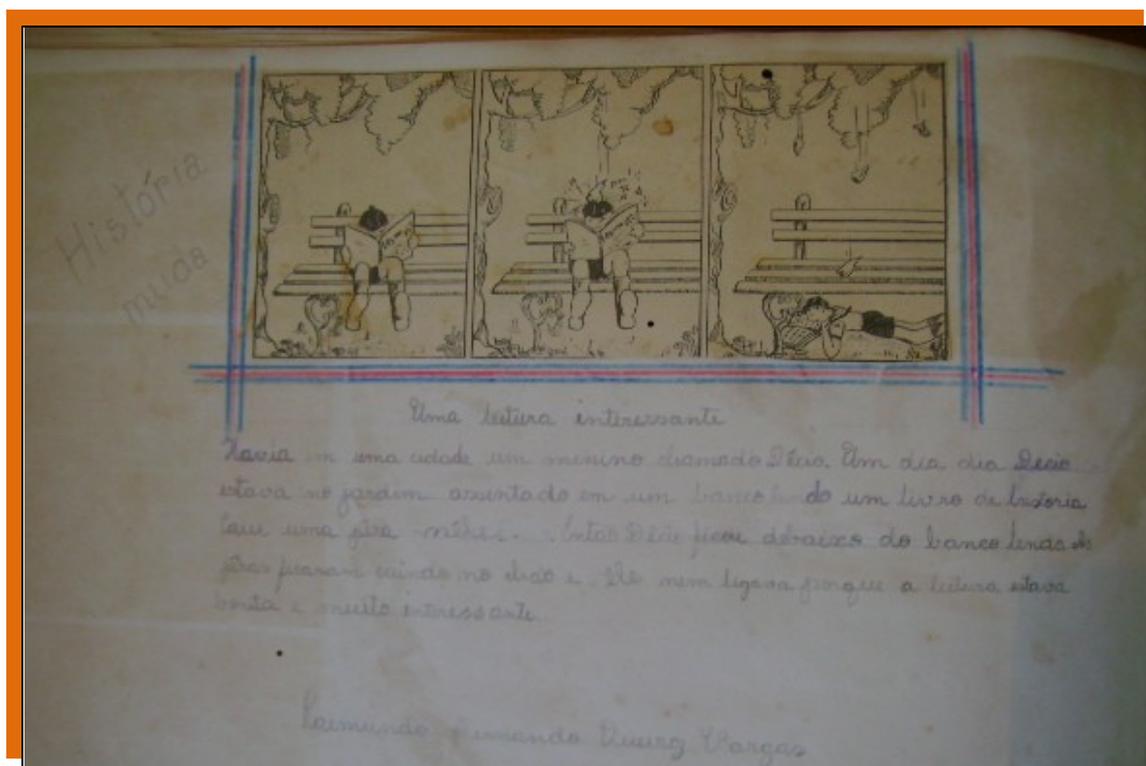
Uma variante da composição a partir da ilustração aparece pela denominação História Muda. Esse tipo de produção escrita se ancora nas cenas de uma história a partir dos quadrinhos recortados de gibis, isso nos informa que a escola se apropria de outros materiais de escrita que circulavam fora da escola.



¹⁹⁶ Composição de Marília Imbelonni, A. 43\1948.

Nessa modalidade de escrita, a imagem é imperativa; os quadrinhos marcam a cena e dirigem o sentido atribuído à história criada. Pode se entender que essa é uma estratégia educativa que lança mão de uma linguagem icônica, especialmente, dirigida à criança e a aproxima do universo infantil pela configuração das imagens, pelo traçado do desenho dos personagens, pela exploração do uso do colorido, caracterizando, assim, formas que ativam a imaginação dos alunos e convida-os a (re)produzirem uma história que perpassa suas experiências dentro e fora da escola.

A trama da história vai sendo construída, a partir das cenas dos quadrinhos. O aluno se faz autor, imprime fala aos personagens, transfere para esses a interiorização dos bons modelos de comportamento, o respeito pelo outro, pelos animais e pela natureza e mostra, ainda, a aquisição de hábitos sadios; esse último aspecto se encontra presente na composição de Raimundo Fernando Queiroz Vargas em que a seqüência dos três quadrinhos remete à cena de uma criança sentada em um jardim lendo um livro.



Uma leitura interessante

Havia em uma cidade um menino chamado Décio. Um dia Décio estava no jardim assentado em um banco lendo um livro de história. Caiu uma pêra nele. Então Décio ficou debaixo do banco lendo. As Pêras ficaram caindo no chão e ele nem ligava porque a leitura estava muito interessante.

Raimundo Fernando Q. Vargas

Percebe-se na escrita acima, o sentido que o aluno atribui ao ato da leitura, pois no transcorrer da história, mesmo diante dos empecilhos o “personagem leitor” ultrapassa as dificuldades porque a “leitura estava muito interessante¹⁹⁷.”

Assim como os gibis, os suplementos infantis de jornais trazem através dos elementos lúdicos, das cores e das histórias contadas para as crianças uma linguagem que busca uma aproximação aos valores infantis¹⁹⁸. Esses materiais, além de promoverem o intercâmbio entre uma leitura caracterizada como não-escolar e uma leitura escolar, serviam, ainda, como recursos didáticos, instrumentos mediadores de práticas de expressão do aluno.

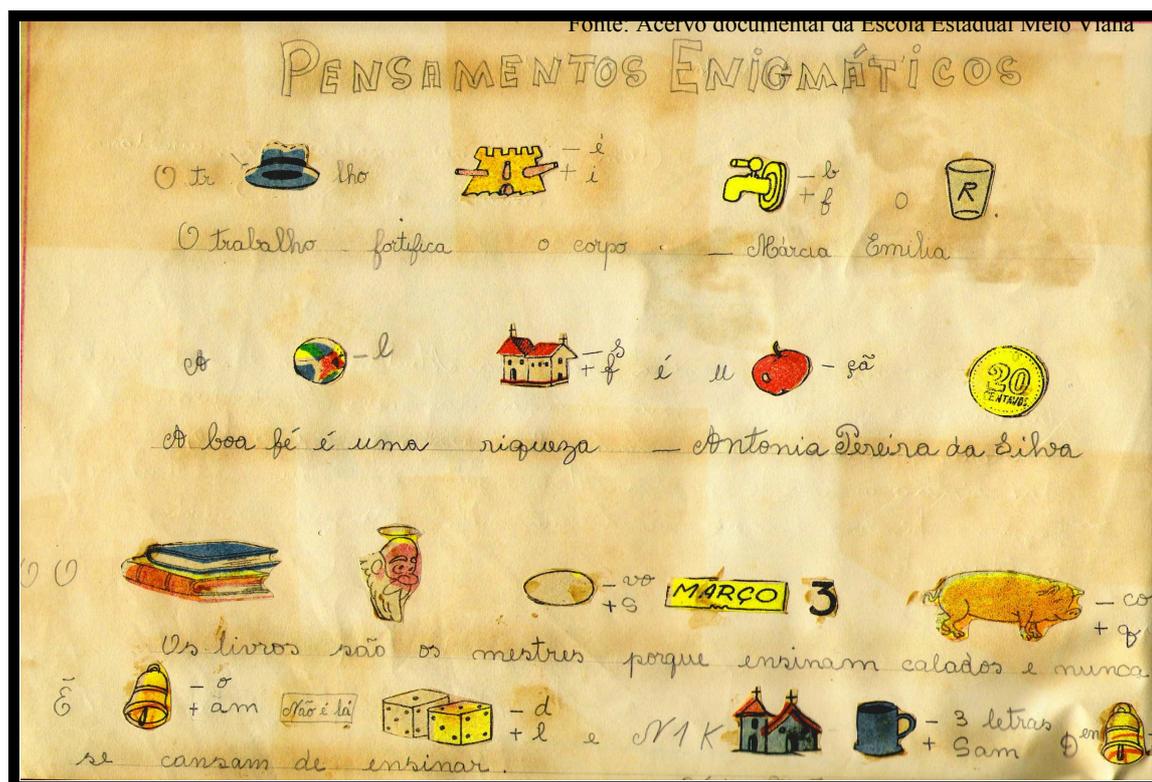
Esse aspecto é lembrado por Santos, autor que estuda o Gurilândia¹⁹⁹, um suplemento infantil do jornal “*Estado de Minas*” que contava com um projeto gráfico e uma linguagem própria para as crianças, que poderia servir como mais uma opção de leitura que circulava na imprensa e que mantinha uma aproximação com os saberes e com o interesse pedagógico escolar. Desse modo, cogita-se que circulava em instâncias extra-escolares uma produção cultural dirigida à criança cujo objetivo, além de atender ao apelo de entretenimento, era igualmente utilizado como tarefa auxiliar no trabalho do professor.

A carta enigmática é outra modalidade de escrita que aparece nos álbuns. Essa atividade associa a palavra ao signo iconográfico ou a linguagem oficial às maneiras de comunicação social. É uma escrita icônica que deve ser traduzida em alfabética ou incorre no exercício contrário. A linguagem da “escrita enigmática” com seus símbolos e metáforas possibilita ao aluno desenvolver habilidades interpretativas para se imprimir uma nova lógica ao texto. Ela envolve o desenvolvimento de uma relação semiótica entre as imagens e o desenho. Em suma, é uma linguagem que, muitas vezes a comunicação se transforma num autêntico exercício de desafio intelectual. Escrever, enigmaticamente, é desenvolver uma forma de se fazer comunicar através de uma linguagem travestida, que transgride o código formal.

¹⁹⁷ A.43/1948.

¹⁹⁸ CHOUCAIR, 2006.

¹⁹⁹ OLIVEIRA, 2004.



A escrita enigmática encontrada no álbum *Cartas, Histórias e Bilhetes* traz frases que versam sobre as temáticas do trabalho e sobre a boa conduta.

O trabalho fortalece o corpo.

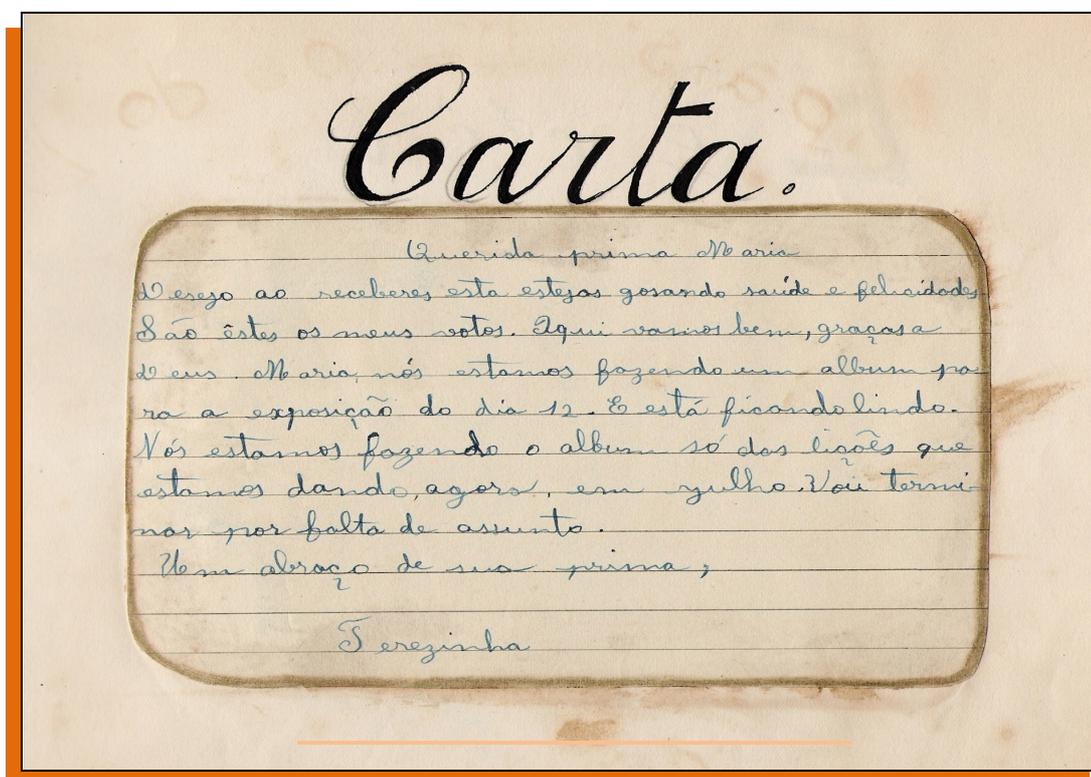
A boa fé é uma riqueza.

Os livros são os mestres porque ensinam calados e nunca se cansam de ensinar.

A dinâmica apontada sugere que a escola se apóia em propósitos baseados na concepção de uma escola moderna, que se volta para o conhecimento concreto, dotado de praticidade e relacionado à experiência do aluno, através do prazer, da diversão, realçando o caráter lúdico dos processos de ensino e aprendizagem, sem perder de vista, no entanto, os propósitos pedagógicos que requeriam a definição de uma nova postura de racionalização dos comportamentos. Essa instrumentalização adotada mostra-se segundo Hebrard²⁰⁰, “[...] contrária ao conhecimento meramente livresco, não aplicável à realidade do aluno, concebido como estéril e desinteressante”.

²⁰⁰ HEBRARD, 1995, p. 158-162.

Quando a história a ser criada é direcionada por palavras geradoras, ou seja, a professora propõe algumas palavras para fazerem parte da composição, essa tarefa exige um esforço cognitivo por parte da criança de modo que ele precisa assimilar o sentido das palavras à seu repertório lingüístico para que possa criar uma história com significado. Nota-se, também, que nas composições em que o título foi determinado previamente, o sujeito da escrita precisa adequar o seu texto às experiências vividas, ao contexto histórico em que está inserido e às condições em que a escrita está sendo produzida. Essa elaboração implica no uso dos domínios cognitivos, o que significa um salto qualitativo do aprendiz. O que se percebe, por outro lado, é que o exercício de composição, diante das exigências impostas pelas diretrizes escolares muitas vezes passa a ser uma tarefa árdua para alguns alunos que não apresentam facilidade para se expressarem através da escrita.



Querida prima Maria

Desejo ao receberes esta estejas gozando saúde e felicidades. São estes os meus votos. Aqui vamos bem, graças a Deus. Maria, nós estamos fazendo um álbum para a exposição do dia 12. E está ficando lindo. Nós estamos fazendo o álbum só das lições que estamos dando agora em julho.

Um abraço de sua prima, Terezinha²⁰¹

²⁰¹ A.42\1948.

A escrita de cartas, de bilhetes e de telegramas²⁰² passa por uma versão de exercício escolar e trazem à tona uma série de complexos mecanismos que circundam o contexto da criança e que desvelam um conjunto de comportamentos sociais. Mais do que os aspectos do domínio gráfico, o importante é a interação com o outro por intermédio da escrita. Constata-se que o ensino da escrita de cartas, como tarefa escolar, está a serviço de desenvolver uma prática social de comunicação que demonstra como a troca de correspondências pode diminuir os espaços que separam as pessoas.

No presente trabalho, o foco de análise não foi o conteúdo das cartas escritas pelos alunos, a evidência inscreveu-se sobre a prática de escrita que mostra as regras precisas para serem escritas de forma que os conteúdos acabam por estar diretamente relacionados a essas regras.

Os assuntos registrados nas cartas, nos bilhetes e, principalmente, nos telegramas são variados, mas percebe-se a sistematização de práticas sociais relacionadas às felicitações, congratulações, pêsames, convites e solicitações. Dessa forma, a carta, escrita de caráter, eminentemente privado, é dirigida, normalmente, a um(a) colega ou/e a um familiar e trata de assuntos relacionados às práticas escolares ou sociais. Fica clara a função da escola de passar os princípios epistolares da escrita de modo a ativar esse gênero, um tipo de escrita de natureza privada que se converte em pública enquanto produção que deve ser aprendida de forma coletiva.

Vê-se que por meio da escrita de cartas, de bilhetes e de telegramas o aluno apreende o sentido da escrita, segundo uma determinação socialmente definida, composta por princípios epistolares: saudação a quem se escreve, assunto a ser abordado, despedida e, finalmente, a assinatura de quem escreveu a mensagem.

Conforme sinaliza Edreira²⁰³, autor que se volta para o estudo das correspondências de leitores infantis e juvenis de Monteiro Lobato, a análise de cartas, ajuda a compreender, dentre outros aspectos, as apropriações que os leitores fizeram dos livros que liam, contudo, “[...] as cartas além de apontarem apropriações táticas de leitura, apontam também táticas discentes, que utilizam os livros do autor como forma de lidar com as imposições escolares”. Nesse sentido, pode-se dizer que as composições escolares, assim como as cartas de leitores de Lobato, trazem indícios de como os alunos apreenderam o que a escola definiu como sendo a forma apropriada para se expressarem através da escrita.

²⁰² A.11\1939;A.42\1945;A.43\1948

²⁰³ EDREIRA, 2004, p.26.

No álbum *Coletânea dos Trabalhos de Língua Pátria*²⁰⁴ registra-se a escrita das alunas sob a modalidade *Meu Diário*²⁰⁵. Uma das características desse gênero de escrita é a marcação da data na produção do texto, além de ser uma escrita que evidencia os acontecimentos do dia-a-dia dos alunos na escola.



18 de setembro de 1939

Hoje o tempo está chuvoso. Quando levantei estava chovendo muito. Lavei o rosto e varri a casa depois tomei café e vim para a escola. Já eram sete horas. Quando vim não vi nada na rua porque estava chovendo muito. Passei na venda do Snr. José de Lima e comprei dois cadernos de duzentos reis. Cheguei ao grupo mais tarde um pouco. Hoje a escola está quieta, porque vieram poucas meninas.
Rute Marques²⁰⁶

Os textos que compõem de escrita “*Meu diário*” trazem indícios que nos transportam para as vivências dos alunos e apontam para as relações travadas com a

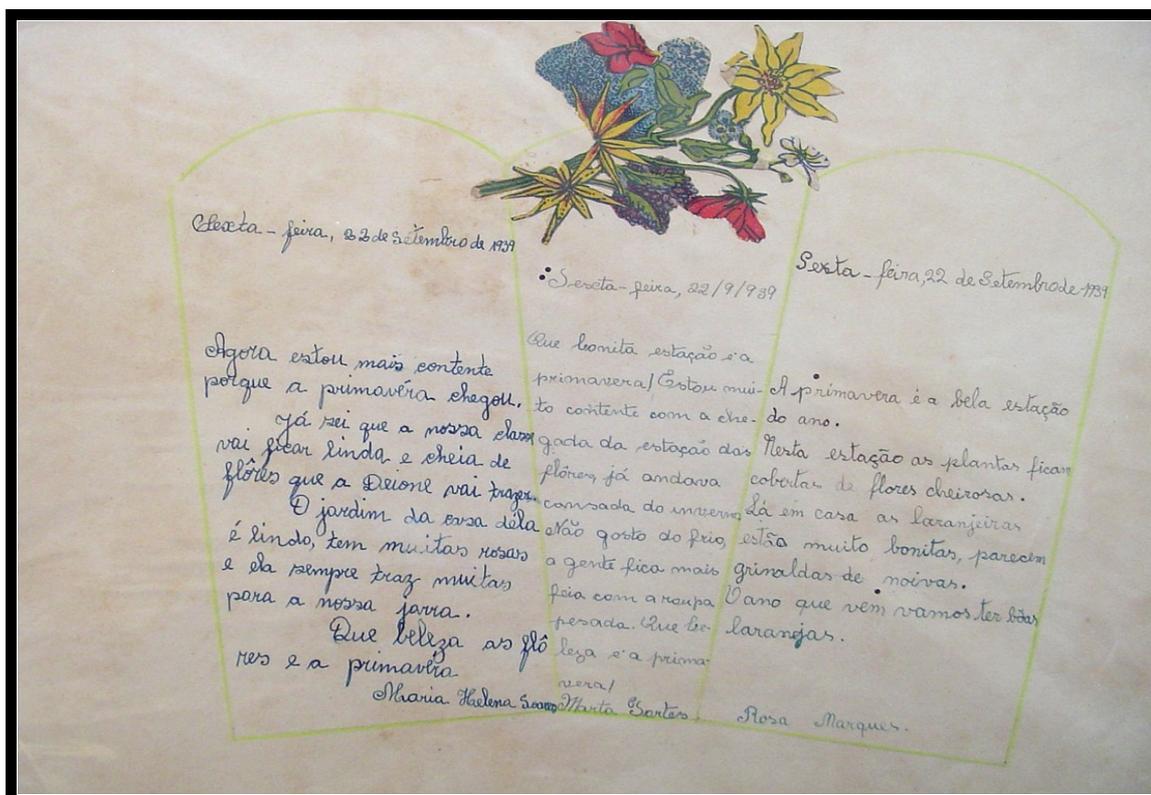
²⁰⁴ A.11/1939.

²⁰⁵ Em todos os álbuns nos quais foram encontradas a modalidade de escrita *Meu diário*, a autoria era de procedência feminina.

²⁰⁶ A. 11/1939.

cidade, conta as histórias do lugar, os acontecimentos locais, submetidos aos aspectos normativos de escrita e da ortografia, centrados na caligrafia e ortografia com caráter modelar.

Outros registros na modalidade de escrita Meu Diário demonstrou aspectos vivenciados na escola. A escrita do dia 22 de setembro de 1939 das alunas Maria Helena Soares; Marta Portes e Célia Fernandes Gallo retratam o acontecido em aula naquele dia.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Agora estou mais contente porque a primavera chegou. Já sei que a nossa classe vai ficar linda, e cheia de flôres que a Deione vai trazer. O jardim da casa dela é lindo, tem muitas rosas e ela sempre traz muitas pra a nossa jarra [...]. Maria Helena Soares

Que bonita estação é a primavera. Estou muito contente com a chegada da estação das flores, já andava cansada do inverno. Não gosto do frio a gente fica com a roupa pesada. Que beleza é a primavera! Marta Portes.

A primavera é a bela estação do ano. Nesta estação as plantas ficam cobertas de flores cheirosas. Lá em casa as laranjeiras estão muito bonitas, parecem grinaldas de noivas. [...] Rosa Marques.

É interessante notar como se deu a montagem do exercício. As três alunas escreveram na mesma folha, para tanto tiveram que exercitar alguns domínios no sentido de conciliar o espaço destinado à escrita com o tamanho da letra, além de desenvolver o texto de forma objetiva a fim de que a apresentação pudesse garantir a estética visual do exercício. Com essa estruturação foi possível perceber não só as vivências de diferentes alunos acerca do mesmo fato como também, visualizar a forma sutil que a escola utilizou para desenvolver uma atividade coletiva e ao mesmo tempo reguladora que visa desenvolver as sociabilidades²⁰⁷.

Depois de apresentados os tipos de escrita presentes nos álbuns de pesquisa tem-se um panorama que permitiu ter uma compreensão das formas escriturárias empregadas nas tarefas escolares. A seguir caracterizei os álbuns por tipologias buscando relacionar os tipos de exercícios com as habilidades exigidas para a sua execução. Esse empreendimento resultou em uma nova forma de perceber como os álbuns foram estruturados.

2.3 Por entre recortes e colagens; jornais e revistas; cópias e composições – Os álbuns em diferentes tipologias

Nesse momento, a questão relativa à estruturação dos álbuns de pesquisa passou a ser o ponto em torno do qual focalizei a relação entre os tipos de tarefas e as habilidades exigidas ao sujeito. De um lado os tipos de tarefa implicam na instrumentalização dos alunos por diferentes pontos de vista no propósito de desenvolver habilidades necessárias à execução. De outro, demonstram como a escola estabelece hierarquizações no processo de confecção desse artefato para dar visibilidade ao que a escola produz de melhor.

Essa tarefa exigiu a definição da natureza das atividades as quais defini em três agrupamentos: exercícios de recortes; exercícios de escrita; atividades artísticas. Essa operacionalização me fez evidenciar uma articulação entre os elementos que indicam uma função aos álbuns e a estruturação do artefato, de forma que, as modalidades e a natureza pedagógica dos exercícios passaram a definir tipologias. Estou concebendo como tipologias, a predominância da presença de determinado exercício ou a

²⁰⁷ A.09/ 1939.

metodologia utilizada na confecção dos álbuns que levaram os sujeitos a operarem com esse objeto de forma a imprimir uma configuração estrutural diferenciada aos artefatos.

No primeiro eixo estão relacionadas as atividades de recorte. Esses exercícios predominam nos álbuns constituídos no período que compreende 1930 a 1939 em um total de 20% do conjunto. Nessas práticas verificam-se as tarefas que envolvem pesquisas em jornais e revistas, que se compõem por atividades de recorte de jornais e revistas. Também fazem parte desse agrupamento os recortes de figuras ilustrativas, as figuras de paisagens, os postais e os artigos que destacam as riquezas do Brasil, poesias e contos infantis publicados em revistas e que circulavam na imprensa.

A atividade de recorte propicia uma “*tipologia de apresentação*”²⁰⁸ da página que guarda algumas especificidades: podem agrupar uma variedade de figuras na mesma folha, associam as ilustrações retiradas de jornais e revistas aos textos escritos por alunos e há casos em que a notícia do jornal se torna uma página do álbum, guardando uma certa semelhança com o tipo de estruturação da revista. No desenvolvimento dessas tarefas o aluno aprimora a coordenação visomotora, a noção de organização espacial, a percepção, a atenção e contribui no desenvolvimento da criatividade. Embora não tenha sido necessário o domínio da caligrafia, essa tarefa se impõe por um modelo pedagógico em que prevalecem as práticas de leitura. Assim, os deveres giram em torno da localização, da seleção do material de leitura e da compreensão do conteúdo, a fim de que haja correspondência com o tema proposto para elaboração do álbum.

A partir do ano de 1939, os manuscritos de alunos se incumbem de promover a visibilidade ao conteúdo programático e servem para dar conta dos saberes produzidos na escola. Há um aumento da frequência dos exercícios escritos que passam a assumir um lugar de destaque na construção de uma rede de conhecimentos produzidos na/pela escola na produção desse artefato. No segundo eixo, as atividades de escrita escolar encontradas nos álbuns de pesquisa alinham-se em três tendências: cópias de lições, cópias de poesias e as composições. Essas tendências estão ligadas a diferentes formas como é concebido o sujeito enquanto agente de sua escrita.

Um terceiro eixo é constituído pelas atividades artísticas, cuja função é o aprimoramento das capacidades e refinamento das sensibilidades. O terceiro eixo se conflui ao segundo, diante disso irei ressaltar as tarefas que envolvem habilidades artísticas como, por exemplo, o desenho de mapas, a reprodução de gráficos e, em

²⁰⁸ HEBRARD, 2001.

alguns casos, o desenho do aluno. São incluídos nesse agrupamento, também, os álbuns nos quais aparecem trabalhos manuais, sejam eles alinhavos em cartões, colagem de palitos ou dobraduras.

2.4 Os álbuns em diferentes tipologias

Para realizar a sistematização dos exercícios escolares enquanto instrumentos que geravam álbuns com diferentes tipologias, recorri à Hebrard e Chartier²⁰⁹, autores que mostraram na pesquisa que desenvolveram a forma como operaram com os manuais pedagógicos no sentido de perceber como essa prática escolar inscreveu nas crianças francesas uma representação da infância. A partir dessas reflexões procedi à articulação entre os tipos de exercícios apresentados nos álbuns de pesquisa, a diferenciação do grau de participação dos alunos e as habilidades necessárias para desenvolver tais exercícios, de forma que foi possível uma sistematização dos dados e atribuir diferentes tipologias aos álbuns.

QUADRO 6

Tipologia dos álbuns

Tipologia	Quantidade	Porcentagem
Tipo Livro-Revista	05	10%
Tipo Dicionário	03	6%
Revista Feminina	02	4%
Herbário	01	2%
Enciclopédico	23	46%
Compêndio de comportamentos	03	6%
Livro de Poesias	03	6%
Biografia de vultos	06	12%
Cidade/Tipo Cartográfico	04	8%
Total	50	

O QUADRO 6 é uma tentativa de interpretação de como a estrutura material define tipologias que interferem na produção de sentidos atribuídos a esses artefatos. Essa

²⁰⁹ Baseei as formulações de tipologia dos álbuns de pesquisa inspirada nas reflexões que Jean Hebrard e Anne Marie Chartier trazem no livro *Discursos sobre a leitura 1880-1980*. Eles classificaram os manuais segundo o modelo de leitura imposta aos alunos: modelo enciclopédico de leitura instrutiva, modelo educativo da leitura moralizante, modelo cultural da leitura literária.

forma de interpretação exigiu não só uma análise estrutural quanto aos elementos constitutivos das atividades, como foi importante, também, identificar os discursos subjacentes às marcas de uma infância escolarizada.

Como pode-se observar, a partir do **QUADRO 6**, as atividades de recorte como prática escolar conduziram à estruturação do álbum tipo Livro-Revista; Dicionário Ilustrado e o álbum que reúne recortes que orientam quanto aos hábitos de higiene e se aproxima do modelo da Revista de orientação feminina.

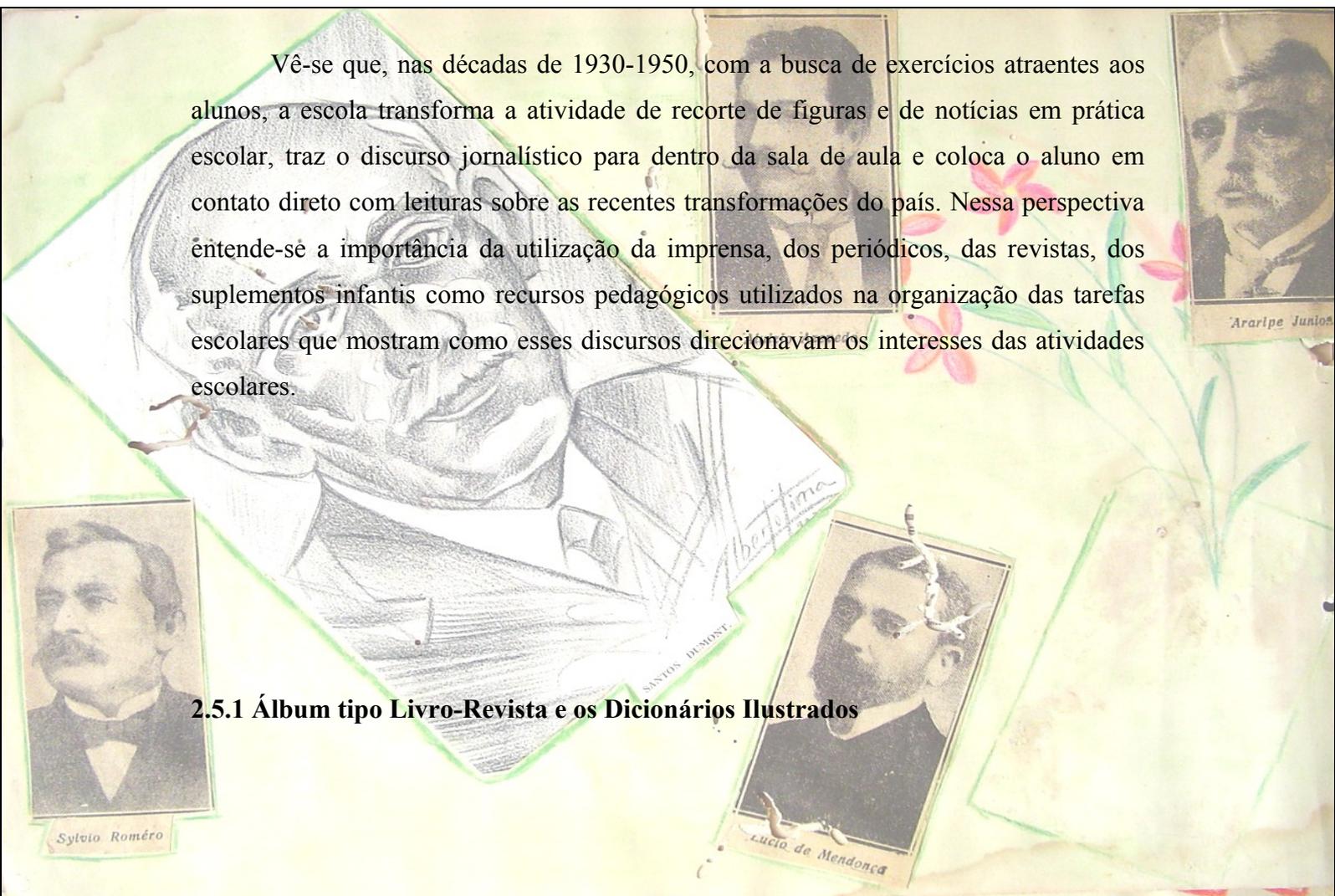
As atividades de escrita remetem a suportes diferenciados. Quando se trata de cópias de lições em geral, os álbuns se aproximam a um exemplar de Livro Enciclopédico. Na compilação de poesias o modelo se assemelha a um Livro de Poesias e, em relação aos álbuns que reúnem composições, levando-se em conta o teor das narrativas, um suporte de escrita que se aproxima de um Compêndio de Civilidades por tratar, geralmente, de regras de bom comportamento.

Passarei a analisar as tipologias dos álbuns.

2.5 As atividades de recortes como tarefas escolares

Vê-se que, nas décadas de 1930-1950, com a busca de exercícios atraentes aos alunos, a escola transforma a atividade de recorte de figuras e de notícias em prática escolar, traz o discurso jornalístico para dentro da sala de aula e coloca o aluno em contato direto com leituras sobre as recentes transformações do país. Nessa perspectiva entende-se a importância da utilização da imprensa, dos periódicos, das revistas, dos suplementos infantis como recursos pedagógicos utilizados na organização das tarefas escolares que mostram como esses discursos direcionavam os interesses das atividades escolares.

2.5.1 Álbum tipo Livro-Revista e os Dicionários Ilustrados



Vê-se os modelos de álbuns criados cuja constituição se impõe, predominantemente, por figuras recortadas ou recortes de artigos de jornais ou revistas e por isso, assumem status de Livro-Revista porque a estrutura de junção das reportagens e as ilustrações assemelham-se a uma revista. Nesse tipo de atividade não se tem, ainda, a definição de competências da escrita por parte dos participantes, uma vez que não é necessário desenvolver habilidades artísticas ou contar com uma boa caligrafia.

Esses e outros artigos são tomados como atividades que, por sua natureza instrutiva e informativa, integram os álbuns de pesquisa escolar. Os assuntos, em geral, giram em torno de informações acerca das riquezas naturais do Brasil, destacando seu gigantismo. Outras exploram o progresso do país, destacando a construção da rodovia que liga Rio de Janeiro a Petrópolis, as obras de edificação do Corcovado e Construção do Cristo Redentor, e pontos turísticos da Guanabara, na época, capital da República.



Muitas reportagens publicadas na seção *Coisas e Aspectos do Brasil* do jornal carioca, também serviam ao propósito de divulgar notícias de valor para formar um novo cidadão, por isso eram selecionadas para servirem como atividades escolares. Essa proposta confere aos jornais e revistas um importante recurso pedagógico por operar a passagem de uma escrita que está fora da escola em uma atividade escolar.

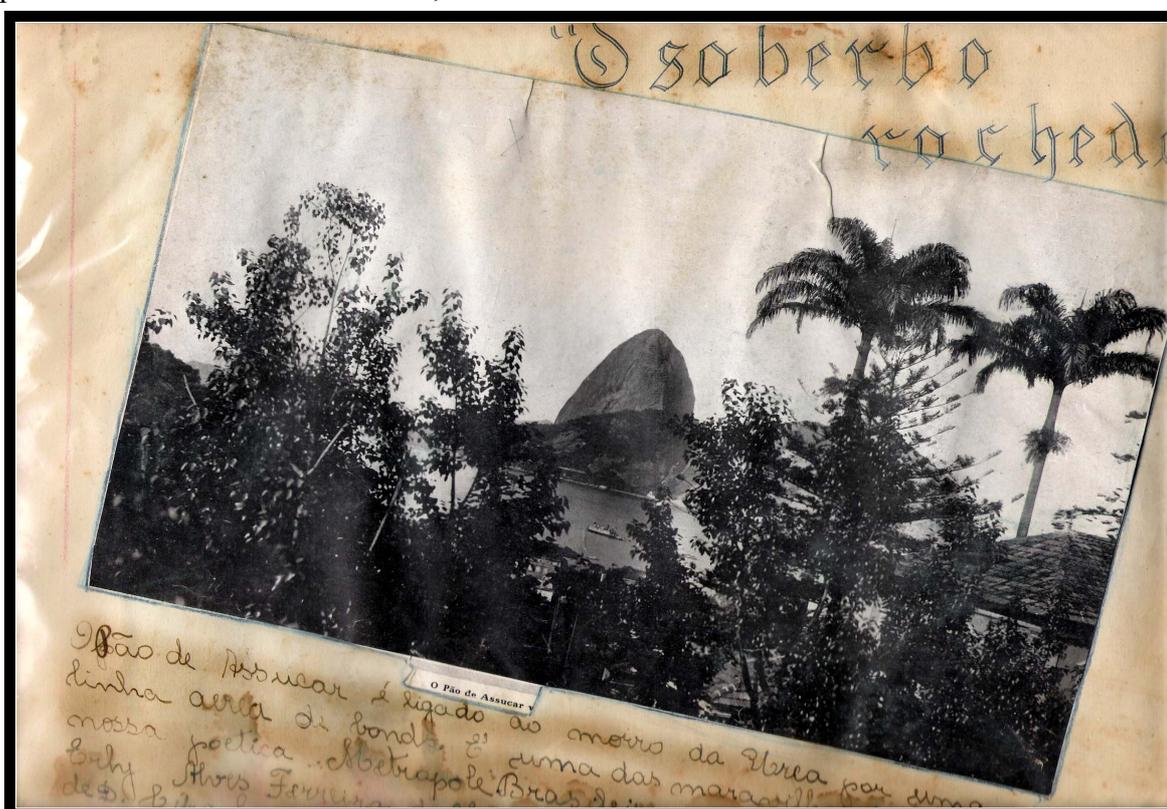
O que me interessou, nesse momento da pesquisa, foi identificar a quais recursos os alunos tiveram acesso, além do livro de lições, para realizarem suas atividades de pesquisa. Outro foco se direcionou no intuito de identificar os tipos de assuntos de jornais e revistas que nortearam essa produção.

Os 180 recortes de jornais e revistas assumem tamanhos e versões variadas. Estão posicionados na parte central da folha, colados na lateral, figuras sobrepostas e pequenos recortes espalhados na folha. Desses, 19% das notícias tratam das características e dos aspectos geográficos do país e envolve recorte de notícias, ou recortes de figuras retiradas de jornais e revistas mostrando a consolidação do país moderno através de reportagens que assinalam as construções de um Brasil em desenvolvimento. *A palmeira real do Jardim Botânico, O rio Araguaya e Feiras do Norte*. Os 69% artigos restantes se referem à biografia de vultos célebres ou abrange outros conteúdos históricos. Tem-se que 12 % dos recortes são poesias ou contos infantis.



Um outro artigo publicado no dia 24 de janeiro de 1937, na sessão *Coisas e aspectos do Brasil*, de autoria não identificada, traz como notícias a Região Amazônica, e o destaque dado é para as singularidades da flora, a fauna, a extração da borracha, ressaltando a importância desses recursos, como propulsores do progresso e do desenvolvimento do país²¹⁰.

Embora o jornal *Correio da Manhã*, de Junho/1939, tenha sido identificado como o periódico mais utilizado nas pesquisas escolares, foi encontrado pistas nos trabalhos realizados que nos levaram ao Jornal *O Malho*, de Junho/1939; *O Carioca*, de Junho/1939; *Revista do Brasil*, de Junho/1939; *O Diário de BH*, de Junho/1939 e *A noite ilustrada*, de Junho/1939, especialmente para a elaboração do álbum *Comemorativo do Centenário de Rui Barbosa*²¹¹ confeccionado pelos alunos da professora Maria Teixeira Gomes, no ano de 1949.



As atividades de recortes de figuras como prática pedagógica aparece também pelo agrupamento de uma ou mais figuras de personagens ilustres identificados por uma pequena legenda.

²¹⁰ A.24/1939.

²¹¹ A.46/1949.

Esse tipo de exercício desenvolve uma finalidade esquemática: estrutura a organização da página, de modo a dar visibilidade a um determinado assunto. Ou seja, eram coladas uma ou mais figuras na página para que pudessem ilustrar o assunto e, um ou mais alunos faziam a cópia legenda. Otimiza-se, assim, o espaço da folha imprimindo uma escrita coletiva e organizando o conteúdo, segundo uma lógica de condensação dos dados, legibilidade e objetividade da informação.

Ainda no que diz respeito às tarefas de recortes têm-se 3 álbuns, totalmente constituídos por contos infantis. Em torno dessa proposta, vê-se acesso a fontes diversificadas, tal tarefa era direcionada para a educação moral e religiosa. Vale lembrar o papel importante que a escola delega às leituras consideradas edificantes, no momento de definição de um ideário infantil. O repertório conta com a fábula *O corvo e a raposa*; *O trabalho tudo vence* de Acquarone, *O Tzar e o filho dos camponese*, uma história russa contada por Oscar Maria Graf, *A historia do pintorzinho*, *O anel encantado*, *A historia de uma estrella*, *O chapeo mágico*, *A Luz da estrella*, dentre outros.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Deve-se considerar, como o fez Araujo apud Lustosa²¹², que o texto da revista é uma narrativa montada a partir do processo de recuperação de vários acontecimentos, e está descomprometida com o factual e com os acontecimentos rotineiros. O que possibilita, como se viu, o acesso de textos-reportagens retirados de revistas para servirem como exercícios de leitura, balizando esse canal como difusor da formação do aluno.

Outros suportes que veiculavam notícias de uma maneira geral, serviram como apoio às tarefas de pesquisa escolar. Encontrei, no álbum de pesquisa 36\1943, o artigo intitulado *Por que me orgulho de ser brasileiro* escrito por Menotti Del Pichia publicado em abril de 1943 na revista *Mensagens à juventude*. Outras referências dos impressos que circulavam no contexto escolar e eram compartilhados pelos alunos vem das informações contidas na cartinha que a professora D. Mariinha respondeu à ex-aluna Emília Rita no ano de 1948.

Carangola, 26 de dezembro de 1948

Minha querida Emília Rita,

Você não pode imaginar a alegria que causou-me o recebimento de sua cartinha. Fiquei muito satisfeita sim, porque por ela vi que a minha boa Emília Rita, apesar de estar tão longe... mesmo assim, ainda se lembrou da sua professora.

Então você tem passeado muito hein? Que bom viajar, ver lugares novos, casas bonitas, instruir-se e distrair. Eu infelizmente ainda estou aqui, não pude sair devido ao mau tempo. Talvez eu vá à roça quando melhorarem as estradas para descansar e agüentar a turma o ano que vem. Você pergunta se serei a professora de vocês o ano que vem. Quem sabe é a D. Emília.

O resultado dos testes foi ótimo. Creio que todos alcançaram número de pontos para passar. A sua prova estava muito boa. Olha, é preciso o ano que vem, começar cedo, a não perder aulas. Espero que você esteja aqui dia 1º de fevereiro pois é no princípio que se organiza tudo e perdendo as 1ª aulas depois fica desanimada. Fiquei também muito contente em saber que você tem lido o Tico Tico e a Vida Infantil, são revistas boas e instrutivas. Também tem escrito e recordado alguns exercícios escolares, por sinal a letra da cartinha está muito bonita. Continue sempre assim minha querida, estudiosa, aplicada e, sobretudo amiga de sua professora, que muito agradecerá o Menino Jesus, pois êle gosta de coraçõszinhos sinceros e bondosos como o seu...Escreva-me sempre contando as suas impressões das férias pois me dará muito prazer.

Com um saudoso abraço muitos beijos

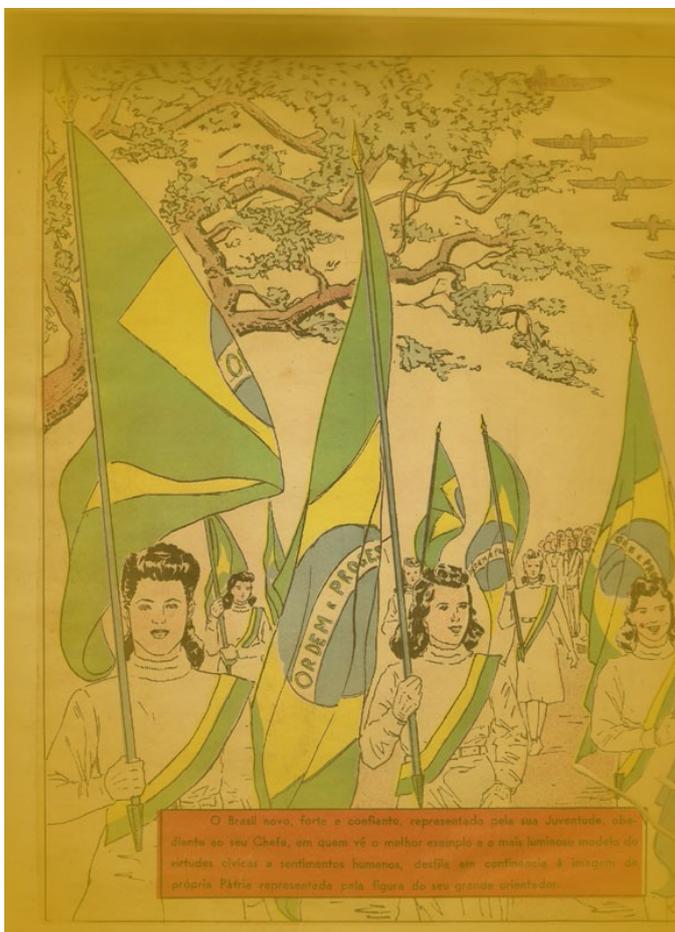
Mariinha²¹³

²¹² ARAUJO, 2002.

²¹³ Agradeço à profª Emília Rita Fraga Pinheiro pela gentileza de me possibilitar o acesso a documentos guardados em seu baú de recordações.

Cabe destacar, dentre outras coisas, na carta da professora, que as revistas infantis *Tico Tico* e a *Vida Infantil* eram concebidas como leituras indicadas para a boa formação. Diferentemente do jornal, a revista procurava tratar de assuntos considerados mais apropriados ao universo infantil com uma linguagem também diferenciada.

Em uma análise diversificada dos usos que os alunos faziam das revistas, me volto para o emprego e para a utilização das imagens e das fotos nos trabalhos de pesquisa. A mediação, por parte da imagem, constitui-se como um elemento que transmite concepções e retrata influências ideológicas e culturais na construção de representações sociais. Estruturalmente e do ponto de vista temático, as imagens das



revistas giram em torno de temas relacionados à infância e a relação com a Nação. Encontram-se, ainda, estampas de crianças, animais, componentes da família, personagens do mundo político, paisagens, dentre uma variedade. No álbum 36\1943, aparecem estampas, que por sua textura, cor e padronização, infere-se que sejam imagens recortadas de revistas. Em face disso, pode-se perceber, a partir dessa prática pedagógica, a tentativa de tornar a revista um instrumento de caráter educacional conformador de idéias. A imagem de uma criança

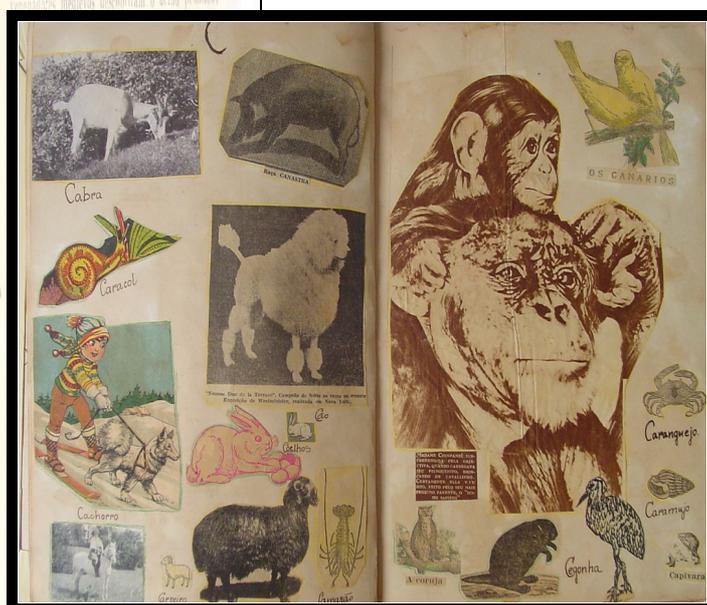
portando a bandeira brasileira com nítida expressão de orgulho de ser brasileiro, ou em outra ilustração, os jovens que demonstram feição de respeito frente aos símbolos pátrios, referenciando a bandeira do Brasil ou perfilados em marcha com a Bandeira Nacional durante o desfile cívico, reforça este caráter. As mensagens de amor à pátria promulgam um sentimento nacionalista e compõem a ilustração.

Com relação à forma de atuação do aluno vê-se que trabalhar com os recortes de jornais e revistas definem um tipo de álbum que limita a atuação do aluno no que diz respeito à ação da escrita, porém possibilita o acesso do aprendiz a outros suportes de escrita, bem como à certas linguagens, reforçando o diálogo do escrito e do imagético.

Podemos perceber que o propósito das atividades desenvolvidas durante os *Clubes de Leitura*, especialmente a confecção dos álbuns de pesquisa escolar, era o de recorrer às atividades que procuravam, não só ampliar os conhecimentos, mas também, orientar as crianças a respeito de como se formar cidadãos com uma postura participante, adaptada aos valores vigentes.

Do conjunto de 50 álbuns analisados, um deles se constitui de forma um pouco diferenciada, são organizados a partir de artigos da seção *Origem das Coisas* publicados em revista não identificada, que trazem a assuntos diversos, são 45 histórias dentre elas: “*Vacina de Jenner*”; “*O homem na lua*”, “*as luvas*”, “*A cor das jaquetas de caça*”, “*O ácido prússico*”, seguido de “*Roubar a Pedro para acudir a Paulo*”, e orientações que mostram que “*Para saber é indispensável estudar*”. O que se pode apreender é que esses pequenos textos se pautam em deveres com a família e nas regras de sociabilidade. Também são observadas outras passagens que, por retratarem relações sociais pelo caráter moral, objetivam a inculcação de normas disciplinares.

A essa tipologia de álbum soma-se uma variação em que a organização das figuras segue a seqüência das letras do alfabeto, e dessa forma, tem-se confeccionado os **Dicionários ilustrados**, cuja particularidade é reunir, em cada página, figuras em ordem alfabética.



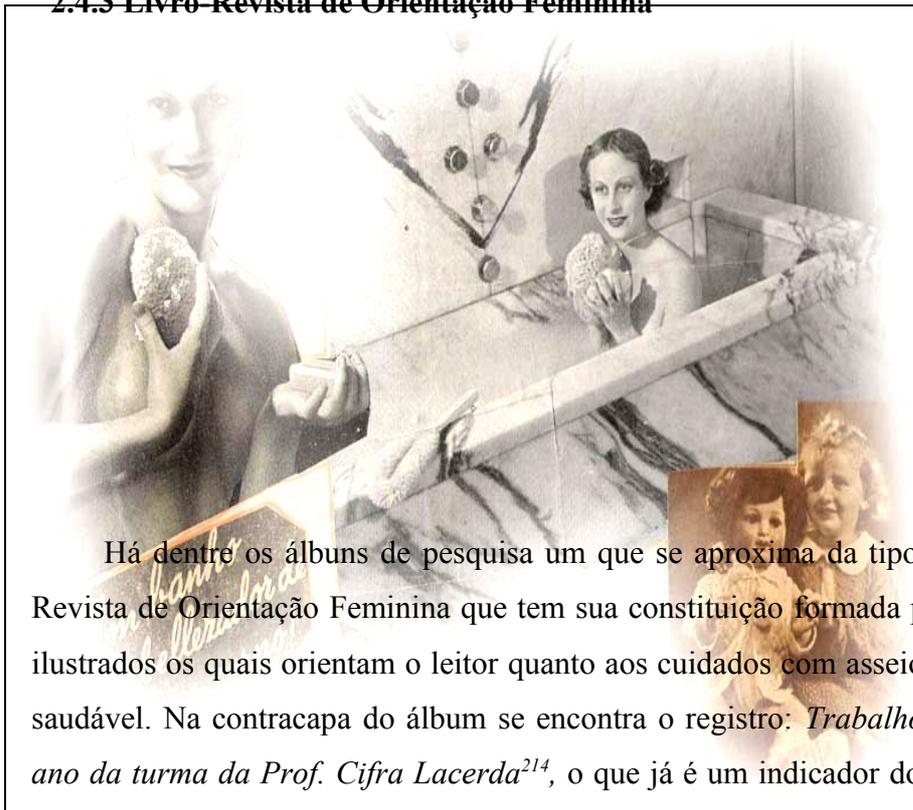
2.5.2 Livro-Revista com textos escritos

Outro álbum que teve uma configuração Livro-Revista pautava-se pelo direcionamento, por parte do professor (a), da definição do tema ou assunto a ser pesquisado, e, cabia ao aluno (re)produzir um pequeno texto e ilustrá-lo. Nesse tipo de atividade há um predomínio de figuras ou cartões postais de cidades históricas de Minas Gerais, dentre as quais, a capital de Minas, Belo Horizonte, Ouro Preto e Diamantina, bem como, Caxambu e Poços de Caldas. Dezenas de outras cidades são representadas por ilustrações figurativas que trazem à tona elementos que compõem a sociedade da época. É interessante observar que através das imagens, vão se desvelando, aos olhos dos alunos, os aspectos urbanos das cidades em contraposição aos aspectos evidenciados das cidades cujas particularidades se voltam para o desenvolvimento agrícola. O clima, a vegetação, o tipo de relevo e belezas naturais, a expansão das recentes indústrias, a concentração das diferentes populações em determinadas regiões, os padrões de comportamento observados, enfim, cada particularidade servia para chamar a atenção do aluno na tentativa de relacionar aspectos econômicos, culturais e sociais de cada cidade e região.

Os aspectos inerentes a essa tarefa: texto, normalmente, curto e de caráter informativo, pode ser caracterizado como atividade de “pesquisa escolar”. A modalidade de escrita se caracteriza por ser uma transcrição da qual o aluno se vale para copiar o texto do livro didático. Tal escrita sugere, também, que essa atividade dada para o aluno, consistia em fazê-lo dar conta do assunto estudado naquele dia. Esses exercícios se estruturam de tal modo que não é possível definir se foi a imagem que conduziu o texto ou foi o texto quem definiu a escolha da imagem. O que se apreende é uma conexão imagem/texto que se apresenta como veículo cultural de formação de uma cidadania na criança, na relação com os diferentes espaços sociais do país e do estado.

Muitos recortes são utilizados meramente como ilustração e podem estar acompanhados de texto explicativo, ou não.

2.4.3 Livro Revista de Orientação Feminina



Há dentre os álbuns de pesquisa um que se aproxima da tipologia de um Livro-Revista de Orientação Feminina que tem sua constituição formada por pequenos textos ilustrados os quais orientam o leitor quanto aos cuidados com asseio e o modo de viver saudável. Na contracapa do álbum se encontra o registro: *Trabalho de meninas do 3º ano da turma da Prof. Cifra Lacerda*²¹⁴, o que já é um indicador do grupo específico a que foi direcionado, o público feminino.

Esse álbum assume a característica de um livro de orientação feminina porque toda sua montagem se assentou em pequenos textos e imagens com orientações contundentes sobre os cuidados dispensados à higiene pessoal e a atenção com o corpo em que o recurso visual utilizado colocava a figura feminina como protagonista. O texto/imagem direciona a tendência que indica aos padrões de comportamentos associados à sensibilidade e à docilização dos corpos. O texto de Ruth Marques proclama o que se espera das meninas, “[...] manter todas as partes do teu corpo em estado perfeito de asseio”²¹⁵.

Nesse álbum, as mensagens reproduzem os conhecimentos médicos e psicológicos que se impõem sobre a infância de forma a orientar quanto à conservação de um ambiente arejado, os benefícios de uma boa alimentação, a importância da prática de exercícios físicos e, principalmente, enfatiza os cuidados pessoais que se destinam a desenvolver os hábitos saudáveis.

²¹⁴ A.34/1942.

²¹⁵ A.34/1942.

Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana



Reproduzo a mensagem escrita por Ruth Marques, referente à ilustração:

“[...] Dorme de janelas abertas com o corpo agasalhado, toma o banho frio pela manhã e não receies os defluxos e constipações. Não cubras a cabeça para dormir, mesmo quando os mosquitos te persigam, cobrindo-a, respirarás o mesmo ar impuro que já te penetrou por vezes nos pulmões”.

A convergência texto/imagem transforma o caderno de pesquisa escolar em um compêndio de civilidades e referências do bem viver. É interessante observar que os preceitos civilizatórios e os discursos higienistas têm como autor/leitor nos álbuns o público feminino. A menina, futura mulher, era apreendida como tendo um papel privilegiado na formação de hábitos civilizados e de cuidados com a saúde.

O enfoque recai sobre uma educação na qual a infância deve ser ajustada aos modelos do processo civilizatório moderno e, que se destina a regular as práticas sociais, de modo a contribuir na educação integral, despertando-lhes, assim, o sentido da saúde. As marcas do movimento pela inovação da educação ganham abrangência através de um discurso higienista, no qual estão disseminadas as práticas educativas pautadas na disciplinarização dos corpos e na definição de pautas de comportamentos, notadamente, de caráter normatizador.

De maneira geral os textos expressam as relações infantis e enfatizam uma educação que imprime bons hábitos: “[...] não comas restos de outrem nem te sirvas de vasilha que o outro serviu sem prévia lavagem em água fervendo...²¹⁶”.

As imagens, amplamente utilizadas nesse álbum Livro-revista de orientação feminina operam como dispositivo de regulação e de auto-governo no ajustamento às regras de conduta, nesse caso, especialmente, no que diz respeito às meninas.

²¹⁶ Escrita de Nely Corrêa, A.34/1942.

Quanto ao uso da imagem como recurso pedagógico, pode-se dizer que estas servem como elementos que reforçam as concepções do projeto pedagógico de formação de uma infância escolarizada. Segundo Chartier as representações elaboradas [por essas imagens] são determinadas pelas concepções e interesses que as forjam, “[...] descrevem a sociedade tal qual pensam que ela é ou, como gostariam que ela fosse²¹⁷”.

Esses álbuns se projetam como instrumentos que operam simbolicamente, como recurso de produção de representações da infância transmitidas através do discurso imagético. De forma particular, as imagens que integram o livro de orientação feminina, devem ser consideradas em relação ao contexto de produção, sinalizam a posição de quem os orientou nessa prática e se impõe a quem as utiliza.



Imagem encontrada no álbum de orientação feminina A .34\1942

²¹⁷ CHARTIER, Roger, 1990.

2.6 Exercícios de Escrita e o Livro Enciclopédico

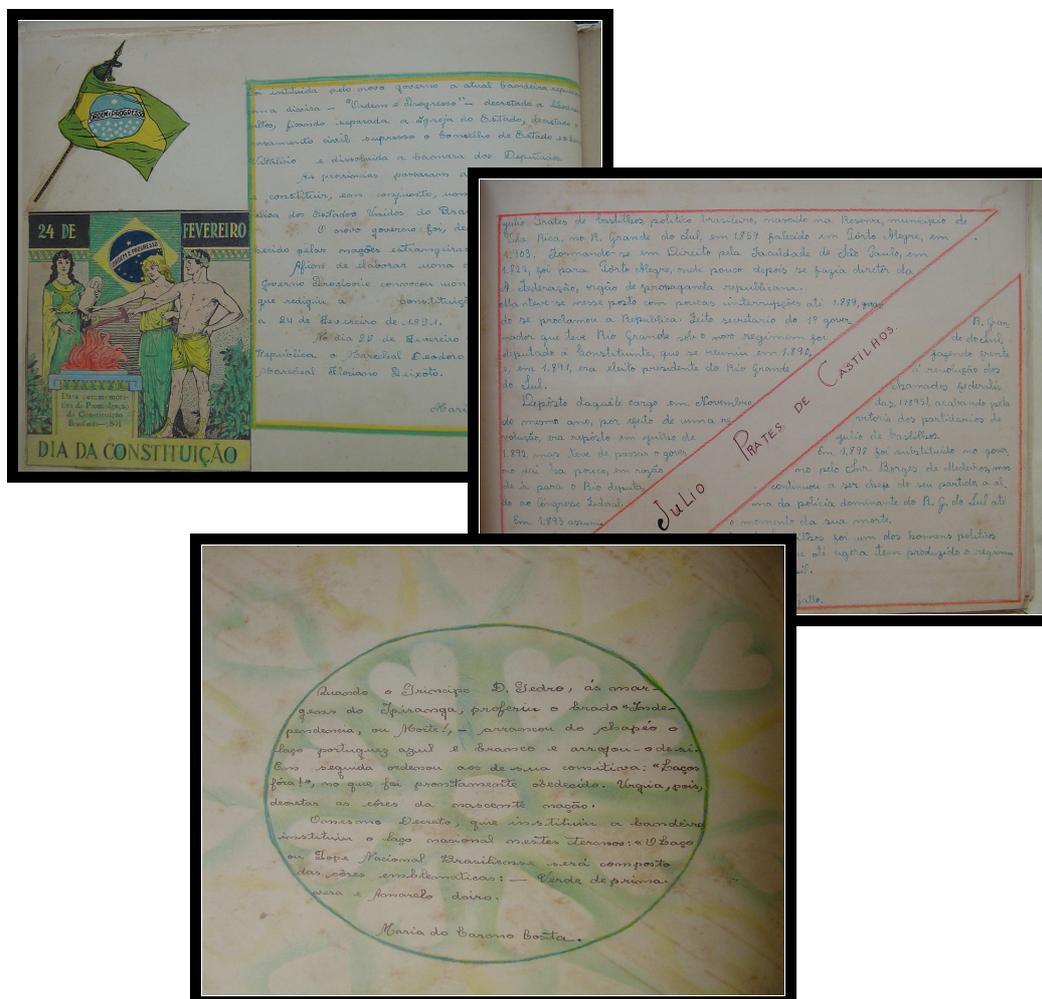
Os exercícios de escrita, propriamente dito, dão uma feição aos álbuns de pesquisa em três tipologias: as cópias de Lições conduzem a uma estruturação de organização Enciclopédica. As atividades de cópias de poesias se aproximam da forma de um Livro de Poesias e as atividades de composições conduzem a uma estruturação que se assemelha a um Compêndio de civilidades e valores morais. É óbvio que esses exercícios se entrelaçam, mas o que os diferencia é o foco de análise.

As atividades de cópias se caracterizam por um estilo bem típico, reprodução de um conteúdo programático em que deve ficar assegurado o caráter de identidade do texto que o professor fica encarregado de averiguar. A transcrição de conteúdos, geralmente cópia exata de um texto de livro didático ou enciclopédico, imprime uma forma aos álbuns pela diversidade de assuntos que aparecem, cada qual configurado de forma diferente, de modo que proporcione um efeito topográfico de estrutura bem peculiar, envolvendo por um lado formas diferenciadas de organização do escrito e por outro, a diversificação dos assuntos das lições. A configuração Livro-enciclopédico propicia o cumprimento de diferentes tarefas, por diferentes alunos sincronizados nos aspectos tarefa/tempo, caracterizando, ainda, a produção coletiva que se compõe, ao final, pela junção das partes. Esse tipo de organização permite uma leitura, ao mesmo tempo, instrutiva e diversificada, que pretende informar e educar por meio das temáticas variadas. Para se ter uma idéia, dessa organização que remete a um Livro-enciclopédico, apresento a configuração do álbum intitulado Biografia dos mártires da República²¹⁸ confeccionado em 1939 pelos alunos do 4º ano da professora Cifra Lacerda, composto por 43 cópias de lições; 24 biografias copiadas ou recortadas de revistas; 3 poesias; 12 artigos de jornais e 24 páginas em que a figura ilustrativa tomava toda a página ou aparecendo o título que especifica os temas a seguir. Fica assim um álbum configurado por 53 páginas e 106 atividades.



²¹⁸ A.08/1939.

Nesse tipo de álbum tem-se, ainda, um arranjo entre as atividades de leitura conjugadas às práticas de escrita que se alternam no trabalho de organização da página.

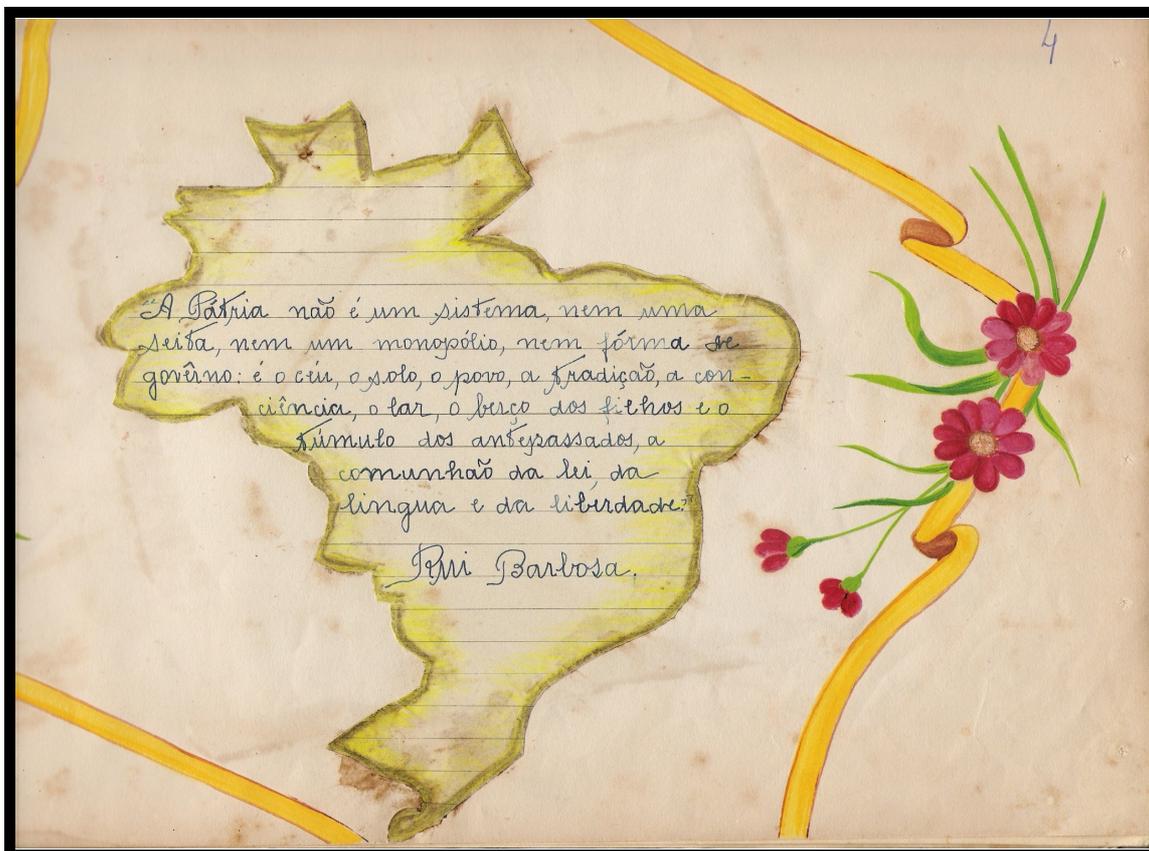


Nessas folhas delimitadas, recortadas e enfeitadas com desenhos, o aluno tem que conciliar no ato da escrita o tamanho e a forma da letra, em uma demonstração de habilidades que denotam educação estética através da escrita.

No álbum *Nossas Lições Ilustradas*²¹⁹ apareceu uma variação da cópia de lições realizada dentro do mapa do Brasil. Essa atividade exige atenção e cuidados especiais, por parte do aluno, uma vez que se faz necessário considerar os espaçamentos entre as palavras, os parágrafos, o tamanho da letra e o texto. O espaço da escrita é aquele restrito aos limites do desenho. É preciso contar com a habilidade no ato de escrever, para que a tarefa seja cumprida com êxito, ou seja, realizar a cópia da lição dentro dos limites estabelecidos pelo contorno do mapa. Esse caso nos leva a pensar nos exercício

²¹⁹ A.42/1945.

de cópia como tarefa de re-produção em que o investimento nas habilidades ordenadoras não só do espaço da página, mas também o caráter auto-regulador e controlador desse exercício.

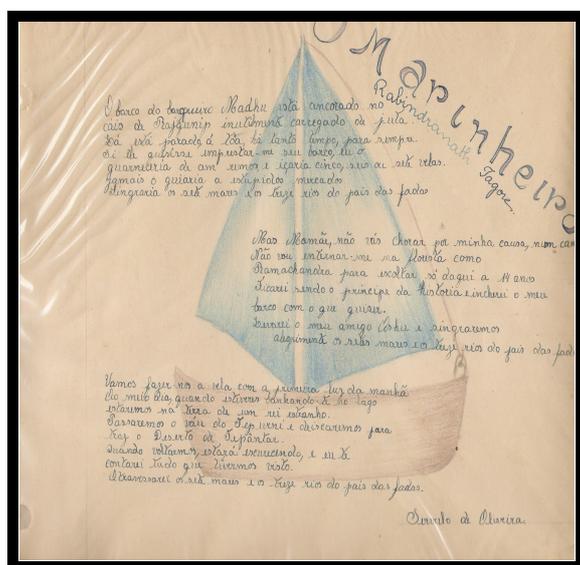


Como pensar a distribuição dos exercícios entre os alunos sem prejuízo dos menos hábeis? Como equiparar os exercícios que exijam determinadas habilidades entre todos os alunos?

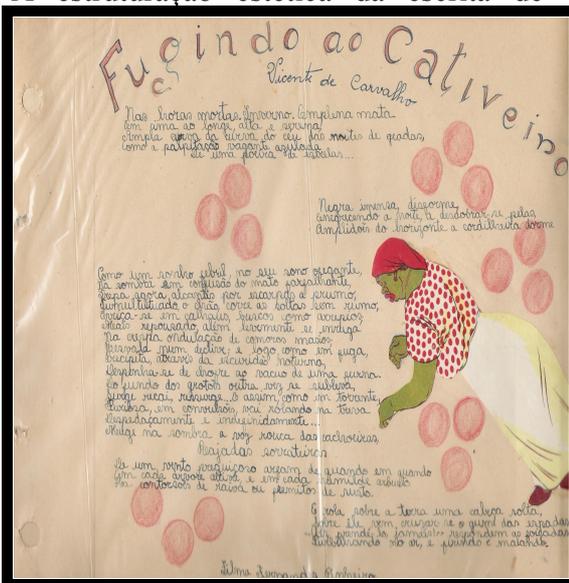
Pode-se dizer que os exercícios escolares, como afirmado anteriormente, impõe uma auto-regulação ao aluno que diferencia e destaca os mais capazes.

2.6.1 Álbum tipo Livro de Poesias

São em número de três, os artefatos escriturais que se constituem, integralmente por transcrições de poesias cuja forma se inspira no modelo de leitura literária de um livro de poesias, o que corresponde a 6% do total. Vale dizer que alguns álbuns embora contemplem como protocolo de leitura o termo poesias, não fizeram parte desse conjunto, pois não atendiam ao critério especificado.



A estruturação estética da escrita de



poesias aparece como um elemento que produz uma marca característica ao suporte material. A importância de desenvolver a “boa escrita²²⁰”, soma-se à preocupação em ordenar os versos, através de uma organização das estrofes, de forma que proporcione um bem estar visual. Os títulos aparecem com letra em destaque. Logo em seguida, é a vez do nome do autor. Esses aspectos refletem a aprendizagem de uma estética própria da escrita escolar, a qual atende a uma descrição de exercício e retrata “*uma tipologia de apresentação²²¹*”, algo que demonstra uma preocupação com a organização da página e com o preenchimento de cada linha na busca pela harmonia da escrita. Há um respeito à regularidade da escrita, em que o aluno que copia precisa dar conta do espaço gráfico e da forma da letra, em relação à distribuição da quantidade de estrofes na página. Os espaços vazios são preenchidos por arabescos ou por desenhos de flores, que promovem uma sensibilidade estética através do olhar. Esses álbuns-livros de poesias demonstram a entrada da literatura na escola primária, como modelos de identificação e de princípios edificantes, que deveriam permear a experiência imediata da vida infantil e escolar.

²²⁰ VIDAL; GVIRTZ, 1998.

²²¹ HEBRARD, 2001.

Como destaca Gouvêa²²², a produção literária que difundia um discurso sobre a infância adentrou a escola por meio das leituras autorizadas e foi fundamental para a construção da representação sobre a infância. Os álbuns- Livro de poesias configuram-se, de certo modo, como uma estratégia didática para introjetar valores concernentes à concepção educativa que traduz o momento histórico. Nesses álbuns, a literatura direcionada ao leitor infantil vai definindo o lugar de conformação do aluno em que o enfoque destacado remete ao tema da disciplina e dos procedimentos pedagógicos prescritos para sua obtenção. Era necessário, portanto, criar uma linguagem comum, cujos pontos orientassem os interesses do lugar que a criança deveria ocupar. Nesse sentido, foram instituídos modelos e representações acerca da infância: bom aluno, filho obediente, amigo fiel. Com isso, observa-se que a educação moral se projeta como um dos pilares de sustentação da escolarização da infância e do recurso da literatura na escola.

Gouvêa²²³ caracteriza os textos literários como expressão de representações que colocam em cena a construção do mundo social e o seu modo de afirmação com os valores da época, de modo a propiciar identificações e vínculos que produzem sentidos para os indivíduos que os cercam. Sendo assim, na escrita literária o autor não reproduz o real, mas o reconstrói como o projeto de realidade pretendida. Nessa direção, trabalhar com “[...] as representações significa estar atento aos dispositivos textuais que dão sentido a realidade construída e expressa na obra literária, buscando apreender o universo sócio cultural retratado pelo autor²²⁴”. Através da leitura a criança é posta em contato com uma gama de símbolos, de costumes, de tradições que são re-apropriados a partir de uma rede de imagens e discursos.

O caráter cívico-patriótico e religioso presentes nas narrativas das poesias analisadas foi de suma importância para se compreender de que forma a escola operou utilizando a literatura como instrumento didático na passagem de criança para aluno, naquele momento histórico.

2.6.2 Compêndio de Civilidades: testemunho de bons comportamentos

²²² GOUVÊA, 1997.

²²³ GOUVÊA, 2005.

²²⁴ GOUVÊA, 2005.

Evidencia-se, ao longo dos anos 40 e 50 uma seleção de atividades que indicam uma predominância de práticas de escrita de composição. Nessas escritas-testemunhos vê-se expressos os comportamentos e sentimentos que mostram por meio de código de valores, quais as prescrições são estabelecidas e como devem ser seguidas as regras determinadas para a convivência social. Na composição *A lenda da Bandeira*, produzida a partir da interpretação da leitura feita pela professora tem-se normas convencionadas: “[...] Aquela é a nossa bandeira. Olhe como é linda. Tire o chapéu. Respeita a nossa bandeira. Quando passarmos perto dela devemos cumprimentá-la porque ela é o símbolo da nossa pátria”. Em outro fragmento da composição *O amigo dos pássaros* é explicitado o respeito pelos animais e o valor da liberdade: “[...] Quando o menino olhou para trás viu que o homem tinha soltado todos os pássaros. Ele perguntou: — porque soltou os pássaros meu senhor? — Meu filho, eu sei o que é uma prisão. Por isso que os soltei”.

As composições reunidas no álbum *Cartas, Histórias e Bilhetes*, em sua maioria apresentam uma narrativa que expressam juízo de valor ou indicam as regras de civilidade. Como se vê, os preceitos reguladores da convivência social estão associados, de forma geral, à intenção de normatização e à disciplinarização dos comportamentos das crianças. Constata-se, através da análise das composições, que os princípios educacionais ministrados implicavam a formação de valores sociais, políticos, éticos e morais baseados nos princípios higienistas e cívico-patrióticos daquele momento histórico.

A composição *O desobediente* ilustra uma situação em que é confirmada a lógica moralizante, o próprio título imprimiu o tom da escrita.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana - Álbum 43\1948

O desobediente (a partir da gravura)

Havia em uma cidade um menino chamado Antonio. Ele tinha 8 anos. Antonio era muito levado e gostava de fumar. Certa manhã, bem cedinho, seu pai descuidou e deixou seu palitô em cima da cadeira. Antonio apanhou a caixa de fósforo e os cigarros, e saiu com seu cachorrinho para o fundo do quintal. Fumou até cansar. Ficou tonto e com uma dor no estômago. Seu cachorrinho ficou rindo a valer. Por isso não devemos fumar²²⁵.

No início, o autor realça os aspectos considerados importantes na conduta do protagonista para que faça sentido a trama que está sendo construída: “[...] Ele tinha 8 anos. Antonio era muito levado e gostava de fumar”. Aos poucos são introduzidos elementos ao texto que montam a cena em que vai se desenrolar o enredo da história: “[...] Antonio apanhou a caixa de fósforo e os cigarros, e saiu para o fundo do quintal”. A conduta inadequada é evidenciada quando o autor afirma que o menino “[...] fumou até cansar. Ficou tonto e com dor no estômago”. No desfecho, não só Antonio sente um mal físico proveniente da ação desaprovada como aparece o animal que assume uma postura ao mesmo tempo irônica e de censura, que leva à conclusão do enredo de que “[...] não devemos fumar”.

Na composição seguinte, *Um mau menino*, o modelo incorre na mesma lógica normatizadora: o menino que age mais livremente e que tem sua conduta julgada e

²²⁵ Composição de Gilmar Gonçalves A.43\1948.

repreendida. Ainda que apareçam elementos que signifiquem o universo infantil, o protagonista da história é surpreendido pela sua incapacidade de reconhecer que o passarinho não era de verdade e sim, o cuco da casa de sua avó. Vejamos a história como se desenrola:

Um mau menino

Antonio é um menino muito malvado. Seu brinquedo predileto é carregar uma atiradeira para matar os pobres passarinhos. Um domingo ele e seu irmão foram visitar a vovó. O menino viu na parede um relógio daqueles que tem um passarinho que canta quando o relógio bate horas: __ cuco!....cuco!

Antonio o malvado pensou que fosse um passarinho de verdade. Pegou logo a atiradeira. Trepou na escada e zas...jogou uma pedra. Sabem o que aconteceu quebrou o relógio da vovó e ainda tomou uns puxões de orelha da mamãe quando chegou em casa²²⁶.

É interessante perceber como a criança, autora da composição, define o lugar da autoridade na figura da mãe que corrige a má conduta através de “uns puxões de orelha”. Nota-se que o percurso da história toma uma direção em que prevalece o modelo ditado e aceito pela escola.

2.7 As Atividades Artísticas como expressão de talentos

A escolarização do aluno através de práticas relacionadas à expressão do desenho mostra a preocupação com o caráter estético que deveria nortear as atividades escolares. A insistência para que fossem desenvolvidas as habilidades artísticas através das atividades manuais foi se constituindo como uma estratégia capaz de atingir esse fim. As orientações encontradas no programa oficial de ensino primário demonstram que o investimento no “[...] desenho, além de ser meio de expressão, é também elemento da cultura e um dos grandes fatores educativos²²⁷”.

O método por meio do qual orientava a professora a ministrar a arte do desenho é detalhada para os quatro anos do curso primário. Inicialmente, percebe-se a representação gráfica mais livre, “[...] sem preocupação de regras, para mostrarem espontaneamente, suas qualidades de observação, força creadora e poder imaginativo”. A partir de cada instrução observa-se que vão se intensificando os modelos padronizados

²²⁶ Composição de Dante Carelli A.43\1948.

²²⁷ Minas Gerais, Programa do Ensino, 1927, p. 1588.

para o desenho decorativo, a marcação de contornos e a atenção para os detalhes pequenos. No quarto ano o aluno deverá ser capaz de executar um desenho colocando em prática os conhecimentos de geometria. O professor deverá conduzir os alunos à composição decorativa “[...] para educar-lhes o gosto o espírito de equilíbrio e harmonia²²⁸.

O desenho aparece como elemento que ganha significados e objetivos pedagógicos. A sua produção requer, dentre outros aspectos, o desenvolvimento de habilidades motoras e do senso estético. O álbum de pesquisas diversas, confeccionado pelas alunas da professora Maria dos Reis, no ano de 1940²²⁹, traz como atividade pedagógica o desenho que retrata a transformação de lagarta em borboleta. Ainda nesse mesmo álbum, Maria Amélia Corrêa desenha as partes que compõem a planta e suas especificações: raiz, caule, folhas, fruto, flor e semente.

Vê-se no álbum de Geografia uma variação do desenho sob a forma de figuras geométricas e o estudo das mais diferentes figurações espaciais: mapas, tabelas, ilustrações de paisagens, postais, enfim, produtos simbólicos que, enquanto instrumentos auxiliares, remetem à realização das análises geográficas.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Esse álbum assume status de um livro de cartografia por ser composto, predominantemente, por reproduções de mapas dos estados brasileiros, das Américas.

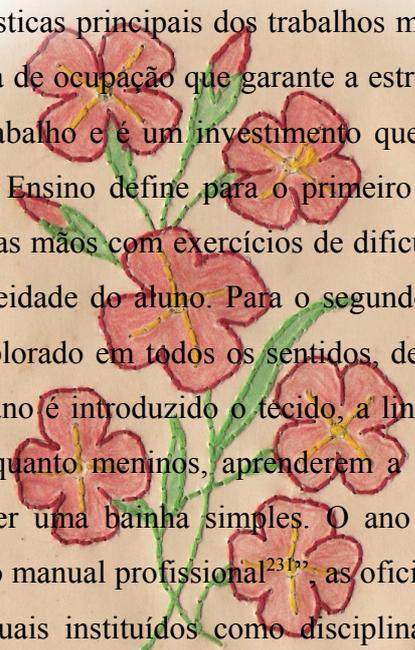
²²⁸ Minas Gerais, Programa do Ensino, 1927, p. 1588.

²²⁹ A.25/1940.

mapa do Brasil. Pude observar que a forma como esse conteúdo é contemplado didaticamente nos álbuns de pesquisa volta-se para a aprendizagem da geografia física.

O álbum²³⁰ confeccionado pelas alunas da professora Ester Morando, em 1943, constitui-se num ideal de figuração espacial a ser utilizada com a finalidade de mostrar a localização geográfica. O escrito aparece intercalado com outros tipos de grafismos como nos exercícios de geometria, tabelas, gráficos e problemas de aritmética.

2.7.1 Trabalhos manuais



Uma das características principais dos trabalhos manuais é sua acepção educativa que assegura uma forma de ocupação que garante a estruturação do tempo, faculta uma disciplina através do trabalho e é um investimento que auxilia na formação dos bons hábitos. O Programa de Ensino define para o primeiro ano a modelagem em argila, o objetivo é a educação das mãos com exercícios de dificuldade gradual, o que importa é desenvolver a espontaneidade do aluno. Para o segundo ano o papel é o material que deve ser utilizado e explorado em todos os sentidos, desde dobraduras à confecção de caixinhas. No terceiro ano é introduzido o tecido, a linha, agulha e dedal, devendo os alunos, tanto meninas quanto meninos, aprenderem a franzir, fazer um saquinho para guardar níqueis ou fazer uma bainha simples. O ano seguinte é o “[...] período de transição para o trabalho manual profissional²³¹”, as oficinas e a horta são as indicações.

Os trabalhos manuais instituídos como disciplina escolar nos grupos escolares constituíram-se numa iniciativa que visou a preparação dos alunos das áreas urbanas para possíveis atividades profissionais²³² que, no futuro, poderiam vir a desenvolver nas cidades. Por outro, o trabalho manual relacionava-se à aquisição de habilidades fundadas numa identidade de gênero.

A educação integral pretendida com a Reforma de Ensino objetivou preparar os alunos para o trabalho, não se trata propriamente do ensino profissional, mas é um trabalho manual educativo.

²³⁰ A.38/1943.

²³¹ Minas Gerais. Programa do Ensino. BH: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1927, p.1746-1749.

²³² Os programas escolares ao introduzirem conteúdos relativos a trabalhos manuais, escrituração mercantil e escrituração agropecuária, se transformaram em instrumento de política educacional republicana, que teve seqüência com a criação das caixas escolares, na década de 1920. (CORSETTI, 2000, p.186)

Quando mais tarde o profissional entender que seu fim é econômico e consiste em ganhar dinheiro, o educativo lembrar-lhe-á que existe um fim anterior a esse, isto é, fazer bem feito o trabalho o trabalho. Conciliados esses dois fins, o trabalhador, com a perfeição de seu producto, tirará delle maior compensação²³³.

Na *Revista do Ensino*²³⁴ foram encontrados artigos que recomendam aos professores o investimento no trabalho manual como atividade que auxiliaria na formação dos bons hábitos. Ou seja, o aprendizado dos trabalhos manuais tanto objetivava o aprendizado do exercício manual, da qualidade do produto, quanto diferenciava, de acordo com o gênero, o tipo de atividade manual desenvolvida. O alinhavo em cartão e as diversas atividades relacionadas à costura e ao bordado²³⁵ eram práticas desenvolvidas no Grupo Escolar Melo Viana como atividades complementares à formação dos sujeitos. No álbum 41 aparece uma série de 12 cartões alinhavados pela alunas da 4ª série da professora Cifra Lacerda, em uma clara definição de tarefas escolares por gênero.

Os agentes educativos partem do pressuposto que a escola educa e desenvolve as sensibilidades por meio de tarefas atividades artísticas. No entanto, para algumas crianças, a tarefa de reproduzir modelos estéticos é uma experiência penosa, uma vez que seus esforços não correspondem ao modelo padrão. Muitas dessas tarefas exigem habilidades específicas e são vivenciadas como modos de regulação e disciplinarização de corpos e de distinção dos sujeitos por capacidades pessoais. Assim, passei a tratar esses documentos como um dispositivo normalizador, o que levou a reconhecer que seus elementos, seja do ponto de vista da modalidade do exercício seja pelo discurso implementado nos textos, articulavam-se e faziam parte de uma ação educativa disciplinar de (con)formação do sujeito.

CAPÍTULO 3

Nos álbuns de pesquisa a criança se fez aluno

²³³ Minas Gerais, Programa do Ensino, 1927, p.1746.

²³⁴ *Revista do Ensino*, BH, n.º.7, p.182-184,set,1925; GONZAGA, Aprígio. Ensino Profissional – O Civismo e o Trabalho Manual; *Revista do Ensino*, BH,nº.8,p.213-21,out.1925. ESCOBAR, José Ribeiro. Metodologia – Aprendizado Educativo- Os Tropheus Escolares.

²³⁵ CORSETTI, 2000, p.186.



3.1 Em cena o conteúdo curricular

No capítulo anterior, procurei analisar como as diferentes modalidades de tarefas escolares sinalizaram para a forma como os alunos expressaram suas habilidades, a partir de uma normalização de sua produção escriturística.

Nesse capítulo, abro um debate em torno de como os conteúdos disciplinares²³⁶, tomados aqui como um dos elementos estruturantes dos álbuns de pesquisa definia saberes voltados para a formação de uma infância escolarizada. O objetivo foi buscar na interpretação dos textos das lições e tarefas escolares desenvolvidas no *Clube de Leitura* e reproduzidas nos álbuns de pesquisa, as possíveis representações sobre os conhecimentos pretendidos pela escola na formação do aluno. Essa análise teve basicamente duas finalidades. A primeira se centrou na análise da relação dos álbuns com a matriz curricular proposta pelo programa oficial. Nesse sentido, busquei apreender as representações do modelo de aluno preconizado pelas determinações do Estado. A segunda finalidade se voltou para identificação das estratégias utilizadas para transmissão de tais conhecimentos para o aluno, centradas na leitura e cópia de textos modelares, indicativos da leitura incentivada pela escola. A partir dessa análise, foi possível ver pela circulação desses textos, as representações (sobre a criança) que a escola pretendia formar, segundo uma estratégia de (con)formação de leitores e produtores de textos.

A idéia de mapear os álbuns de pesquisa por conteúdos foi um caminho longamente percorrido durante a pesquisa. Em um primeiro momento, tendi a uma organização levando em conta a denominação explicitada nas etiquetas que vinham coladas na capa de cada álbum, que anunciavam, de certa forma, os conteúdos tratados. Essa formulação inicial não permitiu uma análise aprofundada, pois, em alguns casos, existia um distanciamento entre o explicitado e o conteúdo apresentado nos álbuns. No momento seguinte, priorizei uma organização dos álbuns enfatizando o aspecto curricular, para tanto procedi à análise dos conteúdos, com isso encontrei: 10 álbuns considerados como álbuns de Pesquisas Diversas, 15 que se relacionam à disciplina História, sendo que dois desses se referem especificamente à Instrução Moral, 14 que dizem respeito ao ensino da Língua Pátria, sendo que 07 são, predominantemente, compostos por poesias e 04 organizados sob a forma de dicionários ilustrados; 06 direcionados ao conteúdo de Geografia e 05 ao conteúdo de Ciências.

Ao analisar os conteúdos desses álbuns, percebi que os temas das lições, das poesias e das redações guardavam algumas semelhanças. Portanto, os diferentes álbuns,

²³⁶ No caso da análise de trabalhos escolares realizados por alunos, tendo como objetivo apreender a prática das disciplinas, há um campo de pesquisa em andamento, notadamente com os franceses HEBRARD, ANE M.CHARTIER. No Brasil, pode se recorrer a trabalhos de BITTENCURT, Circe, OLIVEIRA, Marcus Aurelio Tabora; RANZI, Sirlei Maria Fischer(org.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*, 2003.

organizados em diferentes épocas, mantinham algumas aproximações. A escola, além de transmitir um rol de conhecimentos e habilidades intelectuais, centrava-se na disciplinarização do aluno, tendo em vista o desenvolvimento do civismo e aquisição de práticas de cuidado com o corpo, identificadas com o ideário higienista do período. Essa constatação permitiu que fosse feita uma condensação por eixos temáticos, que corresponde aos valores subjacentes à produção do aluno.

No processo de construção desse arcabouço, foi possível, também, estabelecer uma relação com o investimento dado a cada conteúdo, levando em conta o tipo de ordenação estabelecida na distribuição do tempo escolar. Algumas questões nortearam esse percurso: O que os conteúdos prescritos nos álbuns de pesquisa revelavam sobre as concepções educativas privilegiadas na época? Que aluno essas práticas pedagógicas pretendiam formar? Em que sentido os conteúdos das lições correspondiam às prescrições do Programa de Ensino do Estado de Minas Gerais? O que tais conteúdos indicavam sobre a cultura escolar do período investigado?

O próximo passo foi definir os eixos de conhecimentos que davam sustentação às atividades desenvolvidas nos *Clubes de Leitura*. O enquadramento dos álbuns por conteúdos curriculares permitiu-me compreender como a estruturação desse artefato materializou conhecimentos, fazeres e saberes desenvolvidos em uma prática escolar que tinha firmes propósitos de formar o cidadão para além dos conhecimentos fornecidos na sala de aula. O tratamento dado às fontes, no sentido de tentar caracterizar e organizar os conteúdos permitiu, também, um novo olhar sobre esse material, tornando possível perceber as relações entre os saberes escolares e a normatização da infância.

Continuei as análises buscando elementos que sinalizassem as permanências e as transformações dos saberes trabalhados pela escola ao longo do período histórico investigado. Nessa exploração, segui as orientações de Nunes e Carvalho²³⁷, no que concerne ao trabalho com as fontes e caminhei por entre os passos de um campo já produzido operando com novos alocamentos “[...] através de uma redefinição epistemológica que incluiu o trabalho com os conceitos e o tratamento e a interpretação documental”, articulados com os contextos político e cultural do período estudado.

Pôr em evidência o conteúdo dos textos das lições, os conteúdos das poesias, as narrativas das composições, me fez deparar com uma proposta educativa que prepara a criança para o trabalho, desenvolve sentimentos de pertencimento à família, introjeta

²³⁷ NUNES; CARVALHO, 1993.

valores morais e cívico-patrióticos. Conceber esses princípios como matrizes da formação do aluno envolveu analisar como tais conhecimentos atravessaram as diferentes disciplinas ao longo do período. De maneira geral, as temáticas foram aglutinadas da seguinte forma²³⁸: Conteúdos de História e Educação Moral e Cívica, cujos princípios preparam o aluno para uma formação Cívica e Patriótica e fazem parte de um eixo de conhecimento que estão reproduzidos em 30 % dos álbuns. Os conteúdos de Geografia aparecem em 12% dos álbuns e divulgam uma proposta que valoriza, preponderantemente, o sentimento de pertencimento à região das Minas Gerais e incute uma identidade regional. O eixo três consta de 28 % dos álbuns de conteúdos de Língua Pátria, incluindo as poesias e as composições cujas temáticas centram-se na aquisição de hábitos morais e formação cívico-patriótica. Finalmente o eixo quatro, foi considerado pela junção dos álbuns em que predominam os conteúdos de Ciências, e esses expressam concepções higienistas que giram em torno da promoção da saúde, bons hábitos e se volta para a formação do aluno saudável em 8 % do total dos álbuns de pesquisa.

Ainda que a produção dos álbuns não retrate a relação hierárquica das disciplinas escolares, esses guardam uma relação com o currículo prescrito e mostra, na ausência de álbuns de matemática, uma prática da instituição que, a princípio, tinha por objetivo desenvolver competências no aluno voltadas para uma educação da saúde, moral e cívica, dirigida à sua inserção social.

Embora não seja meu propósito realizar uma análise do currículo da escola primária do período, mesmo assim considero importante tecer algumas considerações acerca da relação que se estabelece entre os conteúdos disciplinares e a proposta pedagógica concernente à formação de identidades infantis.

Apple²³⁹ fala-nos do campo curricular como espaço de conflito, que expressa a luta de interesses entre determinados grupos, traduzida nos conhecimentos presentes no currículo. Os conhecimentos legitimados e os que são silenciados refletem um campo de lutas e resistências, manifestando as concepções educacionais de uma época. Portanto, faz-se necessário compreender os interesses que mobilizam a seleção de conhecimentos e quais as relações de poder envolvidas no processo de organização curricular.

²³⁸ Devo lembrar que 22% do total foram caracterizados como Álbuns de Pesquisa e, por não terem sido estruturados, predominantemente, por uma das disciplinas definidas nos eixos, não entrou na caracterização do perfil de aluno.

²³⁹ APPLE, 1982,1989.

Como nos alerta Goodson²⁴⁰, o estudo do currículo, numa perspectiva histórica requer um enfoque ampliado, em que cabe examinar: “[...] en particular la relación entre el contenido y la forma del currículo y problemas de las prácticas, procesos y discursos escolares”.

Neste sentido as práticas pedagógicas não constituem a tradução das prescrições curriculares. No dizer de Rudolph²⁴¹: “[...] la mejor manera de interpretar erronemente um currículo es baseando se em um catalogo o programa. Es algo tan inerte, tan incorpóreo, tan desconectado que as veces engana intencionalmente”.

Assim é que se os álbuns escolares foram produzidos na relação com as recomendações e prescrições oficiais, não constituem sua tradução. Tais materiais tanto dialogam com o currículo oficial, quanto expressam os projetos escolares dos professores, em seu cotidiano. Sob esse enfoque passo a abordar a organização dos álbuns de pesquisa, entendendo que não basta identificar os conteúdos, mas problematizá-los a fim de compreender a ordenação e a distribuição do tempo do aluno, o qual reflete determinadas concepções educacionais.

3.2 A identidade nacional: a formação do aluno cívico-patriótico

A Reforma Francisco Campos de 1931, promoveu a centralização no recém criado Ministério da Educação e Saúde, passando a definir programas e instruções sobre os métodos de ensino. Esta colocou o ensino da História e Moral e Cívica “[...] no centro das propostas de formação da unidade nacional coletiva²⁴²”. No elenco dos objetivos de uma educação básica de clara tendência nacionalista tem-se as prescrições do ensino de História Pátria no Programa de Ensino cujas concepções revelavam uma educação que volta se para “[...] a tradição e o progresso do passado²⁴³”. As recomendações centravam-se, por um lado no conhecimento do passado e na cristalização de uma “consciência nacional”, através da identificação com seus símbolos, destacadamente a Bandeira Nacional, expressão imagética da Pátria. Por outro, trazia à tona o contexto político vigente tanto em termos nacionais, no culto a seus dirigentes, tanto regionais, no conhecimento das autoridades locais, no estudo da cidade e de suas instituições, a

²⁴⁰ GOODSON, 2003, p. 225.

²⁴¹ RUDOLPH, 1991, p. 32.

²⁴² FONSECA, 2001, p. 237.

²⁴³ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1683-1684.

Câmara Municipal, a polícia, o júri, o grupo escolar e, por fim, na aprendizagem dos mecanismos de organização da vida social, expressos nas eleições e normas cívicas.

Se nas primeiras séries se priorizava a aprendizagem da organização do município e sua história, no último ano do ensino primário o investimento se destinava ao entendimento da organização política do Estado de Minas Gerais e ao conhecimento mais amplo da organização da República do Brasil²⁴⁴.

Tais conhecimentos eram expressos, nos álbuns de pesquisa produzidos pelos alunos do Grupo Escolar Melo Viana, numa narrativa da história caracterizada por uma orientação positivista, episódica, linear, centralizada no estudo dos grandes acontecimentos, suas datas e personagens, os grandes homens.

Os conteúdos aparecem de duas formas: na primeira, o foco é o conteúdo de História, propriamente dito, centrado em alguns fatos produtores de uma memória nacional, descobrimento do Brasil e Inconfidência Mineira, chegando à Proclamação da República. Na segunda, tem-se em vista o estudo do presente, ou do passado mais recente, em conteúdos relacionados à Era Vargas. Em ambos os momentos priorizados pela escola, o estudo centra-se no desenvolvimento do patriotismo, no culto ao chefe da nação, na transmissão de uma identidade nacional fundada no ideário de ordem e progresso.

Para Fonseca²⁴⁵ o governo de Vargas, desde 1930, entendeu a importância do cultivo de uma História e de uma memória nacionais para a construção de uma identidade nacional. Tal perspectiva constitui-se como tradição na disciplina, fazendo-se presente em momentos históricos posteriores, o que marca os álbuns analisados.

A autora analisa como o período do Estado Novo²⁴⁶ deixou na educação marcas da ação intensiva do Estado na construção de um modelo de Nação, na qual a formação moral e política eram entendidas como base da formação do Estado brasileiro²⁴⁷ contemporâneo. Observa-se uma continuidade nos conteúdos de História nos álbuns de pesquisa, mesmo considerando-se as profundas transformações no país ao longo do

²⁴⁴ Minas Gerais. Regulamento do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

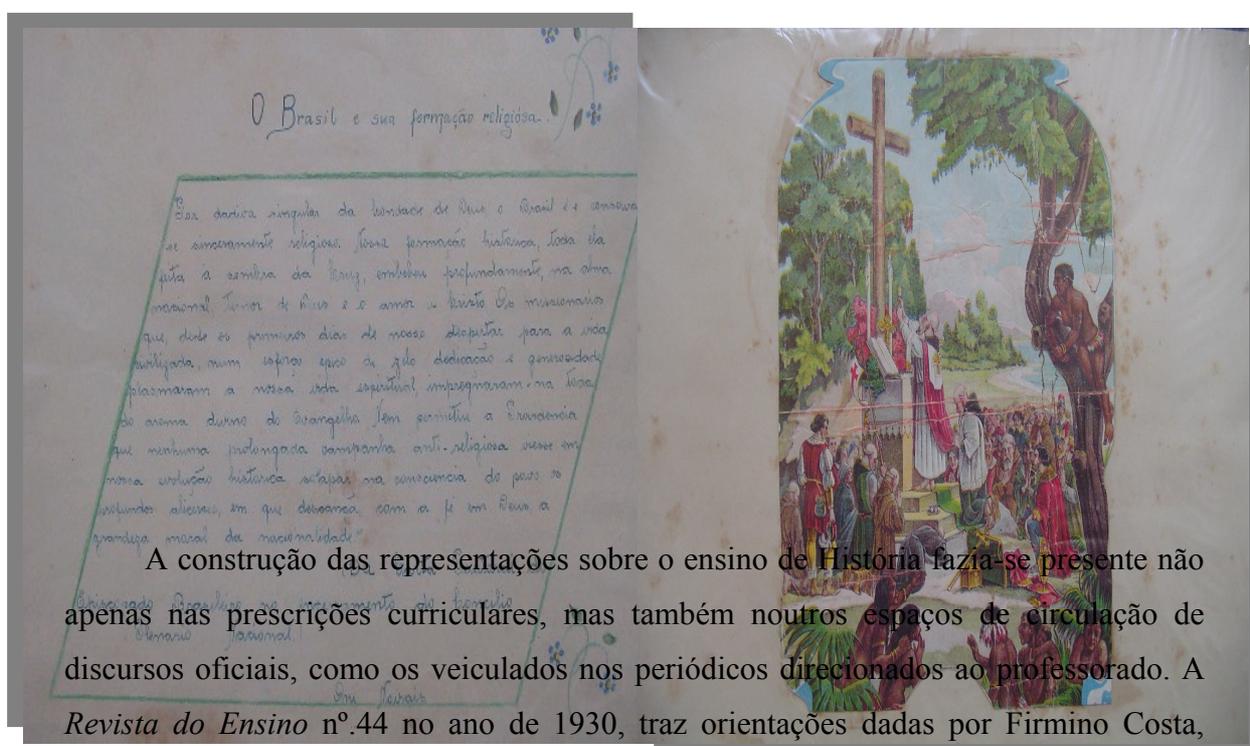
²⁴⁵ FONSECA, 2003, p. 72.

²⁴⁶ O Estado Novo, foi instituído oficialmente por meio de um golpe de estado, em 10 de novembro de 1937, foi um regime autoritário, com censura aos meios de comunicação e significativos investimentos na propaganda política. Havia ainda o culto ao trabalho como ferramenta de caráter político- ideológico. Indica-se as leituras, FONSECA &VAZ. Festas Cívicas no Estado Novo Rituais de Poder no Imaginário Mineiro (1937-1945). *Iniciação Científica Newton Paiva 2000\2001*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2002. FONSECA, T. N. L. *História & ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. FONSECA, T. L. *Da infância ao altar da pátria: memórias e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

²⁴⁷ FONSECA;VAZ, 2002, p.154.

período de confecção dos álbuns analisados, transformações que não tiveram presença significativa no material produzido pelos alunos.

Fonseca²⁴⁸ mostra que para fazer do ensino de História um instrumento de legitimação de poderes e formação de indivíduos adaptados à ordem social, o Estado passou, caracteristicamente a partir do Estado Novo a intervir na formação dos alunos, tanto nos espaços escolares, como em outros espaços sociais, no sentido de desenvolver uma formação moral, cívica e política, de acordo com os valores dominantes. Nessa mesma direção, a autora ressalta que para constituir uma identidade nacional fazia-se necessário um repertório histórico que deveria estar em sintonia com um universo cultural mais geral e que envolvesse os valores de formação cultural brasileira de forte identificação cristã. Portanto, não bastava um ensino de História episódica, desconectada de sentidos, era necessário mais que isso, que as lições tratassem de “[...] valores e comportamentos ideais²⁴⁹”, devendo haver uma “[...] sintonia com o universo cultural mais geral” de modo a envolver o leitor e despertar nele uma certa identificação com os personagens, “[...] isso significa, por exemplo, que ao valorizar certo tipo de ação heróica abnegada de alguns personagens da História como modelos de conduta moral e patriótica”, o ensino de História trabalhava com noções e valores caros à formação cultural brasileira, de forte herança cristã, sobretudo católica.



²⁴⁸ FONSECA, 2003.

²⁴⁹ FONSECA, 2003, p. 104.

diretor técnico do curso de aplicação da escola normal de Belo Horizonte, acerca de como se deve ensinar o conteúdo de História. Dentre as orientações está o estudo do progresso social: “[...] si a História do Brasil fosse habilmente filmada para as escolas primárias ou dramatizada inteligentemente pelos alumnos, com certeza despertaria o interesse delles e poderia deixar-lhes impressões benéficas para a vida²⁵⁰”. E continua dizendo que, o estudo das “[...] biografias dos homens beneméritos” não de servir como modelos a serem seguidos e as comemorações das “grandes datas nacionais” devem ser promovidas com o fito de monumentalizar os saberes e manter a memória dos grandes fatos.

Na *Revista do Ensino* nº.62, aparece alusão à missão do mestre que, no domínio do seu ofício, deveria desenvolver recursos para que houvesse um encadeamento entre a propagação dos valores pátrios, a nacionalização e o investimento na formação de valores cristãos. O artigo prossegue com a proposta de associar o discurso histórico às figuras santas ou relacionar passagens que exemplificassem as principais verdades religiosas, as virtudes e os preceitos de moral aos exemplos de condutas a serem seguidos, em contraposição aos efeitos da má educação. Reiterando tais práticas, o Planejamento de Ensino indicava que houvesse a articulação do conteúdo programático com as biografias de vultos célebres, cuja vida servisse como modelo de comportamento a ser seguido: bons hábitos e disposição para a virtude. A aproximação entre os personagens da história sagrada com fatos da vida dos vultos célebres instituem-se como representações e modelos para os alunos.

No cotidiano do Grupo Escolar Melo Vianna o trabalho com os conteúdos de História revelam-se através de uma metodologia em que os estudantes faziam transcrições de fatos considerados significativos de nossa história, retirados das lições dos livros didáticos. É importante destacar o predomínio do conteúdo de História no conjunto dos álbuns, disseminado sob a forma de práticas de escrita escolar, especialmente sob a forma de lições, fato que mostra um firme propósito das práticas dos *Clubes de Leitura* com a formação do aluno atinente aos valores cívicos e patrióticos de cunho nacionalista.

A composição de Rute Marques, presente no álbum de pesquisa, ao evocar a figura do mártir da Inconfidência Mineira o faz de acordo com esta perspectiva :

²⁵⁰ *Revista do Ensino*. Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. nº. 4, 1930.

Tiradentes queria que o Brasil fosse livre. Trabalhou muito para que a revolução vencesse, mas foi preso e enforcado no dia 21 de abril de 1792. 30 anos depois D. Pedro I proclamava a independência. A memória de Tiradentes deve ser amada e venerada. A única coisa que levou Tiradentes à forca foi o grande amor que ele tinha ao Brasil. Foi ele o homem que sonhou com a nossa independência²⁵¹.

A aluna reproduz os conhecimentos apreendidos e demonstra que a luta pela independência do país deve ser reconhecida pelos brasileiros, na exaltação ao culto da memória do herói, alçado à condição de mártir. Com isso, fica evidente a intenção do cultivo de valores cívico-patriótico nas crianças, constitutivos de uma identidade nacional inscritos nas representações de amor à pátria e a exaltação dos grandes homens de nossa história. Certamente, os personagens ilustres eram referências idealizadoras que buscavam incutir nos alunos representações de condutas exemplares.

Outro herói monumentalizado nos álbuns de pesquisa era Caxias, também alçado à condição de mártir, em que a dimensão militarista do personagem é destacada na poesia copiada pelo aluno.

Caxias

Foste herói e guerreiro destemido
Exemplo de coragem nos legaste
E vencendo sem nunca ser vencido
Imortal para sempre te tornaste

Pacificando o Império preparaste
Um Brasil forte, grande, nobre e unido
Repeliste o inimigo e o dominaste
Mas sem deixar as cinzas reduzido

A geração futura comovida
Há de louvar os esforços ingentes
Em prol do grande povo brasileiro,

Morrestes mas a História não te olvida
E dirá quem tu fostes eternamente
Formidável, brioso, audaz guerreiro²⁵².

Observando ainda, os textos que compõem os álbuns de História, foi possível identificar um segundo objetivo, voltado não para o culto ao passado, mas para a

²⁵¹ A.12\1939.

²⁵² A.10/1939.

Educação Moral e Cívica²⁵³ em que o foco se volta para o desenvolvimento de vínculo com o país, de forma a desenvolver a identidade nacional ²⁵⁴.

No álbum *Comemorativo da Semana da Pátria*²⁵⁵, confeccionado pelos (as) alunos (as) da professora Cifra Lacerda no ano de 1939, os assuntos perpassam tanto nas questões históricas que retratam a vida dos políticos ilustres e os vultos célebres numa versão de exaltação da pátria e nacionalismo, quanto, também, pelos clássicos da Literatura Brasileira nos textos “*Nossa Língua*” de Daltro Santos; “*A Pátria*” de Rui Barbosa. De maneira geral, a ênfase desses textos recai sobre o desenvolvimento dos sentimentos pátrios, afirmando que o respeito pela Nação garantiria a formação do cidadão do futuro, trabalhador e cômico de suas responsabilidades. Percebe-se o recurso aos textos literários no desenvolvimento de uma educação cívica, de caráter nacionalista, calcada no ufanismo.

Esse aspecto pode ser constatado nos versos da poesia *A Terra Brasileira*²⁵⁶ que mostra o claro propósito de tornar o aluno das escolas primárias, no período de 1930 a 1950, do século XX, ciente de seus deveres cívicos:

Pátria que tens no nome a rubra cor da aurora
E no verde pendão que o globo azul decora
A eterna primavera alçando em micles de ouro,
O Cruzeiro do Sul guardas como tesouro,
és a Pátria ideal, pacífica, altaneira,
O país d’aliança – Terra Brasileira!

Na terra brasileira as aves quando cantam,
Em êxtases de glória as almas se levantam
As belezas sem par da natureza inteira
Vem todas coroar-te, ó Terra Brasileira!

[...] és grande e foste grande, agora e nos passados
De heroísmo e amor és berço e tûmulo sagrado!
Será ainda maior, pregando à humanidade
O trabalho, a ciência, a paz e a liberdade
E o clarão estelar da trêmula bandeira,
Hás de sorrir feliz, ó Terra Brasileira.²⁵⁷

²⁵³ A reforma Francisco Campos em 1931 promoveu a centralização do recém criado Ministério da Educação.

²⁵⁴ FONSECA, 2003.

²⁵⁵ A.12/1939.

²⁵⁶ Não está identificada a autoria da poesia.

²⁵⁷ A 12/19392.

Nesse caso é nítido o caráter formador dessa disciplina quando procura empreender por meio das leituras o respeito e o amor pela pátria, o civismo e o respeito à nação, de modo a produzir o aluno\cidadão cívico-patriótico.

Os álbuns de pesquisa confeccionados, na aprendizagem de valores cívicos, destacavam a aquisição de sentimentos e práticas patrióticas: “amar o Brasil de todo o coração, considerando o sagrado nome da Pátria”; “Saudar a Bandeira Nacional, quando passar junto dela, ou/ e conhecer a organização política da República e do Estado²⁵⁸”. A produção da identidade nacional no aluno aparece também no recurso à linguagem imagética, através do recorte de gravuras, na cópia e desenho das insígnias de civismo e patriotismo representados pelas bandeiras e emblemas. Também a identificação com as cores da Nação aparecem nos contornos que margeavam os espaços de escrita, desenhados em verde e amarelo.



²⁵⁸ Minas Gerais, *Revista do Ensino*, nº 4, 1930. Normas apresentadas por Firmino Costa no Congresso de Instrução Primária: 1. Amar o Brasil de todo o coração, considerando o sagrado nome da Pátria; 2. Saudar a Bandeira Nacional, quando passar junto dela; 3. Ouvir de Pé sem chapéu o Hymno Nacional e aprender a cantá-lo; 4. Conhecer a organização política da República e do Estado; 5. Comparecer às festas cívicas e às festas escolares; 6. Traçar o mapa do Brasil com a sua divisão política; 7. Exercer com civismo os seus direitos de eleitor; 8. Estudar freqüentemente a história do Brasil; 9. Interessar-se pelo progresso de sua cidade e município; 10. Inscrever-se como sócio da caixa escolar e irmão da Casa da Misericórdia.

Fonseca,²⁵⁹ afirma que o ensino de História não se restringe ao estudo dos registros escritos, mas no recurso à linguagem imagética e a produção de uma memória iconográfica. Para a autora, o aluno na relação com a disciplina, independente da forma metodológica e da linguagem utilizada, trava relações com o imaginário e as representações políticas da Nação.

Para além da formação cívica, os documentos oficiais de orientação de ensino voltavam-se para o desenvolvimento de uma educação moral fundada na compreensão e introjeção de deveres sociais e patrióticos. A educação cívica deveria ser feita através dos exemplos dos grandes cidadãos que sobressaíram como pessoas que lutaram por seus ideais. Era, portanto, o estudo biográfico que se apresentava como estratégia de ensino que incrementava o movimento nacionalista.

Na aprendizagem da História, outra dimensão presente nos álbuns era a ênfase no desenvolvimento tecnológico destacando-se o movimento histórico de produção científica, em que eram destacadas as inovações tecnológicas advindas com o progresso, com a industrialização e com a urbanização.

Foi possível notar nos álbuns confeccionados a partir de 1940 a presença de lições que retratavam o nacionalismo associadas, juntamente, aos objetos que passavam a integrar uma sociedade moderna: o telefone, o telégrafo, o rádio, a locomotiva e outros. Essa integração passa a ser vista como fundamental para compreender um discurso que se embasa nas representações de um país que se volta para o progresso. O álbum denominado *Instrução Moral*²⁶⁰ confeccionado pelas alunas da 4ª série da professora Cifra Lacerda difundem formas de pensar a História da produção científica, centrada na produção de novos aparelhos e técnicas, dando-se destaque aos inventores, os grandes vultos do progresso.

A photographia

A invenção da photographia data do ano de 1815, foi seu inventor o Frances Daguerre. A utilidade da photographia é extraordinária, substitue com vantagem a pintura, o desenho, etc²⁶¹

O telegrapho

Os ingleses foram os inventores do telegrapho por tranlação, usado no correio urbano das grandes cidades. Telegrapho electrico é aquelle que emprega a eletricidade como agente de transmissão.

²⁵⁹ FONSECA, 2003.

²⁶⁰ A.21/1939.

²⁶¹ Escrita da aluna Iraci Marinho, A.21/s/d.

Relegrapho sem fio é o que dispensa postes, fios ou cabos. O telegrapho de indução foi inventado pelo norte americano Edison em 1891 e o de radiação pelo italiano Marconi em 1936²⁶².

Raios X

Raios X é o processo inventado em 1895 pelo physico e professor allemão Rontgen. Os raios X permitem photographar os corpos opacos como o interior do corpo humano, o interior de uma mala fechada etc

O raios X têm uma larga applicação na Medicina. Permittem diagnosticar certas enfermidades ou lesões orgânicas [...]Permittem localizar a entrada de corpos extranhos como balas, estilhaços,alfinetes, agulhas etc.²⁶³

Interessante notar que nessas lições transparece, também, uma série de representações sobre as décadas de 1930-1950, momento em que os meios de transportes e de comunicação sobressaem como experiências e aprendizagens provenientes de uma sociedade capitalista, voltada para o desenvolvimento e para o progresso. Nessa direção, podemos perceber, também, que o projeto pedagógico da escola tinha interesse em garantir um aluno cuja identidade nacional estivesse fundada no respeito e culto ao passado, em sintonia com o presente e comprometido com o futuro. As representações sobre a modernização e o progresso marcam tal perspectiva.

Já no desenvolvimento de uma educação moral, deveriam ser internalizadas pelas crianças regras de convivências: o respeito ao outro, a obediência aos pais, a delicadeza no trato social, o repúdio à mentira, repugnância aos jogos e vícios, repúdio ao furto, as boas maneiras. Esses ensinamentos, contudo, não deveriam estar limitados aos horários reservados à disciplina, mas tratados em todas as matérias oferecidas.

No Programa do Ensino Primário de 1927, constata-se que a Educação Moral e Cívica estava associada ao ensino de urbanidades nas escolas, em que os sujeitos não eram mais os grandes personagens históricos, mas a criança em seu cotidiano.

3.3 As especialidades, a urbanidade e a formação da “mineiridade”²⁶⁴

²⁶² Escrita da aluna Zezé Viana, A.21/s/d.

²⁶³ Escrita da aluna Elza Novaes de Assis, A.21/s/d.

²⁶⁴ Termo apropriado de Fonseca, que mostra que o tema, apesar de polêmico, assumiu importância na construção e manutenção de uma identidade regional, apropriada com bastante regularidade na prática política. FONSECA, 2001, p.177.

A poesia *Minas Geraes*, explicita as belezas da terra e valoriza as tradições de sua gente. Esse era o papel conferido aos conteúdos de Geografia cuja intenção era difundir uma educação centrada no ufanismo e voltada para o desenvolvimento de uma identidade regional, no sentido de imprimir um sentimento de pertencimento ao Estado.

Minas Geraes é a majestosa terra
 Das montanhas... Encerra
 Nas fecundas entranhas
 Do seu torrão bendito,
 As pompas minerais de riquezas sem conta!
 Brota o ouro e o granito,
 Como de um roseiral a floração desponta...
 E esmeraldas, rubis, topázios e diamantes
 Surgem a flor do solo, recordando
 O firmamento, quando
 Coalhado, norte a sul, de estrelas fulgurantes!
 Minas é bem um ceo que ao outro espelha...
 Éden perdido em terra americana,
 Aqui viveu, por certo, em quadra velha,
 O primeiro casal da espécie humana.

A poesia, aqui considerada demonstra o caráter regionalista do Programa de Ensino, insistentemente, reafirmado pelo estudo sobre o Estado de Minas “[...] marcado pela conquista de riquezas representadas pelo ouro e pelas pedras preciosas²⁶⁵”, refere-se, igualmente às qualidades cívicas e sociais do povo mineiro.

A orientação geral para trabalhar a Geografia tem sua matriz geradora na construção da imagem de cada região, através do povo, de sua história, seu tipo físico, seus costumes, etc que “[...] devem ser estudados de um modo geral, salientadas as mudanças operadas no homem pelo clima, situação e configuração da terra por elle habitada²⁶⁶”. Ao mesmo tempo era enfatizado as particularidades do homem do meio rural, seus pertencimentos, seus costumes e suas tradições.

O Programa de Ensino preconizava um estudo, pormenorizado, para Minas Gerais. A referência ao Estado significava trabalhar com exercícios e lições que abordassem as principais cidades mineiras com enfoque voltado para a construção de estradas de rodagem, as vias de comunicação, o desenvolvimento do comércio e a indústria. As cidades históricas de Minas passam a ser tema das atividades escolares, bem como as cidades que são estâncias termiais, privilegiadas como expressão da

²⁶⁵ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1683-1684.

²⁶⁶ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1670.

riqueza das condições naturais, entretenimento e lazer. Esse direcionamento pautava-se em um conjunto de prescrições que propõem “[...] ao indivíduo o conhecimento do meio em que vive, fazendo-o relacionar-se com elle, podendo assim utilizar-se de suas condições geraes e comphreender facilmente a sua situação política e social²⁶⁷”.

Por outro lado, os álbuns de pesquisa de Geografia divulgavam um modelo de um país marcado pelo esplendor e gigantismo, em que as ilustrações e narrativas destacavam as belezas naturais, os recursos minerais, a extensão territorial e a grandeza das matas. De modo geral, essas atividades se apresentavam em textos e imagens que destacavam a importância da região Amazônica, mostravam a expansão do Rio São Francisco, davam ênfase aos picos e serras do território brasileiro, num projeto de construção de um sentimento nacionalista e ufanista, fundado na transmissão de conhecimentos de geografia física.

Os alunos firmavam o conhecimento dos diferentes Estados, tinham uma compreensão da realidade econômica, política e social, finalizando com a representação dessas realidades nos mapas.

No ensino de Geografia, em consonância com os preceitos escolanovistas, buscava-se o recurso a materiais de ordens diversas, calcados na linguagem imagética, como estampas de cidades em cartões postais, gravuras recortadas de jornais e revistas que são apropriadas pela escola. Na análise dos álbuns emerge também a transmissão de saberes voltados para a espacialidade urbana, enaltecendo o progresso expresso nas transformações das cidades. Os espaços coletivos, as praças, as ruas, avenidas e as práticas de sociabilidade promovidas pela urbanização, tudo isso justifica-se a partir da compreensão de que “[...] essas reformas também pretendiam dar vazão ao fascínio do belo, concretizar a indústria e a tecnologia, abrir vias de circulação, erguer os monumentos da razão moderna, elaborar o lugar dos indivíduos, demarcando os campos do público e do privado²⁶⁸”.

Percebe-se nas tarefas realizadas o direcionamento pedagógico voltado para o entendimento de diferentes espacialidades que revelavam as mudanças geográficas e os novos usos do espaço urbano. Esse enfoque espelha no espaço urbano o *locus* do progresso através dos usos que os habitantes fizeram de tais espaços. As obras de urbanização e as transformações ocorridas no cenário urbano eram amplamente divulgadas no noticiário jornalístico, sendo esses artigos transformados em tarefa

²⁶⁷ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927,p.1669.

²⁶⁸ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

escolar. Em Minas Gerais, a urbanização da cidade de Belo Horizonte, que foi projetada para ser a capital do estado mineiro, ganha destaque. Essa perspectiva se intensifica ao longo das décadas de 1930-1950 quando se procurava consolidar a imagem da nação em desenvolvimento. Veiga ressalta a relação entre o projeto de urbanização das cidades e o desenvolvimento de uma “educação estética²⁶⁹”, voltada para o desenvolvimento da sensibilidade estética no povo. Para a autora, os sujeitos seriam educados pelas novas práticas sociais e culturais advindas da transformação dos espaços urbanos, que seriam estendidas aos espaços escolares. Em suas palavras constitui se “[...] um novo sujeito social a ser educado para as práticas da civilidade”, identificadas com os espaços urbanos.



O desenvolvimento de uma educação estética identificada com os códigos e espaços urbanos traduzem-se na escola em duas expressões. Primeiro, a formação do olhar do aluno para as reformas urbanas, dando ênfase ao progresso. Em outra direção, a

formação de um novo sujeito social a ser educado²⁷⁰ no uso do espaço urbano, sintonizado com as mudanças de seu tempo.

Analisando o trabalho com os espaços urbanos destaca-se o desenvolvimento da identidade local, na aquisição de conhecimentos sobre a cidade de Carangola. O álbum *Nossas lições de Geografia*²⁷¹ proporciona a compreensão da forma de estruturação do conteúdo programático e reafirma a ligação escola-cidade.

Os conteúdos são apresentados seguindo uma lógica cronológica, de modo que é possível perceber o movimento de crescimento da cidade, iniciado pela história dos beneméritos e dos fundadores, depois pelas conquistas que levaram à organização das relações econômicas em torno do crescente desenvolvimento agrícola, especialmente em torno da produção do café, maior riqueza da região. As lições tratam dos meios de transporte, da ampliação do comércio e dos meios de comunicação, expressões do progresso político e social de uma sociedade em ascensão.



A história de Carangola ganha visibilidade através da ação dos administradores locais e dos dirigentes que edificaram o patrimônio da cidade. Nesse contexto tem-se o passado emoldurado em cartões postais: a estação rodoviária sobressai pela arquitetura

²⁷⁰ VEIGA, 1997, p.26.

²⁷¹ 271A, 44/1948.

neoclássica, os colégios mostram o investimento na educação. O fórum e os prédios públicos são valorizados como edificações que proclamam o progresso que chegou na pequena cidade do interior mineiro. Os casarões antigos podem ser considerados signos que representam uma elite local. As praças são espaços de manifestação do povo. O entorno da igreja matriz revela um cenário de significações religiosas e festivas que davam vida à cidade.

Na relação com tais signos, o aluno deveria construir uma imagem da cidade que teve sua inauguração no final do século XIX e viveu um período de esplendor econômico nos idos dos anos de 1930. Faz se presente a difusão de uma identidade

regional, a mineiridade, alicerçada no passado e reforçada no presente, marcando uma tradição, como aparece no texto de Pitanguy de Paula (op.cit, 1999):

A alma do mineiro fechada nas minas exaustas foi substituída pelos bens, pelos objetos, misturando-se com eles. Das minas, herdou o sonho e o gosto pela aventura, a vontade de romper barreiras de conhecer o mundo, o risco do jogador, e a rebeldia, a sede de liberdade, a dissipação do ouro que era encontrado e era rapidamente gasto...

A partir disso pode-se entender a construção de um ideário fundado no desenvolvimento da mineiridade.

Ainda em relação às tarefas de Geografia, vê-se que as lições escritas valorizam as tradições e a cultura local, esse aspecto pode ser apreciado através do exercício desenvolvido que evidencia as comemorações da IV Exposição Agropecuária que foram manchetes em 1948 no jornal *Gazeta de Carangola* e transformaram-se em tarefa escolar.



O
esplen
dido
animal
[que
vê-se
ao
lado]
é uma
vaca
“Serra

Veneza”, campeã de produção de leite da IV Exposição de Carangola pertencente à fazenda Serra de propriedade do Sr Sebastião Rocha (município de Tombos). Serra Veneza produziu o total de 98.800Kl em três dias, com três ordenhas diárias. Esta estupenda vitória da criação carangolense foi ponto alto da IV Exposição, demonstrando o acerto com que se vêm conduzindo os pecuaristas na seleção das espécies leiteiras.

Mais uma vez, o diálogo entre a escola e a cidade acontece por meio dos acontecimentos locais que chegam às salas de aulas e são materializados e monumentalizados em forma de álbuns de pesquisa escolar.

3.4 Língua Pátria, língua mãe, berço do aluno leitor\escritor

Nas sociedades contemporâneas, a competência de formação da leitura passa, via de regra, pela escola. Mais ainda, a própria escola incorpora o aprendizado da leitura como um de seus objetivos centrais. As considerações regulamentares que regem o ensino da Língua Pátria no Programa de Ensino de Minas Gerais de 1927 atribuem importância a essa disciplina como instrumento de instrução. Por um lado, os aparatos legais definem as diretrizes voltadas a construção de capacidades relacionadas ao desenvolvimento da boa leitura. Por outro, para as atividades pedagógicas de produção da escrita, de caráter instrumental, relacionadas à vida prática. Por fim, ao desenvolvimento de uma oralidade que incorpore os códigos da norma culta, também numa perspectiva instrumental, “[...] os alumnos devem saber manter uma conversa, tratar um negocio, redigir uma carta” tendo assim alcançado “o objetivo de tão valiosa disciplina²⁷²”.

Como bem demarca o Programa de Ensino de Minas Gerais, aprender a língua mãe requer um investimento que ultrapassa o ensino da gramática, diz respeito também a formação moral e cívica do aluno. As recomendações oficiais se ancoram no projeto pedagógico escolanovista, em que a leitura assume centralidade, o que se traduz, entre outros projetos, na proposição de criação dos *Clubes de Leitura*.

O desenvolvimento dos hábitos da leitura fundava-se em práticas de letramento escolar que visava instaurar determinados valores atinentes à formação do aluno leitor\escritor. Marília Imbelonni, em sua entrevista faz referência ao incentivo que a sua professora, D.Mariinha, dava à leitura: “[...] nessa época nós fazíamos a leitura silenciosa. A professora escrevia um texto no quadro, os alunos liam em silêncio, depois, ela fazia perguntas para serem respondidas oralmente. Todos os dias fazíamos leitura oral. A gente lia, a professora mandava parar e o outro continuava. Era uma forma do aluno prestar atenção ...”.

Mas, o que define como sendo uma leitura adequada ao universo escolar? Qual a literatura indicada? Ao abordar a questão do uso da literatura na escola, Chervel²⁷³

²⁷² Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1677.

²⁷³ CHERVEL, 1992.

indica-nos que “o quê” define algo como sendo do universo escolar ou literário é o uso que se faz desse objeto.

Para apreender um pouco mais do universo da leitura desses alunos que participavam das práticas dos *Clubes de Leitura* foi preciso atentar para os procedimentos metodológicos escolares, em que a escola deveria dialogar e incutir valores identificados com a modernidade. Segundo Nunes²⁷⁴, com o advento da modernidade “[...] o sujeito passa a ser um decifrador de uma cultura urbana em constante transformação”, portanto, se fez necessário a aquisição de diferentes formas de leitura coletiva e individual, silenciosa e em voz alta, em coro e dramatizada, em que busca-se, de acordo com os preceitos escolanovistas, desenvolver tais atividades de forma recreativa, desenvolvendo o prazer da leitura. Por outro, o contato com os textos propiciaria aos alunos a aquisição de um vocabulário erudito, que fosse reproduzido em suas práticas escriturísticas escolares, especialmente as redações.

Tomando por base as leituras sancionadas pela escola nos *Clubes de Leitura*, passei à análise interpretativa dos 12 contos que compõem o álbum de pesquisa nº 04/1937. Essa tarefa conduziu o meu entendimento a determinadas formas de apreender o mundo, a partir de significações descritas como padrões socialmente aceitos que conduziram às representações sobre a infância. Esse empreendimento significou, por um lado, ter contato com os discursos proferidos por outros suportes de escrita, além do livro didático, que serviram como mediadores dos conhecimentos nessa prática educativa. Por outro, significou apreender nos textos selecionados, as representações sobre o universo sócio-cultural, transmitidas pela escola.

Os textos, de uma forma geral, voltavam-se para a aquisição de bons hábitos, disposição para o estudo e comportamentos virtuosos pela criança. Os discursos em torno das representações do “bem” e do “mal” despertavam emoções que deveriam ser introjetadas na formação do caráter infantil, reproduzindo modelos de comportamentos considerados legítimos.

As situações projetadas pelo enredo da história e a condução dos personagens direcionavam identificações que acabavam instaurando um imaginário sobre o aluno modelo. Vê-se que, em linhas gerais, nos contos, os autores recorriam ao valor da “fidelidade”, da “amizade”, do “respeito aos mais velhos”, do valor do trabalho na formação do cidadão, dessa forma buscavam sensibilizar os pequenos leitores com temas que induziam ao autocontrole das emoções.

²⁷⁴NUNES, 1994, p.388.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Numa das edições da história intitulada “O mais belo presente”, encontramos as representações do “bom menino” relacionado à obediência e à submissão. O autor enfatiza os sentimentos de fidelidade e solidariedade como formas de expressão passíveis de merecimento do reconhecimento público e, conseqüentemente, de obtenção da recompensa, em contraposição aos comportamentos dignos de castigos físicos ou morais. O texto indicava\induzia intensamente atitudes e procedimentos assegurados por uma boa disciplina. A trama da história se desenvolvia no sentido de imprimir bons sentimentos, incentivando-o a ter atitudes civilizadas.

Nesse conjunto de textos, vê-se que o interesse em formar o aluno, ligava-se à percepção de que a “[...] infância seria o momento de formação de caráter²⁷⁵”. Em face

²⁷⁵ VIANA, 2006, p.100.

disso, cabia à escola promover iniciativas que serviriam como modelos para inculcar valores e preceitos que habituariam as crianças ao cumprimento de regras e de uma disciplina que lhes seria útil no futuro. Nota-se a expressiva presença de lições voltadas para o desenvolvimento do auto-controle pela criança, promotoras de um governo de si, em que a disciplina seria resultante não de mecanismos externos coercitivos, mas de um processo regulado pela própria criança, na internalização de valores sociais.

São retratados modelo de virtude e bons hábitos, valores considerados importantes para a formação do futuro cidadão que deve ser dotado de bons sentimentos, de atitudes civilizadas, de boa índole, trabalhador, respeitoso, dedicado no empenho e no zelo de suas tarefas, obediente, prestativo, temente aos princípios de religiosidade e saudável.

Outro conto intitulado “*Meia Tigella*” de Maria Velloso, toma como pontos centrais as representações de humildade e de bondade que fazem do protagonista da história um exemplo a ser seguido. O título sugere os constrangimentos pelos quais o protagonista vai passar, porém, mostra também sua perseverança diante das dificuldades ao colocar em evidência a capacidade individual de superação em aprender a ler, a despeito dos obstáculos sociais e das caçadas dos irmãos. É mais uma leitura que reforça o reconhecimento dos talentos de quem se esforça.

Sobre a produção literária destinada à criança, é possível encontrar em Gouvêa²⁷⁶ uma reflexão sobre como tal produção é constituída por representações que constroem um imaginário sobre a infância. Nessa produção simbólica são transmitidos padrões de comportamentos, sentimentos e valores que deveriam ser reproduzidos pelo leitor “[...] a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas, tidos como expressões da verdade.²⁷⁷”. A autora destaca, ainda, que os textos literários destinados às crianças são marcados por uma alteridade entre o autor e o leitor a quem se destina. Ou seja, são leituras destinadas às crianças em que um adulto situado em um grupo geracional diferente daquele do leitor pretendido busca expressar as vivências das crianças através de sua ótica. Sendo assim, “[...] escrever a criança é sempre dirigir-se a um outro, ao mesmo tempo que produzi-lo através do exercício da escrita²⁷⁸”. Pode-se dizer que as experiências de leituras promovidas pela escola atuavam como estratégias de

²⁷⁶ GOUVÊA, 2005, p.10.

²⁷⁷ GOUVÊA, 2005, p.10.

²⁷⁸ Ibidem.

conformação que visavam à construção de um ideário infantil, conformando um aluno leitor- escritor.

O discurso poético era uma outra via bastante utilizada como prática nos *Clubes de Leitura*. Que papel a escola outorga às poesias como dispositivo de formação do aluno? E que contribuições essa prática pedagógica tem dado para que os alunos se tornem leitores e escritores? Quais os padrões de infância construídos a partir da reprodução dessas poesias?

A leitura do conjunto das 202 poesias distribuídas nos 50 álbuns foi feita com intuito, principalmente, de conhecer o referencial literário utilizado nessa prática. Sendo assim, considerei as 171 poesias transcritas e as 31 retiradas de jornais e revistas. Organizei-as por temática, destacando o foco de maior centralidade no texto e destaquei os autores. Esse esforço derivou um quadro sintético que permitiu-me uma visão, mesmo que simplificada, das representações construídas para uma infância escolarizada. As temáticas se instalavam principalmente, em torno dos padrões de civismo e patriotismo, como também o desenvolvimento de vínculo com a tradição e a família.

QUADRO 07

Autores		Temáticas	
Mario de Lima	36		
Olavo Bilac	15	APátria/Símbolos Pátrios/Brasil	39
Aquiles Alves	16	Tema Religioso	06
Gonçalves Dias	11	Minas Gerais/	07
Djalma Andrade	4	Inconfidência Mineira/ouro Preto	40
Casimiro de Abreu	3	Árvores /Primavera	24
Martins Fontes	2	Caxias/República	14
Tagore	2	Escravidão	12
Augusto de Lima	3	Mãe	53
João de Deus	2	Pai	4
Castro Alves	2	A infância	10
Belmiro Braga	2	O trabalho	3
Sem Identificação	20	Outros	51
Outros	84		
TOTAL	202		202

Síntese dos autores e das temáticas das poesias

A maioria das poesias (70%) se dedica a ditar modelos de comportamento ou a exaltar valores considerados importantes para uma boa formação moral dos alunos. Esses dados mostram uma profusão de elementos que a escola promove, não apenas com o compromisso de ensinar a ler e escrever, mas, principalmente, no intuito de formar cidadãos. Nas poesias tem-se reiterados os ideais de nacionalismo que apareciam não só nos textos de História, mas também na literatura.

Outros dois elementos chamam atenção em relação ao repertório das poesias: primeiro, percebe-se a escolha de acordo com os cânones literários da época, buscando construir um repertório da infância, como: Olavo Bilac, Castro Alves, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, entre outros autores apropriados pela escola. Por outro, fazem-se presentes outros autores, que são trabalhados pela escola, em função dos valores que se buscavam transmitir e não por sua relação com os cânones literários. Neste caso, autores como Mario de Lima, Aquiles Alves, Leôncio Correia, Evaristo da Veiga, Augusto de Lima, Belmiro Braga se fazem presentes. Tem destaque o trabalho com Mario de Lima, com 14,5% do total das poesias escritas, poeta brasileiro que desenvolve temática religiosa.

Pode se observar, ainda, que as poesias inseridas nos álbuns no final da década de 30 tratam de questões relacionadas à Nação, já as relacionadas à década de 40 trazem a

valorização do trabalho e a imagem do bom brasileiro. A figura do trabalhador é bastante significativa, assim também é a representação do trabalho, como ‘instrumento de realização social e individual²⁷⁹’. O culto ao trabalho foi uma das intenções do projeto Varguista, cujo objetivo era inculcar no indivíduo a idéia de que cada brasileiro através do seu esforço contribuiria para uma sociedade moderna e desenvolvida. A poesia *O trabalho* de T. Pessanha, afirma essas concepções que legitimam os valores para uma infância em formação.

O trabalho tudo vence,
Pois diz o velho rifão;
útil é a nossa vida
Com ele se ganha o pão.

Viver ás custas dos outros
É muito feio senhor!
Ter é melhor que pedir;
Ter o que dar é melhor.

O homem que não trabalha
E quer viver ocioso
Ou viverá na miséria o
Ou será um criminoso

Mas, logo que tenha força
E dela possa dispor
Quero ser como é meu pai
Um homem trabalhador

Todos devem trabalhar!
Ser ocupado é ser nobre;
O vadio é um parasita
Que está fadado a ser pobre

Trabalhando se consegue
Uma vida feliz ter
Para si tendo o bastante
Podendo aos outros valêr.

Enquanto sou pequenina
E não posso trabalhar
Devo só em meus estudo
Meu tempo todo empregar.

Porque, gozando saúde
E podendo trabalhar,
Só é pobre quem quer ser
Ninguém poderá negar...

²⁷⁹ FONSECA; VAZ, 2002.

Trabalhadores honestos
Sejamos amigos meus,

Que assim a nós nos servimos
À nossa pátria e a Deus²⁸⁰.

Tomando por base o teor valorativo inscrito na poesia acima, tem-se a representação do “bom brasileiro” sustentada na idéia de que “o trabalho dignifica o homem”, difunde e reforça o modelo a ser seguido pelas crianças e jovens, solidificados pelas idéias vinculadas pelo regime da época. Tal perspectiva revela o quanto o governo varguista interviu nas diferentes esferas nacionais de forma a produzir uma leitura da Nação e seu povo que rompesse com algumas representações vigentes. Oliven²⁸¹, ao analisar a música popular brasileira produzida na década de 30, aponta o freqüente culto à malandragem e a crítica ao trabalho. Segundo o autor, um dos alvos do Estado Novo e da DIP Divisão de Imprensa e Propaganda era reverter a tendência dos sambistas de exaltar a malandragem, incentivando os compositores a enaltecer o trabalho e a abandonar as referências elogiosas à malandragem. Evidentemente, no contexto escolar e tendo em vista o sujeito infantil, outras estratégias eram utilizadas para incutir o valor do trabalho, positivando o tom que se destaca aos textos literários.

Outro tema freqüente era a família e seus membros. No conjunto dos 50 álbuns, dois estão relacionados às comemorações do “Dias das Mães”²⁸², perfazendo um total de 53 poesias sobre o tema. Nesse material estão produzidas representações do modelo de mãe carinhosa, dedicada, virtuosa, não só através dos discursos, mas também no recurso à imagem.

Os álbuns dialogavam diretamente com o calendário escolar, monumentalizando algumas datas. Aparecem poesias relacionadas a outras comemorações sociais e escolares, o “Dia dos Pais”, comemoração da “Proclamação da República”. A produção de uma memória escolar buscava destacar alguns acontecimentos históricos, trazidos do universo social mais amplo, como também introduzir a celebração de datas que têm na escola o espaço de afirmação, como o Dia da Primavera. Tais datas, ao serem ritualizadas através do calendário escolar, produzem um repertório da memória do aluno, tornando-se peça característica da cultura da instituição.

²⁸⁰ A. 40\1945.

²⁸¹ OLIVEN, 1986.

²⁸² A.1\1930; A.15\1939.

3.5 Álbuns de Ciências, o investimento no sujeito saudável



Nas listas de óbitos a infância figura em 1º lugar e as moléstias das vias digestivas são as responsáveis pelos elevados algarismos dos seus registros mortuários. E isso devido à falta completa de conhecimento de puericultura e particularmente dos preceitos de higiene alimentar da criança (A.42\1945).

A partir do final da década de 1920, observa-se que a saúde aparece como um dos pilares da grande campanha de regeneração nacional pela educação²⁸³, sendo constituída por um corpo de saberes produzidos na confluência entre a Biologia, o Higienismo e a Psicologia.

O domínio de tais saberes seriam antídotos contra os hábitos e cuidados com o corpo da população, principalmente das camadas populares, tidos como obstáculos ao progresso para o Brasil²⁸⁴. O Programa de Ensino é explícito no interesse demonstrado pela organização escolar do Estado de Minas Gerais, sobretudo no que diz respeito à saúde dos alunos quando o mesmo estabelece diretrizes para uma Educação Higiénica, incluindo-a como um dos grandes centros de interesse no trabalho didático²⁸⁵. O alvo é o corpo do aluno, a ser regulado de acordo com um projeto educativo.

O Regulamento de Ensino Primário de 1927 prevê no artigo 308 § 2 “[...] a inspeção diária do asseio da saúde” sendo reafirmada a “[...] subordinação da infância a uma das áreas do curso médico²⁸⁶”. Esse dispositivo determina que a escola deve proceder como a “casa da hygiene”, a serviço da disseminação de uma prática higiênica

²⁸³ CARVALHO, 1997, p. 283.

²⁸⁴ Esse movimento de confronto com a escola tradicional ganha dimensões à medida que o discurso higienista se estrutura sob a égide da psicologia infantil e da biologia, inspirados em Clapared e Decroly, garante um franco desenvolvimento segundo os princípios escolanovistas.

²⁸⁵ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1698.

²⁸⁶ GONDRA, 2002, p. 101.

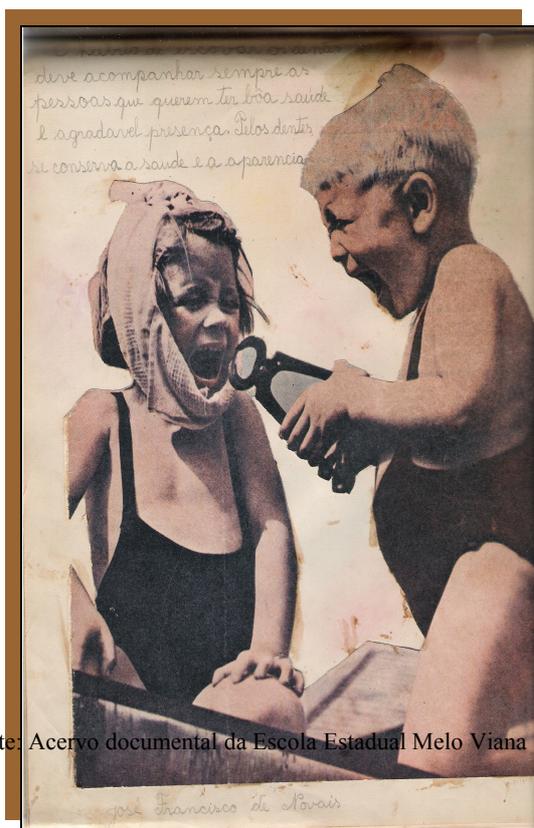
destinada a verificar as condições previstas para a ambiência escolar, orientar quanto às questões relacionadas à saúde e “[...] a correção dos defeitos remediáveis²⁸⁷”.

O movimento protagonizado por médicos e higienistas em favor da reforma dos serviços de saúde tem inúmeros pontos de contato como o promovido por amplos setores da intelectualidade em favor da causa educacional. Para Carvalho, não apenas porque ambos tinham como objetivos comuns a reforma de serviços públicos, a modernização do país e a ampliação das possibilidades de participação política e de atuação profissional, mas, principalmente, porque saúde e educação se apresentava para seus agentes como questões indissociáveis. “[...] No campo da saúde, firma-se nos anos 20, a convicção de que as medidas de política sanitária seriam ineficazes se não abrangessem a introjeção, nos sujeitos sociais, de hábitos higiênicos, por meio da educação²⁸⁸”.

A higiene constituiu-se como saber escolar, entendendo a instituição como irradiadora de uma educação não apenas para a criança, mas também direcionada à família. Nos álbuns de pesquisa a preocupação com esse conteúdo é mantida ao longo

do período analisado.

Nota-se através dos exercícios escolares no início da década de 40, a forma como a escola tratava a educação e a saúde. Hábitos de higiene, a atenção com uma boa alimentação, os cuidados com o corpo, a vacinação, as visitas ao médico e ao dentista, tudo isso aparece como temas que definem comportamentos e hábitos a serem adquiridos. A tarefa abaixo ilustra esta dimensão:



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

O hábito de escovar os dentes deve acompanhar sempre as pessoas que querem ter boa saúde e agradável presença. Pelos dentes se conserva a saúde e a aparência²⁸⁹.

²⁸⁷ Minas Gerais. Programa do Ensino Primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927, p.1698.

²⁸⁸ CARVALHO,1997, p. 280.

²⁸⁹ Escrita não identificada, A.25\1940.

Os textos das lições apostam em um discurso higienista com informações claras de como proceder para manter os cuidados com a casa, com as vestimentas, com o cozimento dos alimentos combinado com explicações sobre os tipos de doenças e modos de preveni-las. Os argumentos mobilizam para a importância de uma boa alimentação, afirmam a necessidade de a criança crescer forte. Essa perspectiva ocupa uma parcela significativa dos materiais didáticos, voltando-se para a formação de uma infância saudável.

No que diz respeito aos conteúdos de Ciências, sobressaem-se as lições que focam a higiene num discurso prescritivo fundados em preceitos científicos de promoção da saúde e de prevenção, através de listas e mandamentos. A lição “*Os mandamentos da Higiene*”²⁹⁰ é ilustrativa:

Respirar ar puro sempre renovado, viver o mais possível ao ar livre, dormir de janelas abertas.
Trabalhar, praticar os exercícios físicos, dormir 8 horas por noite.
Fazer todo o necessário para evitar as doenças infectuosas.
Cuidar dos dentes e comer devagar alimentos sãos.
Estar, andar e sentar-se com o corpo direito.
Evitar o álcool, o fumo e o hábito de drogas.
Observar o maior asseio no corpo e nas roupas.
Conservar a casa limpa, com ordem e arejada.
Evitar a ociosidade e o esfalfamento.
Manter o espírito ativo, alegre, sereno e puro.

O exercício corresponde aos saberes legitimados pelo conteúdo de Ciências que por um lado trata das práticas necessárias para obter uma vida saudável através do asseio, por outro inculce valores acerca de como se portar ou desenvolver bons hábitos. Esses discursos se apresentam como dispositivos de higienização relacionados às práticas intra e extra-escolares. Além de hábitos de higiene, da repressão a comportamentos como o uso do fumo, álcool e drogas, estes não característicos da criança, busca-se inculcar o emprego do tempo em ocupações úteis como forma de evitar comportamentos degenerados.

A redação produzida pelo aluno confere não só a natureza dos conhecimentos produzidos em sala de aula, mas também demonstra a tentativa em responder às demandas institucionais referentes à conduta esperada.

²⁹⁰ A.42/1945.

Carlinhos passeava pela margem de um córrego que fica perto de sua casa, quando olhava a água correndo por entre as pedras, ouviu uns miados ali pertinho. Andou um pouco e avistou uma sacola velha amarrada, onde os gatinhos estavam. Ficou muito triste com aquilo, e correu, e deu um arranco forte e arrebentou o barbante. Teve uma grande alegria: encontrou dois lindos gatinhos[...] a mamãe quando chegou pediu que Carlinhos desse leite aos gatinhos. Então, sim, eles ficaram muito alegres. Carlinhos mandou vacinar os gatinhos por causa da raiva, que é uma moléstia²⁹¹.

Vê-se a preocupação da escola em disseminar um discurso que consistia em desenvolver uma profilaxia preventiva, no incentivo à vacinação, fundado num saber médico. Nas práticas escolares esse aspecto toma forma nas descrições das diversas doenças, das formas de prevenção e do tratamento. Percebe-se nesses textos que o conhecimento científico era transmitido atravessado por um discurso moral.

As lições “*Môscas*”; “*Os mosquitos da malária*”, “*A opilação*” entre outras, caracterizam-se por apresentar formas de prevenção e de tratamento de doenças e orientações de como se comportar. Esses textos agem não só na difusão dos preceitos higiênicos, mas também na afirmação de uma vigilância, que se estenderia para além dos espaços escolares, dirigindo se às famílias.

Não são poucas as gravuras em que as crianças aparecem sob a vigilância do adulto na execução das práticas de higiene, há também um direcionamento para a prática de exercício físico em ambientes arejados e saudáveis, situações representadas como adequadas ao desenvolvimento da criança.

Nos álbuns de pesquisa a transmissão de conhecimentos científicos tem em vista a intervenção na “constituição de corpos infantis²⁹²”. Verifica se que essa conformação de corpos vai estar ligada a novos ordenamentos temporais e espaciais, os quais, refletem tanto nas transformações do espaço físico, quanto demandam novas maneiras de ser, portando novas sensibilidades.

Ao tratar da educação de corpos infantis, Vago²⁹³ assinala em seu trabalho, como a escola inscreve nos corpos das crianças modos considerados civilizados, orientando-as a assumir condutas corporais distintas daquelas que possuíam. Determinadas práticas e vivências das crianças vão sendo substituídas por aprendizagens que conformam uma nova relação com o corpo, intervindo na construção da subjetividade do aluno. Isso

²⁹¹ Sem identificação, A.42\1945.

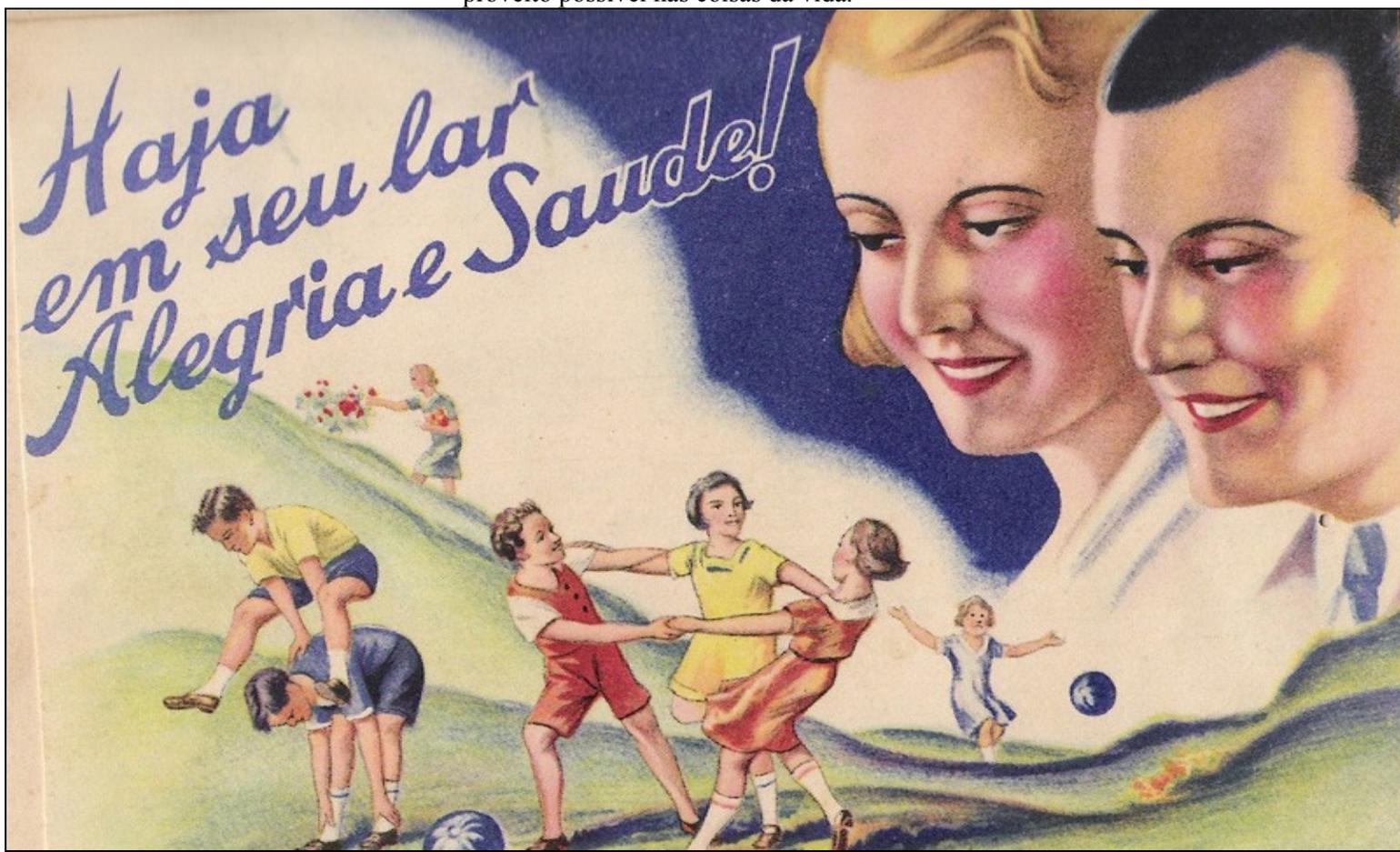
²⁹² VAGO, 2002.

²⁹³ VAGO, 2002, p. 213.

pressupunha a destituição de hábitos culturais, com imposição de condutas e práticas corporais autorizadas, de acordo com os padrões higiênicos e estéticos vigentes.

A experiência de conformação de corpos infantis também aparece na valorização da saúde como atributo para o sucesso: “a saúde é a base de todo o triunfo”, “a saúde é a melhor riqueza”, “corpo são, mente sã”, “a ociosidade é um mal”, eram premissas que deveriam ser seguidas pelas crianças. Há uma pregnância de um discurso moral e religioso, em temas relacionados à pureza e à limpeza. Na lição a seguir, o sentido moral embasa o compromisso da infância como tempo de formação de hábitos saudáveis que vão interferir na produção do corpo e da mente.

A saúde é a base de todo o triunfo e de toda a prosperidade. Saúde significa confiança, certeza, valor, fé em nós mesmos e nas outras pessoas. Significa virilidade, alento, vigor, eficácia e domínio próprio. Intensifica as faculdades da alma e aumenta a elasticidade dos nossos meios de ação. Finalmente, tudo quanto na vida existe de adorável depende da saúde até tal ponto que, pelo lado material, o nosso principal dever é velarmos pela boa conservação do nosso estado físico, em obediência ao primeiro e importantíssimo mandamento da lei da prosperidade, que nos recomenda o maior esforço e o maior proveito possível nas coisas da vida.



Essa concepção educacional volta se para a inculcação de preceitos identificados com a cultura capitalista, em que a importância de práticas esportivas é destacada na ocupação do tempo livre da criança, devendo este ser preenchido por exercícios físicos, música, canto e dança de forma a garantir a prosperidade “[...] em obediência ao primeiro e importantíssimo mandamento da lei da prosperidade, que nos recomenda o maior esforço e o maior proveito possível nas coisas da vida”.

É possível encontrar também preceitos voltados para repressão de hábitos como o uso do álcool e do fumo. O texto a seguir indica esse teor: “[...] Fumar é vício caro, pouco asseado e prejudicial à saúde. O fumante traz consigo cheiro desagradável para os que não fumam [...]. Não devemos fumar.”

Na seqüência o texto *O alcoólatra*, tem como objetivo orientar quanto aos perigos dos vícios: “[...] o alcoólatra: O ébrio é um infeliz. Êle torna-se indiferente a tudo, sem energia, sem iniciativa, medroso, sujo, coberto de imundícies, sem moral, sem noção de deveres, sem quaisquer sentimentos bons. O ébrio perde o domínio próprio e fica temível. Está pronto para o crime²⁹⁴.”

Assim como os textos anteriores, o texto “*A sífilis*” volta se para a repressão de hábitos e comportamentos relacionados ao universo adulto. A criança deveria introjetar, na escola, a rejeição a tais hábitos e comportamentos. A condição de futuro adulto informa a circulação de tais discursos

A sífilis é uma doença hereditária e contagiosa. O contágio pode dar-se pela saliva, pelo leite da mãe e pelo suor. É transmitido por meio de um micróbio. A sífilis pode originar as seguintes enfermidades: a cegueira, a loucura, paralisia geral, úlceras profundas, doenças da pele, neurastenia, artérie esclerose, etc. A sífilis é considerada um dos flagelos da humanidade e causa muitos males ao Brasil²⁹⁵.”

É significativo como os três textos, apesar de estarem dirigidos à criança, retratam assuntos que não são infantis. No caso do texto sobre a sífilis, em função do

²⁹⁴ A.42/1945.

²⁹⁵ A. 42\1945.

leitor infantil é escamoteada a principal forma de transmissão da doença.

Sthepanou²⁹⁶ retrata a relação existente entre o discurso médico e o discurso pedagógico no campo educativo e identifica nos postulados eugenistas a atribuição à carga hereditária como determinante na constituição do indivíduo. Em contrapartida o discurso pedagógico, veiculado nos álbuns, se encontra balizado com os princípios de uma educação higiênica no sentido de “[...] aplacar seus efeitos com intervenções preventivas e educativas” para a formação dos indivíduos.

Uma representação sobre o que se pretendia com a inserção de modelos a serem seguidos, não só atingem as crianças, mas, também se estende à formação da família, na pretensão de aperfeiçoar os sentidos para cultivar racionalmente os bons hábitos e promover a saúde física.

Constata-se, a partir do exposto que o currículo da escola primária foi estruturado como alicerce da formação de uma nova sociabilidade pautada na nacionalidade, nos valores morais e nas habilidades necessárias para desenvolver a estabilidade e a consolidação do progresso político e social do país que forma cidadãos para o futuro.

Ao final desse capítulo pode-se considerar a confecção dos álbuns de pesquisa como verdadeiros testemunhos que apontam para várias dimensões de significados. Primeiro, sinalizam uma preocupação em desenvolver o senso estético na criança porque atendia de modo mais completo às exigências de dar publicidade ao que fora ensinado na escola. Segundo, atendia ao papel de difundir diferentes representações do aluno a ser formado, promovidas principalmente, através dos discursos legitimados pelo currículo oficial. Terceiro, pode-se considerar que o estudo dos álbuns a partir da estruturação por conteúdos aglutinados em eixos de conhecimentos possibilitou perceber como a escola buscou a consolidação de projeto educativo de base inovadora que se ancora nos princípios escolanovistas, com a finalidade de educar. Se a escola tem como finalidade preparar a criança para a vida social fazendo com que ela assimile e interiorize a ordem moral e intelectual, assim também o faz em relação ao sentimento de regionalismo e ao que concerne os princípios de higiene, essenciais à uma vida saudável. Enfim, pode-se dizer que práticas como essa cumprem uma importante função no campo educacional de agir como instrumentos que ao mesmo tempo em que individualizam, subjetivam, cultivam valores, orientam e oferecem a oportunidade de as crianças exercerem os sentimentos de responsabilidade e de cooperação.

²⁹⁶ STEPHANOU, 2002.

CAPÍTULO 4

A narrativa das crianças em composições escolares



Mãe

(Composição).

Mãe é um nome doce, adorável e carinhoso para os filhos.
A mãe é quem ensina os filhos serem bem educados.
A mãe é quem com todo carinho ensina os filhos, ler e
escrever as melhores palavras.

A mãe ensina os filhos a serem bons e obedecer os pais.
Os filhos devem ser estudiosos para que depois possam ser
professores.

As mães devem educar bem os filhos porque é feio um
filho falar coisas ruins e más palavras.

Belia Fernandes Galla

4.1 Por entre os caminhos das composições escolares

As pesquisas em História da Educação ao se debruçarem sobre a infância têm ampliado suas fontes historiográficas de maneira a focar não somente o que os adultos escrevem sobre as crianças, mas também, as próprias escritas infantis. Convergente a essa proposta, passo a analisar nesse capítulo, as “composições escolares” como práticas escriturárias produzidas no interior de uma cultura escolar que desvela as representações da escolarização da infância. Essas composições constituem um tipo de exercício, eminentemente, escolar que se apresenta, por um lado, como estratégias de escrita promotora dos domínios da ortografia e da gramática e, por outro, instrumento que refina sensibilidades e espelha comportamentos, traz à tona as tensões que povoam o ideário infantil e “[...] reflete as variedades de espaços sociais de inserção e conformação das experiências históricas de ser criança²⁹⁷.

Sob essa perspectiva, a escrita de composições confere visibilidade aos modos de expressão do aluno, indicando as diferentes experiências sociais da infância, a partir de seu pertencimento social. Tomar os textos dos alunos como fonte significou estabelecer algumas conexões entre “o quê” a criança escreve e “como” se expressa ao desvelar os sentidos produzidos no processo de escolarização da infância. Tais textos,

²⁹⁷ GOUVÊA, 2003.

também, me permitiram perceber como apropriavam-se dos papéis que lhes foram atribuídos pela cultura.

Embora as composições tragam marcas do contexto escolar que dirige sua produção, seja pela intervenção da professora seja por um adulto mais capaz, elas revelam produções escritas que representam o lugar social de uma certa infância e, podem ser compreendidas como expressão histórica de uma cultura infantil autorizada pela escola. Os elementos indicativos de uma cultura geracional, produzidos no interior da cultura mais ampla podem ser percebidos pelos contextos, pelos personagens das histórias e suas condutas que reconstituem a construção de uma infância que dialoga com o social e expressa o cotidiano infantil. Esses aspectos foram possíveis de serem percebidos como reveladores de uma subjetividade do aluno, cujas representações aparecem expressas nas narrativas das histórias.

Para proceder ao estudo das composições, adotei a análise dos textos com base no “*caminho narrativo*²⁹⁸” desenvolvido pelo autor de cada composição. Analisar o material discursivo implicou tanto em observar as especificidades referentes ao artefato material, quanto a perceber como o aluno/autor desenvolveu o argumento narrativo na construção do texto de forma a indicar uma experiência estética²⁹⁹ e escritural. Isso significou acompanhar o encadeamento da escrita do texto em relação à ilustração e perceber como, em geral, a imagem dirigia o sentido da escrita. Os títulos facultaram-me perceber em que contexto a história transcorria e me deram pistas acerca da estrutura narrativa. Considerei os diálogos que as crianças travavam com o contexto social, detectando nas histórias os personagens e os ambientes em que se passavam as histórias e listei os elementos que faziam parte do universo infantil. Essa tarefa me proporcionou o entendimento de como as crianças re-produziam suas experiências e/ou indicavam as projeções de papéis sociais. Fiquei atenta à “enciclopédia” do aluno, ou seja, ao conjunto de conhecimentos escolares apreendidos e que estavam sendo demonstrados através da escrita.

A maioria das composições segue um esquema típico de construção: a escrita inicia-se pela apresentação do personagem principal com sua descrição anunciada, geralmente, por meio dos adjetivos, o que já esclarece logo no princípio da história o perfil adotado pelo protagonista, o que vai, conseqüentemente, interferir na condução da

²⁹⁸ GALVÃO, 2000, p.161.

²⁹⁹ GALVÃO, 2000.

narrativa. Depois, são introduzidos elementos que dirigem o contexto em que caracteriza o universo no qual a história se insere: descrição dos lugares onde ocorrem as cenas, o surgimento de personagens secundários e a caracterização dos elementos que farão parte da trama. As narrativas continuam por meio de argumentos que são valorizados, tanto pela escola, quanto pela família. Dessa maneira, observa-se que, em geral, aparecem situações consideradas adequadas pela incorporação de bons hábitos, expressão de bons sentimentos e pela descrição das relações de sociabilidade. Em outra direção, o argumento narrativo se volta para a correção dos maus exemplos. Há, o reforçamento do projeto disciplinar em que o bom comportamento é reconhecido pelo grupo de pertencimento do personagem ou passam a ser definidas novas pautas de conduta, de modo a atender as expectativas do grupo vigente. A escrita se encaminha para o desfecho, normalmente, com a concretização do argumento central. A composição abaixo parece obedecer à estrutura dos textos escolares da época:



Marília é uma menina muito forte e bonitinha. Todos os dias ela cumpre os deveres da escola e brinca com suas amiguinhas. Quando Marília passou para o 2º ano, seu pai estava no Rio de Janeiro e foi avisado pelo telefone que a sua filhinha tinha tirado o 1º lugar no Grupo Escolar. Lembrou-se que ela sabia que Marília tinha vontade de possuir uma Angorá. Procurou uma e comprou para a filha. Quando chegou à casa fez essa bela surpresa à menina. Ela ficou tão alegre e beijou muito ao pai. Agora a gatinha tem 3 filhinhos branquinhos, parecidos com ela. Todos foram vacinados pelo médico veterinário para evitar doença da raiva³⁰⁰.

Nessa composição infantil, a princípio foram destacadas as qualidades da criança com ênfase no desempenho dos papéis sociais centrados no sucesso escolar, evidenciando-se tratar de uma aluna exemplar. O argumento narrativo mostra a articulação entre os aspectos relacionados ao universo infantil que deixam transparecer uma série de representações forjadas para a infância: a menina brinca com as amiguinhas, a aluna é promovida para o 2º ano, o pai presenteia a filha com um animal de estimação. Pode-se dizer que essa composição, dentre outras, reflete as experiências institucionalizadas sancionadas pela escola. A história se encerra com a demonstração dos conhecimentos científicos difundidos nas aulas de ciências acerca da prevenção de doenças e (re)afirma a importância do aprendizado para sua utilidade na vida diária. Pode-se também vislumbrar a influência da imagem como orientadora do caminho narrativo na escrita do(a) aluno(a).

Servindo ainda de base para compreender o caminho narrativo percorrido pelo autor apresento outro tipo de narrativa, também, muito presente nas escritas infantis. Nessa, aparece, geralmente um vilão que oprime alguém ou promove alguma ação desaprovada, depois de superados os obstáculos, o desfecho acontece com a vitória do herói. Pode acontecer, de o próprio protagonista ser o agente das ações inadequadas, porém, depois de ocorrido o fato que causa constrangimento, o personagem modifica seu comportamento.

³⁰⁰ Composição não identificada.A.42\1945.

Paulo era muito valentão. Vivia implicando com seus colegas. Um dia Paulo quis provocar uma briga. Ele disse: — Alberto, vamos ao rio pescar?

— Não, minha mãe não gosta, porque a agente pode cair nágua e afogar. Paulo deu-lhe uma bofetada na boca. Alberto agarrou em seus cabelos, ele saiu chorando para casa. Sua mãe achou bom dele ter apanhado para ele deixar de ser valentão. Desde esse dia ele não quis provocar mais brigas com seus amiguinhos³⁰¹.

O título sugere o teor da história, o adjetivo “valentão” implica a construção da imagem de uma criança arrogante, com dificuldades nas relações sociais com os pares. Na primeira parte, o protagonista se apresenta como um anti-herói que se arrisca em situações perigosas e não soube se conter diante do colega que não se submeteu à sua vontade, agredindo-o. Esse fato é percebido pela criança que escreve como deflagrador de uma situação de tensão e, muito embora Alberto tenha se defendido com uma postura também agressiva, a argumentação serviu para mostrar que pelo confronto entre os dois, a trama chega ao desfecho. Além disso, a violência aparece como elemento que deve ser combatido, e se possível eliminada. O texto volta-se para o desenvolvimento de uma masculinidade caracterizada pelo auto-controle.

Esses textos carregam alguns elementos que serviram de reflexão para uma nova forma de abordar a escrita escolar com base em alguns percursos desenvolvidos por outros pesquisadores da História da Educação que fizeram análises de diferentes produções escritas. Galvão³⁰² traz uma contribuição original a partir de seu estudo baseado na literatura de cordel onde a autora mostra, de forma detalhada, a metodologia utilizada na reconstituição dessas escritas na busca de identificar o público leitor no período que compreende 1930 a 1950, em Pernambuco. A análise das fontes foi feita por uma descrição minuciosa das características materiais dos folhetos “[...] procurando reconstituir o “caminho” percorrido pelo poeta para construir a sua narrativa: que expectativas gera no leitor, que antecipações prevê, que elementos retoma ao longo do texto, etc”(op. cit). Baseada na forma como Galvão³⁰³ conduziu o percurso de sua pesquisa passei a construir possibilidades de análise para proceder com as escritas escolares infantis.

³⁰¹ Escrita de Neide Pinheiro Ladeira.A.40\1945.

³⁰² GALVÃO, 2000, p.161.

³⁰³ GALVÃO,2000.

Fonseca³⁰⁴, em seus estudos sobre as representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes, focaliza nos livros didáticos de História e nas composições de estudantes da escola primária e secundária a lógica narrativa que indica o imaginário social daquele contexto, destacadamente as representações políticas. A ênfase é posta na compreensão dos discursos fundadores da nacionalidade e na formação de identidades, os quais permitem inferir as representações predominantes de Tiradentes e seu poder de influência sobre as concepções que se iam formando nos alunos a partir do ensino de História.

Edreira³⁰⁵ analisa as cartas de leitores infantis do escritor Monteiro Lobato tomando-as como fonte de investigação e percebe as apropriações dos leitores pelas marcas que deixaram em suas escritas ao se tornarem escritores de cartas. Conforme assinala Edreira, “[...] a apropriação do leitor deve ser considerada a partir do contexto da leitura. Neste, devem ser levados em conta os protocolos de leitura e os diferentes instrumentos intelectuais de que o leitor dispõe e considerar o leitor dentro de uma comunidade³⁰⁶”. Esse trabalho se tornou uma referência fundamental na medida em que o autor procurou trabalhar com o aspecto ordinário das cartas, o que lhe permitiu encontrar traços de identificação entre aqueles que escreveram e os personagens dos livros do autor. Assim, também procedi em relação às composições escolares. Busquei na escrita dos alunos as marcas de suas experiências infantis.

4.2 O mundo das crianças expresso nas composições escolares

Na tentativa de traçar um quadro geral sobre “o quê” era escrito, considerei todas as modalidades prescritas como composições: cartas, bilhetes, histórias inventadas e “meu diário”. Constituí um acervo das produções escritas constando de 117 composições, o que não corresponde à quantidade de alunos que as produziram, uma vez que um mesmo aluno esteve responsável pela autoria de diversas composições.

Não perdi de vista o contexto de produção infantil dentro de um projeto Escola Novista, como também, as pautas de auto-regulação formuladas para que essa escrita atendesse a uma demanda escolar, portanto, essa prática se constituiu no fio condutor entre o que o adulto dirigia para as crianças e, propriamente, as experiências das crianças que, constituem-se objeto da escritura. Nesse conjunto de composições

³⁰⁴ FONSECA, 2001; FONSECA; VAZ, 2002; FONSECA, 2003.

³⁰⁵ EDREIRA, 2003; 2001.

³⁰⁶ EDREIRA, 2003, p.43-44.

encontrei elementos que marcavam a presença do direcionamento do livro didático e a influência das práticas de leitura presentes na escola, por outro expressavam representações acerca dos lugares sociais da infância.

Aos poucos organizei os dados a partir de algumas categorias de análise: o tema ou o argumento central, o contexto onde passava a história, os personagens, os elementos constitutivos da infância e as características atribuídas às crianças. A categorização das composições abrangeu um caleidoscópio sócio-cultural cujo resultado foi sistematizado no quadro que apresento a seguir.

QUADRO 8
Conteúdo temático das composições

CONTEÚDO TEMÁTICO	CONTEXTOS EM QUE AS HISTÓRIAS OCORREM
Cotidiano Escolar – Assunto estudado	Escola
Festividades Escolares- <i>Auditórios</i>	Campo
Relações Familiares	Roça
Interações Sociais	Casa da Vovó
As crianças \Brincadeiras	Visita à fábrica de balas
Reprodução de papéis adultos	Rio
Papéis femininos e Masculinos	Sítio
Modelos Exemplares-Valores Cívico-Patriótico	
Cuidado com a saúde	
Regulação de conduta	
Correção de maus comportamentos	
Estações do ano\Primavera	
Natal	
O Trabalho	
PERSONAGENS	CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS ÀS CRIANÇAS
Criança	Cumpridora dos deveres
Criança na escola	Obediência
Criança brincando – brincadeiras de Criança	Carinhosa
Criança cuida de animais	Gosta de animais
Criança cuida de boneca	Estudiosa
Criança ajuda em tarefas domésticas	Cuidadosa
Criança com os colegas	Boa
Criança passeia	Esperta
Criança pobre trabalha para ajudar a família	Travessa
Crianças possuem animais	Humilde
Criança está atarefada com os estudos	Amiga
Criança deve se envergonhar de não gostar de estudar	Fiel
O Dia das Crianças	A criança deve ser contida
Amigo Fiel	Bom (a) filho (a)
A Madrinha	Protetor dos animais
Irmãos	Simplicidade
Amigas, Colegas	Não deve demonstrar raiva

Vultos célebres da nossa História	Não deve demonstrar mau humor
Mãe	Não deve fazer travessuras
Pai	Ingratidão
Avó	Injustiça
Vovô	Egoísmo
Professora	Ambição
Animais –cachorro, gato, pássaro	Desobediência
	Mentira
	Arrependimento
ELEMENTOS DA INFÂNCIA	Vergonha
Boneca	Preguiçosa
Atiradeira	Levada
Carrinho	Vadia
	Valentão
	Implicantes
	Deve arrepender-se dos maus comportamentos e atitudes

O **QUADRO 8** mostra elementos constitutivos do universo infantil reveladores de um projeto de formação da infância centrado na reprodução de papéis sociais.

Nesse conjunto, destacam-se cinco importantes aspectos difusores da construção da identidade infantil, que podemos tomar por temas: a escola, os conhecimentos e as relações estabelecidas nesse contexto; a família e seus componentes de pertencimento; os valores morais como base de construção de caráter; as sociabilidades e definição de papéis sociais ancorados nas questões de gênero, de classe e de raça e, finalmente, o progresso e o trabalho como base do desenvolvimento de uma sociedade em transformação. Esses seriam os aspectos que se apresentaram como formadores do ideário das crianças dessa época.

De maneira geral, as composições retratam a “[...] progressiva inserção da infância na escola”³⁰⁷ em um processo de aprendizado institucionalizado constituído por práticas culturais, ritos e tradições que determinam uma cultura escolar. A escola apareceu como projeto central nas narrativas, ora na descrição do aprendido na sala de aula, ora com ênfase nas festividades e comemorações destinadas à exaltação cívica e patriótica.

Ruth escreve uma carta à amiga, onde fica evidenciado através das nuances, o papel centralizador das práticas escolares como estruturantes das vivências infantis.

Minha Boa amiga

Desejo-lhe a todos os seus muita saúde e felicidades. Nós estamos bons Graças a Deus. Este ano estou muito atarefada com os estudos do 3º ano que são muitos e não me dão quase tempo para escrever para você. E você tem estudado muito? Dia 21 de abril vai haver um auditório no Grupo. Este auditório é para comemorar a data de Tiradentes.

³⁰⁷ GOUVÊA, 1997.

Convido-a para vir.
 Adeus!
 Nossas lembranças para todos.
 Sua amiga Ruth ³⁰⁸

As comemorações em torno de Tiradentes, segundo Fonseca³⁰⁹, significavam, “[...] além de buscar no passado a legitimação da autoridade, também impor um sistema de valores fundamentais para a construção de uma identidade nacional coletiva”. Trata-se, pois, do diálogo estabelecido pela escola com os projetos políticos em cena, aliança que se mostra marcante no Estado Novo, mas que deixa sua herança em períodos posteriores, no desenvolvimento de uma sensibilidade patriótica, através dos ritos e festividades escolares.

No conjunto das composições, um aspecto se sobressai, a centralidade da escola na vida das crianças. Fica evidente como se produz uma representação da escola através dos eventos forjados, das festividades que envolvem os alunos nas atividades. A escrita de Oni para Cirene aparecem elementos que reforçam posições e os vínculos estabelecidos com a instituição de ensino: “[...] gostaria de ter escrito antes mas os meus estudos não me dão tempo. Tenho estudado tanto que você nem pode imaginar. Hoje começamos a lição de Machado de Assis e no fim haverá um auditório sobre esse grande escritor. A minha professora não se cansa de falar nele [...]”³¹⁰. O teor da escrita permite dimensionar como era o emprego do tempo em práticas que exigiam ordenamento e disciplina e continua sinalizando as estratégias de refinamento de sensibilidades: “[...] ...vamos terminar os estudos desse grande escritor com um auditório no nosso Clube de Leitura. Estamos ensaiando tudo. A dramatização está uma beleza [...]”³¹¹. As considerações feitas são importantes para demonstrar como as representações sobre uma infância escolarizada vão sendo construídas pela participação ativa dos alunos nas festividades e comemorações dos *Auditórios*, em que a expressão das potencialidades individuais são evidenciadas através de declamações de poesias, dramatizações, canto e dança.

Na escrita Meu diário, de 22 de setembro de 1939, Nely M. Millen deixa transparecer suas impressões sobre as comemorações promovidas pela escola indicando como as festividades escolares se inscrevem como estratégias de desenvolvimento de

³⁰⁸ A.30\1942.

³⁰⁹ FONSECA, 2001, p.152.

³¹⁰ A.14\1939.

³¹¹ Carta de Do Carmo dirigida à Valesca, A. 14\1939.

sensibilidades. “[...] A primavera é a mais bela estação do ano. Todas as noites o céu fica cintilando todo bonito. Ontem houve uma festa muito bonita aqui no Grupo. Muitas meninas recitaram versos bonitos...³¹²”.

Na escrita Meu diário de 04 de setembro de 1939, Idalina Araújo elogia o empenho das colegas durante os ensaios que antecipam as leituras nas sessões do *Clube de Leitura*: “Mariazinha e Geni têm recitado que é uma beleza!”.

Percebe-se, ainda, a centralidade da educação estética no cotidiano da escola. O trecho da composição da aluna Célia Fernandes Gallo informa que o Grupo Escolar Melo Viana primava por práticas de ensino fundadas no desenvolvimento da sensibilidade estética: “[...] hoje na hora do canto teve um pequeno auditório sobre a árvore³¹³”. Judith Amorim, em outra composição relata a participação da comunidade nos eventos escolares e destaca o fato de os alunos se sentirem valorizados e reforça os vínculos escola e cidade: “[...] ...houve também números de ginástica ritmada sob a direção de D. Celina. Vieram muitas pessoas de fora assistir ao Auditório³¹⁴”, demonstrando como a escola se projeta para a cidade.

Ao analisar a relevância de uma educação estética destinada à formação da infância, especificamente em Minas Gerais, Oliveira³¹⁵ considera o canto escolar como uma estratégia pedagógica concebida com a finalidade de desenvolver novos padrões de civilidade através dos ritmos, da melodia e da mensagem das canções. Para ele, “[...] por meio do canto, educar-se-iam não somente o sentido da audição, mas também o ritmo corporal, a respiração, a voz, além do gosto e o sentimento cívico e moral³¹⁶”. Assim, ao estabelecer o repertório musical que seria apresentado nas festividades, a escola cumpria a função de difundir um ideário pedagógico não só no que diz respeito à educação musical como também em relação à inculcação de concepções e valores que re-afirmam os deveres de um bom cidadão para com a pátria.

Se o canto e as declamações foram estratégias educativas que seduziam os alunos no desenvolvimento de uma educação estética, as excursões escolares, uma outra inovação pedagógica fazia-se presente. Os alunos da professora Cifra Lacerda mostram através do registro, as impressões que ficaram da excursão feita à fábrica de balas. Nessa escrita sobressaem os aspectos da cidade de Carangola, em um aprendizado do

³¹² A. 33\1942.

³¹³ Escrita de Célia Fernandes Gallo A.09\1939.

³¹⁴ Escrita de Judith A. Amorim. A.11\1939.

³¹⁵ OLIVEIRA, 2004.

³¹⁶ OLIVEIRA, 2004, p.3.

urbano e de seus espaços. A aluna Geni Novais retrata os conhecimentos adquiridos e expressa suas impressões:

O passeio que fiz à fábrica de balas com D. Cifra e minhas companheiras foi muito alegre. Saímos às 7 e meia e voltamos às 10 horas. Do Grupo nós fomos ao Triângulo e depois da lição que tivemos e do recreio fomos à fábrica de balas “A Ideal”. A manhã estava fresca e nós aflitas para chegar. No Triângulo D. Cifra ensinou algumas lições, perguntou o que era morro, montanha, serra; conversou sobre a estrada de ferro. Perguntou também onde nasce o Rio Carangola. Em seguida nós brincamos um pouco e depois passamos pela ponte que fica perto da Escola Normal e chegamos à fábrica.... O Sr. Luiz nos mostrou as máquinas e as fornalhas. No fim tirámos retratos e ganhamos muitas balas de banana, de cajú, maçã, pêra, abacaxi, limão, tanjerina etc³¹⁷

No registro acima, a aluna deixa marcas do vivido. Descreve em detalhes os fatos que lhe chamou a atenção, do maquinário ao processo de produção das balas e destacou a forma como foram recebidos pelo dono da fábrica que os presenteou com o produto da fabricação.

Ter contato mais direto com as composições permitiu perceber o movimento do Grupo Escolar Melo Viana em destinar um tempo para a realização de atividades educativas direcionadas às tarefas desenvolvidas fora do espaço escolar sob orientação da professora. Como assinala Monteczuma,

los paseos escolares eran considerados como los medios ideales para cultivar determinados sentimientos. En el orden físico, permitía al alumno una completa libertad de acción em oposición al sedentarismo de la sala de clases. En orden mental permitía poner a la vista de los niños multitud de objetos reales que despertaban su curiosidad y deseo de saber. Em orden moral, el desarrollo de um sentimiento estético³¹⁸.

Observar diretamente a natureza, conhecer os lugares, suas histórias, seu funcionamento, colocar a criança em contato o mais direto possível nas cidades com os aparatos construídos pelos homens. Esses são alguns objetivos das excursões escolares, uma prática, implantada sob as diretrizes escolanovista de forte inspiração na matriz do ensino intuitivo que assinala a importância do desenvolvimento intelectual das crianças através da observação e da análise dos objetos a fim de conhecer sua composição e o seu uso.

³¹⁷ Escrita de Geni Novais. A. 11\1939.

³¹⁸ MONTECZUMA, 2004, p.190.

Segundo Monteczuma³¹⁹ as excursões baseavam-se “[...] na realização de passeios [que] permite aos alunos adquirir de maneira intuitiva uma série de conhecimentos”, como a visita que realizaram. Adotar essa prática significou uma reorganização do ambiente escolar de forma a conjugar as imposições do currículo aos interesses das crianças. Nas excursões escolares a aprendizagem fundamentava-se no desenvolvimento dos sentidos baseado na observação. Além da promoção da sensibilidade estética, tais atividades possibilitavam a socialização de crianças com outros sujeitos sociais, que não os presentes na escola.

Além do registro dos passeios, a família, também, era outro tema contemplado nessas composições. A forma como fazem referência aos membros da família imprimindo-lhes características, nos servem como pistas para analisar a maneira pela qual essas crianças vivenciam de forma socializada as emoções e os afetos que circulam ou deveriam circular no ambiente familiar. A descrição dos papéis de cada membro nos informa sobre essas representações: o pai cumpre o papel de proteger, normalmente aparece em atuações em que se destaca a figura de homens atraentes e fortes. A mãe aparece associada à figura que orienta e dá ordens, ao mesmo tempo em que lembra as obrigações diárias e ensina como cultivar boas maneiras. A representação de “mãe” se aproxima da perfeição³²⁰; uma mulher zelosa, cujo comportamento está associado ao tratamento carinhoso e terno com os filhos.

Na composição abaixo, a mãe é a figura central em torno da qual as relações familiares se edificam:

Mãe é um nome doce que adoramos. É carinhosa para os filhos. É quem ensina os filhos serem bem educados. A mãe é quem com todo carinho ensina os filhos lêr e escrever as melhores palavras. A mãe ensina os filhos serem bons e obedecerem os pais. Os filhos devem ser estudiosos para que depois possam ser professôres. As mães devem educar bem os filhos porque é feio um filho fazer cousas ruins e falar más palavras³²¹.

A mãe aparece como responsável pela construção dos bons hábitos como também, se esmera como coadjuvante da escola no trabalho de ensinar a ler e escrever. Veicula-se, pois, uma representação da família como instituição em diálogo com a escola.

³¹⁹ MONTECZUMA, 2004, p.191.

³²⁰ A.25\1940.

³²¹ Escrita de Célia Gallo. A.15\1039.

4.3 Os lugares sociais da infância

A tarefa de interpretar “o quê” essas crianças escreveram exigiu de mim uma reflexão sobre como “[...] as crianças dotam de sentido as suas ações, constroem mundos sociais e culturais de significados partilhados, inscrevem uma experiência coletiva portadora de sentido e determina uma forma de ação social particular, ressonante com tempo e espaço infantis³²²”. A interlocução com a Sociologia da Infância favoreceu-me o desenvolvimento de um olhar mais apurado em relação às narrativas produzidas pelos alunos do Grupo Escolar Melo Viana, no que diz respeito às formas de expressão da infância. Desta feita, optei dentre as múltiplas possibilidades, por analisar como aparecem retratados os processos de socialização da infância. Entendendo a “[...] socialização como um processo através do qual os indivíduos apreendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que vivem, mediante interações³²³”.

Pinto³²⁴ considera a socialização da infância em duas vertentes: uma conferindo visibilidade à sociedade na qual os adultos e os agentes socializadores, principalmente a família e a escola, inculcam valores, crenças, normas e estilos de vida que vão estruturar a identidade da criança. Essa perspectiva se refere à criança como um ser desprovido de autonomia, que se insere nos projetos e iniciativas dos adultos, merecedora de proteção e educação. A infância, sob esse enfoque, está histórica e socialmente vinculada à idéia de carência e, as crianças são concebidas como sujeitos incompletos que se inscrevem num projeto em que poder e autoridade estão em estreita comunhão com os lugares e com as relações estabelecidas.

A outra vertente em relação aos processos de socialização da infância parte do pressuposto de as crianças serem atores sociais, possuidoras de um certo grau de autonomia, dotadas de competências, capazes de um certo limiar de iniciativa perante as circunstâncias em que vivem. O foco centra-se nas atividades dos indivíduos, nos processos de apropriação, de aprendizagem e de interiorização, mediante os quais eles aprendem, se tornam seres autoconscientes, dotados de capacidade de integração, comunicação e participação, relativamente à sociedade e à cultura em que vivem³²⁵. Isso implica reconhecer as crianças na sua especificidade como sujeitos plenos de direitos. Sujeitos que estabelecem formas de reproduzir o mundo interpretativamente sob uma

³²² PROUT e JAMES 1990 APUD FERREIRA, 2004, p.64.

³²³ PINTO, 1997.

³²⁴ PINTO, 1997.

³²⁵ PINTO, 1997.

lógica infantil, consumidores e produtores de cultura. Essa perspectiva sinaliza para uma socialização que demanda mais autonomia trazendo elementos que demarcam uma subjetividade revelada nas representações do “ser criança”, focada na idéia de infância como fase geracional em que a criança fica sob os cuidados e a proteção dos adultos, mas produz formas culturais próprias, singulares.

As composições analisadas trazem expressas em suas narrativas elementos que permitem apreender como os adultos, no interior do espaço escolar, informavam a produção infantil construindo um repertório de condutas modelares. Por outro, anunciam formas singulares de interpretação do mundo, indo além das prescrições aprendidas. É importante destacar que dada as condições de produção do texto escrito em que as melhores composições serem selecionadas para estarem presentes nos álbuns, leava-nos a pensar que os alunos seguem o modelo de escrita pretendido pela escola e deixa poucas possibilidades para uma escrita criativa. Esse aspecto é evidenciado nas histórias a seguir, onde a criança “interpreta” o papel a ela destinado e reproduz ações e sentimentos projetados pela gravura.

Nas composições a infância constituía um universo no qual as crianças se punham, freqüentemente, frente a situações em que precisam de cuidados ou da proteção do adulto. As histórias decorrem com a intervenção destes ou pela presença de um animal de estimação no papel de “*amigo fiel*” que ao longo da história intervém e contribui na solução do problema. A condição de dependência e fragilidade infantil aliava-se a sua falta de autonomia, fato que pode ser constatado pelo trecho da composição que diz: “[...] o menino ficou com muito medo, agarradinho ao cão, mas ali não havia perigo porque o seu amigo fiel não deixará acontecer nada ao menino até que seu pai volte; ou “o pai de Paulinho apareceu com outros homens e salvou-os. Desde esse dia Paulinho não quis mais se afastar da família e andar sozinho³²⁶”.

³²⁶ A.37\1943.



Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana

Outra composição, feita a partir da mesma ilustração, o animal é quem assume o papel de protetor da criança, destacando-se também a condição de fragilidade infantil e da dependência física e psicológica em relação ao adulto.

Era uma vez um homem que foi passear com o seu filho e o cão da casa. Subiram em uma jangada e foram rio abaixo. Quando o pai viu um pássaro muito bonito. Amarrou a jangada e deixou o menino e foi atirar no pássaro. O menino ficou com muito medo, agarradinho ao cão, mas ali não havia perigo porque o seu amigo fiel não deixará acontecer nada ao menino até que seu papai volte.³²⁷

A composição se inicia na primeira linha com a apresentação dos personagens. A gravura sugere o cenário onde vai ocorrer a história, pode-se dizer que, certamente, a ilustração interferiu no caminho narrativo de modo que, para criar o enredo ele inferiu dados a partir de elementos presentes na gravura e deu forma à sua composição. Depois de apresentar os personagens, o autor anuncia uma proposição que vai ser o fato central da história: “[...] o homem foi passear com seu filho, subiram em uma jangada e foram rio abaixo. Quando o pai viu um pássaro muito bonito amarrou a jangada e deixou o menino...” É interessante notar que o personagem do pai não está presente na figura, contudo, a narrativa prossegue com a introdução de elementos que vão desencadear a situação geradora de tensão, quando o pai sai para caçar passarinhos e deixa o filho em companhia do cão Fiel. A caracterização do contexto em que se desenrola a trama é importante para que fique claro os sentimentos que vão emergir logo adiante. Afinal, a cena se desenvolve em um ambiente externo aos domínios da criança,

³²⁷ O Fiel Leão, composição de Maria Catarina dos Santos A.32 \1942.

significativamente, uma situação de perigo em que a criança se encontra sozinha, somente, em companhia do cão de guarda. Pode-se notar que o aluno escritor direcionou os rumos da história a partir de inferências, possivelmente, conduzido pela observação da postura e da expressão do semblante do pequenino agarrado em um cão. O fato de a criança sentir medo diante de uma situação de eminente perigo promove a mudança de posição do cão que passa de personagem secundário a herói da história.

As produções escritas dos alunos foram consideradas como meio de expressão que deixam emergir elementos constituintes do imaginário infantil. Contudo, ao lidar com esse material entendi que as relações se pautavam em uma “*estereotipia característica*” da infância, que significou estar atenta às formas como a criança recebeu, significou, introjetou e reproduziu valores e normas que definiram o lugar assumido no mundo social mediado por produtos culturais a ela dirigidos.

Outro elemento de expressão do imaginário infantil envolve as relações disciplinares. No que se refere à disciplina, uma questão afirma e fundamenta a educabilidade da infância, a autocoerção como característica da modernidade pedagógica, que se afirma com maior centralidade no projeto escolanovista.

A composição intitulada Mimi, inicia com uma estrutura narrativa que se assemelha às demais, no entanto o enredo enseja uma questão de ordem disciplinar. A primeira frase apresenta o personagem significando-o segundo determinados padrões de comportamento: “[...] Na casa de uma vizinha havia um menino chamado Paulo que não tinha nenhuma vontade de vir à escola, sempre tomava pito dos pais porque falhava da escola. Ele possuía um gatinho muito inteligente chamado Mimi. Um dia Paulo chegou em sua casa e viu Mimi assentado diante de um livro aberto, olhando tanto para ele que parecia estar lendo”. Aqui, se vê que as características principais do personagem são marcadas por distintivos que são desaprovados pela sociedade, visto que sempre era corrigido no intuito que mudasse de posição. O argumento narrativo se sobressai à medida que o autor da história relaciona o comportamento do menino à postura apresentado por Mimi, o gato. Vê-se através de elementos que foram introduzidos no texto o deslocamento de um modelo corretivo baseado na repreensão e no castigo para o uso de modelos que promovem a autoconsciência. Nessa passagem houve a mudança de papéis, o autor modifica o argumento narrativo e dá destaque àquele que vai ser o protagonista da história, fazendo um contra ponto ao comportamento do menino que não gostava de ir às aulas. A história se encaminha para o desfecho: “[...] Paulo ficou com tanta vergonha e desde aquele dia ficou um bom estudante”. Os atributos

apresentados pelo gato se sobrepõem, fato que nos leva a afirmar, através dessas pistas que esse aluno introjetou a proposta disciplinar que depois do constrangimento, há a mudança de comportamento. No final da história, “[...] Mimi deu uma boa lição ao pequeno Paulo³²⁸”.

A partir do analisado, pode-se afirmar que a escola se baseava na produção de uma nova pedagogia em que as relações de poder disciplinar não se estabeleciam mais do exterior para o interior do indivíduo e sim como processo de regulação da conduta de cada um, em que o sentimento de vergonha constituía o móvel do auto-controle. Na narrativa acima, os pitos dos pais revelaram-se menos eficazes que a vergonha da criança perante a capacidade de leitura do gato. A proposta disciplinar baseada no modelo de auto-regulação fundava-se não tanto no uso de punições, mas promovia outras formas de controle. A modernidade pedagógica informa uma educação moral baseada na afirmação de gestos nobres e na grandeza do espírito que prepara a criança para ser um adulto digno. De forma processual, a educação moral vai sendo instalada no interior de cada um, ao contrário do modelo punitivo que é imposto pelo exterior. “A auto-regulação é o dispositivo imperativo do controle de normas de conduta relacionadas à produção de novas formas de sociabilidade e de distinção social, engendrada pela escolarização”³²⁹. Esse aspecto permite que se compreenda a disciplina através de práticas que envolvem o controle dos corpos e das mentes e envolve, ainda, as produções escritas que marcam a produção de uma certa infância.

Em outro texto, as conseqüências dos atos informam a produção da consciência infantil, como aparece nesse fragmento: “[...] Havia um menino muito levado. Tudo que encontrava ele chutava [...] Quando êle chutou [a bola], ela veio dirrepente no rôsto dele.[...] Ele nunca mais quis chutar as cousas que encontrava no caminho³³⁰.”

A religião não ficou de fora dos temas tratados, tanto que foi representada por comportamentos de conformidade e devoção. O deslocamento do sentido religioso aparece na história que Júlia Rodrigues constrói em que a temática do natal anuncia a argumentação utilizada na qual duas crianças filhos de um pescador pobre desejam ser presenteados. Diante da impossibilidade imposta pela realidade, fizeram uma prece à Nossa Senhora e na noite de natal a madrinha deles, que era rica, mandou-lhes brinquedos. Certamente, o encaminhamento para o desfecho da história mostra o

³²⁸ Composição de Neli Luzia Vieira, A.32\1942.

³²⁹ VEIGA, 2002b, p.99.

³³⁰ Composição de Lêda Maria da Conceição intitulada *Um castigo merecido*, escrita a partir de recortes em quadrinhos A.43\1948.

posicionamento religioso da aluna amparado pelo credo da escola, de modo que ela pôde expressá-lo em uma redação escolar.

Na escrita de Igor Terezinha o discurso religioso aparece influenciado por valores que se sustentam no cumprimento dos deveres, pela dedicação e edificação dos bons sentimentos. A composição se inicia com a concepção valorativa que associa o trabalho aos merecimentos e reconhecimento pelos atos. Não sendo o bastante, o autor reafirma a perspectiva anunciada dando ênfase ao aspecto religioso que valoriza àqueles que trabalham e se opõem ao ócio. Vejamos a composição:

Todos nós devemos trabalhar porque Deus ajuda a quem trabalha.
Tudo que nos cerca trabalha; não há no mundo um ser que permaneça ocioso. A abelha, a formiga, o boi e o cavalo todos trabalham.
O passarinho também trabalha na construção do seu ninho.
O homem trabalha para alimentar-se e vestir-se³³¹.

O argumento sobre a importância do trabalho é assegurado na comparação feita em que todos os animais trabalham. É notado o uso de personagens de animais como portadores de mensagens ou como inter-locutores em diálogos de caráter moralizante.

No que tange à formação da identidade infantil na preparação para a vida adulta aparecem competências que aglutinam as aprendizagens de lugares sociais relacionados ao estudo e ao trabalho. Os elementos do cotidiano vão sendo incorporados à imaginação e, aos poucos, através da escrita, os alunos constroem as representações de papéis sociais. Na composição abaixo, o menino trata do animal tal qual um filho, dispensando cuidados e atenção. A representação do pai se edifica no papel de protetor, provedor das necessidades. Nessa representação estão implícitas a dedicação e a afetividade que une os personagens da história.



O cãozinho doente

Jesse tem um cãozinho chamado Toto. Toto estava doente e Jesse fez uma caminha para ele por um saco de água quente para esquentar as suas pernas e colocou uma coberta coberta por um saco de água quente. Jesse tem um orso apetitoso mas o cãozinho não nada Jesse está muito triste com a doença de Toto.

³³¹ Escrita de Igor Terezinha Pereira. A. 29/1942.

Grupo Escolar "Elzeu Viana"

Cardigola, 11 de maio de 1942

Dezair Luiz dos Santos

Fonte: Acervo Documental da Escola Estadual Melo Viana

A composição intitulada *O cãozinho doente*, retrata exatamente o papel desempenhado pela criança ao dedicar cuidados ao seu animal de estimação por ocasião de sua enfermidade³³².

Zezé tem um cãozinho chamado Totó. Totó estava doente, Zezé fez uma caminha para ele, poz um saco de água quente para esquentar as suas pernas e colocou um cobertor por cima de Totó. Foi a cosinha e trouxe um apetitoso osso. O cãozinho nem comeu nada. Zezé está muito triste com a doença de Totó³³³.

Em algumas narrativas verifica-se a expressão da criança, ainda que no interior das regulações impostas pela escola. Mesmo assim a criança fala de suas vivências, relaciona papéis sociais e traz em sua escrita alguns elementos constitutivos do ideário infantil como a importância da interação com animais, presente na maioria das narrativas, mesmo que não estivessem nas gravuras e a atribuição de características humanas a tais personagens.

Na redação *Uma doença em casa*³³⁴ há a internalização de papéis sociais e a inter-relação entre os personagens. O título indica o cenário onde se desenrola a narrativa, o desenho ilustrativo retrata a menina que carrega um gatinho que estava passando mal, o menino é o médico que vai assistir o animal em sua enfermidade.

³³² A.32\1942.

³³³ Composição de Dejair Luiz dos Santos, A.32\1942.

³³⁴ A.43\1948.

Corsaro³³⁵ define a produção simbólica infantil como uma reprodução interpretativa, “[...] na qual as crianças não só internalizam individualmente a cultura adulta que lhes é externa, mas também tornam-se parte de tal cultura”. O autor argumenta que o instrumento simbólico desse processo reprodutivo, ou seja, através das brincadeiras, a criança tem a oportunidade de se reportar para a situação descrita e se apropriar criativamente da informação do mundo adulto e produzir a sua própria cultura. Em suma, pode-se dizer que a criança ao lançar mão da escrita como instrumento que reproduz as representações do mundo social³³⁶, estabelece modos de monitorização da ação, veiculando formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização. Na visão de Corsaro³³⁷, através das brincadeiras, a criança reporta-se a situações vivenciadas e reproduz os modelos de socialização, significando-os. Através da escrita passa-se a perceber os modos diferenciados de como as crianças usam, se apropriam e atribuem sentido aos espaços, tempos, serviços e lógica da sociedade adulta para a socialização das crianças, à luz de uma lógica infantil. Ao mesmo tempo percebe-se o uso da imaginação como um dos principais recursos da escrita. Isso demonstra, também, que a cultura escolar tem a escrita como referência que desenvolve não só a relação de instrução, como evidencia o vetor da formação de subjetividades pela incorporação de comportamentos e valores. Nessa perspectiva de preparação da criança para a vida adulta, os conhecimentos e as competências sociais são usados para expressarem a inserção no mundo adulto.

4.4 A brincadeira de roda, o pique, o chicotinho queimado: o brincar como expressão da infância

A criança

A criança é a alegria do lar

As casas que não têm crianças são muito tristes e quietas. A minha casa é muito alegre porque tem 3 crianças comigo quatro. Os meus três irmãozinhos são muito alegres e espertos e põem a casa numa alegria sem fim. Gosto muito de crianças³³⁸.

³³⁵ CORSARO, 2002, p. 112.

³³⁶ CORSARO, 2002.

³³⁷ CORSARO, 2002.

³³⁸ Composição de Maria do Carmo Costa, A.39\1945.

Nessa história, a infância é descrita como caracterizada pela alegria em contraposição à seriedade do adulto. Para Veiga³³⁹, um dos elementos estruturantes da construção da infância na modernidade foi a difusão das formas de tratamento da criança distintas do adulto.

Para a autora, a relação do adulto com a criança “[...] esteve associada à produção de lugares específicos, à ela destinado, à produção de novas relações de autoridade e à elaboração de novas formas de comportamento”. Tal aspecto se destaca em algumas composições, em que as crianças expressam uma visão idealizada da infância, na interação com as representações produzidas pelo adulto em relação ao mundo infantil.

Além das questões relacionadas aos papéis assumidos pelas crianças, há outras passagens que remetem ao ideário infantil. A composição de Rosa Marques sinaliza para a comemoração do dia da criança, data instituída em 1924, como ação destinada ao cultivo da infância, bem como a distinção das sensibilidades e dos papéis sociais infantis e adultos.

O dia da criança

O dia 12 de outubro é um grande dia para nós, é o dia das crianças. Quando estão pequeninas suas mães tratam-nas tão bem e com tanto carinho. E por isso, quando crescemos devemos tratar nossos pais com carinho e também não devemos desobedecê-los e nem fazer mal criações e travessuras, e sim pedir a Deus, para que eles sejam felizes e nós obedientes e boazinhas³⁴⁰.

Gouvêa e Veiga³⁴¹ analisam como as comemorações do dia da criança estiveram associadas à difusão de um ideário, nas primeiras décadas do século XX, em que “comemorar a infância” se tornou uma “[...] performance da educação estético-cívica” disseminador de um modelo pedagógico de desenvolvimento das sensibilidades através da educação dos sentidos e como prática normatizadora e disciplinadora da infância.

Assim, as comemorações da criança tomavam proporções em diversos espaços, em Carangola, no início dos anos 50 do século passado, os festejos aconteciam durante toda a semana, com uma programação de palestras proferidas por diferentes especialistas da saúde através da emissora da rádio local. Nesse mesmo exemplar aparece divulgado a iniciativa dos proprietários do cinema da cidade em um anúncio na seção relativo à educação.

³³⁹ VEIGA, 2004, p.36-37.

³⁴⁰ Composição de Rosa Marques, A.39\1945.

³⁴¹ GOUVÊA;VEIGA, 2000.

A semana da criança e um gesto simpático do Cine –Brasil

Associando-se às comemorações da semana da criança, a Empresa proprietária do Cine-Brasil, num gesto de cativante simpatia, dedicará a sessão das 13 horas da 2ª feira próxima, à gurizada do Grupo Escolar Melo Viana.

Cabe salientar que a sessão de cinema destinava-se não às crianças do município, mas aos alunos do Grupo Escolar Melo Viana. As crianças não inseridas na escola, ou os alunos das escolas isoladas se viam excluídos da comemoração, voltada para a celebração de uma criança, o aluno dos Grupos Escolares. Era a comemoração da infância escolarizada.

A família e a escola também eram chamadas a participar de um grande movimento em torno da celebração da criança. Durante essa semana os colégios, de maneira geral, proporcionavam uma farta merenda aos alunos e promoviam jogos e brincadeiras em uma programação diversificada que conciliava o lúdico e o educativo.

Nas histórias das composições fica claramente demonstrado como o brincar e as brincadeiras se apresentam como elemento de inserção da criança em espaços e aprendizagens sociais. As crianças se organizam como um grupo que demarca as relações entre os pares e as rotinas coletivas; brincam e a brincadeira surge como ação livre que estrutura esse contexto. Essas são oportunidades de encontros, fazer amigos e legitimar o reconhecimento da infância como uma fase geracional mediada pela instituição escolar. A narrativa de Marília Imbelloni inscreve o espaço de sociabilidades em que esse sujeito se situa e faz referência ao universo relativo à categoria infância.

Cara amiga Cecília

Agradeço-lhe aquêlê convite que me enviou pela festa do seu aniversário. Você foi muito amável comigo, brincamos de roda, de pique, de chicotinho queimado etc
Gostei intensamente da festa. Por hoje é só. Um abraço de sua colega que nunca a esquece,
Marília Imbelloni

Em outro texto a aluna projeta a tensão que se instala entre a possibilidade de brincar, de se envolver com as parcerias na rua e a projeção de papéis adultos³⁴²: “[...]”

³⁴² O brincar das crianças e a ludicidade assumem papéis fundamentais na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis. São elementos fundacionais das culturas da infância e definem maneiras de interpretar e assimilar os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Mais dados, deve-se

Na rua umas meninas brincavam de roda, cantando. Sua irmãzinha entrou correndo, chamando-a para brincar também. Ela disse: — Psiu...Psiu...Não faça barulho, minha filhinha dormiu agora”.

A aluna Emília Rita Fraga Pinheiro demonstra através de sua escrita, a introjeção de papéis sociais na execução da função materna: “[...] Numa fazenda havia uma menina que possuía uma boneca. — Eu acho que a minha boneca está com febre. Vou pôr o termômetro. Ela está com 39 graus de febre. Vou chamar o doutor. Ele já vem³⁴³”. A composição mostra o processo de socialização e de preparação da menina para a atuação de papéis definidos culturalmente na associação função feminina\ papel maternidade.

Outro elemento presente nas narrativas era a aprendizagem dos lugares sociais ligados ao gênero. Havia um conjunto de descrições em que eram incorporados valores e padrões de comportamentos esperados pela sociedade, esses valores e padrões de comportamento revelavam a percepção das crianças para as distinções impostas e/ou instituídas pela cultura.

O processo de socialização e de preparação da menina para a realização dos afazeres domésticos aparece na escrita de Rute Marques: “[...] Hoje o tempo está chuvoso. Quando levantei estava chovendo muito. Lavei o rosto e varri a casa, depois tomei café e vim para a escola...³⁴⁴”.

A história inventada por Nadir Ferreira Cancela diz do grau de comprometimento da personagem na execução de suas tarefas domésticas: “[...] Uma senhora que tinha um filhinho muito bonitinho e estava muito preocupada com o serviço da casa, assentou o filhinho no chão para brincar com seu Buldogue.[...] ele ficou assim entretido muito tempo, sem chorar. O Buldogue é muito manso e obedece muito o seu patrãozinho...Êlle ficou assim distraído até sua mamãe acabar o serviço para cuidar dele...³⁴⁵”.

Alguns outros fragmentos de escrita focam o sentido atribuído ao papel feminino: “[...] Certa vez, seu marido chegou de viagem e lhe pediu para assar um frango. D. Maria matou o frango e pôs para assar [...]”³⁴⁶. Vale notar as pistas deixadas

recorrer a Manuel Pinto (1997) e Manuela Ferreira (2004).

³⁴³ A.43\1948.

³⁴⁴ A.11\1939.

³⁴⁵ A.32\1942.

³⁴⁶ Marly Leite Vaz, A.43\1948.

pelos alunos nas escritas, elas mostram como a escola produz em seus discursos os modelos de diferenciação.

As representações do feminino são formuladas a partir das próprias experiências nas quais expressam um mundo de sociabilidades na escola ou em casa, em que as meninas se destacam por características de generosidade, fragilidade e leveza. Os enfoques reproduzem os papéis sociais e os padrões previamente estabelecidos pela sociedade. Em uma dessas passagens, a natureza feminina foi captada pela imagem destinada à mulher: “[...] Suzana foi colher flores no mato, cantarolando e pulando”. As aprendizagens dos papéis sociais expressas nos textos foram diretamente influenciadas pelas ilustrações, que reproduziam a imagem das meninas sempre associadas aos cuidados com os animais, portando flores, sorrindo, delicadas, sempre arrumadas, vestidas, segundo uma estética onde sobressai o padrão feminino.³⁴⁷

Pensar os papéis sociais assumidos pelas meninas em suas histórias é também pensar a complexidade que envolve questões de atribuição de sentido do que é ser mulher em uma sociedade que reproduz um modelo patriarcal. Ao mesmo tempo, pensar como se dá a construção das representações femininas a partir do que escrevem e descrevem nas composições escolares indica como na escola eram introjetados modelos de meninas como seres dóceis, estudiosas, cumpridoras dos deveres, cuidadosas, amigas dos animais, carinhosas, polidas e obedientes.

A interlocução com Foucault³⁴⁸ fez com que eu despertasse para o discurso que produz o binarismo, que aqui nas composições aparece como era percebido, por parte das crianças, as distinções impostas e/ou instituídas pela cultura em relação ao gênero feminino/masculino. Nesse momento cabem as questões: Como a escola trata a definição de papéis sociais? Como se configuram os dispositivos de educação diferenciados por meninos e meninas?

A marca mais evidente das composições é uma conformidade aos papéis definidos pela identidade de gênero. Por que não aparece nenhuma menção aos meninos no apoio às tarefas domésticas?

Eles trabalham de engraxate, fazem mandados na rua ou são vendedores: “[...] Era uma vez um menino que estava vendendo pássaros. Um homem viu o menino gritando: – Quem quer dar CR\$ 5,00 por esses pássaros? Então o homem que era amigo dos

³⁴⁷ Um elemento importante a ser analisado que não foi possível desenvolver nesse trabalho refere-se ao entendimento das relações estabelecidas entre a produção e os usos feitos das ilustrações nos exercícios escolares, bem como seu efeito na formação de um ideário infantil.

³⁴⁸ FOUCAULT, 2007.

pássaros comprou-os [...]”³⁴⁹. Os meninos ocupavam, portanto, lugares distintos, relacionados aos espaços públicos, em atividades ligadas ao trabalho remunerado, enquanto as meninas aprendiam os trabalhos domésticos sem visibilidade social.

Há de ressaltar que a diferenciação dos lugares sociais por gênero está ancorada no programa de ensino de educação física desde 1906. Nele ficam definidas para as meninas “[...] uma educação do corpo feminino para o trabalho que realiza no espaço da vida privada de casa”, elas se familiarizam com os trabalhos manuais e afazeres domésticos. Para os meninos o programa de ensino previa uma “[...] preparação do corpo do para habitua-lo como futura mão de obra para o trabalho”³⁵⁰.

Contudo, tais papéis eram flexibilizados diante das condições sociais, como na história abaixo:

A mãe de Laura era uma distinta senhora que havia perdido o marido pouco depois do nascimento da filha. D. Maria lutava com dificuldades para pagar as despesas que fazia com Laura e os três irmãozinhos. Um dia D. Maria mandou Laura apanhar verduras para vender na cidade [...]”³⁵¹.

A relação das crianças com as novas tecnologias e o encantamento com os códigos do mundo moderno aparece no texto do aluno Felipe Marques Pereira:

Havia em uma cidade uma menina muito travessa. Um dia foi a casa do seu tio. E lá havia um telefone. Ela apanhou uma cadeira e trepou em cima. E começou chamá-lo. Titio manda doces pra mim! Ou! Titio o senhor não está escutando? Seu tio estava escondido atrás da porta. Quando ela acabou de telefonar êle lhe deu um abraço e disse: — Que menina inteligente!”³⁵²

Na composição, para desenvolver o caminho narrativo o aluno utilizou-se de vários elementos que demonstram uma flexibilização da distinção dos papéis e sensibilidades característicos de cada gênero. Primeiro, o aluno\escritor irrompe os limites impostos por uma educação binarista e caracteriza a protagonista como “travessa”. Adjetivo que no contexto que foi usado significa ser curiosa, aventureira, disposta a se lançar em direção às novidades. O reconhecimento da inteligência como qualidade marcante da menina, também pode ser apontado como um vetor que se dirige

³⁴⁹ Lúcia Stela de Oliveira Leite A. 43\1948.

³⁵⁰ Ibidem.

³⁵¹ A.11\1939.

³⁵² Felipe Marques Pereira A. 43\1948.

no sentido das transformações as quais, antecipam os papéis que a mulher passa a assumir na sociedade moderna.

Ao caracterizar o universo masculino, nas histórias em que os meninos são protagonistas, as ações são marcantes. Nelas, os personagens dirigem a cena, se aventuram em descobertas, protegem os mais fracos e não estão passivos às determinações, aparecem como valentes, protetores, bondosos: “[...] Julio e Olga queriam conhecer o mundo, a mãe dos meninos contava-lhes coisas maravilhosas dele. Um dia saíram os dois pelo campo, Olga levou a boneca [...] Anoiteceu e eles não foram para a casa. Estavam desnorteados, Olga começou a chorar que queria mamãe e Julio começou a cantar e ela adormeceu...³⁵³”.

Ou ainda nessa passagem: “[...] José é um homem muito bondoso. Um dia ele foi dar uma volta na rua. Ouvindo de uma casa gritar socorro!...socorro!!![...]”³⁵⁴

Em relação ao comportamento masculino, há uma tendência a transgredir as regras: “[...] Benedito era um menino levado da breca. A patrôa mandou Benedito ir ao açougue comprar toucinho. Benedito como era preguiçoso, não quis ir á pé. Dependurou-se às grades da carroça sem o Sr Alfredo perceber. Na subida do morro, com o peso de Benedito a grade desprendeceu-se e o coitado caiu com a cabeça na calçada... Benedito tomou uma repreensão da patrôa..”³⁵⁵. No caso, destaca-se não apenas a caracterização dos tributos do gênero, mas as marcas de um lugar social. Reproduzindo a representação social da época que associava a pobreza à preguiça, a criança trabalhadora é punida por seu suposto ato preguiçoso.

Nas histórias vivenciadas pelos meninos prevalecem situações de menos controle o que implica experimentar um mundo de aventuras. É interessante notar que o contexto das histórias que envolvem meninos avança em direção ao espaço extra-escolar. O cenário passa a ser a rua, o sítio, a cachoeira, o quintal, a casa da avó, a ida ao rio para pescar, subir em árvores, pega carona na carroça. Enquanto os contextos de vivências das meninas estão restritos à escola, ao campo e/ou à casa de parentes.

Quanto às características, os meninos são adjetivados como levados, malvados, vadios, preguiçosos, gulosos, brigões, sentidos que no contexto da narrativa, remetem à idéia de transgressão e resistência aos padrões determinados, como no caso a seguir: “[...] Antonio é um menino muito malvado. Seu brinquedo predileto é carregar a

³⁵³ Composição de Paulo Magalhães Costa, A.32\1942.

³⁵⁴ A.43\1948.

³⁵⁵ A. 43\1948.

atiradeira para matar os pobres passarinhos...”. A ilustração utilizada como recurso pedagógico serviu como mecanismo de inculcação de valores, de reprodução de papéis sociais de gênero, de etnia e de classe, além de servir como recurso que direcionou\aprisionou a escrita do aluno. No levantamento das ilustrações a atribuição de sentido ao ser menino ficou associada às atividades, em situações diversificadas: em brigas, portando a atiradeira, caçam passarinhos, tocam gaita, andam de velocípede, estão junto ao animal de estimação. Todas as façanhas atribuídas ao gênero masculino são mais ricas em ação e movimento.

4.5 As composições retratam elementos da estruturação infantil

Ao examinar as composições, encontrei nos discursos elementos que sinalizavam para o processo de formação de identidade infantil sustentadas em duas estratégias. Na primeira, o investimento no cultivo de modelos de comportamentos a serem incorporados, dava-se através da identificação com a imagem de personagens heróicos e, em outros casos, projetava a criança modelo. Na segunda, a construção de identidade infantil se sustentou na correção dos maus comportamentos baseado na auto-regulação. As narrativas ocorreram diante de situações que deflagraram constrangimento e vergonha, e mostraram como a criança caminhou na definição de novos comportamentos resultantes de um auto-governo.

4.5.1 O investimento no cultivo de modelos exemplares

A introjeção de comportamentos modelares pela criança apareceu nas composições através da aprendizagem da história de homens públicos considerados como modelos de condutas a serem seguidas. O Presidente Getúlio Vargas foi um dos personagens em que suas qualidades serviram amplamente como aspectos evidenciados. A escrita de Diva Castro sintetiza os aspectos apontados:

Estudemos a obra do presidente Getúlio Vargas, e formemos a seu lado, ajudando-lhe a construir a grande nação brasileira. Ele ama as crianças brasileiras e confia no patriotismo delas. São suas as seguintes palavras: Crianças! [...] só o amor constrói e, amando o Brasil, forçosamente o conduzirão aos mais altos destinos entre as nações realizando os desejos de engrandecimento aninhado em cada coração brasileiro. O presidente conduz as crianças para a realização

da pátria de amanhã. É nosso amigo e nós precisamos votar-lhe a mesma estima. A ele, pois, enviamos os mais sinceros e entusiásticos parabéns de aniversário³⁵⁶.

Percebe-se que, a aluna ao se referir ao presidente expressa num texto laudatório sua relação com as crianças, chamadas a exercerem seu papel patriótico na construção da Nação. As expressões e as figuras de linguagem sobressaem no texto de forma a produzir representação moral: “[...] Crianças! [...] só o amor constrói...”. Além dos aspectos citados, a aluna demarca uma identificação com a figura do presidente, principalmente, quando destaca que ele “[...] é nosso amigo e nós precisamos votar-lhe a mesma estima”. No final do texto consagra a amizade, parabenizando-o: “[...] os mais sinceros e entusiásticos parabéns de aniversário”.

O discurso nacionalista e patriótico e o culto personalista dos dirigentes reproduzido na escrita infantil demonstram o diálogo das narrativas infantis com as demais aprendizagens escolares. Ainda nesse álbum encontra-se a escrita de bilhetes e de cartas dirigidas ao presidente Getúlio Vargas, neles, vê-se verdadeiros “depoimentos” que evidenciam os seus feitos, ao mesmo tempo, que exprimem agradecimentos pelo desenvolvimento da nação: “[...] trabalhou pela infância, resolveu o problema do nordeste, fundou diversos colégios, amparou a classe operária, desenvolveu os meios de transporte [...]. Hoje podemos ficar tranquilos, tendo-o como guia, à frente de nossos ideais patrióticos³⁵⁷”. Essas composições se inscrevem dentre as estratégias de amplitude mais geral, características do período do Estado Novo de desenvolver o sentimento nacional e a manutenção da ordem social.

A segunda estratégia de aquisição de comportamentos voltava-se para a criança modelo: estudiosa e obediente, cumpridora dos deveres, que se relaciona bem com a professora, com os amigos, com os irmãos e gosta dos animais. O modelo de conformação da infância aparece associado à formação moral, à produção das sensibilidades através do cultivo dos bons sentimentos e da modelagem dos comportamentos a serem seguidos. A composição de Oni Novais é ilustrativa nesse aspecto. Marta, a protagonista da história, se sobressai pelas qualidades a ela atribuídas.

‘ Marta é uma bonita menina de sete anos de idade.

Este ano ela entrou para o Grupo e tem estudado bastante para ser promovida no fim do ano.

³⁵⁶ A.36\1943.

³⁵⁷ Composição de Maria da Glória Gonçalves A.36\1943.

A professora gosta muito dela e as meninas da classe também.
 Em casa ela obedece a seus pais e é carinhosa com os irmãozinhos.
 Até os animais gostam de Marta.
 Quando ela vai ao quintal o coelhinho corre para o seu colo e o
 gatinho fica com inveja delle.
 Lili, a sua bonequinha, fica sempre assentada a seu lado ³⁵⁸.

A presença de alguns elementos caracteriza o universo infantil: a entrada na escola, a expectativa em ser promovida ao final do ano, as brincadeiras de criança no quintal, a socialização, o brinquedo e os animais. Na última parte da história uma tensão é instalada, o gatinho sente inveja do coelhinho que está em seu colo. É interessante notar que a ilustração conduz ao caminho narrativo, no entanto, a carga emocional projetada no texto, é uma marca que Oni Novais deixa na sua escrita.

4.5.2 O processo de auto-regulação como estruturador da infância

Uma segunda estratégia de formação de identidade infantil se ancora na correção dos maus comportamentos. Esse grupo de composições aborda, tipicamente, um projeto de escolarização baseado na auto-regulação que promove uma autodisciplina. As narrativas dessas composições, em geral, descreviam crianças em papéis inadequados, em contextos socialmente desaprovados, que, no desenrolar da história havia algum acontecimento reprovado que deflagrava constrangimento e\ou vergonha, levando a criança ao arrependimento e, posteriormente, a mudança de conduta. Nesse conjunto de escritas, a questão disciplinar, entendida como “[...] o conjunto de prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem em qualquer organização; observância de normas e preceitos³⁵⁹”, estava sempre associada a um discurso de caráter moralizante que agia como elemento discursivo que auxiliava na correção aos maus exemplos. As expressões conotativas que auxiliam na construção desse sentido aparecem nos títulos: “*O desobediente*”; “*Um castigo merecido*”; “*Um mau menino*”; “*O pastorzinho mentiroso*”; “*Os dois implicantes*”; “*Quem tudo quer tudo perde*”; “*Um professor de*

³⁵⁸ A.11\1939.

³⁵⁹ FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa O Globo. São Paulo: Globo, 1993.

mentira”; “O valentão”; “Um mal menino”; “Uma grande arte”; “O vício de beber”; “Um castigo merecido”.

A composição *Um passeio na roça*, de autoria da aluna Maria Lúcia da Conceição perpassa a correção de maus exemplos, o arrependimento e a mudança de comportamento.

Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Melo Viana-Álbum 43\1948



Havia numa grande cidade 4 crianças muito levadas. Certo dia, foram a fazenda de sua avó apanhar laranjas. Chegando lá, foram depressa chupar as frutas. Jorge que era o mais guloso subiu no muro e começou a jogar laranjas para sua irmã. Mais, de súbito seu suspensório agarrou no galho da laranjeira. Sua irmãzinha ficou olhando para cima e falando.- Quem mandou você ser guloso? A irmã maior que era mais esperta, enquanto ele fazia as suas artes, ela apanhou todas as laranjas. O passarinho que estava na laranjeira começou a gritar assim: Bem feito, bem feito pra ele!³⁶⁰

Vê-se que em um número significativo de composições as ilustrações sugerem fortemente, o caminho narrativo, ao mesmo tempo, o título e o uso de algumas expressões servem como recursos de escrita que, de certa forma, induzem o rumo que a história deve tomar. No caso acima, a ilustração conduz o percurso narrativo da história. A imagem do menino suspenso pelos suspensórios sugere um castigo que na ilustração aparece sob forma de constrangimento em relação aos outros que assistem à cena. O autor percebe o sentido de inadequação do comportamento social. No entanto, não se tem elementos que leve ao uso da expressão “[...] bem feito, bem feito pra ele!”.

A auto-regulação de comportamento, segundo Foucault³⁶¹, “[...] implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos”. Percebe-se, então, que a própria criança desenvolve a função de vigiar e dirigir o seu comportamento e o comportamento dos colegas.

Uma reflexão acerca dos conteúdos das composições demonstrou o quanto a organização escolar foi ajustada a contribuir para a formação do aluno como cidadão civilizado. A disciplina assume o sentido de promoção de sensibilidades, na reprodução de personagens modelares, correção dos maus hábitos e na extinção dos maus costumes.

Nas composições aparecem referenciais não apenas a disciplinarização do comportamento infantil, mas também a correção dos comportamentos adultos. Nesse sentido, a escola desenvolve estratégias educacionais que chegam até as famílias no intuito de instruir, criar novos hábitos, imprimir padrões de comportamentos sociais e culturais.

³⁶⁰ Composição de Maria Lúcia da Conceição, A.43\1948.

³⁶¹ FOUCAULT, 1986, p.126.

Essa questão foi tratada na redação “vício de beber” em que o enredo da história se desenvolve em torno de uma família cujo pai faz uso de bebida alcoólica. No desenrolar dos fatos, entre as agressões físicas contra a esposa e o constrangimento para os filhos, o pai se arrepende, procura ajuda de um médico para vencer o vício. No final do enredo a conduta do pai se modifica.

O vício de beber (uma gravura)

Havia em uma cidade um homem que se chamava Roberto. Roberto tinha o costume de beber bebidas alcoólicas. Um dia, o Sr. Roberto bebeu muito até ficar embriagado. Foi para casa, espancou a mulher até deixá-la caída no chão. O filho menor chegou do trabalho e viu sua mãe quase morta. Ficou com medo que ela morresse. O seu pai saiu e foi no botequim beber mais. E voltou com uma garrafa, todo rasgado, descalço com a calça remendada cambaleando. Certo dia, arrependido, foi consultar e o médico pedindo um remédio para não beber mais. Roberto ficou bom para sua mulher porque não bebeu mais³⁶².

Mais uma vez, vê-se reproduzidos os conhecimentos médicos como forma de inculcar normas de condutas que auxiliam na formação de uma identidade infantil antecipando o mundo dos adultos.

Como visto até aqui, o sujeito aluno vai se constituindo em resposta a uma demanda institucionalizada que perpassa o modelo educacional prescrito pelos órgãos oficiais e se estende às práticas educativas que conformam o sujeito e nos remete a uma profunda relação da escola com os processos de formação de identidades infantis.

CONCLUSÃO

Provavelmente nenhuma colega fez um diário paralelo ao que era pedido para ser feito pela D. Mariinha, pois as tarefas já eram muitas! Para completar algumas meninas ainda faziam aula de piano. Eu mesma tinha uma professora particular que ajudava a mim e a meu irmão a fazermos os deveres de casa, já que minha mãe era professora e ficava trabalhando fora de casa, não podendo acompanhar mais de perto o estudo dos filhos. A professora da aula particular também passava deveres, então o tempo que eu tinha, aproveitava para brincar. Brincava muito na rua, acho que tive uma infância muito feliz, lembro com saudades das brincadeiras, mas não me esqueço nunca da minha escola! (Marília Imbelloni, 2006)

³⁶² Escrita de Rosa Maria Ribeiro. A.43\1948.

As lembranças de Marília lançam luz sobre como as sociabilidades e as brincadeiras de rua marcam o tempo da infância. Ao mesmo tempo, as exigências escolares, sob o ponto de vista de competências cognitivas e comportamentais são assimiladas por aquisições normativas que demarcam o projeto da infância escolarizada. Na análise da produção dos álbuns de pesquisa, este sobressai como um dos elementos característicos na consolidação de uma proposta pedagógica baseada nos princípios escolanovistas, em que a criança passa a ser o foco e as práticas educativas possibilitam com que os alunos tornem-se autores das atividades. Ainda que num processo tutelado pela professora e informado pelas demandas sociais postas para a escola.

A análise desse material mostrou como central na formação do aluno, o desenvolvimento de práticas de escrita voltadas para uma educação das sensibilidades. Práticas que atendiam às máximas de letra legível, boa caligrafia e ortografia correta, como também, no uso de imagens, de margens nas páginas com vista ao desenvolvimento de uma estética da escrita. Por outro, na projeção das habilidades individuais sintonizadas com os saberes e fazeres da época.

Cabe destacar, também, como a escola se projetava para a cidade na divulgação de sua produção, numa cultura escolar que dialogava com a cultura urbana. Assim, é que os álbuns eram utilizados como instrumento legitimado pelas autoridades escolares para veicular a comunicação com a cidade. Sob esse ponto de vista, os álbuns se constituem como instrumentos mediadores de práticas escolares que demonstraram o quanto a organização escolar foi ajustada para contribuir com a formação do aluno exemplar.

Nessa perspectiva foram encontrados álbuns que apresentavam uma configuração voltada para a produção de sensibilidades a partir de uma literatura direcionada para o desenvolvimento do sentimento de nacionalidade e patriotismo intensamente, presentes, expressando os ideais de formação desse dado momento histórico.

O significativo investimento nos conteúdos de História e Moral e Cívica sinalizou para como havia uma clara intenção voltada para a formação de um sujeito sintonizado com as mudanças da época sem perder de vistas os referenciais que conformam uma identidade nacional.

O desenvolvimento de uma educação estética esteve associado, dentre outros aspectos, às novas urbanidades. Apareceu a preocupação da escola em desenvolver conhecimentos voltados para as reformas urbanas, dando ênfase ao progresso em

sintonia com a formação de um novo sujeito social a ser educado que deveria estar situado com as mudanças de seu tempo.

Analisando essa perspectiva destaca-se a história de Carangola que ganha visibilidade através dos exercícios e de tarefas escolares em que o passado se põe emoldurado em cartões postais, assim depara-se com os prédios públicos e as edificações que proclamam o progresso da pequena cidade do interior mineiro. A praça e o entorno da igreja, a Feira Agropecuária são reveladores da difusão de uma identidade regional, a mineiridade, alicerçada no passado e reforçada no presente, marcando uma tradição.

A preocupação em formar um aluno segundo as pautas de educação vigente aparece, também, nos conteúdos de Ciências. Neles, as informações giram em torno do conhecimento que relaciona cuidados com a saúde física e mental, além de promover hábitos de higiene e comportamentos a serem seguidos. De modo geral, as lições pressupõem um sujeito em formação que, por isso precisam ter reforçado determinados valores de caráter moralizante que se apresentam de maneira particular como constitutivas do aluno.

Enfim, as práticas de escrita se apresentam como práticas educativas conformadoras de corpos infantis na medida em que estão ligadas a ordenamentos espaciais que demandam novas sensibilidades. Esse aspecto pode ser observado no diálogo do escrito e o imagético presentes nas tarefas em que o aluno tem que conciliar no ato da escrita o tamanho e a forma da letra, em uma demonstração de habilidades que denotam educação estética. Desse ponto de vista, vê-se configurada a constituição de uma pedagogia assentada em uma pluralidade de práticas educativas em que a experiência de disciplinarização constituiu a corporalidade de uma infância escolarizada.

Ao voltar o olhar para os diferentes tipos de exercícios encontrou-se elementos que apontaram para como a escola operava de forma diversificada de modo a exigir com que seus alunos mostrassem suas habilidades. Cópias de lições, cópias de poesias, recortes de revistas e de jornais, foram tarefas escolares que estavam a serviço não só de desenvolver as competências escriturárias diferenciadas como também, permitiram a expressão estética evidenciada nas relações entre as formas de aprender e as situações disciplinares com base na construção de uma subjetividade.

A cópia como prática escriturária bastante utilizada como tarefa escolar nos álbuns de pesquisa pôde ser entendida tanto como um recurso caligráfico que imprime uma disciplinarização aos corpos infantis como também, pôde ser significada como elemento destinado ao incremento do vocabulário do aluno através da “posse” do conhecimento que possibilita com que, mais tarde, seja autor de sua própria escrita. Foi visto, também, como a escrita de cartas e bilhetes se destinavam tanto para desenvolver os conhecimentos ortográficos ou gramaticais como para evidenciar os usos sociais da escrita. Dentro desses princípios, a escola ensina normas “do quê” poderia ou “não” ser escrito nas composições escolares; o “como” escrever, definindo padrões para o exercício do ofício do aluno.

Quanto aos exercícios de composições, esses se apresentaram como dispositivos escriturais que envolviam questões relacionadas à formação da infância. Os temas de bondade, dignidade, fidelidade se fizeram presentes em diferentes representações em torno dos valores tidos como importantes. As histórias recuperaram cenários, situações e formas de sociabilidades ocorridas na família e nas práticas diárias da criança. O espaço da rua, do quintal, da escola, da casa dos avós, apareceram como constitutivos do ideário da infância. Além disso, as características atribuídas às crianças, nessas composições, demonstraram como as condições sócio-culturais promovidas pela sociedade e acentuadas pela escola definiam padrões de comportamentos a serem seguidos ou destacavam os que deveriam ser recriminados.

No que se refere à disciplina, os conteúdos das composições demonstraram o quanto a organização escolar foi ajustada a contribuir para a formação do aluno como cidadão civilizado pautado no processo organizador das sensibilidades edificadas na busca de bons comportamentos como exemplos a serem seguidos, na correção dos maus hábitos e na extinção dos maus costumes, na eficiência como característica do comportamento infantil a ser alcançada e como antecipação da formação do adulto.

Entre os papéis que ratificam uma escolarização voltada para a formação da infância, apareceu um conjunto de descrições em que eram incorporados valores e padrões de comportamentos esperados pela sociedade que revelaram como eram percebidas, por parte das crianças, as distinções impostas e/ou instituídas pela cultura.

Desse modo, os álbuns foram se constituindo como objeto cultural e material de pesquisa escolar que demanda um investimento coletivo, ainda que diferenciadas as

atuações na confecção desse artefato. A escola através das estratégias utilizadas na fabricação dos álbuns revela uma educação da infância que dissemina a competitividade de talentos através do ideário meritocrático que envolve o desenvolvimento das capacidades intelectivas e refinam sensibilidades.

Pode-se dizer, ainda, que os álbuns como objeto cultural cumpria o papel de dar visibilidade ao que a escola produzia de melhor, imprimindo assim, a monumentalização da escola. Isso mostra que participar da confecção dos álbuns pode ser considerado como fator de distinção do aluno, na medida em que ele passa a ser um representante da sua instituição de ensino.

Quanto ao uso da imagem como recurso pedagógico, pode-se dizer que estas servem como elementos que reforçam as concepções do projeto pedagógico de formação de uma infância escolarizada. Esses álbuns se projetam como instrumentos que operam simbolicamente, como recurso de produção de representações da infância transmitidas através do discurso imagético. Para além das representações definidas pelas imagens, um aspecto evidenciado nessa pesquisa diz respeito às representações construídas em torno dos papéis sociais da criança, essas definem comportamentos utilizados para incentivar e favorecer a apreensão das práticas sociais que apareceram como regras de convivência que deveriam ser internalizadas para o convívio na sociedade como também aparecem indícios que expressam as sensibilidades desenvolvidas na escola que definiam os lugares sociais ligados ao gênero. De forma particular, as imagens que integram o livro de orientação feminina, devem ser consideradas emblemáticas, em relação ao contexto de produção, uma vez que dirigem comportamentos e sugerem identificações para as meninas.

Os trabalhos manuais instituídos como disciplina escolar também refletem o investimento relacionado à aquisição de habilidades fundadas numa identidade de gênero.

Se, de uma maneira panorâmica são esses os principais aspectos reveladores da formação do aluno, no passado, devo apontar algumas lacunas e omissões que percebi no contato com as fontes. Essas lacunas referem-se, sobretudo, ao que estaria considerado fora do modelo de escrita escolar, as transgressões ou a escrita que não conseguiu atingir o padrão esperado. Não encontrei nos discursos elementos que considerassem os desfechos inventivos das crianças. É importante salientar que para terem suas composições integradas aos álbuns deveriam conceber uma escrita dentro dos padrões considerados como modelares em amplo sentido, tanto para atender aos

princípios da boa escrita quanto em relação à descrição no texto de atitudes tidas como socialmente adequadas.

Não apareceram as correções, nem tão pouco as formas consideradas escritas dos excluídos. Esse fato serve como indicador de como seria importante analisar outras escritas dos alunos enquanto uma atividade constitutiva e constituída por sujeitos culturais, criativos e interativos que estão além do olhar vigilante dos professores e, além do projeto escolar oficialmente instituído.

O fato de estar voltada para as escritas inseridas nos álbuns de pesquisa escolar fica explícito que, o tempo todo, a produção desse artefato girou em torno do que era esperado como produção de uma escrita modelar.

Referências

APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

APPLE, Michael. *Currículo e poder. Educação e realidade*, Porto Alegre, 1989.

ARAUJO, José C.S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: A Revista A Escola (1920-1921) In ARAUJO, J.C.S; GATTI D. (Org). *Novos Temas em História da Educação Brasileira*. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, MG:Edufu, 2002.

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BUCAILLE, R.; PESES, Jean Marie. *Cultura material*. In Enciclopédia Einaudi. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1989.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista, São Paulo: EDUSF, 2003.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, São Paulo: EDUSF, 1998.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena C; Nóvoa, Antonio. *Educação em Revista: a Imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CASPARD, Pierre. Introduction, *Histoire de L'education*. Institut national de recherche pedagogique, nº54, mai, 1992.
- CHAMON, Carla Simone. *Festejos imperiais: Festas cívicas em Minas Gerais (1815-1845)*. Bragança Paulista: EDUSP, 2002.
- CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.3, jan/jun, Campinas: Editora Autores Associados, 2002.
- CHARTIER, Anne-Marie. Escola, Culturas e saberes. In XAVIER, Libânia [et al.] *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentido*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2003.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. *A escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência - a trajetória pedagógica da escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.

CHOUCAIR, Aline. Festividades cívicas em Minas Gerais (1937-1945: escola, culturas e práticas In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Goiânia, GO. *Anais: A Educação e seus sujeitos na história*. 2006.

CHERVEL, A. História das disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, vol. 2, 1998.

CHERVEL, A. Devoirs et travaux écrits des élèves dans l'enseignement secondaire du XIX siècle In *Histoire de L'éducation*. Institut national de recherche pédagogique, n°54, mai, 1992.

CORSARO, Willian A. A reprodução Interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças In *Educação, Sociedade e Culturas*, vol. XVII, set. 2002.

CORSETTI, Berenice. *A construção do cidadão: os conteúdos escolares nas escolas públicas do Rio Grande do Sul na Primeira República* In *História da Educação*, Vol. IV . 8, 175-192 set 2000.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EDREIRA, Marco Antonio Branco. Monteiro Lobato e seus leitores: livros para ensinar, ler para aprender. Revista Brasileira da História da Educação, 1º número. Campinas, São Paulo: Editora: Autores Associados, 2001.

EDREIRA, Marco Antonio Branco. A caça do sentido – Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946). Faculdade de Educação, São Paulo: USP, 2003.

FABRE, Daniel. *Par Écrit: Ethnologie des écritures quotidiennes*. Mission Du Patrimoine ethnologique, Collection Ethnologie de La France CAHIER 11. Éditions de La Maison des sciences de l'homme, Paris, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica*. In: FILHO, Luciano Mendes de Faria (Org.) & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. *Modos de ler formas/de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VAGO, Tarcísio Mauro. A reforma João Pinheiro e a modernidade pedagógica. In: *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação*. Governo de Minas Gerais, Secretaria da Educação, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa* In LOPES, A.A. (org). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlen & VIDAL, Diana, PAULILO, André. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação da história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, vol. XXX, n.1, pp139-160, jan/abr. 2004.

FERREIRA, Manuela. *Do avesso do brincar...*As relações entre pares as rotinas da cultura infantil e a construção da (s) ordem(s) social(s) instituinte(s) das crianças do jardim In Sarmento, M. *Crianças e miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

FONSECA, Anita. *Clubes de Leitura*. Publicações da Secretaria da Educação do Estado de Belo Horizonte, Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1959.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *Da Infância ao altar da pátria: memória e representações da Inconfidência mineira e de Tiradentes*. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2001.

FONSECA; VAZ. Festas Cívicas no Estado Novo Rituais de Poder no Imaginário Mineiro (1937-1945), *Iniciação Científica Newton Paiva 2000\2001*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2002.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ª ed, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/Ouvir folhetos de Cordel em Pernambuco (1930-1950)*. Belo Horizonte, FaE UFMG, 2000.

GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antônio Augusto; KLINKE, Karina. *Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)*. Revista Brasileira de Educação. N.XX, 27-31. maio/agos, 2002. Belo Horizonte:FHC/FUMEC, 2003.

GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antônio Augusto. Manuais escolares e pesquisa em História. In VEIGA,C. G.; FONSECA,T. N. (org.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,1981.

GOODSON, Ivor. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes,2003.

GOMES, Antonia Simone. *Templo do Saber: a consagração da Escola Estadual Melo Viana em Carangola - Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UERJ, 2002.

GÓMEZ, Antonio Castillo. *Historia de la cultura escrita: ideas para el debate*. Revista Brasileira de História da Educação, n. 5, jan/jul. Campinas: Autores Associados, 2003.

GOUVÊA, Maria Cristina S. A escolarização da meninice nas Minas oitocentistas: a individualização do aluno In VEIGA, C.G.; FONSECA, T.N. (org.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOUVÊA, Maria Cristina S. A estatística social como técnica de governo: Discursos sobre o registro da população escolar (Portugal:1880-1900) In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Goiânia, GO. Anais: A Educação e seus sujeitos na história. 2006.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. *A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites*. 2005. (mimeo)

GOUVÊA, Maria Cristina S.; VEIGA Cynthia Greive. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. Educação e Pesquisa, São Paulo, FEUSP. v 26, nº1, jan/jun, 2000.

GOUVÊA, Maria Cristina S. *O mundo da criança: a construção da infância na literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, UFMG, 1997.

GVIRTZ, Silvina. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado una mirada a los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Aique, 1997.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Repensando la relación, escuela y culturas contemporáneas. In SOMMER, L.H; BUJES M. I. E. *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

GVIRTZ, Silvina; Oelsner. El movimiento da Escuela Nueva y sus estrategias de cambio para el sistema educativo argentino entre 1920 y 1996. In XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, FUMEC, 2004.

GONDRA, José. *Artes de civilizar: medicina higiene e educação escolar na corte imperial*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

HÉBRARD, Jean. Os livros escolares da Bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade?. *Revista Brasileira da Educação* 4º Número. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2002.

HÉBRARD, Jean. *Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França - séculos XIX e XX)*. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1º número, jan/jun. Campinas: Autores Associados, 2001.

HÉBRARD, Jean. *Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes*. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria T.

Santos; BASTOS, Maria H. Câmara. *Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

JINZENZI, Mônica. *A instrução das senhoras brasileiras pelos jornais liberais das décadas de 20 e 30 do século XIX*. Belo Horizonte, Faculdade de Educação – UFMG, 2006 (mimeo).

KUHLMANN Jr. M.; FERNANDES.R.Sobre a história da infância In FARIA FILHO (org). *A infância e sua educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Lisboa: Edições 70, 1992.

LE GOFF, Jacques. (conversações com Marc Heurgon). *Uma vida para a história*. São Paulo: UNESP, 1998.

MACIEL, Francisca. *Alfabetização em Minas Gerais: Adesão e resistência ao método global*. In: *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação*. Governo de Minas Gerais, Secretaria da Educação, 2000.

MOCTEZUMA, Lucia Martinez. *El aula al exterior El tiempo de las excursiones escolares em México, 1904-1908*. *Revista Brasileira de História da Educação*, vol VIII jun/dez,2004.

NOVOA, Antonio (org.). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991.

NUNES, CLARICE. Um projeto de interpretação para a pesquisa histórica em educação. *Revista Tempo Brasileiro*, nº 24, Rio de Janeiro, jan\mar, 1996.

NUNES, CLARICE. A escola reinventa a cidade In HERSCHMAN, M; PEREIRA, C.A.M.(org) *A invenção do Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas. *Historiografia da educação e fontes. 15ª Reunião anual da ANPED*. Porto Alegre: Caderno da Anped, 1993.

NOGUEIRA, C. M.; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In *Educ. soc.*[on line].2002, vol 23, nº78. www.scielo.br.

OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva de. A infância na pauta da república: moralidade, civismo e eugenia das canções escolares em Minas Gerais na primeira metade do século XX. In III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Curitiba, PR. *Anais A educação escolar em perspectiva histórica*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004.

PERES, Eliane Teresinha. *Aprendendo formas de pensar, de sentir, de agir. A escola como oficina da vida: Discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública gaúcha (1909-1959)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESEZ, Jean-Marie. A história da Cultura Material In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PEIXOTO, Anamaria Casassanta, A reação de Minas no Manifesto dos pioneiros da educação nova. In XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PEIXOTO, Anamaria Casassanta. *Educação no Brasil anos vinte*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

PITANGUY, Tanya de Paula, *Abrindo os Baús: Tradições e Valores das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PRATES, Maria Helena de Oliveira. Escola de aperfeiçoamento: teoria e prática na formação de professores. In *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação*. Governo de Minas Gerais, Secretaria da Educação, 2000.

RAMOS DO Ó, Jorge. *O governo de si mesmo* modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (ultimo quartel do século XIX – meados do século XX). Lisboa: Educa, 2003.

PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto. *As crianças contextos e identidades*. Braga, Editora Bezerra: Universidade do Minho, 1997.

QUEIRÓZ, Hélen. *Vício de tatuar papiro*. Carangola: Minasgraf Editora, 2007.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Portugal: Livros do Brasil (NT), 1999.

SANTOS, André Carazza. Gurilândia (1948-1965): os laços estreitos entre a imprensa e a escola. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Goiânia, GO. Anais: A Educação e seus sujeitos na história. 2006.

SOUZA, Rosa Fátima. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In Marcus Levy Albino Bencostta (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

STEPHANOU, Maria. *Qualis pater, talis filius?* Educação, cognição e saberes médicos nas primeiras décadas do século XX In *Educação e história da cultura*: Fronteiras: Editora Mackenzie, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escola cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

VEIGA, Cynthia G. A produção da infância nas operações escriturísticas da administração da instrução elementar no século XIX. In *Revista Brasileira de História da Educação*. nº9, jan\jun, 2005.

VEIGA, Cynthia G. *Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos* In: FARIA FILHO (org.). *A infância e sua educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VEIGA, Cynthia G. História política e História da Educação. In VEIGA, C.G.; FONSECA, T.N. (org.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA, Cynthia G. Cultura material Escolar no século XIX em Minas Gerais. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Natal-RN. *Anais 2002 - História e memória da educação brasileira*. Natal: Ed. UFRN, 2002a.

VEIGA, Cynthia G. A escolarização como projeto de civilização. In *Revista Brasileira de Educação*, nº21, set/nov, 90-103, 2002b.

VEIGA, Cynthia G. *Escola Nova: a invenção de tempos, espaços e sujeitos*. In *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação*. Governo de Minas Gerais, Secretaria da Educação, 2000a.

VEIGA, Cynthia G. Educação estética para o povo. In FARIA FILHO, L. Mendes; VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliana Marta (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

VEIGA, Cynthia G. Escola de alma branca: o direito biológico à educação no movimento da Escola Nova. *Educação em Revista* – Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2000c.

VEIGA, Cynthia G. Projetos urbanos e projetos escolares aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. In *Educação em Revista*, nº 26, dez, 1997.

VIANA, Fabiana da Silva. Relações entre o governo, escola e família no processo de institucionalização da instrução pública elementar em Minas Gerais (1820-1840). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG. 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. Mapas de Professores como fontes para a história da Escolarização em São Paulo no século XIX: Questões teórico-metodológicas. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Goiânia, GO. *Anais: A Educação e seus sujeitos na história*. 2006.

VIDAL, D; GVIRTZ, S. *O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina (1880-1940)*. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo In FARIA FILHO, L. Mendes; VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliana Marta (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves; ESTEVES, Isabel de Lourdes. *Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940)*. In:

PERES, Eliane & TAMBARA, Elomar (Org.). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil* (séculos XIX - XX), p.117-136. Pelotas: Seiva, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30*. Faculdade de Educação: USP, 1998.

VIDAL, Diana. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar Brasil e Argentina, 1880-1940. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 1998.

VIÑAO, A. Tiempo escolares, tiempos sociais. organização do álbum nº 11 álbum de história. 2001.

VIÑAO, A. *Del Periódico a internet. Leer y escribir en los siglos XIX y XX* In GOMÉS, Antonio Castillo. *Historia de la cultura Escrita del proximo oriente antiguo a la sociedade informatizada*. Ediciones: Trea, 2002.

FONTES:

Planejamento do Ensino Primário de Minas Gerais Belo Horizonte: Oficinas gráficas da Imprensa Oficial, 1927.

Regulamento do Ensino Primário de Minas Gerais. Reforma Educacional Francisco Campos. (decreto lei 7970A de 15/10/1927). Belo Horizonte: Oficinas gráficas da Imprensa Oficial, 1927.

Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. *Os Clubes de Leitura*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1959.

TOLEDO, João. *Planos de lição Noções Communs*. São Paulo: livraria Liberdade 1934.

A verdade de um documento e sua veracidade histórica está no objetivo para que foram construídos, nos canais pelos quais circulam e nas modalidades em que o viram transmitidos e reelaborados pelos vários atores com que se cruzam no espaço e no tempo. Ora, estabelecer os processos de criação do texto e das suas múltiplas viagens sociais é, literalmente, estar a fazer história³⁶³.

³⁶³ RAMOS do Ó, 2003, p.89.

APÊNDICES

Apêndice 1

Modelo da ficha catalográfica –preenchida

Registro	nº 14		
Documento	Álbum de Pesquisa		
Título	Comemorativo do centenário de Machado de Assis		
Ano: 1939	Prof. Cifra Lacerda		
Descrição:			
Atividade	Título	Autor	Tema Discursivo
Biografia	Biografia de Machado de Assis	S/identificação	Literário
Escrita de aluno	A infância de Machado de Assis	Maria do Carmo	Histórico

		Costa(aluna)	
Cópia	Duas opiniões sobre Machado de Assis	Olavo Bilac e Rui Barbosa	Literário
Escritos de alunos	Vida de Machado de Assis	S/identificação	Literário
Poesia	Machado de Assis	Aquiles Alves	Literário
Cópia	O casamento	S/identificação	histórico
Cópia	a esposa,		
Cópia	a cadela de Machado de Assis		
Escrita de aluno	O falecimento de Machado de Assis		Histórico
Recorte de jornal	O enterro		Histórico
Interpretação por aluno/	Um apólogo interpretado Maria do Carmo Costa (aluna		Literário
Interpretação da poesia por aluno	Círculo Vicioso de Machado de Assis		Literário
Ilustração	O escritório de Machado de Assis, seus livros		
Apólogo	Interpretação pela aluna Maria do Carmo Costa		
Texto	Machado de Assis visita o túmulo de sua esposa	S/identificação	Literário
Meu Diário	Meu Diário		
Ata	Ata da 16ª reunião do Clube de Leitura Olavo Bilac		Literário
Carta			Literário
Ata	Ata da 17ª reunião do Clube de Leitura Olavo Bilac		Literário
Bibliografia consultada	Estante Clássica – vol. Machado de Assis O Malho – Junho/1939 O Carioca – Junho/1939 Revista do Brasil – Junho/1939 O Diário de BH- Junho/1939 Correio da Manhã – Junho/1939 A noite ilustrada – Junho/1939		Descrita no final do álbum
Resumo			

Apêndice 2
Panorama dos temas

Tabela por Temas	Panorama dos Temas
HISTÓRIA DO BRASIL Brasil e Portugal Descobrimto do Brasil Independência Vinda da família real para o Brasil Inconfidência Mineira D.João VI Revolução de Pernambuco em 1817	Pedro I Tiradentes Centenário de Machado de Assis Getúlio Vargas Biografia Gonçalves Dias Biografia de Rui Barbosa Santos Dumont Simone Bolivar Duque de Caxias José Bonifácio
HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO Família Imperial	VULTOS CÉLEBRES - Brasileiros notáveis / Napoleão Vários recortes
REVOLUÇÃO DE 30 Tiradentes Pedro I	
REPÚBLICA Governos da República Princesa Isabel Marechal Rondon	INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA O Escudo Nacional
Governador de Minas Benedito Valadares	ESTADOS DO BRASIL. Notícias do Brasil Recortes de Jornais
O Brasil e sua formação religiosa	
República dos palmares	MAPAS - MAPAS DE MINAS
Poemas de Mario de Lima Poesias de Olavo Bilac Poesias de Gonçalves Dias Poesias de Castro Alves	Recortes sobre Cidades de Pernambuco Figuras de Cidades de Minas RJ/BH/ Poços de Caldas Postais
Poesias sobre a Pátria Poesias sobre a raça Poesias MÃE Poesias sobre crianças Poesias sobre trabalho Poesias sobre escravos Poesias de cunho religioso Miséria	Homenagem à diretora Emília Morando
	A história da Escola Estadual Melo Viana/ postais da cidade
LENDAS	1ª EXPOSIÇÃO

FÁBULAS	Postais de Carangola Fotografias antigas da cidade de Carangola
Recortes de figuras de castelos Franceses	CIÊNCIAS Textos sobre aranha\cobras
	RECORTE DE PAISAGENS
Cópia de LIÇÕES ILUSTRADAS	ARVORE Álbum da Semana Florestal Jardim Botânico Floresta Amazônica Flora Amazônica
REDAÇÃO -	Colagens de Folhas PLANTAS
Exercícios de Língua Pátria	Cuidados com higiene Regras de boa saúde Mandamentos da higiene
CARTAS	Doenças O Mosquito da malária A sífilis A lepra O Alcoólatra A raiva
Exercícios de ARITMÉTICA Problemas aritmética	Alimentação - Alimentos
GEOMETRIA – figura geométricas	Escravidão\Negros Cativoiro
Dobraduras	Dicionário de figuras de ANIMAIS
Trabalhos de colagem de palitos	Automóvel Meios de Transporte Radio \fotografia \cinema
	FIGURAS DE CRIANÇAS
ALINHAVOS EM CARTÃO	Recortes de jornais
	Letra de Músicas\Hino
Fotos de alunos	DICIONARIO DE FIGURAS
Ditado	ATA DA 16 REUNIÃO DO CLUBE BILAC
	FIGURAS RELIGIOSAS
	Índios

Apêndice 3
Lista das Composições

ÁLBUNS	Modalidade de escrita	Título	Temática	Observação
09 Árvores Diversas	(4)Meu diário	22 setembro de 1939	(3) Primavera	Tema de aula auditório sobre a árvore
	(1)composição	A árvore	A utilização da madeira da árvore	
11 Língua Pátria	1 Meu diário	O tempo está chuvoso.	Cotidiano/tarefas desempenhadas em casa	
	Composição(2)	Sem Título	Excursão fábrica de balas/fala da cidade	Cotidiano
	Composição	Um Auditório	Descreve o auditório	(sessão cívica/auditório)
	Composição/Interpretação	Marta	Modelo de Comportamento	valores da criança
	Composição	Impressões da última excursão	Fala da cidade	
	História inventada	Sem Título	criança ajuda a mãe/trabalho	
	Interpretação Carta	“O Natal” Dindinha Alegria	Crianças pobres- Cotidiano escolar	Conotação religiosa Premiação do álbum
12 Semana da Pátria	Carta	Amiga Maria Helena	Responde a carta recebida e fala de Assunto estudado em aula	Pede que a colega conte sobre sua classe
	Carta	Amiga Valesca	Responde a carta recebida e fala de Assunto estudado em aula e pede que escreva contando sobre sua classe	
	Meu diário	7 setembro	Fala do assunto estudado	
	Composição	independência	O que está sendo estudado	Auditório, sessão cívica
	Composição	Independência	O que está sendo estudado	
	Meu diário	4 de setembro	Fala da Semana da Pátria	
Álbum 12	Carta	Amiguinha Oni	Fala da tarefa passada pela professora	Os critérios para a redação fazer parte do álbum
14 Machado de Assis	Composição	Sem Título	Assunto estudado em aula Sobre M de Assis	A professora diz que as meninas devem aprender muito
	Composição	Sem Título	Assunto estudado em aula	
	Composição	Sem Título	Comportamento a ser seguido/humildade	
	Interpretação Apólogo	Linha e agulha		Modelo a ser seguido
	Meu Diário	25 de julho 1939	Cotidiano escolar	Assunto estudado em aula
	Carta	Resposta a carta da Colega	Semana de Machado de Assis	Preparativos para o auditório
	Carta	Colega	Estudos sobre M Assis	
	Interpretação do poema	“círculo Vicioso”	Valorativo	
	Interpretação do apólogo	Uma agulha e o novelo de linha		
	Ata da 16ª e 17ª reunião			
15 Poesias Mãe	Composição	Sem título/sem figura	Fala da mãe/representação	
25 Pesquisas Diversas	Bilhete	Colega Dilma	Empréstimo de livro	
	Hist. Inventada a partir da ilustração	“o corvo e a raposa”	Valor moral	
	Hist. Inventada a partir da ilustração	Sem Título	Paulinho saiu com o cão, caiu dentro do rio.... Valor moral	A criança faz arte, o pai e o cão a salvam
	Hist. Inventada a partir da ilustração	Sem título	Menino vadio -Valor moral	
	Fábula de Esopo	“o ladrão e o cão”	Valor moral	

Apêndice 4

Lista das poesias

A pátria	Rui Barbosa		
A casa de Marília	M. de Lima	Aranha	Manoel Bandeira
Marília	M. de Lima	O Boi	Olavo Bilac
A ponte de Antonio Dias	M. de Lima	A madrugada	Olavo Bilac
A casa de Gonzaga	M. de Lima	Maria Efigênia	M. de Lima
Tiradentes	M. de Lima	Bárbara Heliodora	M. de Lima
Minas Gerais	M. de Lima	Lira	Tomás Gonzaga
O escravo Fiel	M. de Lima	Casa dos Contos	M. de Lima
Velho Chafariz	M. de Lima	A casa de Paula Freire	M. de Lima
O Brasil a Portugal	S/i	Gonzaga	M. de Lima
O trabalho	T.Pessanha	O balcão Histórico	M. de Lima
O lavrador	S/i	Marília de Dirceu	M. de Lima
A casa dos Contos	M. de Lima	A casa de Gonzaga	M. de Lima
Cláudio Manoel	M. de Lima	A infância	Olavo Bilac
Revolução de Pernambuco em 1817	A . Alves	Hino à Criança	S/i
As Árvores	Martins Fontes	Machado de Assis	Aquiles Alves
Canção do berço	M. de Lima	Círculo Vicioso	Machado de Assis
Tiradentes(Hino escolar)	Olavo Bilac Fco Braga	Mãe	Leôncio Corrêa
São João Del Rei	M. de Lima	Ser Mãe	Coelho Neto
Tiradentes	Aquiles Alves	Soneto	Pe Antonio Thomaz
As Mães	Imúcio Teixeira	As duas Mães	Bulhão Pato
A descoberta da América	Aquiles Alves	Coração Materno	Geraldina Costa
A descoberta do Brasil	Aquiles Alves	Doce conselho	Ricardo Barbosa
Descobrimto do Brasil	Basilio Prisco	A minha Mãe	Pulo Setúbal
Caxias	Aquiles Alves	Minha Mãe	Casimiro de Abreu
Uruguai	Basilio da Gama	Hino Às Mães	S/i
Descoberta da América	Aquiles Alves	Severidade	Regina Melilo de Souza
Terra de Vera Cruz	Carlos Góes	O Cão	S/i
Oração à pátria	S/i	Versos	Belmiro Braga
Brasil, ditosa Pátria	Djalma Andrada	Amigos	Guilherme Braga
Hino Nacional	Osório Duque Estrada	Vitória Régia	Pe Duarte de Almeida
Hino á Bandeira		O mercador	Rabindranath Tagore
Língua Portuguesa	Olavo Bilac	Barroso	S/i
A voz dos apóstolos	Aquiles Alves	Laguna	S/i
A pátria	Batista Capelos	Miséria	João de Deus
Saudação o Brasil a Portugal	Vilemor Amaral	Bárbara Bela	Alvarenga Peixoto
Minha Terra	Luiz Peixoto	Fugindo do Cativoiro	Vicente de Carvalho
Pátria	Olavo Bilac	O Marinheiro	Rabindranath Tagore
Terra de Minas	Arduinio Bolívar	Canção do Tamoio	Gonçalves Dias
A terra Brasileira	S/i	As Almas dos Ciganos	Olegário Mariano
Fugindo do Cativoiro	Vicente de Carvalho	Jesus e a viúva	José de Camargo
Felipe dos Santos	S/i	Brasil	S/i
Minas Gerais	A . Lima	Juca Pirama	Gonçalves Dias
Minas Gerais	S/i	Canção do Exílio	
Tiradentes	A . Alves	Canto do Guerreiro	
Ouro Preto	Olavo Bilac	Canção do Tamoio	
Cláudio Manoel	M.Lima	O mar	
Tiradentes	M.Lima	Hino ao Brasil	

Joaquim Silvério	M.Lima	A Lua	
Bárbara Heliodora	M.Lima	Idéia de Deus	
Maria Efigênia	M.Lima	Não me deixes	
Ouro Preto	M.Lima	A concha e a Virgem	
Os padres da Inconfidência	M.Lima	A flor que passou	S/i
A casa de Marília	M.Lima	Árvores	Isolino Leal
A casa dos conjurados	M.Lima	O Pessegueiro	Izabel Paiva
Jardim Botânico	A . F. Almeida	Vitória Régia	Prisciliana Duarte
Revolução Pernambucana	A . Alves	Selva Bendita	Costa Sena
O Ipiranga	Bernardino Guimarães	Primavera	Olavo Bilac
Sete de setembro	Antonio Faria	As Flores	Olavo Bilac
Hino da Independência do Brasil	Evaristo da Veiga	Violetas	Marquês de Sapucaí
Sete de Setembro	Obertal Chaves	O pé de Feijão	Izabel Paiva
Independência ou morte	Oscar Brissola	Magnólia	João Lúcio
Caxias	A . Alves	Rosas, Rosas, Rosas	Maranhão Sobrinho
Caxias	Leôncio Corrêa	Rosa	Afonso Celso
Oração da Pátria	Valdemar Tavares	Velhas árvores	Olavo Bilac
Sete de Setembro	A . Alves	Primavera	M. Veloso
A escrava	Fagundes Varela	A primavera	Casimiro de Abreu
A voz dos Apóstolos	Aquiles Alves	A Pátria	Olavo Bilac
Olavo Bilac	Castro Alves	Minha Terra	Djalma Andrade
A cruz da estrada	Castro Alves	Minas Gerais	Augusto de Lima
A República	S/i	Minha Terra	Djalma Andrade
Treze de Maio	S/i	Terra Mineira	Djalma Andrade
Ave Maria	Olavo Bilac	Cláudio Manoel	M. Lima
General Osório	A . Alves	O velho Chafariz	M. Lima
D. Pedro II	A . Alves	Joaquim Silvério	M. Lima
Joaquim José da Silva Xavier	Francisco Castro	O escravo Fiel	M. Lima
Soneto	Belmiro Braga	Os padres da Inconfidência	M. Lima
A Aranha	Camilo de Jesus Lima	Ouro Preto	M. Lima
Amigos	Guilherme Braga	Ouro Preto	M. Lima
Minas Gerais	Augusto de Lima	Getúlio Vargas	Maria Belmira Reis
Getúlio Vargas	Maria Belmira Reis*	Getúlio Vargas	Olais Giori
Caxias	Leôncio Corrêa	Caxias	Aquiles Alves
Mosaico	Krugir Matos	As Mãos dos monges	Átila Brandão
A festa do Brasil	Ofélia e Narba Fontes	O céu do Brasil	Saul Machado
O dia do Brasil	Vicente Guimarães	Brasil	Luiz Peixoto
Sou Brasileiro	Benedita do Amaral	Brasil	Leonor Posada
Tiradentes	Edmo Frossard Paixão	A inconfidência Mineira	Walter Nobre de Freitas
O trabalho	Olavo Bilac	Dia dos Pais	De Ghiaroni
Visita à casa paterna	S/i	Decálogo do Pai	S/i
Monólogo do Pracinha	Ademar Paiva	As Armas	Luiz Guimarães Filho
Aos Heróis da FAB	Nini Miranda	Pensamento de um guerreiro	S/i
Caxias	Eduardo Mesquita	Glória de Caxias	Modesto de Abreu
Caxias	Éster Pires Salgado	Sete de Setembro	Casimiro de Abreu
A nossa Bandeira	Henriqueta Miranda	A Bandeira do Brasil	Antonio C. Mafra
As Árvores	Hermes Fontes	Árvore seca	Adalciuo Nogueira
A Primavera	Guerra Junqueiro	Flor Amada	S/i
Cair das folhas	Vicente de Carvalho	No dia das árvores	Baltazar Moreira Godoi
Oração dos Meninos	João de Deus	Jesus	Clóvis Ramos
Meus oito anos	S/i	O choro da criança sem fome	Wilson Bóia
Velhas árvores	Olavo Bilac	Árvores	Renato Fleury
Plutão	Olavo Bilac	Tiradentes	Raimundo Reis

Apêndice 5

Organização dos álbuns por tipologias

Ano			
1930	Tipo Poesia 1	Recorte 1	
1936	Herbário	Colagem folhas 1	
1937	Enciclopédico 1 Dicionário 1 Tipo Revista 2	Recorte de jornal 2 Colagem 1 Diversos 1	
1938	Tipo Revista 1 Enciclopédico 1	Recorte 1 Diversos 1	
1939 década de 30	Biografia 3 Tipo Revista 1 Enciclopédico 7 Língua pátria 1 dicionário 1 poesia 1 cartográfico 1	Recorte 2 Diversos 9 Composição 1 Colagem 1 Cópia 1 Mapas/figuras 1	
1940	Enciclopédico 2 Cartográfico 1	Diversos 2 Mapas 1	
1942	Enciclopédico 5 Biografia 1 Língua pátria 1 Revista Feminina 1	Diversos 7 Cópia 1	
1943	Biografia 1 Cartográfico 2	Diversos 2 Mapas 1	
1945	Enciclopédico 3 Revista Feminina 1	Diversos 3 Poesias/ alinhavo 1	
1948	Língua Pátria 1 Enciclopédico 1	Composições 1 Diversos 1	
1949	Poesias 1 Biografia 1	Poesias 1 Diversos 1	
Sem data	Enciclopédico 3 Dicionário 1 Tipo Revista 1	Diversos 3 Colagem 1 Recortes 1	
TOTAL	Enciclopédico 23 Herbário 1 Dicionário 3 Revista Feminina 2 Língua Pátria 3 Biografia 6 Poesia 3 Cartográfico 4 Tipo Revista 5		
50			

Anexo 1
Mapa de frequência

Frequência do mês de Junho de 1961

NOME DO ALUNO	Século M=41	Ano do Curso	ASSIDUIDADE																															
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
<i>E. Airo</i>																																		
25 <i>Luizeno Pereira</i>																																		
26 <i>Luiz B. Leite</i>																																		
27 <i>Walter F. Melman</i>																																		
28 <i>Paulo L. A. S.</i>																																		
29 <i>Quilto L. A. S.</i>																																		
30 <i>Quilto Mendes</i>																																		
31 <i>Quilto Mendes</i>																																		
32 <i>Quilto Mendes</i>																																		
33 <i>Quilto Mendes</i>																																		
34 <i>Quilto Mendes</i>																																		
35 <i>Quilto Mendes</i>																																		
36 <i>Quilto Mendes</i>																																		
37 <i>Quilto Mendes</i>																																		
38 <i>Quilto Mendes</i>																																		
39 <i>Quilto Mendes</i>																																		
40 <i>Quilto Mendes</i>																																		
41 <i>Quilto Mendes</i>																																		
42 <i>Quilto Mendes</i>																																		
43 <i>Quilto Mendes</i>																																		
44 <i>Quilto Mendes</i>																																		
45 <i>Quilto Mendes</i>																																		

Fonte: Acervo documental da E. E. Melo Viana

Livro de Matrícula

MATRÍCULA					
Seção b) — PÁGINA DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS					
Nome do pai, tutor ou pessoa responsável	RESIDÊNCIA (Para uso facultativo)	Município	PROFISSÃO V. Indicador	Grau de instrução	Grupo Social
Alfede Guerra	Rua 1ª de Maio		Negociante		2º
Paulo Siqueira dos Santos	" " " "		Artesão		3º
Estevão Tomazim	" " " "		Negociante		3º
Marcelino Antonio da Silva	Zona rural		Artesão		4º
Paulo de Souza da Silva	Rua 5 de Julho		Medico		3º
Aguiar Milton	Rua Antonio Tomi		Negociante		1º
Aguiar Henrique	R. Marshal Diodoro		Fotografo		3º
Almeida Soares Pereira	" " " "		Artesão		2º
Almeida de Oliveira	R. Barão Alvim		Artesão		1º
Aguiar Manoel	Rua Santa Luzia		"		2º
Almeida Manoel	R. Marshal Diodoro		"		2º
Almeida Manoel	R. Barão Manoel		Artesão publico		2º
Almeida Manoel	R. Barão Machado		Artesão		3º
Almeida Manoel	Zona rural		Artesão		3º
Almeida Manoel	Triangulo		"		3º
Almeida Manoel	R. Barão Horizonte		Artesão		3º
Almeida Manoel	Triangulo		Artesão		3º
Almeida Manoel	R. Barão Manoel		Artesão		3º
Almeida Manoel	Zona rural		Artesão		4º
Almeida Manoel	R. Barão Manoel		Artesão		3º
Almeida Manoel	" " " "		Artesão		3º

Fonte:Acervo documental da E. E. Melo Viana

MATRÍCULA
Secção a) - PÁGINA DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AOS ALUNOS

Número da matrícula	Data da matrícula		NOME DO ALUNO	SEXO (M ou F)	Região (1 ou 2)	Data do nascimento			Idade	Nacionalidade	Ano do curso	Ano de matrícula	Ano de ingresso	Ano de conclusão	Observações
	Dia	Mês				Dia	Mês	Ano							
1	21	Janeiro	Antônio Eden Guerra	M	P	14	3	1932	12	6*	1	1			
2	"	"	Excilio Bizar Filho	M	S	1	1	1937	13	6*	1	1			
3	"	"	Sebastião Amorim	M	S	7	3	1932	12	6*	1	1			
4	"	"	Wladimir da Silva	M	P	6	1	1927	18	6*	1	1			
5	"	"	R. de Barros Silva Aguiar	M	P	17	1	1930	19	6*	1	1			
6	"	"	Neli Milton	F	S	25	1	1933	11	6*	1	1			
7	"	"	Paulo Alca. Miranda Lapereira	M	S	23	11	1932	11	6*	1	1			
8	"	"	Duclio Nolasco Pereira	M	S	1	9	1931	18	6*	1	1			
9	"	"	João Figueiredo Oliveira	M	S	23	10	1932	11	6*	1	1			
10	"	"	Lucio Silva	M	S	6	4	1933	11	6*	1	1			
11	"	"	Mário Magalhães Telle	M	S	23	6	1932	11	6*	1	1			
12	"	"	Edna Leite	F	S	21	5	1928	16	6*	1	1			
13	"	"	Valquiria Tomelli	F	S	20	10	1931	12	6*	1	1			
14	"	"	Patrícia Agulino Dias	M	S	29	2	1929	18	6*	1	1			
15	"	"	Agripino Antunes Valente	M	S	6	2	1929	18	6*	1	1			
16	"	"	Th. batizina dos Santos	M	S	29	4	1929	18	6*	1	1			
17	"	"	Maria Helena dos Reis	F	P	2	3	1930	13	6*	1	1			
18	"	"	Maria Helena dos Reis	M	S	29	1	1931	18	6*	1	1			
19	"	"	Antônio Aurora de Almeida	M	S	13	3	1930	13	6*	1	1			
20	"	"	João Sabino P. Pires	M	S	4	7	1932	11	6*	1	1			
21	"	"	João Rosa	M	S	4	9	1929	19	6*	1	1			
22	"	"	Sebastião Francisco Alca	M	S	20	9	1931	12	6*	1	1			
23	"	"	Sebastião Lino Aguiar	M	S	23	9	1931	12	6*	1	1			
24	"	"	Paulo Pires	M	S	7	7	1930	13	6*	1	1			
25	"	"	Valquiria Zuzana da Silva	F	S	1	6	1932	11	6*	1	1			